



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS AVANÇADO UBERABA PARQUE TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - ProfEPT



LÍDIA GOMES DE MACEDO MESSIAS

ANÁLISE DO DISCURSO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO PÓS-
PANDÊMICO DA COVID-19:
desafios nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro

Uberaba
2023

LÍDIA GOMES DE MACEDO MESSIAS

ANÁLISE DO DISCURSO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO PÓS-
PANDÊMICO DA COVID-19:
desafios nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas na Educação Profissional e Tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques

Uberaba
2023

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Referência do IFTM –
Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico

M563a Messias, Lídia Gomes de Macedo.
Análise do discurso do trabalho docente no contexto pós-pandêmico da Covid-19: desafios nos cursos técnicos integrados ao ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro / Lídia Gomes de Macedo Messias. – 2023.
194f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Triângulo Mineiro – *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico, 2023.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Análise de discurso. 3. Trabalho docente. 4. Pandemia Covid-19. 5. Cursos técnicos integrados. I. Marques, Wellison. II. Título.

CDD- 370.113

LÍDIA GOMES DE MACEDO MESSIAS

ANÁLISE DO DISCURSO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO DA COVID-19:

desafios na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Campus* Uberlândia Centro

FOLHA DE APROVAÇÃO – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Data da aprovação: Uberaba, 18 de outubro de 2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:

Dr. Welisson Marques

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo
Mineiro**

Membro Titular

Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo
Mineiro**

Membro Titular

Dra. Carlos Alberto Lucena

Universidade Federal de Uberlândia

Local: Uberaba – IFTM *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico – Uberaba/MG

WELISSON MARQUES

PROFESSOR ORIENTADOR



Documento assinado eletronicamente por WELISSON MARQUES, PROFESSOR ORIENTADOR, em 27/11/2023, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 27/11/2023, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

CARLOS ALBERTO LUCENA
USUÁRIO EXTERNO



Documento assinado eletronicamente por CARLOS ALBERTO LUCENA, USUÁRIO EXTERNO, em 04/12/2023, às 13:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://www.iftm.edu.br/autenticacao/> informando o código verificador **46AE2AA** e o código CRC **7FD1EFA2**.

Referência: NUP: 23199.015792/2023-47

DOCS nº 0000530471

LÍDIA GOMES DE MACEDO MESSIAS

DISCURSO DOCENTE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO

FOLHA DE APROVAÇÃO – PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Data da aprovação: Uberaba, 18 de outubro de 2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:

Dr. Welisson Marques

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo
Mineiro**

Membro Titular

Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo
Mineiro**

Membro Titular

Dr. Carlos Alberto Lucena

Universidade Federal de Uberlândia

Local: Uberaba – IFTM *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico – Uberaba/MG

**WELISSON MARQUES
PROFESSOR ORIENTADOR**



Documento assinado eletronicamente por WELISSON MARQUES, PROFESSOR ORIENTADOR, em 27/11/2023, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETTAS, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 27/11/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

CARLOS ALBERTO LUCENA
USUÁRIO EXTERNO



Documento assinado eletronicamente por CARLOS ALBERTO LUCENA, USUÁRIO EXTERNO, em 04/12/2023, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://www.iftm.edu.br/autenticacao/> informando o código verificador **D31CFD7** e o código CRC **F71E6236**.

Referência: NUP: 23199.015791/2023-01

DOCS nº 0000530490

Dedico este trabalho à minha família pela paciência e apoio que
tiveram durante a sua execução.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por todo seu amor para conosco!

Ao meu orientador, Welisson Marques, pela paciência, carinho, compreensão e apoio durante o tempo disponibilizado em orientar-me. Muito obrigada!

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do triângulo Mineiro Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, e seu corpo docente: Dr. Adriano Eurípedes Medeiros Martins; Dr. Ernani Viriato de Melo; Dr. Geraldo Gonçalves de Lima; Dr. Luis Augusto da Silva Domingues; Dr. Otaviano José Pereira e Dra. Paula Teixeira Nakamoto. Graças às suas disciplinas, ainda nos primeiros semestres, muito aprendemos. Com certeza, o processo de ensino-aprendizagem corroborou com os princípios de uma formação integral, omnilateral e humana.

À minha família; meu esposo Hélio, pela compreensão, aos meus filhos Pedro Henrique e Lucas pela paciência e carinho, os quais tiveram sempre ao meu lado apoiando a minha formação acadêmica continuada.

Aos meus pais, Pedro Camilo (*In memoriam*) e Maria Gomes, pelo incentivo e apoio. Trabalhadores que sempre sustentaram os seus filhos, proporcionando uma educação para que no futuro tivessem trabalho e uma formação digna. Valorizando, assim, cada aprendizado escolar, pois eles não tiveram as mesmas oportunidades.

Aos amig@s e companheiros de mestrado, sempre juntos e apoiando uns aos outros, cito alguns: Luiz Carlos, Shirlei e Thamillys, dentre outros não menos importantes que dividiram comigo momentos de alegria, aflição, conquistas e superação. Aos membros participantes desta banca, antecipo-me, sem medo de errar, ao dizer que seus comentários construtivos muito auxiliaram-me na confecção desta pesquisa: Dr. Adriano Eurípedes Medeiros Martins; Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas; Dr. Carlos Alberto Lucena e Dr. Rodrigo Grassi Martins; Dr. Otaviano José Pereira e Dr. Geovane Souza Melo Júnior.

“Ensinar não se limita apenas em transferir conhecimentos, senão também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo”
(Freire, 1996, p. 22).

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada à Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica do Programa de Pós-graduação do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) – *Campus* Uberaba Parque Tecnológico (CAUPT) e tem como escopo analisar o discurso docente sobre as reverberações da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino-aprendizagem no que se refere aos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Campus* Uberlândia Centro. Afinal, algumas indagações nos causaram desassossego a respeito dessa temática deveras atual, quais sejam: há contribuições engendradas a partir da experiência de alguns anos em ensino remoto? Se sim, houve alguma alteração nos processos de ensino e aprendizagem a partir dessas vivências? Nessa esteira, os objetivos específicos que formam a espinha dorsal desta investigação são: a) pesquisar as consequências da pandemia de Covid-19 na educação brasileira; b) discutir a Educação Profissional Técnica de Nível Médio; c) analisar o discurso docente sobre as reverberações da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino-aprendizagem; e d) produzir um vídeo educacional animado a partir dos discursos docentes advindos nas entrevistas. Para tanto, então, partiu-se de uma metodologia descritiva, de natureza qualitativa, visto que lançou-se mão das técnicas de entrevista semiestruturada, tendo como principal chave interpretativa a Análise do Discurso de linha francesa, bem como a seguinte armadura teórica: Caires, V. G. (2016); Ciavatta, M. (2005, 2009, 2021); Fernandes, C. A. (2008); Foucault, M. (2009, 2015); Freire, P. (1967); Frigotto, G. (2003, 2009, 2012, 2022); Kuenzer, Z. A. (2000); Pêcheux, M. (1983); Saviani, D. (1996, 2007, 2011, 2016); etc. Em tempo, ressalta-se que esta dissertação foi aprovada pelo Comitê de Ética e apresenta o seguinte Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 67877523.9.0000.5154. Em vista disso, portanto, propõe-se como principal resultado, aqui, um produto educacional, na forma de um vídeo com animação, mesclando, imagens, trilhas sonoras e vídeos gratuitos da internet, bem como algumas falas das entrevistas que foram transcritas, sendo o seu mote: a Pandemia de Covid-19 e os processos de ensino e aprendizagem nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, vide [link](#). Por fim, como principal resultado é lícito dizer que os achados teóricos foram corroborados pelos discursos docentes, na medida em que ambos foram no sentido de afirmar a articulação interna do próprio IFTM durante a pandemia de Covid-19, a despeito do negacionismo do Governo Federal à época, indicaram o aumento do adoecimento psíquico de discentes e docentes nesse período, bem como apontaram como legado o maior uso das ferramentas tecnológicas a partir desse momento.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Discurso docente. Educação Profissional e Tecnológica. Ensino-aprendizagem. Ensino Remoto Emergencial. Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

This research is linked to the Research Line: Educational Practices in Professional and Technological Education of the postgraduate program of the Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) – Campus Uberaba Parque Tecnológico (CAUPT). Its scope is to analyze the teaching discourse on the reverberations of the Covid-19 pandemic in the teaching-learning processes regarding the technical courses integrated into high school at the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia, Centro. After all, some questions cause us unrest regarding this very current topic, namely: are there contributions generated from the experience of a few years in remote teaching? If so, were there any changes in the teaching and learning processes based on these experiences? In this context, the specific objectives that form the backbone of this investigation are: a) research the consequences of the Covid-19 pandemic on Brazilian education; b) discuss secondary technical professional education; c) analyze the teaching discourse on the reverberations of the Covid-19 pandemic on teaching-learning processes; and d) produce an animated educational video based on the teaching speeches arising from the interviews. To this end, we start from a descriptive methodology, with qualitative nature, as we will use semi-structured interview techniques, with French discourse analysis as the main interpretative key, as well as the following theoretical framework: Caires, V. G. (2016); Ciavatta, M. (2005, 2009, 2021); Fernandes, C. A. (2008); Foucault, M. (2009, 2015); Freire, P. (1967); Frigotto, G. (2003, 2009, 2012, 2022); Kuenzer, Z. A. (2000); Pêcheux, M. (1983); Saviani, D. (1996, 2007, 2011, 2016); etc. In view of this, therefore, we propose as the main result, here, an educational product, in the form of an animated video, with an expected duration of 15 minutes, with its motto being: Covid-19 Pandemic and the teaching and learning processes in Secondary Technical Professional Education. Finally, as the main result, it is fair to say that the theoretical findings were corroborated by the teaching speeches, as both went towards affirming the internal articulation of the IFTM itself during the Covid-19 pandemic, despite the Federal Government's denialism at the time, which indicated an increase in mental illness among students and teachers during this period, as well as pointed out the greater use of technological tools from that moment on as a legacy.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Teaching speech. Professional and Technological Education. Teaching-learning. Emergency Remote Teaching. Covid-19 pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Rede Federal	42
Figura 2- Manchetes jornalísticas sobre a pandemia de Covid-19 e a desigualdade social	64
Figura 3- Ensino Remoto e Educação a Distância	67
Figura 4- Fascículo da FAPESP acerca do legado da pandemia de Covid-19	70
Figura 5- Produto Educacional I	73
Figura 6- Produto Educacional II	73
Figura 7- Produto Educacional III	73
Figura 8- Produto Educacional IV	74
Figura 9- Produto Educacional V	74
Figura 10- Produto Educacional VI	75
Figura 11- Produto Educacional VII	75
Figura 12- Produto Educacional VIII	76
Figura 13- Produto Educacional IX	76
Figura 14- Produto Educacional X	76
Figura 15- Produto Educacional XI	77
Figura 16- Produto Educacional XII	77
Figura 17- Produto Educacional XIII	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Levantamento e categorização dos dados da pesquisa.....	20
Tabela 2- Resumo Expansão da Educação Profissional no Brasil - período de 1909.....	31
Tabela 3- Leis Orgânicas do Ensino Brasileiro – Sistema Paralelo de Educação Profissional	33
Tabela 4- Reforma Capanema (1942-1946)	34
Tabela 5- Composição dos Níveis Escolares - Lei LDB 9.394/96.....	45
Tabela 6- Oferta de vagas para os cursos existentes no IFTM Campus Uberlândia.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CEPEDES – Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde

CGP – Coordenação de Gestão de Pessoas

CNE – Conselho Nacional de Educação

CRFB – Constituição da República Federativa do Brasil

DCNG – Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais

DCNEPTNM – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio

EBTT - Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

EMEI – Escola Municipal de Educação infantil

EMI – Ensino Médio Integrado

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

FHC – Fernando Henrique Cardoso

IFTM – Instituto Federal do Triângulo Mineiro

IF – Instituto Federal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PET – Plano de Estudo Tutorado

PNE – Plano Nacional de Educação

PPI – Projeto Pedagógico Institucional

ProfEPT – Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica

RFEPCT – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

SEE – Secretaria de Estado de Educação

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

USAID – United States Agency for International Development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A PANDEMIA DE COVID-19 E SUAS REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	13
2.1. BREVE FORTUNA CRÍTICA	20
3 DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO AO CASO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO	25
3.1. DO TRABALHO À EDUCAÇÃO.....	28
3.2. O ENSINO MÉDIO INTEGRADO	36
3.3. OS MULTIFACETADOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	48
4 DA ANÁLISE DO DISCURSO AO DISCURSO DOCENTE EM ANÁLISE	52
4.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA.....	56
4.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	58
5 UM VÍDEO ANIMADO COMO PROPOSTA DE PRODUTO EDUCACIONAL	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	93
APÊNDICE B – ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS TRANSCRITAS	96
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	191

1 INTRODUÇÃO

“A educação tem tudo a ver com a preservação da vida em todos os seus aspectos, sejam sociais, ambientais, científicos, sejam culturais ou outros” (Gatti, 2020, p. 39).

Os processos de ensino e aprendizagem e suas multifacetadas vicissitudes vêm sendo estudados ao longo dos últimos séculos, desde uma perspectiva histórica até uma pedagógica propriamente dita, a título de exemplo. No entanto, acresce-se a esse cenário já intrincado por natureza, haja vista que se trata, em última instância, do encontro de dois ou mais sujeitos com suas próprias especificidades e visões de mundo, o surgimento, em meados de 2020, da pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-Cov-2 e todas as suas consequências no âmbito social, econômico, político, e, por conseguinte, reverberando na esfera educacional.

A pesquisa em tela tem como escopo analisar o discurso docente sobre as reverberações da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino-aprendizagem no que se refere ao Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro. Afinal, algumas indagações nos causam desassossego a respeito dessa temática ainda atual, quais sejam: há contribuições engendradas a partir da experiência de alguns anos em ensino remoto? Se sim, houve alguma alteração nos processos de ensino e aprendizagem a partir dessas vivências? Nessa esteira, os objetivos específicos que formam a espinha dorsal desta investigação são: a) pesquisar as consequências da pandemia de Covid-19 na educação brasileira; b) discutir a Educação Profissional e Tecnológica; e c) analisar o discurso docente sobre as reverberações da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino-aprendizagem.

Para tanto, então, partimos de uma metodologia descritiva, de natureza qualitativa, visto que lançaremos mão das técnicas de entrevista semiestruturada, tendo como principal chave interpretativa a Análise do Discurso de linha francesa, bem como a seguinte armadura teórica: Caires, V. G. (2016); Ciavatta, M. (2005, 2009, 2021); Fernandes, C. A. (2008); Foucault, M. (2009, 2015); Freire, P. (1967); Frigotto, G. (2003, 2009, 2012, 2022); Kuenzer, Z. A. (2000); Pêcheux, M. (1983); Saviani, D. (1996, 2007, 2011, 2016); etc. Em vista disso, portanto, apresenta-se como principal resultado, aqui, um produto educacional, na forma de um vídeo com animação, com duração aproximada de 15 minutos, sendo o seu mote: Pandemia de Covid-19 e os processos de ensino e aprendizagem nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio.

Por fim, cabe destacar que esta investigação, no intuito de atingir suas metas instituídas, foi organizada da seguinte maneira: Primeiro capítulo, a própria introdução em tela; Segundo, A pandemia de Covid-19 e suas reverberações na educação brasileira; Terceiro, Da Educação

Profissional Técnica de Nível Médio ao caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro; Quarto, Da análise do discurso ao discurso docente em análise; Quinto, Um vídeo com animação como proposta de Produto Educacional e Sexto, Considerações Finais.

2 A PANDEMIA DE COVID-19 E SUAS REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

“Os eventos vivenciados nos mostram que a educação não será mais a mesma. As aulas do modo tradicional, tal qual era antes, não existirá mais. Tudo mudou na dinâmica e rotina escolar de maneira inopinada diante da pandemia ocasionada pela Covid-19. Tal evento, ocasionou mudanças no vínculo entre estudantes, professores, e conseqüentemente, nas dinâmicas de estudos e realização das tarefas, levando a um novo modo de ‘fazer a educação’”(Oliveira et al., 2023, p. 52865).

Ainda que tenha sido no final de 2019 o primeiro momento no qual o mundo tomou conhecimento de um novo vírus corona¹, mediante o comunicado das autoridades chinesas à Organização Mundial de Saúde (OMS) que, aliás, prontamente classificou-o como perigoso por seu potencial de contaminação e letalidade (Pereira; Narduchi; Miranda, 2020), de fato, foram os anos de 2020 e 2021 que entraram para os anais da história mundial, em razão da infausta pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 e seus milhões de mortes como resultado. Mais precisamente, a OMS declarou emergência de saúde pública de importância internacional no dia 30 de janeiro de 2020, e no início de março desse mesmo ano a situação se agravou para uma pandemia, isto é, com surtos da doença em diversos países ao redor do globo.

Em face desse cenário *sui generis*, ao menos no que concerne ao século XXI, haja vista a gripe espanhola² de 1918 a 1920, governantes de todo o mundo, embasados pela própria OMS, adotaram medidas emergenciais, tais como o distanciamento social e o uso de álcool gel e máscaras, com o objetivo de conter a propagação dantesca da doença. Acarretando, então, em

¹ Em síntese, é possível afirmar que “os coronavírus (CoV) são uma grande família viral, conhecidos desde meados dos anos 1960, que causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, infecções por coronavírus causam doenças respiratórias leves a moderada, semelhantes a um resfriado comum. A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida. Todos os coronavírus são transmitidos de pessoa a pessoa, incluindo os SARS-CoV, porém sem transmissão sustentada. Alguns coronavírus podem causar síndromes respiratórias graves, como a síndrome respiratória aguda grave que ficou conhecida pela sigla SARS da síndrome em inglês Severe Acute Respiratory Syndrome. SARS é causada pelo coronavírus associado à SARS (SARS-CoV), sendo os primeiros relatos na China em 2002. O SARS-CoV se disseminou rapidamente para mais de doze países na América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia. Os coronavírus são a segunda principal causa do resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Há sete tipos de coronavírus humanos (HCoVs) conhecidos, entre eles, o SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), o MERS-COV (síndrome respiratória do Oriente Médio) e o SARS-CoV-2 (vírus que causa a doença COVID-19). A Organização Mundial de Saúde a descreve como COVID-19, uma doença infecto-respiratória semelhante à gripe. Por ser um vírus novo, a taxa de infecção é alta, pois não há imunidade por adoecimento prévio ou proteção por vacina” (Pereira; Narduchi; Miranda, 2020, p. 222).

² Há de se sublinhar que “assim como tinha ocorrido no decorrer do século XIX, quando o pânico e o terror, a partir do grande número casos de óbitos, em razão do surto epidêmico de cólera, em 1918, uma nova epidemia volta a assustar o mundo, a gripe espanhola. A velocidade do contágio dessa enfermidade, uma vez que o período de incubação era curto; a forma como essa doença se espalhou e acometeu um elevadíssimo número de pessoas; assim como o alto grau de letalidade, resultando num assustador número entre 50 e 100 milhões de mortos, considerando todas as regiões alcançadas por essa doença leva-nos a dizer que, mais do que uma epidemia, a gripe espanhola, transformou-se numa pandemia” (Franco, Lopes, Franco, 2016, p. 405).

uma alta inflação e crise econômica, posto que, naturalmente, diante da incerteza sobre o cenário em questão, “[...] investimentos e o consumo de bens e serviços foram postergados ou cancelados, tanto internamente, quanto externamente [...]” (Da Silva; Da Silva, 2020, p 3).

No caso do Brasil, especificamente, houve uma tentativa do próprio governo federal de desqualificar a ciência e induzir a população a um falso raciocínio segundo o qual haveria uma primazia entre o setor econômico em razão da própria vida humana:

O momento atual é elucidativamente cruel. A pandemia gerada pelo COVID-19, longe de ser combatida firmemente, está sendo veiculizada como mais um instrumento dessa necropolítica, quase como uma oportunidade de consolidar a política da morte de forma mais rápida, segura, econômica. O bendito ‘mercado’ tem dado sinais do que claros nesta primeira semana de junho de 2020: a mesma semana em que o Brasil bateu recorde de mortes, ultrapassando os 35 mil mortos; o real valorizou-se quase 7% frente ao dólar; a bolsa de valores de São Paulo subiu mais de 8%, ‘os mercados mostram sinais de recuperação’, anunciam os jornais. Há necessidade de dados mais claros para ver a aliança entre a versão local do capitalismo e a necropolítica? Se houve alguma dúvida, basta escutar Bolsonaro³ [...] (Kohan, 2020, p. 3).

Apesar desse cenário obscurantista, muito graças aos governadores⁴, nos momentos mais difíceis em meio à propagação do vírus, providências drásticas, mas necessárias, foram tomadas, a saber: fechamento de fronteiras, isolamento social e funcionamento apenas de serviços essenciais. Dentre esses serviços indispensáveis, por óbvio, encontravam-se aqueles ligados à educação, como é o caso dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – Campus Uberlândia Centro, aqui, tomado como um dos recortes da análise.

Posto isso, deve-se ressaltar que ainda em março de 2020 as redes de ensino públicas e privadas suspenderam temporariamente suas aulas, conforme pontua a notificação do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES). Por sua vez, o Governo do Estado de Minas Gerais, por meio de sua Secretaria de Estado de Educação (SEE), emitiu a Resolução SEE nº 4310/2020 que:

Dispõe sobre as normas para a oferta de Regime Especial de Atividades Não Presenciais, e instituiu o Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia Coronavírus (COVID-19), para cumprimento da carga horária mínima exigida (SEE, 2020, p. 1).

³ Para mais detalhes, ver: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2023/02/responsabilidade-de-bolsonaro-na-pandemia-foi-muito-alem-das-palavras.shtml>.

⁴ Para mais detalhes, ver: <https://exame.com/brasil/governadores-isolam-bolsonaro-e-articulam-acoes-para-conter-pandemia/>

Já o Ministério da Educação (MEC), por intermédio do Conselho Nacional de Educação (CNE), aprovou nota, nesse mesmo período, com o Parecer CNE/CP N° 5/2020, vide:

Em 20 de março de 2020, o Congresso Nacional aprovou o Decreto Legislativo n° 6 que reconhece, para os fins do artigo 65 da Lei Complementar n° 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem n° 93, de 18 de março de 2020 (MEC, 2020).

Soma-se a isso que em 1° de abril de 2020, o Governo Federal editou a Medida Provisória n° 934 que estabelece normas excepcionais para o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei n° 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Ademais, em 3 de abril de 2020, o MEC publicou a Portaria n° 376 que dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19. Em caráter excepcional, a Portaria autoriza as instituições integrantes do sistema federal de ensino quanto aos cursos de educação profissional técnica de nível médio em andamento, a suspender as aulas presenciais ou substituí-las por atividades não presenciais por até 60 dias, prorrogáveis a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital (MEC/CNE, 2020).

Por fim, ainda em consonância ao parecer retromencionado, podemos citar a Resolução *ad referendum* N° 033/2020, de 09 de julho de 2020 do MEC:

Dispõe sobre o Regulamento das atividades de ensino remoto dos cursos técnicos de nível médio e de graduação, adotadas em razão da pandemia (Covid-19). RESOLVE: Art. 1° - Aprovar “ad referendum” o Regulamento das atividades de ensino remoto dos cursos técnicos de nível médio e de graduação, adotadas em razão da pandemia (Covid-19), conforme anexo. Art. 2° - Esta Resolução entra em vigor nesta data, justificando-se a urgência devido ao cumprimento das exigências pedagógicas (MEC, 2020, p. 1).

Com efeito, em face desse novo contexto de ensino remoto emergencial, os docentes, com o intento de garantir o direito à educação assegurado pela Carta Magna deste país, reinventaram-se cotidianamente em pleno cenário de incertezas básicas relativas à sua própria saúde. Afinal, ao que parece, o Governo Federal delegou a responsabilidade da educação para os professores e gestores, porém, desconsiderando inteiramente as condições materiais das escolas públicas brasileiras que, de modo geral, não contam com acesso à internet e

computadores à sua disposição. Em realidade, muitas sequer dispõem de estrutura básica para seu devido funcionamento⁵.

Desde então, em alguma medida, todos estão continuamente (re)aprendendo e (re)inventando novas formas de trabalhar, no âmbito educacional, contemplando, cada vez mais, estratégias que envolvam o formato on-line e o digital. Lançando mão, então, de ferramentas tecnológicas⁶, seja *hardwares* ou *softwares*, no cotidiano escolar, como por exemplo: computadores, *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, redes sociais, *Google Meet*, *Google Docs*, *WhatsApp*, etc.

Assim, habituados, em sua maioria, às práticas mais tradicionais de ensino, como a aula expositiva com auxílio de quadro e giz (ou pincel) ou projetos de slides, os docentes se encontram diante do desafio de preparar, apresentar e dialogar sobre diferentes temas, utilizando outros recursos, outras linguagens e um tempo mais compactado (Souza; Valente, 2020, p. 7).

Não por acaso, cumpre dizer que eu, como Profissional de Apoio Escolar, lotada na Escola Municipal de Educação infantil (EMEI), bem como docente no Curso Normal em Nível Médio - Magistério, na Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira dos Santos, ambas em Uberlândia/MG, vivenciei o desafio do ensino remoto emergencial, na medida em que esse cenário envolveu a ascensão de ferramentas tecnológicas abruptamente e, conseqüentemente, alterações nos materiais e conteúdos pedagógicos.

A pandemia gerou enorme transformação no trabalho docente e na educação como um todo provocando mudanças emergenciais e exigindo espaço para reflexões acerca de sua organização, do papel do professor e dos alunos, bem como nas responsabilidades dos governos e gestão frente às políticas educacionais. É possível conjecturar que uma formação que incluísse minimamente as tecnologias digitais aliadas ao uso real de recursos pedagógicos poderia minimizar as inúmeras dificuldades que os professores da escola pública relatam no desenvolvimento das atividades remotas? Talvez. No entanto, é possível cogitar que a carência de contato com essas tecnologias certamente tornou, ainda mais árduo (Bezerra; Veloso; Ribeiro, 2021, p. 11-12).

Aliás, embora o ensino-aprendizagem anteriormente já contemplasse a modalidade a distância, que, cumpre dizer, estava em paulatina expansão, com a pandemia de Covid-19 surge a necessidade imperiosa do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Ora, “ensinar por meio de

⁵ Para mais detalhes, ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/17/milhares-de-alunos-estudam-em-escolas-precarias-apontam-debatedores>

⁶ Cabe destacar que, não rara às vezes, os estudantes apresentavam dificuldades em terem o conteúdo pedagógico mediado pelas tecnologias, como foi o caso de aulas pela TV, a título de ilustração (Portelinha et al., 2021). Ocorre que o domínio das ferramentas tecnológicas no âmbito das redes sociais difere em muito de seu uso profissional ou para estudo, constatação que nem todas as autoridades e gestores parecem terem se dado conta.

tecnologias digitais a estudantes afetados pelo fechamento repentino das escolas não é implementar educação a distância, ainda que se refira à mediação do ensino e da aprendizagem por meio das tecnologias digitais” (Vieira; Silva, 2020, p. 1015). Logo, diferente do Ensino a Distância (EaD)⁷ que é uma modalidade de estudo que pode ser totalmente virtual ou semipresencial, a qual oferece diversos tipos de formação como cursos livres; graduações; e pós-graduações, o ensino remoto se refere a uma solução temporária para continuar as atividades. Sendo assim, não é uma modalidade, mas uma forma de minorar os prejuízos da interrupção do estudo presencial, de caráter emergencial, o ensino remoto tende a acontecer por um breve período, como foi durante a pandemia. Em resumo:

[...] a primeira coisa importante que precisamos registrar é a diferença entre Ead e atividades do ERE. Na EaD [...] desde o planejamento até a execução de um curso ou de uma disciplina, há um modelo subjacente de educação que ampara as escolhas pedagógicas e organiza os processos de ensino e de aprendizagem. Existem concepções teóricas, fundamentos metodológicos e especificidades que sustentam, teórica e praticamente, essa modalidade. No que diz respeito ao ERE, há uma adaptação curricular temporária como alternativa para que ocorram as atividades acadêmicas relacionadas às diversas disciplinas dos cursos, devido às circunstâncias de crise, a mesma envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas, que de outra forma seriam ministradas presencialmente, ou de forma híbrida que retornariam ao formato presencial assim que a crise ou emergência arrefecer (Souza; Valente, 2020, p. 4).

Situação que, como estamos trabalhando ao longo deste texto, acarretou em uma série de desafios para os docentes, discentes, familiares, corpo diretivo, etc. Não à toa, cada vez mais fica em evidência a precarização do trabalho⁸ docente que a pandemia descortinou e acelerou, “o momento histórico atual é marcado por uma crise estrutural do sistema capitalista, nela a exploração do trabalho assume níveis ainda mais desumanos, aliado a esse cenário desolador se soma a pandemia de COVID-19, constituindo um período extremamente delicado para a categoria docente” (Barros et al., 2021, p. 4). Colocando em xeque a difusão desenfreada do neoliberalismo e da globalização com esse viés, cada vez mais nítido, de exploração dos recursos naturais e do trabalho humano (Lucena, 2020). Atualmente há, inclusive, o conceito de uberização do trabalho, dado que:

Nunca ficou tão evidente que a própria forma de organização da sociedade capitalista impele à conversão generalizada da esmagadora maioria da população em massa

⁷ De acordo com o MEC, o EAD caracteriza-se pelo “ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos [...] organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação” (Brasil, 1998, p. 1).

⁸ De acordo com Robson Luiz de França (2020), a Pandemia da Covid-19 no Brasil, em grande medida, foi apenas o legitimador necessário e oportuno para o aprofundamento das reformas trabalhistas que, em linhas gerais, desregulam, flexibilizam e desmontam a estrutura de proteção ao trabalhador, como é o caso, por exemplo, de seus direitos sociais conquistados ao longo de séculos e mediante o derramamento de muito sangue.

trabalhadora fragmentária, desprovida ao máximo de direitos e de defesas frente ao grande capital e com jornadas de trabalho *necessário* crescentes, além do aumento do tempo de trabalho direto e indireto, pelo recuo das aposentadorias (Fontes, 2017, p. 63).

Conforme afirma Fábio Coltro (2020), resta evidente que o capitalismo pode lucrar, inclusive ainda mais, não a despeito de desastres, como é o caso de emergências ambientais, epidemiológicas, etc., mas justamente em razão desses e suas sedutoras “oportunidades” de negócio⁹.

Enquanto isso, a maioria dos professores, é importante destacar, à semelhança dos profissionais da saúde, não só continuaram seus trabalhos a despeito de todo o cenário de incertezas, conforme visto até aqui, como enfrentou uma extensiva jornada de trabalho, inclusive com intensificação da burocracia, na medida em que várias novas tarefas administrativas e pedagógicas foram adicionadas à sua já assoberbada rotina. Sem esquecer o uso de seus próprios equipamentos e internet, que, por vezes, sequer eram preparados para esse uso mais profissional e contínuo.

Ora, uma educação emancipadora não pode prescindir do investimento em qualificação docente, sobretudo no que concerne ao básico que são as condições dignas de trabalho, pois resta evidente que “as novas demandas e diferentes metodologias de ensino acabaram sobrecarregando o professor, exposto a maiores exigências e desafios que requerem abertura às descobertas e às novas formas de aprendizagem sem um mínimo de capacitação” (Barros et al, 2021, p. 18).

A propósito, em que pese a indubitável serventia das ferramentas tecnológicas¹⁰ que, não raro, durante esse momento de crise sanitária, garantiram a manutenção do processo de ensino-aprendizagem fomentado pelo espaço escolar, há de se sublinhar que esse quadro deixou ainda mais claro o abismo social vigente neste país sul-americano. Basta ver que as classes menos abastadas¹¹, amiúde, não conseguiam acompanhar as aulas e atividades propostas, em razão de não possuírem os aparatos tecnológicos mínimos necessários, tais como: computador ou *smartphone*, por exemplo. Isso, afora sua condição emocional já fragilizada por todo o cenário de adoecimento e perdas inerentes a qualquer período pandêmico. Nessa esteira,

⁹ Para mais detalhes, ver: <https://www.cnmbrasil.com.br/economia/um-novo-bilionario-surgiu-quase-todos-os-dias-durante-a-pandemia-diz-ong/>

¹⁰ É importante mencionar que, de modo geral, “ainda existe uma certa resistência quanto ao emprego dessas ferramentas tecnológicas como recurso para as práticas pedagógicas, as quais se encontram arraigadas no método tradicional de ensino. O modo de ensinar ainda se centra na figura do professor como o possuidor e transmissor do conhecimento (Barros et al., 2021, p. 15).

¹¹ Para mais detalhes, ver: <https://www.camara.leg.br/noticias/840316-pandemia-agravou-desigualdades-na-area-da-educacao-dizem-especialistas/>

Notemos alguns dos principais aspectos relativos a essa escola que não percebíamos tão claramente e que esse tempo de pandemia nos tem mostrado com chamativa nitidez (a relação não é exaustiva): a diferença radical entre as escolas públicas e particulares e, de um modo mais geral, entre a educação pública e a educação privada; o tanto de coisas que se fazem em uma escola, que não dizem respeito a apenas ao ensinar e ao aprender, mas à dimensão social da escola em um país como o Brasil, onde, para muitos setores da população, a escola é o local onde se faz a principal (ou única) refeição do dia e que não há como fazer quando ela fecha as suas portas; a insubstituível presença de professores e professoras que não podem ser substituídos(as) por quem não está preparado para isso e menos ainda por sistemas tecnológicos auto programáveis e executáveis; [...]; as gritantes desigualdades da sociedade brasileira com uma altíssima parte da população sem mínimas condições de conectividade e aparelhagem como para atender a uma educação remota ou a distância [...] (Kohan, 2020, p. 5).

O Governo Federal do Brasil, portanto, ao minimizar os efeitos epidemiológicos da pandemia¹², em completa desarmonia com os órgãos de saúde do restante do mundo, e, por conseguinte, propor políticas públicas que envolvem a questão não amparadas na ciência, contribuiu ainda mais para escancarar a divisão de classes neste país e a exclusão digital (Portelinha et al., 2021).

Entretanto, a despeito de toda essa famigerada problemática que a pandemia de COVID-19 evidenciou nos últimos anos, desde o aspecto sanitário, político, econômico e social, partimos da premissa de que é possível, e necessário, aprender, em alguma medida, com essa experiência traumática e recente, tendo em vista que ela transformou, ou mesmo acelerou modificações já em curso, como é o caso das complexas relações de ensino-aprendizagem no contemporâneo. Destarte,

[...] esse período desafiador pode ser promissor para a inovação da educação, considerando-se que os professores e estudantes não serão mais os mesmos, após o período de ensino remoto. Assim, as TDIC podem ser ressignificadas e ocupar um espaço importante no processo de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino (Rondini; Pedro; Duarte, 2020, p. 43).

Indubitavelmente, esse período traumático global deixará marcas indeléveis em todos que sobreviveram¹³. Se, por um lado, o momento vivido suscitou novas aprendizagens, como é o caso das tecnologias da comunicação, de outro, ele trouxe à tona a importância, que muitos

¹² Segundo Carlos Lucena (2020), é evidente que a constante postura negacionista do então Presidente da República potencializou o fracasso nacional inicial no enfrentamento da Covid-19.

¹³ Por óbvio, inclusive como já indicado aqui, a luta pela vida durante a pandemia traz consigo os componentes da luta de classes, basta ver que as pessoas mais abastadas tiveram mais chances de sobreviver, enquanto os mais vulneráveis, geralmente, sequer podiam ter o privilégio do isolamento social (Coltro, 2021).

já não se davam conta, do contato físico nas relações humanas. Quiçá, sobretudo naquelas que transitam no intrincado campo dos processos de ensino-aprendizagem.

Via de regra, situações atípicas exigem das sociedades que as enfrentam resoluções criativas, fugindo, assim, do tradicional vivido no cotidiano. Nesse sentido, “o modelo tradicional de educação não será capaz de acompanhar tais mudanças, nem poderá atender às diferentes necessidades dos alunos na contemporaneidade em que as informações circulam de forma tão rápida com apenas um clique” (Barros et al., 2021, p. 14). É justamente com isso em mente que esta investigação se propõe a entrevistar docentes dos cursos Técnico concomitante em Redes de Computadores; Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Integrado ao Ensino Médio; Técnico em Programação de Jogos Digitais Integrado ao Ensino Médio e Técnico em Comércio Integrado ao Ensino Médio do IFTM, Campus Uberlândia Centro. Ora, urge que escutemos esses docentes, com o objetivo basilar de compreender sua percepção sobre esse momento adverso em que a educação foi atravessada e ainda hoje vive seus efeitos em partes. Caso contrário, como ocorrerá aprendizado anulando a experiência desses que, junto com o alunado, viveram cada momento dessa crise que ainda nos parece deveras atual?

2.1. BREVE FORTUNA CRÍTICA

Com o intuito de construir a seção anterior que versa sobre a pandemia de Covid-19 e a educação brasileira, é importante ressaltar que para além de consultas em livros, capítulos, também pesquisei acerca dessa temática nas seguintes bases de dados: SciELO, Google Acadêmico, Observatório ProfEPT, Plataforma Sucupira, Biblioteca Digital Brasileira (BDTD), bem como, em periódicos científicos. Com efeito, lastreamos essas consultas mediante os seguintes eixos temáticos: “efeitos da pandemia sobre o ensino”; “ensino e pandemia”; “ensino remoto” e “ensino presencial” “ensino e aprendizagem” “processos de ensino e aprendizagem”. Ademais, foram adotados os critérios de seleção a seguir: coleções publicadas no Brasil; idioma português; área temática “educação e pesquisa educacional”; exibição de trabalhos publicados nos anos de 2020-2022, na modalidade EPT integrada ao Ensino Médio. Vide tabela abaixo:

Tabela 1- Levantamento e categorização dos dados da pesquisa

Busca na base	Descritor/Te mática	Título	Autor	Instituição	Ano

SciELO					
<p>1. Revista Estudos Avançados - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo</p> <p>Qualis A2 - Multidisciplinar e Ciências Sociais Aplicadas I</p> <p>Qualis A1 - Na Área de Avaliação Serviço Social</p>	(pandemia AND (educação))	1. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia	1. Bernardete Alves	1. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, Brasil.	2020
<p>2. Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia</p> <p>Quartil Q1</p>	(ensino) E (covid); Ensino remoto; pandemia; educação.	2. O socioconstrutivismo, a literacia e o trabalho com TICs durante a pandemia de Corona vírus em 2020	2. Janete Rosa; Lovania Roehrig e David Arenas	2. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	2021
Google acadêmico					
<p>1. Revista Eletrônica Acervo Saúde (REAS)</p> <p>Qualis - B2</p>	ensino presencial + covid	1. Coronavírus: consequências da pandemia no ensino superior	1. Michelli Domingos ; Glória Cristina; Carla Mara; Thayanne Sa Bezerra; Cyntia Costa; Luciano Rodrigues; Rebecca Pereira; Nathany do Amaral e Francilene de França	1. Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales, Buenos Aires – AR; Singular Educacional, Manaus – AM; Universidade Nilton Lins (UNL), Manaus – AM e Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), Manaus – AM.	2021
2. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)		2. Dificuldade de aprendizagem e a pandemia: agravamento ou evidenciamento da dificuldade já existente? 1 A Educação profissional e tecnológica em	2. Thamires Maia Paula Oliveira 2.1 Fátima Aparecida e Raquel Aparecida	2.UNICESUMA R-PR 2.1 Instituto Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Minas Gerais	2. 2021 2.1 2022

		tempos de pandemia: um estudo das estratégias de Gestão do Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG durante o Ensino Remoto Emergencial – ERE			
Observatório ProfEPT - Plataforma Sucupira					
Avaliação nota 3 (Programa de Mestrado)	1. ensino presencial; 2. ensino remoto; 3. pandemia; 4. aprendizagem	1. SIGAA: a utilização da turma virtual como ferramenta para apoio ao ensino presencial em uma perspectiva de formação humana e integral. 2. TED: Tecnologia Educacional Digital – Uma experiência de Ensino Remoto no IFAC _ Campus Rio Branco; 2.1 O Programa a Permanência e Êxito no Instituto Federal Farroupilha: Perspectiva para o Pós-Pandemia 3. Letramento no Ensino Médio Integrado: Análise de uma Proposta de Ensino sobre Problemas Sociais durante a Pandemia 3.1 Juventudes, Escola e	1. Leandro Eduardo 2. Danielle Jacob; 2.1 Maria Cristina 3. Maria Josenilda 3.1 Elizabete Kowalski 3.2 Bruna Danielle	1. Instituto Federal do Rio de Janeiro Campus Mesquita 2. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC Polo Rio Branco 2.1 Instituto Federal Farroupilha - Campus Jaguari 3. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Campus Mossoró 3.1 Instituto Federal Sul-riograndense Campus Charqueadas 3.2 Instituto Federal Sul-riograndense Campus Charqueadas 4. Instituto Federal Sul-riograndense Polo Charqueadas	2021 2021 2021 2022 2022 2022 2020 2021

		<p>Trabalho: Narrativas de Jovens-Alunos do IFSUL em Tempos de Pandemia</p> <p>3.2 A Permanência de estudantes do Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFRS - Campus Restinga diante da Pandemia da Covid-19</p> <p>4. Direito à Educação no Ensino Médio Profissional: Reflexões sobre dificuldades de aprendizagem e práticas pedagógicas</p> <p>5. Aprendizagens Significativas em Revista: Relatos de Práticas Pedagógicas desenvolvidas no IFPB - Campus Catolé do Rocha</p>	<p>4. Rosilane Teresinha</p> <p>5. Vera Cléia</p>	<p>5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Campus Mossoró</p>	
Biblioteca Digital Brasileira – BDTD					
<p>Revista Insignare Scientia (RIS)</p> <p>Qualis – A4</p>	<p>(ensino) E (covid);</p> <p>Ensino remoto; pandemia; educação.</p> <p>(ensino) E (covid);</p> <p>Ensino remoto; pandemia; educação.</p>	<p>Educação Remota Emergencial (ERE): Um estudo empírico sobre Capacidades Educacionais e Expectativas Docentes durante a Pandemia da Covid-19</p> <p>Educação em tempos de pandemia: dificuldades e</p>	<p>Gustavo Henrique; Wallas Siqueira; Yuri Bento; Geraldo Lopes; Aline Patrícia e Leandro de Paula.</p> <p>Jeronimo Becker e</p>	<p>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais</p> <p>Centro Universitário UNIFTEC</p> <p>Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul</p>	<p>2021</p> <p>2021</p>

		oportunidades para os professores de ciências e matemática da educação básica na rede pública do Rio Grande do Sul	Valderez Marina		
O Lume Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul					
Revista Práxis Educativa	(ensino) E (covid); Ensino remoto; pandemia; educação.	A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente	Karla Saraiva; Clarice Traversini e Camila Lockmann	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	2020

Fonte: Autora

Diante do exposto, portanto, é lícito afirmar que cada vez mais são publicados trabalhos científicos acerca da ainda recente, histórica e psicologicamente dizendo, pandemia de Covid-19 e seus diversos impactos, dentre eles, no âmbito da educação que, no que concerne especificamente ao nosso país, já claudicava em razão das mazelas históricas que insistem em continuar presentes em nosso dia a dia. Enfim, segundo a amostragem recolhida, geralmente, essas investigações tiveram viés nos aspectos sociais inerentes à questão, as vicissitudes relacionadas aos processos de ensino-aprendizagem, bem como com foco no papel, lugar das ferramentas tecnológicas.

3 DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO AO CASO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO

“permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história”
(FREIRE, 1980 p. 21)

Considerando que a presente pesquisa tem como cerne problematizar o retorno do ensino presencial após a experiência do ensino remoto emergencial, a partir do contexto da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado do IFTM, Campus Uberlândia Centro, dedicar-nos-emos, neste momento, nos processos de ensino-aprendizagem no que concerne à Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Inicialmente, cabe destacar o texto da Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008, que redimensiona, institucionaliza e integra as ações da educação profissional e tecnológica, assim como da educação profissional técnica de nível médio e da educação de jovens e adultos, alterando os dispositivos da Lei nº 9.394/96:

[...] Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;

II – de educação profissional técnica de nível médio;

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

§ 3º Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (NR).

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Parágrafo único. (Revogado) (NR).

Art. 42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade (NR).

Art. 2º O Capítulo II do Título V da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido da Seção IV-A, denominada “Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio”, e dos seguintes arts. 36-A, 36-B, 36-C e 36-D (Brasil, 1996).

Ao passo que a próxima seção discorre sobre o ensino médio - nível técnico:

Seção IV-A - Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional.

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas:

I - articulada com o ensino médio;

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.

[...] Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do caput do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma:

I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;

II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, [...].

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior.

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho.

Art. 3º O Capítulo III do Título V da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a ser denominado “Da Educação Profissional e Tecnológica”.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se os §§ 2o e 4o do art. 36 e o parágrafo único do art. 41 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

Logo, torna-se evidente que as políticas públicas, por meio desse regulamento, rompem com uma concepção clássica de educação que, em suma, fomentava uma dualidade artificial, qual seja: de um lado teríamos o ensino propedêutico, voltado para a elite, com ênfase no mercado capitalista, conseqüentemente, no lucro; de outro, haveria o ensino técnico-profissional, direcionado apenas à formação específica, ou seja, próprio para a classe dos operários e, por óbvio, focado na mão de obra.

É nesse sentido, portanto, que podemos dizer que a Educação Profissional e Tecnológica, em seu seio, (com)partilha o entendimento basilar de uma “escola unitária e politécnica¹⁴, superando-se a histórica dualidade que marcou a educação brasileira” (Ramos, 2014, p. 39). Não à toa, busca oferecer uma educação com princípios sustentados em uma formação omnilateral, isto é, que objetiva a completude do homem pelo trabalho produtivo e pela vida em sociedade. Assim, “a fórmula marxiana de formação omnilateral ou de escola unitária, *para todos*, é antes de tudo a superação da dicotomia entre o trabalho produtor de mercadorias e o trabalho intelectual” (Nosella, 2007, p. 148). Dito de outra forma, implica a

¹⁴ Na perspectiva marxista, a politécnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas, que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno e suas diferentes modalidades (Manacorda, 2017).

praxis pedagógica¹⁵ com suas finalidades e princípios, sendo que esta pode se consolidar mediante vários processos educacionais e de formação integral¹⁶ do homem, um ser desenvolvido tão completamente quanto possível em relação às capacidades intelectuais e manuais.

Aliás, ainda em consonância com essa visão de mundo, podemos mencionar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (DCNEPTNM), uma vez que elas preconizam que uma: “[...] formação humana se expressa com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação *omnilateral* dos sujeitos. Essas dimensões são o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura. [...]” (Brasil, 2012, p. 228, grifo nosso). Logo, é possível afirmar que a formação omnilateral fomenta uma educação responsável e ética, na medida em que reproduz o acesso e a mudança social. Conforme observa Manacorda (2017, p. 90):

A omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade das capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho.

Assim sendo, o que está em jogo é uma concepção de educação profissional que vá na contramão daquela pautada somente na formação para o trabalho, portanto, fragmentada, ensimesmada. Diversamente, trata-se de fomentar o trabalho como princípio educativo, pois é por meio dessa relação “[...] em que se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano” (Ciavatta, 2009, p. 408). De fato,

Considerar o trabalho como princípio educativo equivale a dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, dela se apropria e pode transformá-la. Equivale a dizer, ainda, que é sujeito de sua história e de sua realidade. [...] o trabalho é princípio educativo à medida que proporciona a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, como conhecimentos desenvolvidos e apropriados socialmente para a transformação das condições naturais da vida e a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos. [...] o

¹⁵ Conforme define Saviani, “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo” (Saviani, 2011, p. 13).

¹⁶ A formação integrada pressupõe uma integração epistemológica de conteúdos, de metodologias e de práticas educativas. Refere-se a uma integração teoria-prática, entre o saber e o saber-fazer (Brasil, 2007). Em acréscimo, na concepção de Ciavatta (2008, p. 2), “A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar”.

trabalho é princípio educativo na medida em que coloca exigências específicas para o processo educacional, visando à participação direta dos membros da sociedade no trabalho socialmente produtivo [...] (Brasil, 2012, p. 216-217).

Seguindo essa linha de raciocínio, resta evidente que, historicamente, o ser humano vem utilizando-se dos recursos da natureza, por mediação do trabalho, e, com isso, (re)produzindo os meios de sobrevivência e conhecimento. Consequentemente,

O trabalho como ‘princípio educativo’ deriva do fato de que todos os seres humanos são seres da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar-se, proteger-se das intempéries e criar seus meios de vida. É fundamental socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência e outras esferas da vida pelo trabalho é comum a todos os seres humanos, evitando-se, dessa forma, criar indivíduos, grupos ou classes sociais que naturalizam a exploração do trabalho de outros (Frigotto, 2009, p. 260)

Em outras palavras, o trabalho como princípio educativo, compartilha premissas de ordem ético-político e social, e não visa somente uma técnica didática ou metodológica no processo de ensino-aprendizagem. Não por acaso, não estimula a perversa naturalização da opressão pelo trabalho de determinados grupos e classes, em detrimento de outros.

Portanto, depreende-se pela discussão engendrada até aqui, o aspecto essencial do campo histórico-social, político e econômico que perpassa pela Educação Profissional em nosso país, inclusive, no que diz respeito a reconhecermos as lutas, os entraves e as conquistas que ocorreram ao longo dos tempos.

3.1. DO TRABALHO À EDUCAÇÃO

No Brasil, a Educação Básica e a Educação Profissional, ambas regulamentadas pela LDB, surgiram, em alguma medida, enviesadas, basta ver que foram direcionadas a atender às necessidades das classes abastadas, ao passo que desconsideravam completamente a formação dos trabalhadores e suas demandas. Conforme já discutido brevemente:

[...] até o século XIX não há registros de iniciativas sistemáticas que hoje possam ser caracterizadas como pertencentes ao campo da educação profissional. O que existia até então era a educação propedêutica para as elites, voltada para a formação de futuros dirigentes. Assim sendo, a educação cumpria a função de contribuir para a reprodução das classes sociais já que aos filhos das elites estava assegurada as escolas

das ciências, das letras e das artes e aos demais lhes era negado o acesso (Moura, 2007, p. 5).

Nessa esteira, Manfredi (2002, p. 76-77) argumenta que nos tempos do império brasileiro a educação era negada aos desfavorecidos, isto é, aqueles que não pertenciam às elites. Para os primeiros, portanto, a educação comumente se circunscrevia às instruções básicas:

Crianças e jovens em estado de mendicância, [...] recebiam instrução primária [...] e aprendiam alguns dos seguintes ofícios: tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, etc [...] trabalhando nas oficinas, com a dupla finalidade de pagar sua aprendizagem e formar um pecúlio que lhe era entregue no final do triênio.

Resta evidente, então, uma espécie de cunho assistencialista que perpassou a Educação Profissional no Brasil naquela época, de modo que se vendia a ideia de amparar os órfãos e os desafortunados, mas sem contrariar a ordem o *status quo*. Situação que contribuiu para com o crescente preconceito contra o trabalho manual, deixando claro, inclusive, que esse é também:

[...] um problema político, porquanto o acesso a esse nível de ensino e a natureza da formação por ele oferecida – acadêmica ou profissionalizante – inscrevem-se no âmbito das relações de poder típicas de uma sociedade em classes, às quais se atribui ou o exercício das funções intelectuais e dirigentes, ou o exercício das funções instrumentais [...]. Assim é que já se tem demonstrado ser a dualidade estrutural a categoria da constituição do Ensino Médio e profissional no Brasil [...], até o presente, sempre se constituíram duas redes, uma profissional e outra de educação geral [...] (Kuenzer, 2000, p. 26).

Em suma, a educação brasileira, já em seu princípio, compartilhou dos anseios das classes abastadas, enquanto, de outro lado, estimulava um modelo assistencialista e voltado aos ofícios instrumentais para a classe trabalhadora. Isso, claro, sob o viés de uma economia capitalista, mercantilista e propícia aos patrícios dirigentes do país. Não olvidemos que, nesse interim, cada vez mais, surge a necessidade de mão de obra com um mínimo de qualificação, haja vista a ressonância da Revolução Industrial. Desse modo, pode-se dizer que:

[...] mediante o progresso das ciências físicas e a sistemática aplicação dos seus resultados na atividade produtiva. A pesquisa científica é realizada em escala crescente, em universidades e instituições públicas e privadas, contando com amplo financiamento, proveniente, em parte, do orçamento governamental e, em parte, de doações privadas, estas últimas em geral estimuladas por generosas isenções fiscais, [...] o ensino científico foi transformado em função das necessidades do novo modo de produção. [...]. O extraordinário desenvolvimento das forças produtivas alcançado pelo capitalismo industrial resulta tanto do fomento da atividade científica como da estreita interligação dos laboratórios com as fábricas, estas recebendo, com rapidez,

os resultados das pesquisas e os aplicando à produção [...] (Singer citado por Gasparin; Silva, 2005, p. 10-11).

Em vista disso, a necessidade de atender à demanda crescente das forças produtivas teria que ser provida com um avanço tecnológico apropriado, o que ocorreu, por exemplo, mediante a qualificação para o exercício do trabalho, formando, então, técnicos de nível médio (Caires; Oliveira, 2016). Logo, gradativamente, a existência do homem mediado pelo trabalho se faz também com a mediação da educação:

É sabido que a educação praticamente coincide com a própria existência humana. Em outros termos, as origens da educação se confundem com as origens do próprio homem. A medida em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida é que ele se constitui propriamente enquanto homem. Em outros termos, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm que fazer o contrário: eles adaptam a natureza a si. O ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, é o que conhecemos pelo nome de trabalho. Por isto podemos dizer que o trabalho define a essência humana. Portanto, o homem, para continuar existindo, precisa estar continuamente produzindo sua própria existência através do trabalho. Isto faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como ele produz sua existência (Saviani, 1996, p. 152).

Sob essa perspectiva, qual seja, o trabalho como princípio educativo, torna-se imperativo uma formação educacional voltada para o multifacetado mundo do trabalho, e não aquela restrita ao mercado de trabalho, a qual visa atender somente às demandas imediatas de uma sociedade capitalista. Nessa esteira, o trabalho passa a ser encarado não mais como mero meio de subsistência do ser humano, mas como fundante das relações sociais, uma vez que nos constituímos como seres histórico-sociais (Saviani, 2007). Embora, conforme vimos até aqui, efetivamente, “na história da educação profissional houve constante prevalência do dualismo na orientação prioritária para as ‘elites condutoras’ e na mera ‘formação de mão de obra’ como limite máximo de alguma educação para a maioria da população” (Cordão; Moraes, 2017, p. 175). Destarte, é perceptível que “[...] a política acerca da educação profissional é resultado de disputas e tendências complexas ao longo da história do país, frente a uma correlação de forças entre as classes que disputam o poder e a direção econômica e política da sociedade” (Ramos, 2014, p. 08).

Com a chegada do século XX, período de suma importância para a EPT no Brasil, sobretudo no que diz respeito à preparação de operários para o exercício profissional em

fábricas, Nilo Peçanha¹⁷, ao assumir a presidência após falecimento de Afonso Pena¹⁸, criou, em 1909, através do Decreto n. 7.566, de 23 de setembro, 19 Escolas de Aprendizes e Artífices disseminadas em cada capital do Estado. Sendo que elas eram destinadas, conforme seu nome já indica, ao Ensino Profissional Primário e vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Esse acontecimento alterou as bases econômicas do país, na medida em que ia de encontro a uma lógica tradicional de agroexportador para ir ao encontro da industrialização e do processo de urbanização (Ramos, 2014), auxiliando, inclusive, na consolidação do projeto de crescimento da economia cafeeira (Caires; Oliveira, 2016). Logo, a criação das Escolas de Aprendizes e Artífices propiciou a ampliação da produção de mão de obra e, com isso, aumentou o número de trabalhadores minimamente qualificados, por conseguinte, o processo de industrialização neste país.

Inicia-se, assim, o estímulo maior para que o Estado assumisse as rédeas da formação de mão de obra no Brasil e cria-se, então, a origem da Rede Federal (1909), que mais à frente transformar-se-ia nas Escolas Industriais e Técnicas (1959), sob o comando do Ministério da Educação e Saúde. Na ditadura civil militar, os Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETEs (1978) e mais recentemente, nos Institutos Federais – Ifs (2009) já no governo de Lula. A tabela abaixo demonstra esse período de expansão na educação:

Tabela 2- Resumo Expansão da Educação Profissional no Brasil - período de 1909

1ª Ciclo de expansão da Educação profissional	
Período	1ª República
Presidente	Afonso Pena (falece em 14 de junho de 1909) e Nilo Peçanha (1909 -1910)
Legislação	O Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909.

¹⁷ Nilo Peçanha - foi o sétimo presidente da República, (de 14 de junho de 1909 e 15 de novembro de 1910) e o primeiro e único afrodescendente a ocupar o cargo até os dias atuais. Disponível em: InfoEscola <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/governo-de-nilo-pecanha/>>

¹⁸ Afonso Augusto Moreira Pena - 6º presidente do Brasil (governou em 1906-1909). Disponível em: FGV CPDOC <<https://atlas.fgv.br/verbetes/afonso-pena>>.

<p>Decreto nº 7.566</p> <p>Alguns objetivos:</p>	<p>Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, Cria nas capitais dos Estados da República, Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito.</p> <p>O presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, em execução da Lei nº 1.606, de 29 de dezembro de 1906: Considerando: Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência;</p> <p>Art. 6º ter idade de dez anos no mínimo e de 13 no máximo e a preferência na matrícula deveria recair sobre os “desfavorecidos da fortuna”.</p>
<p>Escolas de Aprendizes artífices</p>	<p>Em 1910 estavam instaladas dezenove escolas rede de Escolas de Aprendizes Artífices, nas capitais dos Estados com exceção do Rio Grande do Sul onde funcionava o Instituto técnico Profissional – Instituto Parobé.</p> <p>Locais: Escola de Aprendizes e Artífices na cidade de Manaus – Amazonas; na cidade Belém – Pará; na cidade São Luís – Maranhão; na cidade de Teresina – Piauí; na cidade Fortaleza – Ceará; na cidade Natal - Rio Grande do Norte; na cidade Parahyba - Paraíba, na cidade Recife – Pernambuco;</p> <p>na cidade de Maceió – Alagoas; na cidade Aracaju - Sergipe;</p> <p>na cidade de Salvador – Bahia; na cidade de Vitória - Espírito Santo, na cidade de Campos - Rio de Janeiro; na cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais; na cidade de São Paulo - São Paulo; na cidade Curitiba – Paraná; na cidade de Florianópolis - Santa Catarina; na cidade Goiás - Goiás e na cidade Cuiabá - Mato Grosso.</p>
<p>Número de alunos matriculados</p>	<p>Frequentadas por 1.248 alunos</p>

Fonte: Ciavatta e Silveira (2010)

Temos, então, a paulatina industrialização do país, sendo que seu processo durante 1929-1945 e, em específico, nos anos 1930 – 1939, fomentado na Era Vargas com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)¹⁹ e Serviço Nacional de Aprendizagem

¹⁹ Foi criado em 1942 pelo Decreto-Lei n. 4.048 (Brasil, 1942a) com o propósito de formar força de trabalho para diferentes setores industriais (Manfredi, 2016).

Comercial (SENAC)²⁰, foi mais um dos marcos importantes para impulsionar o Ensino Profissional no Brasil: “com o SENAI, foi instaurado no Brasil o ensino industrial em larga escala” (Rodrigues, 1998, p. 17). Desse modo, a educação adquire uma estrutura nacional e, com o Ministro Gustavo Capanema, começa a ser ordenada pelas Leis Orgânicas²¹. Em outras palavras, tem início um projeto de desenvolvimento nacional propriamente dito. Vide tabela a seguir:

Tabela 3- Leis Orgânicas do Ensino Brasileiro – Sistema Paralelo de Educação Profissional

Lei Orgânicas do Ensino Brasileiro	Sistema Paralelo
Decreto-Lei nº 4.048/1942	Ementa: Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI) Data de Publicação: 22 de janeiro de 1942 Chefe de Governo: Getúlio Vargas Ministro: Gustavo Capanema Origem: Executivo Referenda: Ministério do Trabalho
Decreto-Lei nº 8.621 / 1946	Ementa: Dispõe sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) Data de Publicação: 12 de janeiro de 1946 Chefe de Governo: José Linhares Ministro: Raul Leitão da Cunha Origem: Executivo Referenda: MTPS e MEC
Decreto-Lei nº 8.622 /1946	Ementa: Dispõe sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelece deveres dos empregadores e dos trabalhadores menores relativamente a essa aprendizagem e da outras providencias. Data de Publicação: 12 de janeiro de 1946 Chefe de Governo: José Linhares Ministro: Raul leitão da Cunha Origem: Executivo Referenda: Ministério do Trabalho

Fonte: BRASIL (1942; 1946)

²⁰ Criado em 1946 pelos Decretos-Leis n. 8.621 e n. 8.622 (BRASIL, 1946d; 1946e), visava ao aperfeiçoamento do ensino comercial e à obrigatoriedade das empresas do setor terciário em relação aos aprendizes (Manfredi, 2016).

²¹ As leis orgânicas do ensino brasileiro foram elaboradas pelo ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, e começaram a ser anunciadas em 1942, tendo sido concluídas em 1946. No entanto, é importante ressaltar que o Ensino Superior não foi incluído nessa reforma. Os principais decretos foram: Decreto nº. 4.244/42 – Lei Orgânica do Ensino Secundário; Decreto nº. 4.073/42 – Lei Orgânica do Ensino Industrial; Decreto nº. 6.141/43 – Lei Orgânica do Ensino Comercial; Decreto nº. 8.529/46 – Lei Orgânica do Ensino Primário; Decreto nº. 8.530/46 – Lei Orgânica do Ensino Normal e; Decreto nº. 9.613/46 – Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Além disso, o Decreto-Lei nº. 4.048/42 - cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que deu origem ao que hoje se conhece como Sistema “S”.

Por seu turno, no contemporâneo, é seguro dizer que o SENAI²² tornou-se referência nacional no apoio à tecnologia e inovação em empresas industriais dos mais diversos portes e segmentos. Não diferente é o SENAC²³, uma vez que é o principal agente de educação profissional voltado para o Comércio de Bens, Serviços e Turismo do País. Abaixo segue tabela, sintetizando a organização da educação, ofertada apenas nos ensinos: primário, médio e superior.

Tabela 4- Reforma Capanema (1942-1946)

PRIMÁRIO						
Fundamental			Supletivo			
Elementar 4 anos			2 anos			
Complementar 1 ano						
ENSINO MÉDIO						
Secund.	Normal	Industrial		Comercial		Agrícola
Curso de Formação	Curso de Formação	Curso de Formação	Curso de Treinamento	Curso de Formação	Curso de Especialização	Curso de Formação
1º Ciclo	1º Ciclo	1º Ciclo	Artesanal duração variável	1º ciclo		1º ciclo
Ginasial 4 anos	De regente 4 anos	Básico 4 anos		Aprendizado duração variável		Básico 4 anos
		Mestria 2 anos	Mestria 2 anos			
2º Ciclo	2º Ciclo	2º Ciclo		2º Ciclo		2º Ciclo
Clássico 3 anos	De Prof. 3 anos	Técnico 4 anos		Técnico 3 anos		Técnico 3 anos
Científico 3 anos		Pedagógico				Pedagógico

²² Portal do SENAI. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/senai/institucional/>> Acesso em: 28 de set. de 2022.

²³ Portal do SENAC. Disponível em: <<https://www.senac.br/>> Acesso em: 28 de set. de 2022.

ENSINO SUPERIOR				
Dava acesso a muitos cursos	Dava acesso + frequente à Fac. de Filosofia, Ciências e Letras	Dava acesso ao curso da área industrial	Dava acesso ao curso da área comercial	Dava acesso ao curso da área agrícola

Fonte: Xavier, Ribeiro e Noronha (1994) citado por Moritz (2017)

Com essa organização da educação em curso, indo na direção de uma qualificação maior de mão de obra, a qual o ensino técnico industrial auferia maior espaço, a Lei n. 3552, de 16 de fevereiro de 1959, estabeleceu nova organização escolar e administrativa. Não suficiente, “o Decreto n. 47038, de 16 de novembro de 1959, definiu as Escolas Técnicas que comporiam a rede federal de ensino técnico, transformando-as em autarquias e em Escolas Técnicas Federais” (Ramos, 2014, p. 26). Nesse interim, temos a transição do governo de Vargas para o de Juscelino Kubitschek, o qual, em suma “caracterizou-se pelo abandono de uma política destinada a criar um sistema capitalista nacional em nome de uma política orientada para o desenvolvimento econômico dependente” (Ramos, 2014, p. 28).

No que concerne à LDB, Lei 4.024 de 1961, inicialmente, a característica da educação ainda é apresentada de duas formas, quais sejam, educação intelectual - geral (formação propedêutica) e educação técnica - específica (formação profissional). Mais uma vez a dualidade é destacada, dado que, inclusive, não há equivalência entre esses cursos, ou seja, (re)afirmando o caráter dual e elitista da educação brasileira (Ramos, 2014). Entretanto, pouco a pouco as discussões voltavam-se para a vinculação da educação ao desenvolvimento brasileiro, necessitando, então, de um projeto que possibilitasse “a construção de um sistema de ensino voltado para a realidade e as necessidades do desenvolvimento brasileiro” (Ramos, 2014, p. 27).

Não por acaso, a nova reformulação na lei tornou possível que o ensino técnico, que antes era terminal, se tornasse equivalente ao secundário propedêutico. Ora, com essa alteração, a equivalência entre o ensino técnico e o propedêutico, garantia-se que os técnicos, ao concluir seus estudos, pudessem se candidatar a qualquer curso de nível superior: “a equivalência estabelecida pela Lei no 4.024/61 veio então, conferir maior homogeneidade escolar a este campo e, ainda, um caráter mais universal ao ensino técnico” (Ramos, 2014, p. 28). Todavia, é digno de nota que, ainda que houvesse a supracitada equivalência, as provas de vestibulares

baseavam-se apenas na formação propedêutica, inutilizando, conseqüentemente, a educação profissional no que se refere ao acesso ao ensino superior. Sendo assim, não é difícil afirmar que a dualidade na educação continua, ainda que com outros ares.

Outro marco registrado na educação profissional, foi o Golpe Civil-Militar de 1964, o qual depôs o presidente João Goulart. Assim, para além da ditadura civil militar²⁴, antidemocrática e repressiva por natureza, fomenta-se uma tendência tecnicista, com o intuito de criar mão de obra para o chamado “milagre econômico”, com isso as escolas do ensino médio reduziam sua função a meras reprodutoras de mão de obra, geralmente de nível técnico, para o mercado de trabalho. De tal modo que entra em vigor a Lei 5.692/71, a qual estimula a profissionalização compulsória, pois seu intuito é o de conter o acesso ao ensino superior, na medida em que a habilitação profissional aos filhos da classe trabalhadora já é vista como suficiente. Com isso o mercado de trabalho era suprido, e continuava a exploração dos menos favorecidos em detrimento de uma elite.

No entanto, embora o parecer do CNE/1982 tenha gerado a Lei n. 7.044 que extinguiu por completo a compulsoriedade da profissionalização nesta etapa de ensino. De fato, o cenário era de que:

[...] a velha dualidade ressurgiu no âmbito da legislação com todo o seu vigor, reafirmando-se novamente na oferta propedêutica [...] como a via preferencial para ingresso no nível superior, permanecendo os velhos ramos [...] como vias preferenciais de acesso ao mundo do trabalho (Moura, 2007, p. 14).

Com efeito, no Brasil, essa dualidade, uma vez mais, causa uma disputa entre uma proposta de formação geral, apreensiva com a construção de um sujeito que saiba articular trabalho, ciência, tecnologia e cultura; e, de outro, uma proposta de formação profissionalizante, cuja meta é educar o trabalhador cidadão produtivo e não o ser humano emancipado (Frigotto; Ciavatta, 2003). Fica claro, que essa separação não acontece naturalmente, mas em decorrência de uma sociedade dividida em classes, com interesses distintos, além de conflitantes.

3.2. O ENSINO MÉDIO INTEGRADO

²⁴ Governo militar: Humberto Castelo Branco (15 de abril de 1964 a 15 de março de 1967); Artur Costa e Silva (15 de março de 1967 a 31 de agosto de 1969); Junta Militar (31 de agosto de 1969 a 30 de outubro de 1969); Emílio Garrastazu Médici (30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974); Ernesto Geisel (15 de março 1974 a 15 março de 1979); João Figueiredo (15 de março de 1979 a 15 março de 1985).

Com a nova reestruturação da LDB, Lei 9.394/96, mudanças significativas acontecem na educação profissional e tecnológica nos próximos anos, como por exemplo: o aperfeiçoamento profissional, os cursos de qualificação profissional, os cursos técnicos profissionais, bem como os cursos de formação para tecnólogos, graduação e pós-graduação. Inicia-se, então, o processo do modelo de educação profissional, paralelo ao modelo propedêutico e, no ano de 2008, surgem os Institutos Federais, sendo que a maioria vem substituir os CEFETs, passando a ser uma modalidade a EPT com oferta do EMI.

Aliás, sobre os CEFETs, mais especificamente, a reforma universitária, em 1968, propôs a diversificação do sistema universitário, no intuito de estabelecimentos públicos cumprirem as funções na preparação profissional a partir da transformação das ETFs em CEFETs²⁵, e, mais tarde, em IFs:

A transformação dessas Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica, pela Lei 6.545/78, definiu para essas instituições, além do objetivo de ministrar o ensino técnico, o de atuar no nível superior de graduação, ministrando a Engenharia Industrial, os cursos tecnólogos e as licenciaturas voltadas para a formação de professores do ensino técnico e dos cursos de tecnólogos, além da extensão e da pós-graduação *lato sensu*. Deveriam, ainda, realizar pesquisas na área técnico-industrial. Com o passar do tempo, essas instituições passaram a ministrar também a pós-graduação *stricto sensu* nos níveis de mestrado e doutorado. (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012, p. 47).

Em consonância, podemos citar ainda:

Os CEFETs ofereciam cursos regulares de nível tecnológico superior [...]. Além disso, atuavam na formação de professores das disciplinas para escolas técnicas e das disciplinas profissionalizantes do 2º grau. Ofereciam também cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu*, em nível de mestrado. (Manfredi, 2002, p. 162).

Sendo assim, nos cabe indagar se a preparação profissional nesses cursos vem cumprindo a sua função social, conforme advertem os autores, afinal “[...] o ensino superior nos CEFETs é uma construção histórica e social, podendo ser interpretada como a extensão da dualidade da educação brasileira para o ensino superior [...]” (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012, p. 47). Com efeito, o processo de criação dos CEFETs foi o marco inicial para o processo de reforma da Educação Profissional, como a reforma do ensino médio e profissional, ao estruturar o ensino como um subsistema complementar e ao normatizar os CEFETs em instituições especializadas em Educação Profissional.

²⁵ Os CEFETs surgiram, em 1978 - Lei 6.545 (Manfredi, 2002).

Prosseguindo com os marcos que constituíram e mudaram a educação profissional no Brasil, temos o momento que configurou a política do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), o qual apresentou outro período de retrocesso na educação profissional e tecnológica, uma vez que houve um desmonte na educação profissional, rompendo com ensino médio propedêutico e ensino profissional, em prol do capital, com ênfase em uma política neoliberal. Nessa direção, vejamos o Decreto Federal nº. 2.208/97:

O artigo 1º enuncia os objetivos gerais da Educação Profissional: (a) promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho; (b) formar profissionais, com escolaridade de nível médio, superior e de pós-graduação; (c) promover os conhecimentos tecnológicos do trabalhador em nível de especialização, aperfeiçoamento e atualização; (d) qualificar, reprofissionalizar e atualizar trabalhadores, independentemente do nível de escolaridade. O artigo 2º reproduz o teor do artigo 40 da LDB anteriormente transcrito, indicando as formas de realização da Educação Profissional. O artigo 3º define os níveis de Educação Profissional: I - básico: destinado à qualificação, requalificação e reprofissionalização de trabalhadores, independente de escolaridade prévia; II - técnico: destinado a proporcionar habilitação profissional a alunos matriculados ou egressos do ensino médio, devendo ser ministrado na forma estabelecida por este Decreto; III - tecnológico: correspondente a cursos de nível superior na área tecnológica, destinados a egressos do ensino médio e técnico. A seguir o artigo 4º irá cuidar da Educação Profissional de nível básico, definindo-a como modalidade de educação não formal e de duração variável; o parágrafo 1º deste artigo obriga as instituições de educação profissional públicas ou apoiadas pelo Poder Público a oferecer cursos de nível básico a alunos de educação básica, e a trabalhadores de modo geral; O parágrafo 2º define que os concluintes dos cursos de nível básico receberam certificado de qualificação profissional. *O artigo 5º irá determinar a separação entre ensino médio e o ensino técnico[...]; o artigo 6º estabelece-se a forma de elaboração dos currículos plenos dos cursos de ensino técnico; o artigo 7º institui como condição para a elaboração das Diretrizes Curriculares[...]; o artigo 8º regula a possibilidade de estruturação das disciplinas curriculares por módulo. E o artigo 9º estabelece a experiência profissional como critério principal de seleção dos professores das disciplinas de ensino técnico[...].* O artigo 10º refere-se aos cursos superiores, isto é, de nível tecnológico, os quais devem ser estruturados segundo os diversos setores da economia, abrangendo áreas especializadas, e cujo resultado será expresso pelo diploma de Tecnólogo. Finalmente, o artigo 11º determina aos sistemas federal e estaduais de ensino a realização de exames para certificar competências [...] (Saviani, 2016, p. 153 – 155, grifos nosso).

Como podemos constatar, a educação profissional foi separada do ensino médio e do ensino técnico, criando, assim, o retrocesso da educação desde a LDB de 1961. Em suma, o governo FHC, sustentado nas políticas neoliberais: “abertura econômica, privatizações e desregulamentação do Estado”, conforme afirma Alves (2014, apud Guimarães; Maciel; Gershenson (org), 2020, p. 200), ou seja, diminuição das funções estatais, como o processo de privatizações, terceirizações, Estado mínimo para o trabalho e máximo para o Capital financeiro; desmontou a política da Educação Profissional a partir da implantação da nova LDB 9.394/96 e do Decreto n. 2.208/97, com a finalidade de atender ao mercado de trabalho em

detrimento à formação do cidadão e às questões sociais. Ademais, claramente, não se atentou para o texto da própria Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB), dado que em seu Art. 227 o direito à educação e à profissionalização são tidos como direitos garantidos e prioritários (Brasil, 1988). Logo, o governo FHC deixou claro seu posicionamento em relação às políticas direcionadas às escolas técnicas da Rede Federal:

[...] a construção de um novo modelo de educação média que *desvincule o ensino acadêmico do técnico-profissionalizante*; e a introdução neste modelo de uma vertente *modulada* no ensino técnico profissionalizante que articule qualificação profissional de curta duração e formação técnica, principalmente para o setor terciário da economia. (Caires; Oliveira, apud Cunha, 2002, p. 106, grifos do original).

Em linhas gerais, o governo FHC ficou marcado pelo seu estímulo consistente ao setor privado e o sucateamento da esfera pública, de modo que ocorreram, por exemplo, inúmeras privatizações (Ramos, 2014).

Já com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) houve uma flexão em valorizar a educação profissional no Brasil, em ambos os mandatos dessa gestão, haja vista que ela passou por uma nova reestruturação e, depois disso, estabeleceu-se o EMI, integrando o ensino médio e a educação profissional:

Nesse período destacam-se medidas que contemplam a integração entre a educação profissional e o ensino médio, perspectiva essa que pode ser coerente com a construção teórico-prática de uma educação tecnológica que corresponda à preparação das pessoas para a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos, socio-históricos e culturais da produção moderna (Ramos, 2014, p. 67).

Dentre as medidas do governo Lula, estão o decreto 5.154/2004 com inclusão do conteúdo à LDB, a implementação do PROEJA, a rede federal e sua expansão, bem como o Programa Brasil Profissionalizado, com o apoio dos sistemas estaduais (Ramos, 2014). Isto é, pouco a pouco, a educação profissional e tecnológica passa a ser articulada com a educação básica e com os direitos sociais, a título de exemplo. Em síntese, segundo o decreto 5.154/2004:

a) defesa de uma organização sistêmica da educação profissional, organicamente integrada à organização da educação nacional, com políticas nacionais coordenadas pelo Ministério da Educação, articuladas às de desenvolvimento econômico e às de geração de trabalho e renda, em cooperação com outros ministérios e com os governos estaduais e municipais; b) definição de responsabilidades em termos de financiamento da educação profissional, inclusive propondo a constituição de um fundo nacional com esse objetivo, bem como o controle social de gastos e investimentos; c) regulamentação do nível básico da educação profissional, inclusive revendo sua

nomenclatura, no sentido de integrá-lo a itinerários formativos que pudessem redundar em formações estruturadas e, ainda, de articulá-lo às etapas da educação básica, de acordo com as necessidades dos jovens e adultos trabalhadores; d) superação do impedimento de se integrar curricularmente o ensino médio e a formação técnica, desde que atendida a formação básica do educando, conforme prevê o parágrafo 2o. do artigo 36 da LDB, atendendo às necessidades deste país e de seus cidadãos; e) monitoramento e garantia da qualidade, com controle social, do nível tecnológico da educação profissional (Ramos, 2014, p. 74).

Nesse sentido, a proposta do EMI ofertado nos IFs tem como pressuposto “a possibilidade de melhores condições para potencializar a constituição de uma Educação Tecnológica alicerçada na formação humana integral, cidadã e crítica e na superação da dualidade” (Caires; Oliveira, 2016, p. 142). Em vista disso, a modalidade de nível médio do EMI, que se efetivou no Brasil desde 2004, com o Decreto n. 5.154, a partir da forma concomitante e sequencial, passou a estruturar a Educação Profissional de nível médio das redes públicas federais, estaduais e municipais, além da rede particular. De fato, pode-se dizer que essa estrutura de educação não só potencializou a etapa final da Educação Básica com o EMI, como também, enfim, superou a dualidade histórica da educação em nosso país. Basta ver, a título de exemplo, a Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) e cria os IFs. Sendo esses derivados dos CEFETs, das EAFs e das Escolas Técnicas, ligados à universidade, passando a ser uma modalidade a EPT com oferta do EMI. Assim, a educação profissional e tecnológica, por meio da criação dos Institutos Federais, propõe-se como instrumento para propiciar a formação, de acordo com o texto da Lei 11.892/2008:

Art. 7º Observadas as finalidades e características definidas no art. 6º desta Lei, são objetivos dos Institutos Federais:

I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional (Brasil, 2008, p. 1).

Evidentemente, para que essa lei se efetive na prática, torna-se necessário mobilizarmos um conjunto de variáveis, conforme salienta Sacristan (2013), quais sejam: os objetivos

educacionais precisam ser ressignificados, pois eles não devem ficar presos aos conteúdos acumulados ao longo da história; as práticas pedagógicas precisam ser revisadas e alteradas, para que diante disso consigamos proporcionar a formação integral e integrada, etc. Sendo assim, não nos esqueçamos que a EPT é uma modalidade educacional prevista na LDB com a finalidade principal de preparar para o exercício de profissões:

A EPT prevê, a integração com os diferentes níveis e modalidades da Educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Dentre as várias possibilidades, destacam-se como exemplos a articulação da EPT com: a modalidade da educação de jovens e adultos, em caráter preferencial, segundo a LDB; a educação básica no nível do ensino médio, na forma articulada de oferta (integrada, concomitante ou intercomplementar - concomitante na forma e integrado no conteúdo) e na forma subsequente. Com esta concepção, a LDB situa a educação profissional e tecnológica na confluência de dois dos direitos fundamentais do cidadão: o direito à educação e o direito ao trabalho (MEC, n.p, on-line).

Voltemo-nos ao que menciona o Art. 227 da CRFB que inclui o direito à educação e à profissionalização como dois dos direitos que devem ser garantidos com prioridade. De fato, a nosso ver, baseado no que foi exposto até aqui, o que importa é saber como esses direitos, a educação e a profissionalização, serão proporcionados na etapa final da educação básica e em uma formação de nível médio técnico - travessia para o EMI.

Dentre as políticas para melhorarias e garantia da qualidade da Educação Básica e Superior, podemos mencionar, ainda, o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei 13.005/2014, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, para o decênio 2014-2024, dentre as suas vinte metas, duas se relacionam diretamente à EPT, a saber: a meta 10, com o objetivo de ofertar “no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional” (BRASIL, 2014, p. 1); e a meta 11, que objetiva “triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público” (Brasil, 2014, p. 1).

Frigotto (2018) ao pesquisar os IFs, desde sua criação em 2008, questiona qual o foco dos IFs para efetivação do ensino médio integrado. Com isso em mente, o autor retoma alguns pontos atuais²⁶ como:

²⁶ [...] a classe dominante brasileira deflagrou golpes ditatoriais ou institucionais, de agosto de 2016, como o golpe contra as políticas públicas como a dos IFs que, mesmo dentro de grandes limites pelas opções tomadas pelos governos ‘populares’, incomodam aos detentores do capital nacional e mundial associados” (Frigotto, 2018, p. 9).

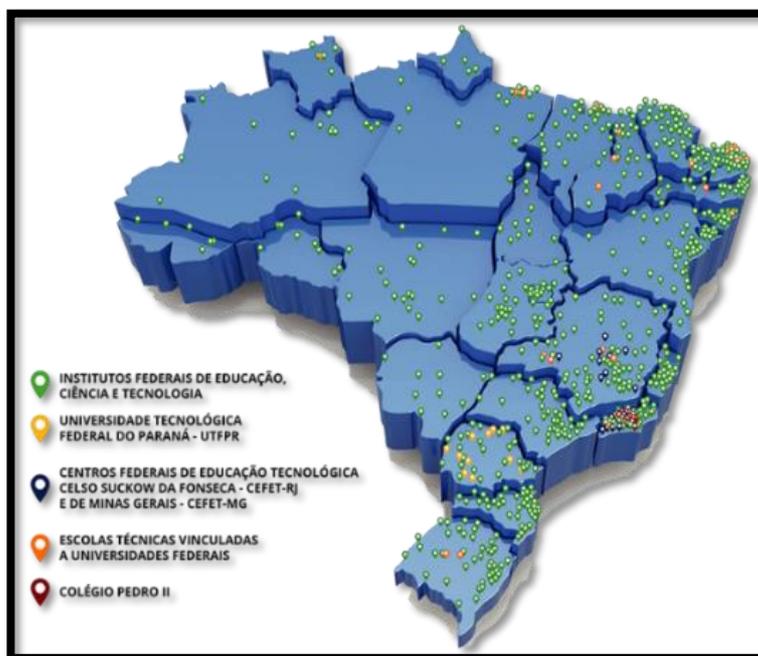
[...] o golpe de Estado consumado em agosto de 2016 e as primeiras medidas aprovadas, em particular a PEC 241, que congelou por vinte anos os investimentos no setor público, e a contrarreforma do ensino médio, por diferentes aspectos, colocam-se contra a expansão e manutenção da política dos IFs e a concepção de ensino médio integrado (Frigotto, 2018, p. 7).

Lembremos que os IFs, no momento, formam a maior parte da RFEPCT²⁷, mais especificamente, compreendem:

38 IFs; a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); 02 (dois) centros federais: o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG); as 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais (Lei nº 11.892/2008, art.1º); a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (Frigotto, 2018, p. 129). Dados atualizados conforme o ano de 2022.

É importante ressaltar que esses dados de referência são do ano de 2021, conforme busca na Plataforma Nilo Peçanha²⁸. Atualmente, já são 661 (seiscentos e sessenta e um) unidades, abrangendo a Rede Federal. Vide figura a seguir:

Figura 1- Rede Federal



Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes>>

²⁷ “A expansão da RFEPCT foi promovida durante o Governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e teve continuidade no primeiro mandato da Presidenta Dilma Rousseff (2011-2014)” (Frigotto, 2018, p. 113).

²⁸ Plataforma Nilo Peçanha foi iniciada em 2017 pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC) e destina-se à coleta, tratamento e publicação de dados oficiais da RFEPCT. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/plataforma-nilo-peçanha>>

Cumpra enfatizar a importância dessa rede nacional para nossa educação e para os Programas de Pós-graduação, como o próprio ProfEPT do IFTM, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, o qual oferta o mestrado profissional, fomentando, assim, uma formação continuada e de pesquisa científica no ensino.

Em síntese com a expansão dos IFs, no que diz respeito ao ensino médio integrado, “embora com sinais de crescimento, não constitui prioridade clara de um modo geral em todos os institutos, a não ser em alguns *campi*” (Frigotto, 2018, p. 147). Percebemos, então, que o aspecto em relevância, não corrobora completamente com a proposta curricular delineada no novo modelo em educação profissional e tecnológica criado pelo MEC:

Como princípio em sua proposta político-pedagógica, os Institutos Federais deverão ofertar educação básica, *principalmente em cursos de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico em geral; cursos superiores de tecnologia, licenciatura e bacharelado em áreas em que a ciência e a tecnologia são componentes determinantes, em particular as engenharias, bem como programas de pós-graduação lato e stricto sensu, sem deixar de assegurar a formação inicial e continuada do trabalhador e dos futuros trabalhadores* (MEC, 2010, p. 26, grifos nossos).

Ora, mediante essas divergências, como podemos definir se o EMI ofertado nos institutos, e a formação dos seus docentes, parte do princípio de integração, politécnica e da formação omnilateral? Quiçá, um princípio norteador possa ser as próprias concepções e proposições sobre as práticas pedagógicas no ensino integrado. Nessa esteira, segundo (Frigotto e Araujo apud Pistrak, 2009, p. 25):

O objetivo da educação do professor não é absolutamente fornecer-lhe um conjunto de indicações práticas, mas armá-lo de modo que ele próprio seja capaz de criar um bom método, baseando-se numa teoria sólida de pedagogia social; o objetivo é empurrá-lo no caminho desta criação (Frigotto; Araujo, 2018, p. 250).

Em outros termos, o trabalho, a ação pedagógica desenvolvida a partir do planejamento do professor, necessariamente não parte de uma concepção de trabalho pronta e acabada, mas flexível, tal qual, o docente seja capaz de criá-la, aliando teoria e prática. Em conformidade, lembremos de Freire (1996, p. 22) ao asseverar que: “ensinar não se limita apenas em transferir conhecimentos, senão também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo”. Por esse prisma, “o EMI não foi compreendido como um projeto político-pedagógico que se compromete com a formação ampla dos indivíduos”

(Frigotto; Araujo, 2018, apud Costa, 2012), impedindo, assim, uma proposta que, de fato, efetivasse a integração do ensino médio e técnico no âmbito escolar e sistemas de ensino:

- [...] (a) os docentes desconhecem os princípios e os pressupostos do currículo integrado ou têm apenas noções básicas sobre este projeto curricular [...].
- (b) apesar de identificarem algumas vantagens do currículo integrado, professores e técnicos educacionais reconhecem que não foram preparados de forma integrada e nem sequer aprenderam a dialogar com professores de outras áreas, portanto sentem dificuldades para dar materialidade ao currículo integrado;
- (c) falta um quadro próprio de professores efetivos em sala de aula [...].
- (d) não há programas permanentes de formação dos docentes e gestores orientados pela proposta de ensino integrado;
- (e) ainda é reduzido o financiamento destinado ao ensino médio e à educação profissional, em particular, e este não se fez suficiente para estruturar e qualificar as escolas.
- (f) também as práticas de gestão impõem dificuldades ao ensino integrado, já que ainda é incipiente a “participação coletiva efetiva de todos os sujeitos (trabalhadores, educadores, gestores públicos, pesquisadores) que estão envolvidos diretamente com o ensino integrado dentro da organização escolar” (Frigotto; Araujo, 2018 p. 254-255).

Não à toa, com base nestes dados a autora ainda afirma:

As diversas experiências de ensino integrado, nos diferentes estados das regiões brasileiras, de Norte a Sul do país, apresentam dificuldades quanto à materialização da proposta de ensino médio integrado enquanto conteúdo. A proposta se restringiu apenas à implantação da forma ensino médio junto com a formação profissional, mantendo-se a forma pragmática dos anos 1970, sem a materialidade da proposta filosófica, epistemológica e política (Costa citado por Frigotto; Araujo, 2018 p. 37).

Isto posto, podemos compreender que uma proposta com base filosófica parte do pressuposto de oferecer um ensino inovador, prático, democrático e, principalmente, humano. Corroborando, desse modo, com uma formação omnilateral, politécnica e integral, ao tomar o trabalho como princípio educativo, na medida em que desenvolve as capacidades humanas, intelectuais, práticas, sociais, econômicas, etc. De acordo com Moura (2013, p. 707):

[...] tendo em vista a realidade socioeconômica e educacional brasileira, em que grande parte dos filhos das classes populares precisam trabalhar antes dos 18 anos de idade [...], o objetivo a ser alcançado, na perspectiva de uma sociedade justa, é a formação omnilateral, integral ou politécnica de todos, de forma pública e igualitária.

Urge, portanto, que a formação omnilateral e integral aconteça, efetivando a equidade na educação pública. Nesse sentido, então:

Compreende-se que tanto na formação omnilateral, politécnica ou integral, cuja gênese está na obra de Marx e Engels, como na escola unitária, de Gramsci, se trata da formação de adolescentes, tendo como referência a autonomia e a emancipação

humana. Segundo o pensamento por eles defendido, formar, ainda na adolescência, o sujeito para uma determinada profissão potencializa a unilateralidade em detrimento da omnilateralidade (Moura, 2013, p. 707).

Diferente do que acontece em uma sociedade dividida em classes, regida por um sistema capitalista, na qual, cada vez mais, a formação dos trabalhadores visa apenas um fim imediato, qual seja, suprir o mercado de trabalho, servir de mão de obra. Ora, conforme estamos vendo ao longo deste texto, em um cenário de formação omnilateral, esse cenário seria voltado para o desenvolvimento humano, inclusive, compreendendo a totalidade do ser em seus aspectos intelectuais e físicos. Indo na contramão, então, desse modelo histórico da dualidade estrutural na educação profissional e tecnológica. A esse respeito, afirma Ramos (2007, p. 6):

[...] é preciso que o ensino médio defina sua identidade como última etapa da educação básica mediante um projeto que, conquanto seja unitário em seus princípios e objetivos, desenvolva possibilidades formativas que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais e econômicas dos sujeitos que o constituem – adolescentes, jovens e adultos –, reconhecendo-os não como cidadãos e trabalhadores de um futuro indefinido, mas como sujeitos de direitos no momento em que cursam o ensino médio.

É fato que, para efetivar um projeto assim, como nos apontam vários autores aqui citados, faz-se necessário o ativo progresso dos sujeitos para entenderem o mundo e construir suas concepções de vida mediante relações sociais pautadas em sua independência. Portanto, é possível afirmar que o ensino médio integrado, com base nos princípios da formação integrada, da politécnica e da formação omnilateral, proporciona, em grande medida, aos jovens e adultos, a oportunidade de formação tanto geral, quanto profissional, intelectual e manual, uma vez que concebe uma formação humana e inserção social, bem como educacional, que na integração das áreas do saber, torna-se fundamental para o desenvolvimento pessoal dos jovens.

Com isso em mente, partindo do cenário brasileiro antes da composição escolar, ou seja, aquele apresentado na “Tabela 4 - Reforma Capanema (1942-1946)”, torna-se patente as mudanças significativas que ocorreram desde então, conforme tabela abaixo:

Tabela 5- Composição dos Níveis Escolares - Lei LDB 9.394/96

<p>Art. 21. A educação escolar compõe-se de:</p> <p>I - Educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;</p> <p>II - Educação superior.</p>
<p>1ª ETAPA - EDUCAÇÃO INFANTIL</p>

creche: para crianças com até 3 anos de idade	pré-escola: para crianças de 4 a 5 anos de idade
2ª ETAPA – ENSINO FUNDAMENTAL (duração 9 anos)	
cinco anos iniciais – 1º ao 5º ano	quatro anos finais – 6º ao 9º ano
3ª ETAPA - ENSINO MÉDIO (novo ensino médio)	
formação geral	Formação específica - técnica
<ul style="list-style-type: none"> • 04 itinerários formativos; <ul style="list-style-type: none"> I - linguagem e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas. • BNCC - incluirá educação física, arte, sociologia e filosofia. 	<ul style="list-style-type: none"> • 01 itinerário formativo; <ul style="list-style-type: none"> V - formação técnica e profissional • Educação Profissional Técnica de Nível Médio / articulada - subsequente, integrada e concomitante ao Ensino Médio • ao fim dos três anos, certificado de formação técnica e também escolar – ambos incluídos na carga horária do novo ensino médio regular.
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria	
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II – de educação profissional técnica de nível médio; III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.	
EDUCAÇÃO SUPERIOR	
I - cursos sequenciais por campo de saber; II - de graduação; III - de pós-graduação (programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros); IV - de extensão.	
EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação; Educação Bilíngue de Surdos - Língua Brasileira de Sinais (Libras)	

Fonte: Lei LDB 9.394/96 - atualizada (ano 2022)

Com efeito, é perceptível que a educação, paulatinamente, tornou-se mais abrangente em relação às etapas e níveis do ensino, isso, além de não ser essencialmente voltada para a “educação industrial” e para o “mercado de trabalho”, como o fora antes na Reforma Capanema.

Quanto ao “Novo Ensino Médio”, a Lei nº 13.415/2017, alterou a de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio, definindo uma nova organização curricular, mais flexível. Buscando, assim, contemplar uma Base

Nacional Comum Curricular (BNCC)²⁹ e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, mediante, por exemplo, os itinerários formativos com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional, visando garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros, bem como aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, ao considerar as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade (Brasil, 2018).

Porém, há de se mencionar algumas controvérsias, no que diz respeito ao ensino profissional, como por exemplo, o artigo “A Educação Profissional Tecnológica na Base Nacional Comum Curricular: Concepções e Contradições”, posto que:

[...] a formação técnica e profissional, tanto na Lei 13.415/2017 quanto na BNCC, ficou restringida aos itinerários formativos, constatando-se que, quando se trata da educação integral na formação profissional há muitas contradições que emergem das proposições da política de organização curricular materializada na BNCC. [...] a educação básica precisa ser ofertada no sentido de permitir aos trabalhadores compreender o processo produtivo brasileiro e mundial. Para tanto, é fundamental mais do que saber operar as tecnologias de ponta, saber como é que a humanidade evoluiu ao longo dos anos, e essa compreensão exige a filosofia, a sociologia e todas as áreas do conhecimento como condição fundamental para o desenvolvimento humano [...] (Correia; Maldaner; Cavalcante; Sousa, 2020).

Com efeito, a despeito dos avanços já evidenciados, cabe destacar que a educação profissional e tecnológica ainda corre o risco de não ser compreendida como formação integral, politécnica e omnilateral, no sentido de contribuir e formar sujeitos mais reflexivos e atuantes em sociedade. Vejamos que as modificações e a formação dos estudantes com ênfase no mundo do trabalho, são contempladas na Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021, que discorre sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais (DCNG) para a EPT. Sendo que em seu Art. 3º estabelecem-se os princípios que norteiam a sua formação:

- I - articulação com o setor produtivo para a construção coerente de itinerários formativos, com vista ao preparo para o exercício das profissões operacionais, técnicas e tecnológicas, na perspectiva da inserção laboral dos estudantes;
- II - respeito ao princípio constitucional do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- III - respeito aos valores estéticos, políticos e éticos da educação nacional, na perspectiva do pleno desenvolvimento da pessoa, *seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho*;
- IV - *centralidade do trabalho assumido como princípio educativo* e base para a organização curricular, visando à construção de competências profissionais, em seus objetivos, conteúdos e estratégias de ensino e aprendizagem, na perspectiva de sua integração com a ciência, a cultura e a tecnologia;

²⁹ Conjunto de orientações que norteia a (re)elaboração dos currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil.

V - estímulo à adoção da pesquisa como princípio pedagógico presente em um processo formativo voltado para um mundo permanentemente em transformação, integrando saberes cognitivos e socioemocionais, tanto para a produção do conhecimento, da cultura e da tecnologia, quanto para o desenvolvimento do trabalho e da intervenção que promova impacto social;

VI - a tecnologia, enquanto expressão das distintas formas de aplicação das bases científicas, como fio condutor dos saberes essenciais para o desempenho de diferentes funções no setor produtivo;

VII - *indissociabilidade entre educação e prática social, bem como entre saberes e fazeres no processo de ensino e aprendizagem, considerando-se a historicidade do conhecimento*, valorizando os sujeitos do processo e as metodologias ativas e inovadoras de aprendizagem centradas nos estudantes;

VIII - interdisciplinaridade assegurada no planejamento curricular e na prática pedagógica, visando à superação da fragmentação de conhecimentos e da segmentação e descontextualização curricular;

IX - utilização de estratégias educacionais que permitam a contextualização, a flexibilização e a interdisciplinaridade, favoráveis à compreensão de significados, garantindo *a indissociabilidade entre a teoria e a prática profissional em todo o processo de ensino e aprendizagem [...]* (Brasil, 2021, p. 1-2, grifo nosso).

Destarte, em linhas gerais, a resolução apresenta múltiplos aspectos, tais como: a formação integral do estudante, o trabalho como princípio educativo, a pesquisa como princípio pedagógico, a teoria aliada à prática e à superação da desintegração de conhecimentos que se pautam com as bases conceituais inerentes a EPT.

3.3. OS MULTIFACETADOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Os processos de ensino e aprendizagem no contexto escolar, é importante sublinhar, não se reduzem apenas ao currículo, às disciplinas, e aos conteúdos conceituais das áreas específicas do conhecimento, diversamente, o docente não ensina somente sua disciplina, mas sim sobre como podemos conviver em relação à sociedade, por exemplo. Auxiliando, aliás, no conhecimento das potencialidades, habilidades e dificuldades que emergem nesse ambiente. Logo, os conteúdos que envolvem esse processo de aprendizagem estão para além do que meros conjuntos de informações sistematizadas e organizadas em torno de determinada área do conhecimento. De fato, são processos pedagógicos carregados de intencionalidades e reflexões sobre o trabalho desenvolvido no âmbito escolar. Nesse sentido,

Conhecimento significa compreender as relações entre os fenômenos, entender como a realidade se processa, como a sociedade se organiza, como os homens se relacionam entre si. [...]. A partir do conhecimento sistematizado, propiciado pela educação escolar, as crianças e jovens poderão se mover com segurança no universo das informações processando-as adequadamente [...] (Saviani, 2020, p. 13).

Ora, vivenciamos nesses últimos anos a pandemia de Covid-19, o que resultou, em razão do distanciamento necessário, na adoção do ensino remoto emergencial e suas potencialidades e debilidades. Fazendo com que alunos, professores e famílias se organizassem para continuar os estudos em meio a uma série de mudanças e adaptações envolvendo suas rotinas. Tendo isso em vista, cabe destacar que de acordo com Saviani (2011, p. 7) existem diferentes tipos de saber:

Conhecimento sensível, intuitivo, afetivo, conhecimento intelectual, lógico, racional, conhecimento artístico, estético, conhecimento axiológico, conhecimento religioso e, mesmo, conhecimento prático e conhecimento teórico. Do ponto de vista da educação, esses diferentes tipos de saber não interessam em si mesmos; eles interessam, sim, mas enquanto elementos que os indivíduos da espécie humana necessitam assimilar para que se tornem humanos. Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender [...]. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem [...]. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente.

Em outras palavras, o conhecimento humano está para além de sua capacidade de apreender, dado que envolve também suas habilidades de criação, construção, transformação e experimentação, a título de exemplo. Nessa esteira, segundo Vigotski (2007, p. 11-12):

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem.

Com efeito, o conhecimento e, conseqüentemente, a aprendizagem, ocorre na produção da linguagem em experiências pessoais. Por óbvio, portanto, a aprendizagem é um processo complexo que ocorre mediante a inter-relação dos aspectos sociais e culturais nos quais o indivíduo está inserido e, para que ela ocorra efetivamente, é necessário que o professor saiba suscitar a relação do ensino com o seu contexto histórico social. Ressaltando a importância da aprendizagem significativa³⁰ na produção da linguagem, na recepção do conhecimento e na interação social:

O conhecimento é significativo por definição, resultando de um processo psicológico que envolve a interação entre ideias culturalmente significativas, já “ancoradas” na

³⁰ “É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-litera e não-arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva” (Moreira, 2010, p. 2).

estrutura cognitiva particular de cada aprendiz e o seu próprio mecanismo mental para aprender de forma significativa (Ausubel, 2003, p. x).

Faz-se necessário, então, um processo ativo de ação e reflexão a partir do conhecimento prévio do próprio aprendiz, sendo que no âmbito escolar, deve ser mediado pelos docentes em face de sua experiência pedagógica. Portanto,

[...] os conhecimentos e modo de ação são frutos do trabalho humano, da atividade produtiva científica e cultural de muitas gerações, no processo da prática histórico-social. [...] a herança recebida da história anterior vai sendo modificada ou recriada, de modo que novos conhecimentos são produzidos e sistematizados (Libâneo, 2003, p. 129)

Assim sendo, é fato que os conhecimentos produzidos e sistematizados devem fazer parte da ação pedagógica do professor ao ministrar conteúdos já existentes no currículo³¹ escolar, todavia, o processo de ensino-aprendizagem também requer novas experiências, como àquelas traduzidas no conhecimento prévio vivenciados pelos estudantes.

Moreira (2017, p. 13), ao definir aprendizagem, apresenta alguns exemplos a respeito: “condicionamento, aquisição de informação (aumento do conhecimento), mudança comportamental estável, uso do conhecimento na resolução de problemas, construção de novos significados, de novas estruturas cognitivas, revisão de modelos mentais”. Ou seja, ainda que os processos de ensino e aprendizagem seja complexo, envolvendo várias facetas, de fato, ele se apresenta como característica inerente ao ser humano, visto que estamos continuamente interagindo com algo ou alguém. Não à toa, a aprendizagem é um rico campo de estudos, aliás, nas palavras de Paulo Freire (1967, p. 108) o aprendizado deve ser encarado como: “[...] uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita”.

Entretanto, aprender é um processo individual e cada ser humano tem seu tempo para aprender, bem como um jeito próprio de acessar e processar a informação, ou seja, não se trata de uma capacidade igual, com as mesmas possibilidades e no mesmo tempo e espaço. Ademais, existem aprendizagens diversas em diversos espaços. Nesse sentido, indubitavelmente, o ensino remoto emergencial trouxe consigo consequências outras na aprendizagem dos alunos. Basta ver que, a despeito dos efeitos da pandemia de Covid-19, o ensino continuou e (re)descobriu novos caminhos.

³¹ “[...] Na construção espacial do sistema escolar, o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, ressignificado” (Arroyo, 2013a, p. 13).

A título de ilustração, podemos citar dentre as variáveis que o ensino remoto emergencial trouxe à tona ou mesmo intensificou com sua nova realidade de interação: a) a urgência do conhecimento sobre as ferramentas tecnológicas e de sua democratização e b) o maior acompanhamento da família no ambiente escolar. Agora, com o retorno do ensino presencial, quais as contribuições que essa experiência pode nos gerar? Mesmo porque, apesar das dificuldades, novos saberes foram construídos em comunidade.

4 DA ANÁLISE DO DISCURSO AO DISCURSO DOCENTE EM ANÁLISE

"O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar"
(Foucault, 1996, p. 10).

Após o percurso teórico tecido até aqui, indo das ressonâncias da pandemia de Covid-19 na educação brasileira à modalidade específica da Educação Profissional Técnica, nesta seção nos deteremos na descrição e discussão do método elegido e seus resultados, qual seja, a análise do discurso de linha francesa, com vistas a analisar o discurso do docente da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado do IFTM, Campus Uberlândia Centro, no que diz respeito à sua percepção acerca dos efeitos da pandemia sobre o ensino. Segundo Eliezer Pacheco (2010, p. 16), os Institutos Federais:

[...] surgem como autarquias de regime especial de base educacional humanístico-técnico-científica, encontrando na territorialidade³² e no modelo pedagógico elementos singulares para sua definição identitária. Pluricurriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes níveis e modalidades de ensino, é, porém, ao eleger como princípio de sua prática educacional a prevalência do bem social sobre os demais interesses, que essas instituições consolidam seu papel junto à sociedade. E na construção de uma rede de saberes que entrelaça cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da sociedade, identificam-se como verdadeiras incubadoras de políticas sociais.

Ainda, segundo Pacheco, os IFs representam uma proposta de educação prática, pois buscam: “[...] estabelecer sintonia com outras esferas do poder público e da sociedade, na construção de um projeto mais amplo para a educação pública – com singularidades que lhe são próprias –, passando a atuar como uma rede social de Educação Profissional, científica e tecnológica” (2010, p. 17-18). Em consonância, portanto, podemos citar o IFTM, haja vista sua missão, “Ofertar a Educação Profissional e Tecnológica por meio do Ensino, Pesquisa e Extensão promovendo o desenvolvimento na perspectiva de uma sociedade inclusiva e democrática” (2016, p. 5). Aliás, lembremos que os IFs, no momento, formam a maior parte da RFEPC³³, visto que compreendem:

³² A palavra territorialidade é utilizada como sinônimo de “pertencer àquilo que nos pertence. [...] sentimento de exclusividade e limite [que] ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. [...]. Estende-se aos animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem” (Santos, Silveira, apud Pacheco, 2010, p. 16).

³³ “A expansão da RFEPC foi promovida durante o Governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e teve continuidade no primeiro mandato da Presidenta Dilma Rousseff (2011-2014) (Frigotto, 2018).

38 IFs; a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); 02 (dois) centros federais: o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG); as 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais (Lei nº 11.892/2008, art.1º); a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (FRIGOTTO, 2018, p. 129). Dados atualizados conforme o ano de 2022.

Sendo o perfil do mestrado a modalidade EPT, optamos pelo público da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFTM, Campus Uberlândia Centro³⁴. Cabe destacar que esse IF foi instituído a partir da incorporação ao patrimônio do IFTM de um imóvel de 2.226 m² de área construída, situado em terreno com 4.370 m² de área à rua Blanche Galassi, 150, bairro Morada da Colina, Uberlândia – MG, denominado Centro de Excelência em Serviços de Uberlândia. Sua incorporação, inclusive, ocorreu mediante celebração de Termo de Compromisso entre o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial, o Município de Uberlândia, o IFTM e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. O termo foi assinado em 3 de dezembro de 2009 e publicado no Diário Oficial da União em 7 de dezembro de 2009.

Desse modo, em 1º de fevereiro de 2010, o Núcleo Avançado de Uberlândia foi inaugurado pelo Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, com o nome de IFTM Campus Avançado Uberlândia. Já no dia 24 de abril de 2013, foi publicada Portaria Nº 330, do Gabinete do MEC, com autorização de transformação do IFTM Campus Avançado Uberlândia para IFTM Campus Uberlândia Centro.

Com base na Resolução n. 37/2019, de 29 de abril de 2019, que aprovou o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)³⁵ (2019 - 2023), os principais pontos sobre o IFTM Uberlândia Centro resumem-se a: a) sobre o plano de oferta de cursos e vagas, os cursos estão apresentados e separados nas formas e níveis de ensino: técnicos de nível médio - concomitante, integrado ou subsequente; técnicos de nível médio - PROEJA; de Graduação - licenciaturas, bacharelados e tecnologias; Pós-graduação - especialização, mestrado e doutorado; e cursos/programas de extensão; b) acredita-se que isso permitirá uma melhor visualização e o acompanhamento da distribuição dos cursos e das vagas no IFTM, visando o atendimento ao

³⁴ IFTM. Instituto Federal do Triângulo Mineiro Campus Uberlândia Centro - IFTM. Histórico. Disponível em: <<https://iftm.edu.br/uberlandiacentro/historico/>> Acesso em: 12 de ago. de 2022

³⁵ O PDI do IFTM abrange o período de 2019 a 2023 e tem como principal objetivo nortear o desenvolvimento da instituição por meio do planejamento estratégico, definindo ações e atividades a serem desenvolvidas tanto no plano acadêmico como administrativo, destacando-se o Projeto Pedagógico Institucional (PPI), a organização didático-pedagógica e administrativa, bem como o planejamento de oferta de cursos e a infraestrutura (IFTM, 2019, p.15).

que determina a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que institui a RFEPCCT, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências, e ao Decreto Nº 5.840, de 13 de julho de 2006, que institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA e c) de acordo com tais legislações, no mínimo 50% das vagas do Instituto deverão ser destinadas à educação profissional técnica de nível médio, 20% aos cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas à formação de professores para a educação básica, e 30% aos demais cursos de graduação. Desses totais, 10% das vagas deverão ser destinadas ao PROEJA, tomando como referência o quantitativo de matrículas do ano anterior. Segue tabela:

Tabela 6- Oferta de vagas para os cursos existentes no IFTM Campus Uberlândia

Cursos Técnicos de Nível Médio				
Técnico concomitante em Redes de Computadores	Presencial	Concomitante ou Subsequente - Duração do curso: 1 ano e 6 meses	Vespertino	30 vagas
Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Integrado ao Ensino Médio	Presencial	Integrado - Duração do curso: 03 anos	Diurno	30 vagas
Técnico em Programação de Jogos Digitais Integrado ao Ensino Médio	Presencial	Integrado	Diurno	30 vagas
Técnico em Comércio Integrado ao Ensino Médio	Presencial	Integrado	Diurno	30 vagas
Cursos de Licenciatura				
Licenciatura em Computação	Presencial	1	Noturno	30 vagas
Cursos de Bacharelado e Tecnologia				

Tecnologia em Logística	Presencial	Anual	Noturno	40 vagas
Tecnologia em Marketing	Presencial	Semestral	Matutino	40 vagas
Tecnologia em Sistemas para Internet	Presencial	Anual	Noturno	30 vagas
Cursos de Pós-graduação				
Especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar	Presencial	Anual	Diurno	30 vagas
Tecnologias Linguagens e Mídias na Educação	Presencial	Anual	Diurno	30 vagas
Novos cursos a serem implantados				
Cursos Técnicos de Nível Médio				
Desenvolvimento de Sistemas	Presencial	Integrado	Diurno	35 vagas

Fonte: Autora

No que concerne ao corpo docente³⁶ do IFTM Campus Uberlândia centro, ele é composto por Professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), efetivos da carreira do Magistério e Professores Substitutos. Sendo que, no total são cerca de 53 professores, em sua maioria mestres e doutores.

Sobre a infraestrutura física, o processo de expansão de uma instituição, necessariamente, reflete-se na sua infraestrutura e suas implicações para corresponder às demandas do ensino, da pesquisa e da extensão. Assim, o IFTM tem procurado ampliar, manter e qualificar a sua estrutura levando em consideração o desenvolvimento das áreas e as necessidades da comunidade acadêmica, dentre as quais merece destaque a questão da acessibilidade. É importante mencionar que, no Campus Uberlândia Centro do IFTM, as salas

³⁶ Fonte: SIAPE/IFTM PRODIN/DGP MAD-RH em 31/12/2018

de aula contam com Datashow, tela de projeção e há também duas salas com lousa digital. Os laboratórios de informática são conectados à internet e o acervo bibliográfico da Biblioteca é constituído por 3.592 livros e possui salas de estudos em grupo, baias para estudo individual e sala para processamento técnico.

4.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

"Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema" (Fernandes, 2008, p. 12).

Antes de entrar na etapa da análise das entrevistas com os docentes propriamente dita, que, aliás, será apresentada e discutida na próxima seção, é importante destacar, uma vez mais, que a chave interpretativa elegida para esse movimento exegético é a Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Em vista dessa escolha metodológica, nas próximas páginas há um breve resumo teórico-histórico, a fim de situar minimamente o leitor acerca da visão de mundo e de homem da qual este trabalho compartilha e que atravessa toda esta escrita. Sobretudo esse momento analítico por excelência.

Em suma, a AD de linha francesa inicia-se em meados da década de 1960, ao passo que, no Brasil, seus primeiros passos se dão a partir de meados das décadas de 1980, por óbvio, com a abertura política e fim da ditadura (Fernandes, 2008). Mesmo porque, nessa época não era possível explicitar posicionamentos de sujeitos em vista do repressivo AI5.

Isto posto, cabe sublinhar que, influenciada principalmente pela psicanálise³⁷, a AD propõe um rompimento com a noção cartesiana de transparência e neutralidade da linguagem, afinal, como Sigmund Freud demonstrou em sua teorização acerca das feridas narcísicas sofridas pelo homem nos últimos séculos, não apenas fomos deslocados do centro do universo por Nicolau Copérnico e descentrados dos planos em torno da criação por Charles Darwin, mas também:

³⁷ O psicanalista francês, Jacques Lacan, ao propor um retorno à letra freudiana, incorpora à psicologia “[...] um tema contemporâneo, de matriz saussuriana, e muito presente nas filosofias do século XX, a saber, a *linguagem*. Entender como Lacan traz ao domínio da investigação psicológica esse tema é um modo de compreender um dos problemas que constituem a própria psicologia como âmbito de pensamento outono” (Soria, 2013, p. 175).

A terceira afronta, de natureza psicológica, é talvez a mais sentida. Embora humilhado exteriormente, o homem sente-se soberano em sua própria psique. Ele criou, em alguma parte do âmago de seu Eu, um órgão inspetor, que vigia seus impulsos e ações, para que coincidam com suas exigências. Não sucedendo isso, são impecavelmente inibidos e recolhidos. [...]. De repente, surgem pensamentos que não se sabe onde vêm; tampouco se tem como expulsá-los. Esses hóspedes desconhecidos parecem até mais poderosos do que os submetidos ao Eu; resistem a todos os meios coercivos da vontade, aprovados em muitas ocasiões, e permanecem imperturbados ante a refutação lógica, indiferentes ao desmentido da realidade (Freud, 2010, p. 246-247).

Concomitantemente ao fato de ser crítica a duas fortes correntes ligadas ao campo da linguagem à época, quais sejam, o estruturalismo francês e a gramática gerativa transformacional norte americana, uma vez que ambas, cada qual ao seu modo, excluía a historicidade de seu objeto de estudo. Ao passo que, “para Pêcheux³⁸, a classe social, a interpeleção cultural e sócio histórica do sujeito são elementos determinantes dos sentidos” (Marques, 2011, p. 60).

Em tempo, considera-se como marcos inaugurais da AD a publicação de *Análise Automática do Discurso*, do próprio Michel Pêcheux, e também o lançamento da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, ambos em 1969 (Guerra, 2009). Aliás, acerca desse contexto sócio-histórico que envolve a gênese da AD, cumpre lembrar que na França, e em especial em Paris, havia uma:

[...] espécie de fúria estudantil contra os valores tradicionais e a favor da “liberdade” (de pensamento, de expressão), em prol da conquista dos direitos das minorias (trabalhadores, mulheres, homossexuais, não-brancos, etc), da reforma do ensino nas Universidades, etc., em confluência com a postura crítica dos formadores de opinião, pensadores dos mais diversos campos do saber que sustentavam algo de novo, especialmente nas Universidades, e que faziam uma contraposição aos Psicologismos, Sociologismos, Logicismos e empirismos gerais da ciência positivista vigente na época (Patti; Abrahão e Souza; Garcia, 2017, p. 222)

Nascimento esse, portanto, marcado por uma ânsia crítica de contestação, não à toa, a AD terá como objetivo capital combater o formalismo linguístico vigente, na medida em que fomenta uma desautomatização na relação com a linguagem e, conseqüentemente, joga luz novamente no sujeito que, ao que parece, havia sido deixado à margem:

³⁸ É interessante pontuar que "Pêcheux é um filósofo de formação, mas um filósofo fascinado pelas máquinas, pelas ferramentas, pelos instrumentos e pelas técnicas, por razões profundamente enraizadas em sua história pessoal e antecedentes familiares. E ele não é um filósofo qualquer, mas sim um filósofo convencido de que a prática tradicional da filosofia, em particular no que tange às ciências, está desprovida de sentido ou é, no mínimo, um fracasso. Por prática clássica da filosofia em relação às ciências, deve-se compreender essa prática que pretende legislar em matéria de ciência, de cientificidade, de legitimidade epistemológica e coisas semelhantes. Ele está convencido de que uma crítica unicamente filosófica das ciências sociais não pode ir muito longe, mesmo estando convicto de que as ciências sociais não são ciências e não são nada mais que ideologias” (Henry, 1997, p. 18).

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (Pêcheux, 1988, p. 160).

Enfim, é a partir desse potente arcabouço teórico interdisciplinar agenciado pela AD de linha francesa, sobretudo na figura dos franceses Pêcheux e Foucault, que na seção subsequente será fundamentada toda a exegese das entrevistas realizadas nesta investigação.

4.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

“[...] um discurso faz parte de uma teia discursiva que, em sua formulação, aciona outros discursos não apenas retomando-os, mas também possibilitando a refutação, o apagamento de outros discursos que também significam” (Marques, 2011, p. 633).

Optamos por aplicar o seguinte recorte; cerca de oito docentes e que lecionem nos cursos a seguir: a) Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Integrado ao Ensino Médio; b) Técnico em Programação de Jogos Digitais Integrado ao Ensino Médio e c) Técnico em Comércio Integrado ao Ensino Médio. Levando em conta, assim, não apenas o caráter científico em si mesmo, mas também sua exequibilidade.

Partindo, então, de uma metodologia de natureza iminente qualitativa, visto que lançamos mão da técnica de entrevista semiestruturada para escutar esses sujeitos que tanto foram impactados pela pandemia de Covid-19. Desse modo, após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que ocorreu em 3 de maio de 2023, solicitamos às secretarias dos cursos supracitados que nos enviasse o contato de, aproximadamente, oito docentes e, após o aceite, via carta convite encaminhada por e-mail, agendamos as entrevistas para os dias 9, 11, 12 e 16 de maio de 2023, na própria instituição de ensino.

Já quanto à entrevista semiestruturada propriamente dita, cabe ressaltar que ela foi composta por seis perguntas abertas que, em síntese, abordaram questões relativas ao ensino presencial, ao Ensino Remoto Emergencial e às estratégias desenvolvidas nesse interim. Em média, as entrevistas duraram de 30 a 45 minutos e foram todas gravadas em áudio via celular, a fim de que posteriormente as transcrevêssemos. Essa transcrição completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação. Além disso, todos os nomes foram trocados por letras do alfabeto aleatoriamente, de modo a preservar o anonimato exigido na situação.

Quanto à primeira pergunta, que versava acerca da percepção dos efeitos da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino e aprendizagem no IFTM campus Uberlândia Centro, chama a atenção que a maioria dos docentes mencionaram a íntima relação entre a saúde mental dos estudantes com o processo de ensino-aprendizagem, vide: “[...] a gente percebeu uma dificuldade, às vezes, de interação social, muitos voltaram com, com crises de ansiedade. É, dificuldade mesmo de... de voltar ao convívio, acho que por conta do período de isolamento” (Entrevistado B, 2023), ou houve “[...] uma série de casos de alunos com, diagnosticados com síndrome do pânico [...] que relatavam crises de ansiedade, é... sintomas de depressão (Entrevistado F, 2023) e:

[...] gerou um monte de ansiedade, gerou um monte de questões de ordem emocional e a gente sabe que... é... o aprendizado está ligado ao cognitivo, no entanto, não dá pra descolar a pessoa do emocional, né? [...] A gente teve muitas questões, encaminhamos muitos estudantes pra psicólogo, com ansiedade, com depressão (Entrevistado R, 2023).

Afinal, como pensar em questões pedagógicas passando ao largo de um alunado com, cada vez mais, crises de ansiedade e depressão, conseqüentemente, menos capacidade de se concentrar? Não causa surpresa que alguns professores relataram uma certa queda na autonomia dos estudantes nesse mesmo período: “Eles perderam, acho que essa foi a expressão, eles perderam a autonomia, queria saber o que fazer, tinham que esperar tudo pronto [...] (Entrevistado R, 2023) e “[...] perdidos assim, no sentido de... autonomia, de fazer as coisas sem precisar de ficar pedindo, sabe?” (Entrevistado G).

Ora, a Análise do Discurso (AD) parte da premissa que o sujeito não é uno, diversamente, é heterogêneo, dividido e atravessado pela linguagem e seus desdobramentos históricos, políticos, sociais e *psíquicos*: “Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo” (Foucault, 1995, p. 114). Nesse sentido, coloca-se em xeque tanto uma concepção de linguagem circunscrita a expressão do pensamento, quanto reduzida a um mero instrumento de comunicação, mesmo porque, em ambos os casos, os partícipes dessa ação parecem ser, essencialmente, passivos, completamente cômicos e, por conseguinte, não estão ligados a um contexto real de produção, negociação de sentidos:

A contradição funciona, então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade. [...] O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que

desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência. [...] (Foucault, 2008, p. 170-171).

Ao passo que se abre espaço para compreender a linguagem como um discurso localizado no tempo e no espaço, efeito da interação entre dois ou mais sujeitos e marcada pela ideologia³⁹, pelos desejos e pelos jogos de poder inerentes ao mundo humano:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p. 8-9).

Torna-se claro, então, que a AD não se confunde com uma análise gramatical ou sintática, no sentido puramente textual, mas sim vai ao encontro do sujeito que se põe em movimento por meio do discurso. Não por acaso, Michel Pêcheux, com isso em mente, em meados da década de 1960⁴⁰, aproxima, em grande medida, algumas das constatações teóricas de Marx⁴¹, Freud e Saussure, com o objetivo de consubstanciar a AD. Do primeiro, ele privilegia a noção de ideologia, enquanto que do segundo, ele foca na concepção de sujeito, e, por sua vez, no terceiro e último, Saussure, Pêcheux utiliza sua conceitualização da língua (Silva, 2009). Fomentando, dessa forma, uma concepção de linguagem que passa ao largo de uma visão autotélica, ensimesmada, e agencia uma aproximação com os campos supracitados.

[...] a teoria do discurso é o lugar onde se intrincam língua, sujeito e história. Todos esses elementos formam uma rede conceitual de modo que os sentidos estão imbricados aos lugares que os sujeitos ocupam e que são ideologicamente marcados. Nessa vertente, os sentidos se deslocam na História, se movimentam e ativam memórias (Marques, 2011, p. 633).

³⁹ A Ideologia, para Althusser, é uma organização específica de práticas significantes que vão construir os seres humanos como sujeitos sociais e que produzem as relações vivenciadas mediante as quais tais sujeitos vinculam-se às relações de produção dominantes em uma sociedade. Enquanto termo, abrange todas as diversas modalidades políticas de tais relações, desde a identificação com o poder dominante até a atitude de oposição a ele (Eagleton, 1997, p. 30).

⁴⁰ No que se refere especificamente ao Brasil, “[...] a Análise do Discurso já apresenta seus vestígios, no período de 1962 a 1974, com os textos e livros de Carlos Henrique Escobar. Esses textos–produzidos por militantes marxistas brasileiros, quase que na mesma época das discussões dos grupos de Althusser, Pêcheux e Foucault – falam de momentos de repressão no Brasil. A revista *Tempo Brasileiro* é um exemplo desses discursos ao apresentar em suas páginas a pluralidade de manifestações políticas” (Tavares, 2021, p. 131).

⁴¹ “Para uma série de autores identificados com a tradição marxista, há uma inexorável relação entre sujeito e sociedade, visto que só existe sujeito porque constituído em contextos sociais e que estes últimos são resultado da ação concreta de homens que coletivamente se organizam. Na perspectiva sócio-histórica que demarca esse conjunto de teóricos, a constituição do psiquismo humano é tema central, na medida em que procura explicar como o ser humano se constitui, constitui o social e é constituído por ele”. (PEREIRA; SANCHIS; MOREIRA, 2010, p.8)

Isso posto, no que se refere à segunda questão, a saber, sobre a avaliação da atuação do Governo Federal diante da pandemia, houve, praticamente, uníssono dos docentes ao avaliarem negativamente. Indo, assim, ao encontro do capítulo de número 2 (dois) desta dissertação, intitulado *A pandemia de Covid-19 e suas reverberações na educação brasileira*. Por óbvio, alguns com mais veemência, outros de maneira mais discreta:

[...] Eu me insiro nessa linha de pensamento que de fato vai criticar as atitudes do governo em relação à omissão, à negligência, né? A demora do processo de... de campanha de vacina, então, eu me insiro nesse grupo que critica essas situações de omissão, de negligência, né? Da... o suporte e de maneira muito desrespeitosa, como que o próprio Governo Federal tratou todo esse processo (Entrevistado F, 2023)

Em termos de... de apoio do governo, o governo foi falar do Governo Federal à época, tá? É... foi lastimável [...]. Não vou falar do ponto de vista é... político partidário, né? Vou falar do ponto de vista de que um governo, um representante de Estado deveria agir num momento como esse... de transmitir confiança, transmitir apoio [...] (Entrevistado A).

Do governo Bolsonaro. O governo Bolsonaro foi... a pior experiência política que eu já vivi, enquanto professora de História. O governo Bolsonaro é um governo desumano, é um governo fascista, é um governo é... que em momento nenhum, em momento nenhum, ele colocou como prioridade a vida humana. Então, a gente viu, é... um governo que esculachava da morte, que zombava da dor, que imitava uma pessoa é... com dificuldades respiratórias, né? [...] O Brasil viveu um cenário de morte, de desprezo, a gente teve uma crise humanitária, foi um dos países que mais sofreu com a... com essa crise, né? E o governo... agora tá vindo tudo à tona, né? (Entrevistado Q, 2023).

Em tempo, cabe destacar que vários dos entrevistados ressaltaram que a omissão do Governo Federal não se refletiu na administração do IF, diversamente, no âmbito interno eles se organizaram e, na medida do possível, atenderam às demandas, do social, passando pelo tecnológico e chegando ao econômico, que não cessavam de pulular: “Bem, essa disponibilidade, ela não foi uma disponibilização feita pelo governo. Como eu disse, institucionalmente, a gestão trouxe possibilidades de uso de ferramentas gratuitas” (Entrevistado F, 2023).

Então, a gente conseguiu se organizar bem [...] Aqui a gente tentou se organizar de todas as formas possíveis. É... o governo, eu acho que ele fez o que... aí, como que eu respondo? Tipo assim, eu acho que foi feita algumas ações, mas mais por pressão do que por própria vontade do... do governo, né? (Entrevistado J, 2023).

Então, assim, em termos de gestão local, a gente teve bastante suporte [...] buscavam, por exemplo, a gente tinha um professor que era muito versado em... em tecnologia e aí a própria... gestão organizava com esse professor, pra marcar momentos com todos os colegas, pra orientar os colegas como é que fazia com a tecnologia e com recurso. Então, localmente a gente teve muito suporte, né? [...] Mas não veio nada de cima, do MEC, do Governo Federal, não veio nada dizendo: vamos fazer assim, vou te... vou te ensinar a fazer isso, nada (Entrevistado R, 2023).

De fato, não se deve olvidar “[...] as ações do governo federal voltadas a impedir que medidas de isolamento social e de proteção aos segmentos mais pauperizados da população se efetivem” (Praun, 2020, p. 3).

Isto é, se na primeira questão o aspecto psíquico emergiu organicamente em meio à discussão do processo de ensino-aprendizagem, agora, na segunda, o âmbito político revela seus atravessamentos inerentes no território da educação. Deixando claro a importância desse ato investigativo ora em tela, na medida em que ele fomentou a possibilidade desses sujeitos falarem a respeito de um momento traumático coletivo.

Com efeito, trata-se, em grande medida, de sublinhar que em sua fala, para além de sua subjetividade marcada pelo inconsciente, consequentemente clivado, também há marcas das várias vozes que pertencem ao registro sócio-ideológico. Isto é, “o interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente” (Orlandi, 2005, p. 11). Em síntese, há uma espécie de cadeia discursiva infinita, uma vez que toda enunciação se situa em relação a uma primeira que a põe, em alguma medida, em movimento. Nessa esteira, a formação discursiva pode ser entendida da seguinte maneira: “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2009, p. 160).

Não se deve esquecer que, diferentemente das ciências da natureza e seu método científico indutivo, as ciências humanas não possuem como objeto de estudo o exterior, o fora, mas sim o próprio homem em suas várias facetas:

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi, 2009, p. 15).

Em outras palavras: “Pêcheux considera a linguagem como um sistema capaz de ambiguidade e define a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem” (Orlandi, 2005, p. 1).

Já em relação à terceira pergunta, qual seja, sobre a disponibilização das ferramentas tecnológicas necessárias no cenário pandêmico, ficou evidente que foram os próprios docentes,

bem como a gestão local do IF que conseguiram os recursos necessários, a fim de continuar as aulas com o menor dano possível: “[...] as ferramentas tecnológicas, elas foram, na verdade, providenciadas pelos próprios docentes, porque se o trabalho ficou remoto, cada um trabalha no seu computador, na sua casa e com a sua internet, né? (Entrevistado K, 2023), ou “É, a gente teve muitos colegas de trabalho que dominava muito bem, que era do... do campo da tecnologia. Então, eles ministravam vários cursos pra gente, entendeu? [...] Então, assim, a gente teve vários cursos dos próprios colegas que nos... nos ajudaram” (Entrevistado Q, 2023) e:

[...] foi tudo por nossa conta, nossa, quando eu digo nossa, local, né? O campus Uberlândia Centro deu muito suporte, orientou, ajudou. Eu me lembro de gente que pegou até máquina emprestada, porque tava sem computador, sabe? Então, assim, daqui de dentro, localmente, foi muito boa essa, né? Essa organização, com esses minicursos, com esses webcursos, né? (Entrevistado R, 2023).

Além disso, cumpre enfatizar que os professores relataram que alguns alunos, obviamente aqueles com maior vulnerabilidade sócio-econômica, somente conseguiram continuar seus estudos graças às ações tempestivas do IF à época: “O aluno pode ir na biblioteca, utilizar o computador da biblioteca ou computador do laboratório de informática. Então, assim, a gente tenta não deixar ninguém fora do processo, mesmo que não tenha computador ou internet em casa [...] (Entrevistado K, 2023), e:

[...] a gente começou a perceber o seguinte, olha, nem todo estudante tem conexão com a internet, nem todo estudante tem computador em casa, né? Como é uma instituição pública de ensino é... a gente recebe estudante de tudo quanto é tipo de faixa de renda. Então, nesse campus, eu... eu imagino que nos outros campus do instituto houve uma questão de levantar dentro do nosso corpo discente, estudante, aqueles que tinham essa carência, né? Eu me lembro que na época até é... houve um recurso extraordinário para que o estudante, por exemplo, pudesse comprar um chip de... de celular, é... de operadora para poder conectar, conectar no smartphone para poder assistir às aulas. E, no segundo momento, parece que houve também nesse canto aqui, a gente teve é... empréstimos de notebook, tá? (Entrevistado A, 2023).

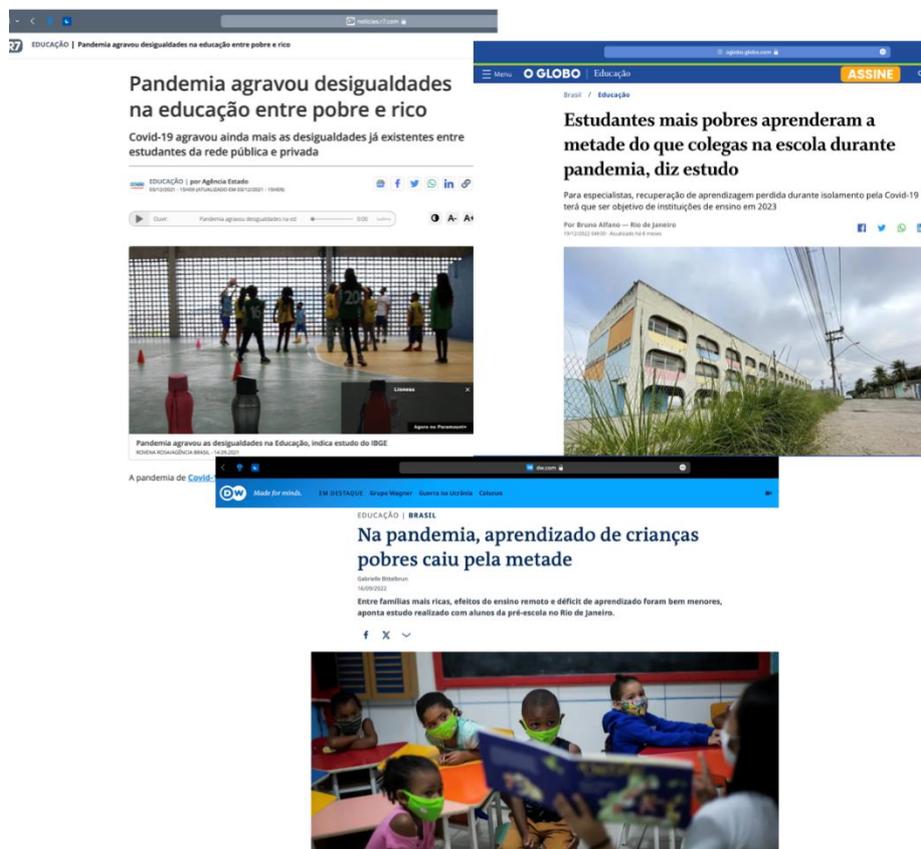
[...] para os alunos que não tinham acesso, procurou-se algum tipo é... de... de auxílio, auxílio internet, auxílio é... até alimentação. Eu lembro que na época reverteu a... a merenda escolar, né? Em cestas de alimentação para as famílias mais carentes. Teve também, se não me engano, o... a doação temporária de alguns computadores para os alunos que não tinham acesso. Então, a gente tentou da melhor forma possível é... suprir essas necessidades dos alunos mais carentes (Entrevistado J, 2023).

Tornando manifesto, assim, às diversas notícias de jornais que escancaravam o impacto da pandemia de Covid-19 na educação e, particularmente, aos com menos recursos financeiros.

Isso claro, além de agravar o abismo da desigualdade social que já existia e somente se alargou em meio a mistura trágica de políticas neo-liberais e emergência sanitária:

Nossa tragédia social foi produzindo, dia após dia, aos olhos de todos, ainda que nem todos quisessem ver, situações dramáticas, como a da morte de Miguel, garoto de cinco anos que caiu, em Recife, do nono andar de um prédio de classe média alta, lugar onde sua mãe trabalhava, em meio às medidas de isolamento social, como empregada doméstica (G1, 2020a). Esses e tantos outros exemplos reafirmam, tal como indicam Laurell (1982) e Seligmann-Silva (2011), a essência social da vida e dos processos de saúde-adoecimento. A morte de Miguel, garoto negro, filho de uma empregada doméstica, é simbólica de nossas desigualdades sociais. Está atravessada pelas clivagens de raça e gênero que hierarquizam a vida social como um todo e, de forma particular, o mercado de trabalho (Praun, 2020, p. 2).

Figura 2- Manchetes jornalísticas sobre a pandemia de Covid-19 e a desigualdade social



Fonte: Autor

Indo para a quarta pergunta, isto é, se os professores contaram com ações formativas, tendo em vista o modelo de Ensino Remoto Emergencial vigente naquele período, a maioria deles pontou que sim, ressaltando novamente que por iniciativa da própria instituição, seja da gestão ou dos seus professores no dia a dia. Entretanto, é oportuno ressaltar que, se por um lado, ações de formação são mais complexas, comumente envolvendo horas de estudo teórico, pois

exigem maior capacidade analítica, de outro, ações de capacitação são mais práticas e pontuais, posto que visam capacitar a pessoa a executar um trabalho específico. Conforme apenas um dos professores sublinhou: "Institucionalmente a gente tentou se organizar. Houve iniciativas, mas nada muito constante ou sistematizado. O que que eu quero dizer com isso? Houve momentos de capacitação, que há uma diferença entre capacitação e formação" (Entrevistado F, 2023). Ao passo que os demais não se detiveram nesse tipo de diferenciação: "Olha, nós tivemos, que eu me lembre, assim, ou um professor, porque o professor aqui do *campus*, ele, ele dá aula disso, né? Ele tem até um canal no *YouTube* tal, que ensinava a utilizar as ferramentas de *Classroom*, de *Meet*, de como gravar aula, de como editar as aulas" (Entrevistado K, 2023) ou:

Sim, foi... foi muito rápido, né? A gente... a gente precisou começar muito rápido, mas a gente tinha algumas reuniões, tinha alguns momentos que a gente conversava, que a gente tentava achar a melhor forma de, de trabalhar. Algumas pessoas com mais dificuldade, outras com menos, né? Mas a gente tentou aí construir sim, um modelo mais eficiente. [...]. Não era uma coisa, é, fácil, porque era novidade pra todo mundo, né? Então, a gente teve que tentar construir juntos alguma coisa que funcionasse (Entrevistado J, 2023).

No tocante à quinta questão, ou seja, se houve diferenças significativas entre a prática do Ensino Remoto Emergencial, durante a pandemia, e o já tradicional Ensino a Distância, conforme o esperado e já discutido também no segundo capítulo, que leva o título de *A pandemia de Covid-19 e suas reverberações na educação brasileira*, a maior parte dos docentes citou, imediatamente, a discrepância no fator planejamento, a heterogeneidade das ferramentas de trabalho, a maior parte das aulas síncronas:

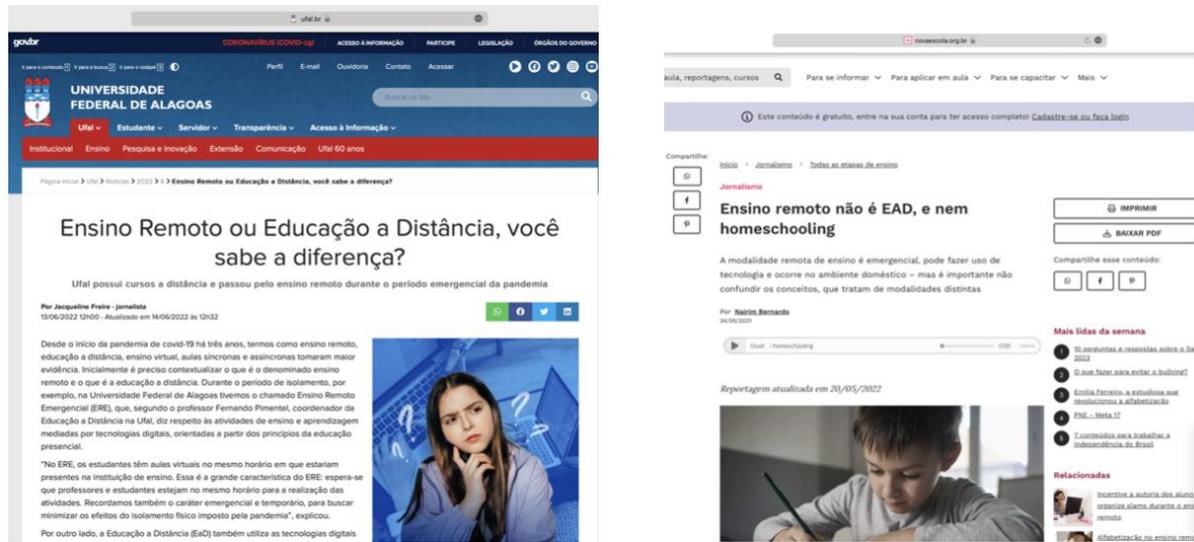
Sim. Ah, não, a gente tem plena noção de que são coisas distintas, né? É, o, o EAD é programado pra ser a distância, as tarefas são feitas depois, as aulas são assistidas é, é, a qualquer tempo, não era o nosso caso. O nosso caso, a nossa aula seguia o horário da aula, sabe? A gente, a gente chama de Ensino Remoto pra não cair nessa de comparar com EAD, né? A gente tinha, a gente tinha que fazer no horário da aula, o atendimento no horário da outra aula, tinha horário da monitoria que a gente, a gente manteve o nosso calendário, sabe? A gente manteve o nosso calendário, então, assim, não é EAD, o EAD você tem um prazo pra cumprir um módulo, né? Aí vem um outro módulo sequencial e o nosso não tinha isso, eram todas matérias ao mesmo tempo, agora, sabe? (Entrevistado R, 2023).

Da diferença entre o ensino remoto emergencial e o EAD tem, teve grandes diferenças. A primeira delas foi planejamento, preparação, quando você constrói um curso pra distância, esse curso ele é construído pra que o estudante consiga navegar ali por por conta própria, tá? Então, nós, de uma hora para outra, os professores, estudantes, fala assim, o, agora vocês estão em casa. Então, assim, você não, não teve tempo hábil para construir seu material pra adaptar seu material. O que a gente fez foi lançar mão dessas plataformas, né? De tá ali sempre presente. E eu achei isso interessante (Entrevistado A, 2023).

Houve diferenças? Sim, eu... eu nunca atuei diretamente no... no EAD, né? No... normalmente aqui na Instituição eles usam o *moodle*, tem outras instituições que eu sei que usou o *moodle* também pra essa época da pandemia, mas a gente não tinha acesso ao *moodle*, então a gente não usou. O que eu percebo de diferença, é, eu percebo que o Ensino Remoto a gente conseguia aproximar um pouquinho mais dos alunos, de que forma? Da forma como a gente fez aqui, a gente trabalhava com aulas. Aulas síncronas, né? E eu acho que com aulas síncronas, a gente ainda conseguia ter uma proximidade maior com os alunos do que o Ensino a Distância. Então, o Ensino a Distância tem os momentos de encontro, né? Mas eles são poucos ao longo do período lá, que, que o aluno está fazendo um curso. Aqui, não, a gente, durante o Ensino Remoto, nós tínhamos todo, toda semana a gente tinha um encontro com aluno, era metade do horário que normalmente a gente usava pras aulas presenciais, porque quando a gente tá trabalhando com o Ensino Remoto, transmissão de aula é bem mais cansativo você ficar em frente a uma tela. Mas, de certa forma, a gente tinha ali o contato com o aluno, né? É, constante, toda a semana, toda, assim, no período que estava previsto pra ele ter aula lá no horário, a gente tinha metade desse período, é, de interação, né? Então, eu, eu vejo isso como diferencial positivo em relação à forma como a gente aplicou o Ensino Remoto em relação ao Ensino, a Educação a distância. É, e aí, então, a gente conseguia ter um acompanhamento mais próximo do aluno também, né? Então, era semanal, ao invés de, de ter poucos períodos de encontro (Entrevistado B, 2023).

Dito de outro modo, resta evidente que no Ensino Remoto Emergencial, justamente por ser emergencial, ou seja, ter esse caráter de extraordinário, não há o planejamento exaustivo do Ensino Presencial ou a Distância que, por sua vez, contam, de antemão, com todas as informações e dados necessários para a sua organização. Além disso, chama a atenção que o último, o Ensino a Distância, tem como lastro maior ferramentas tecnológicas como o *Moodle*, o qual é acessado assincronicamente pelo estudante a qualquer momento, ao passo que no Ensino Remoto Emergencial, os principais instrumentos foram o *Google Meet* e o *Microsoft Teams*, ambos com caráter síncrono. A propósito, várias matérias de jornais e sites de instituições de ensino também publicaram sobre essa temática que estava em alta à época:

Figura 3- Ensino Remoto e Educação a Distância



Fonte: Autor

Enfim, no que concerne à sexta e última pergunta, qual seja, se a partir da experiência docente durante a pandemia houve alguma contribuição do Ensino Remoto Emergencial para os processos de ensino e aprendizagem no “pós-pandemia”, ou seja, já no retorno da modalidade presencial, muitos apontaram o maior aprofundamento em ferramentas tecnológicas como legado, como é possível ver nos excertos: "É, acho que meio que eu falei quando eu disse que ia, é, incorporei algumas coisas do Ensino Remoto pra a nossa prática atual, né? E aí, isso acho que foi algo positivo. A gente, é, conhecer novas ferramentas e utilizar novas ferramentas como alternativa" (Entrevistado K, 2023), e:

Eu acho que alguma coisa, algumas coisas algumas coisas ficaram, né? Então, a plataforma de conteúdo já é geral, praticamente todo mundo usa. É, acho que a gente expandiu mais o horizonte em relação às metodologias que podem ser usadas, né? Então, é, que a gente classifica como metodologias ativas, é, muitos, abriu, é, esse, esses cenários se apresentou para os professores e muitos continuam adotando, né? Metodologias, metodologias ativas no Ensino Presencial... E, de certa forma, alguns professores que eram avessos às tecnologias, agora [risos] já conseguem aceitá-las de maneira mais harmônica (Entrevistado B, 2023).

Olha, eu acho que sim. Eu acho que as plataformas, é, que a gente acostumou utilizar, elas foram muito boas, assim, né? O, as reuniões via *Google Meet*, o *Classroom*, que é onde a gente anexa os trabalhos, até então eu não utilizava. E aí é muito mais fácil de você se organizar, dos alunos se organizarem também. Eu acho que a questão do, do trabalhar com um pouco mais de autonomia também, acho que, é, pode contribuir pro aluno, né? Então eu vejo sim algumas coisas boas (Entrevistado J, 2023).

Embora, alguns docentes tenham apresentado dificuldades com relação ao processo de avaliação neste período, uma vez que:

[...] o que eu percebia era o seguinte; o estudante, quando a gente entrava em sala de aula, nessa sala virtual, você percebia que às vezes o estudante estava lá com a câmera ligada, ou às vezes ele estava com a câmera desligada, então, você não sabia do grau de atenção do estudante naquela aula, tá? Então, é, a gente perdeu esse vínculo de o que o estudante está tentando ou não. Então, você tinha o quê? Quando você tem uma sala de aula presencial, você tem, aquela, é, o *feedback* imediato do olhar do estudante com professor, você vê, olha, não está prestando atenção, está prestando atenção, tá com dúvida, não está com dúvida. De imediato, a gente perdeu esse vínculo, tá? Então, se o estudante não se manifestasse, professor, professora, não entendi isso, tá? Você, perdia esse vínculo, ou seja, é, como é que está a aferição, por parte do professor, da professora, da aprendizagem daquele estudante? Aí você vai falar, não, no momento de alguma avaliação, você tem uma outra forma de aferir tá? Só que aí veio o segundo problema, como você não tinha avaliações presenciais, você tinha que emitir algum tipo de instrumento de aferição que os estudantes fizessem em casa, tá? E aí a gente lançou mão do *Google* formulário, outros tipos de avaliação, a, mesmo texto para o estudante, é, elaborar alguma pesquisa, só que ele tinha a casa dele para fazer, a internet para, para ajudar, o colega para fazer, a, a troca de ideias, nada contra isso. Acho que o processo de aprendizagem ele tem essa, essa parte de, de troca de idéias. Só que, em algum momento, você tem que aferir o quanto aquele estudante, de forma individual, aprendeu aquele conteúdo. Isso se perdeu durante a pandemia. Por que que se perdeu? Porque você não tinha um controle do, do que que o estudante realmente fez por conta dele, tá? Então é, a, em resumo, o processo de ensino e aprendizagem, o que eu mais percebo assim de, de perda foi essa, é, você perder essa, essa, essa possibilidade de aferir o grau de aprendizagem do estudante durante esse período. A gente perdeu isso daí, tá? É até, até você conseguir pensar em estratégias de como aferir isso aí de forma individual, porque foi aberto assim, eu vou te dar um exemplo prático, às vezes você, é, aplicava uma, uma atividade para o estudante, como você tinha aquela questão? Olha a internet aqui em casa é ruim, eu não consigo, a, eu só consigo acessar a internet à noite, porque de dia, é, não tenho, meu, meu outro irmão, por exemplo, às vezes na família tinha dois, três estudantes que estavam em situação de ensino remoto. E aí você tinha, é, casos práticos de, não então tá bom, fulano, você tem uma avaliação que era para fazer dentro do horário regular de aula de cem minutos, por exemplo, você dava o dia inteiro, né?. Então, dando o dia inteiro, o estudante podia consultar aquilo ali, várias e várias vezes com alguém, com o outro. É, eu, eu senti isso essa, essa, essa aferição, ela desapareceu, tá? Durante esse ano, é, um ano e meio, dois. A, esse foi um ponto que eu acho negativo aqui dentro dessa, dessa questão de, de impacto de ensino. O ensino aprendizagem, tá? (Entrevistado A, 2023).

Porque o que que aconteceu? Os alunos simplesmente tavam lá na internet, quatro professor passava um trabalho, copiava tudo da internet sem prestar atenção no que tava fazendo [risos], manda para o professor e a nota tava alta... A nota tava alta. Então, nesse quesito, é, acabou que eu acho que ficou muito defasado assim (Entrevistado G, 2023).

Obrigando, assim, que os professores se reinventassem, a fim de aferir adequadamente o ensino-aprendizado durante a pandemia, mesmo porque:

[...] percebe-se que a necessidade de se reinventar é premente em tempos de crise. A COVID-19 tem tornado essa demanda ainda mais clara e urgente [...] .Nesse ínterim, todos os envolvidos no processo educacional devem unir forças no

sentido de pensar e de refletir sobre as estratégias, adaptáveis a cada realidade, para que os impactos dessa crise ocasionada pelo novo coronavírus sejam, pelo menos, atenuados. [...] Assim, por exemplo, é oportuno destacar que para além desses questionamentos relacionados à utilização de recursos tecnológicos como elementos-chaves para resolver, pelo menos, o problema de conteúdo programático a ser repassado aos estudantes que, em função da pandemia, encontram-se em suas casas, existem outras dúvidas que já eram conhecidas durante o processo presencial. Essas dúvidas estão relacionadas, por exemplo, a permanência, ao êxito, a evasão e a retenção de estudante (Oliveira, 2023, p. 22).

É importante ressaltar também que, para além do legado tecnológico já focado, também foi destacada a importância do contato físico, das relações humanas que tanto foram prejudicadas nesse interim. Afinal, nossas escolas estão plenas de sujeitos heterogêneos e pulsantes, não de autômatos:

Tá, mas então, é, algumas considerações. É, qual, que eu acho, né? Da pandemia do, do, do emergencial que ficou de positivo. Aprendi a usar um monte de ferramenta, né? Aprendi usar um monte de ferramenta que eu não usava, porque eu não tinha demanda, né? Então, hoje a gente compartilha material, a gente usa um monte de recursos pra montar apresentação, para, para colocar animação, sabe? Então, os, os simuladores que eu já usava, eu já usava, mas eu usei muito mais, né? Porque não tem nada concreto, então vamos lá pro simuladores, né? Então, assim, a, aprendi usar muita coisa nesse sentido. Jogo, né? Jogo digital no caso, né? Então, aprendi usar um monte de recurso que eles ficaram pra minha prática, isso é inevitável, né? Uma outra coisa que eu, que eu acho que também pra mim foi bem significativa, é, voltar mais esse olhar pra pessoa. Eu me considero, eu sempre me considere uma boa leitora de pessoas, sabe? Sempre me considere boa nesse sentido, mas eu acho que eu ganhei um pouco de *feeling* na pandemia com isso, porque eu tinha que ser mais minuciosa, perceber naquela entrelinha lá no *WhatsApp* que aquele menino não tava bem, e chamar e ligar, sabe? Então, assim, agora eu entendo que eu tô melhor nessa percepção e foi difícil lá, foi bem penoso, mas isso ficou de positivo, sabe? (Entrevistado R, 2023).

Em acréscimo, sublinha-se a importância desta última questão de fechamento, pois é público e notório todo o prejuízo que a pandemia de Covid-19 acarretou nas mais diversas esferas, do econômico ao social. Todavia, justamente por esse sentimento de terra arrasada, amiúde, não se reflete sobre o seu legado para a educação. Entretanto, “sabemos que o mundo está se reconfigurando e no cenário educacional, haverá mudanças expressivas as quais farão parte da realidade das instituições de ensino” (Nascimento, 2020, p. 16). Não à toa, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), uma das principais agências de fomento à pesquisa do país, dedicou um fascículo próprio, intitulado *Lições da Pandemia*, somente para tratar desse tópico, vide:

Figura 4- Fascículo da FAPESP acerca do legado da pandemia de Covid-19

Publicação analisa legado da pandemia e respostas da ciência paulista no combate à covid-19

Fascículo "Lições da pandemia", que faz parte do livro sobre os 60 anos da Fapesp, traz alguns dos principais cientistas paulistas analisando ações de combate ao vírus

Universidade - <https://jornal.usp.br/?p=503164>
28/03/2022 - Publicado há 1 ano

FACEBOOK TWITTER WHATSAPP LINKEDIN EMAIL PRINT

Capa e ilustração do fascículo dedicado ao tema da pandemia – Foto: Reprodução/Fapesp

Os primeiros despachos das agências internacionais de notícias – Reuters e Associated Press – alertando para a gravidade dos casos de pneumonia viral identificados em Wuhan, na China, foram distribuídos no dia 31 de dezembro de 2019, às 18 horas, horário de Brasília. "Quase ninguém leu", lembra o epidemiologista Paulo Lotufo, professor da Faculdade de Medicina (FM) da USP. A "tradição gregoriana de calendário", como ele diz, atrasou o reconhecimento do risco de contágio global representado pelo Sars-CoV-2. "Quem conhece a história das pandemias imediatamente ficou em alerta esperando o grande desastre. E infelizmente foi o que aconteceu", afirmou Marco Antonio Zago, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp).

PODCASTS

ROCK BRAZUCA Rock Brazuca aprimorando os fundamentos do ecletismo musical

RÁDIO MATRACA Rádio Matraca: uma justa homenagem no aniversário do Mestre

MANHÃ COM BACH Manhã com Bach #186: "Livrinho de Órgão" reúne 46 prelúdios corais

Todos os podcasts

ARTIGOS

Sem lenço, sem abaya, sem burquîni – a islamofobia francesa
04/09/2023
Por Francirosy Campos Barbosa, antropóloga e professora do Departamento de Psicologia da FFCLRP/USP

Escombros tecnológicos que falharam: o âmagô dos podcasts de Morozov
01/09/2023
Por Magaly Prado, pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados da USP

"Quando nosso povo foi caçado como animais": memória do genocídio achê no Paraguai
30/08/2023
Por Pedro Henrique Frasson Barbosa, doutorando em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da USP

Fonte: Autor

Ante o exposto, torna-se claro que analisar o discurso diz respeito a uma operação semântica que articula consigo, para além da própria linguagem, o período histórico em questão e as ideologias que o circundam, visto que não há sujeito fora desse âmbito que lhe é constitutivo. Sendo que:

A objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura da desigualdade-subordinação de 'todo complexo com o dominante' das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes (Pêcheux, 2009, p. 147).

Não por acaso, para Bakhtin, é inconcebível dizer sobre discurso fora do domínio ideológico. Assim, não se trata de procurar " [...] o sentido 'verdadeiro', mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se

controla com o saber” (Orlandi, 2009, p. 59). Em outros termos, em se tratando de AD, conforme realizado ao longo desta seção, é necessário frisar que a metodologia não diz respeito a uma análise que busca a totalidade, posto que o discurso é sempre incompleto (Marques, 2011, p. 62).

5 UM VÍDEO ANIMADO COMO PROPOSTA DE PRODUTO EDUCACIONAL

A princípio, sublinha-se que os mestrados profissionais brasileiros foram instituídos em 1995, mediante a Portaria nº 47, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como pela subsequente regulamentação expressa na Portaria nº 80/1998, do MEC. Tendo como finalidade a demanda de flexibilização do modelo de pós-graduação *stricto sensu* em face das mudanças sociais, tecnológicas e a consequente procura por profissionais com outros perfis para além do acadêmico (Leite, 2018, p. 330).

Dessa forma, de acordo com essas regulamentações supracitadas, essa modalidade de mestrado deve gerar produtos educacionais, visando uso em escolas públicas, por exemplo, para além das tradicionais dissertações e/ou artigos científicos já derivados dessa experiência acadêmica. Inclusive, esses produtos podem tomar as seguintes formas:

[...] mídias educacionais; protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais; propostas de ensino; material textual; materiais interativos; atividades de extensão e desenvolvimento de aplicativos. O trabalho final do curso deve incluir um relato fundamentado dessa experiência, do qual o produto educacional desenvolvido é parte integrante (Leite, 2018, p. 331).

Com isso em mente, ao longo da confecção desta dissertação de mestrado profissional, sobretudo em sua reta final, vários formatos de produtos educacionais foram pensados, passando de um documentário a uma animação e até mesmo um livro eletrônico, por exemplo. Isso, tendo como norte, claro, agregar a esta escrita acadêmica, tornando-a mais acessível, potente. No entanto, considerando o devido sigilo exigido pelo TCLE, foi definido que uma forma assertiva de apresentação dos resultados seria um vídeo animado, mesclando, em um primeiro momento, imagens, trilhas sonoras e vídeos gratuitos da internet sobre a pandemia de Covid-19 e do IFTM, *campus* Uberlândia Centro, vide [link](#). A propósito, é importante frisar que se utilizou também de ferramenta gratuita para composição do vídeo, a saber, o Canva⁴².

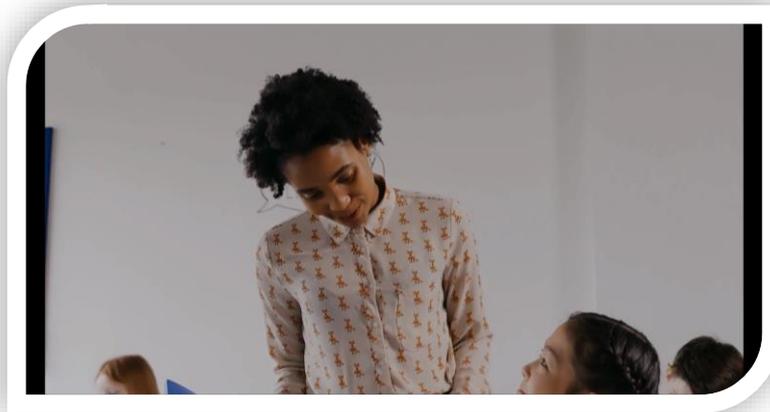
⁴² https://www.canva.com/pt_br/

Figura 5- Produto Educacional I



Fonte: Autor

Figura 6- Produto Educacional II



Fonte: Autor

Figura 7- Produto Educacional III



Fonte: Autor

Em seguida, foi delineado o recorte da pesquisa, de modo a explicitar que oito docentes do IFTM foram entrevistados, cada qual respondeu a seis perguntas, afora questões pontuais que surgiram espontaneamente em um modelo semiestruturado de abordagem, e a temática em questão gravitava em torno da problematização do processo de ensino-aprendizagem durante o cenário pandêmico e suas reverberações:

Figura 8- Produto Educacional IV



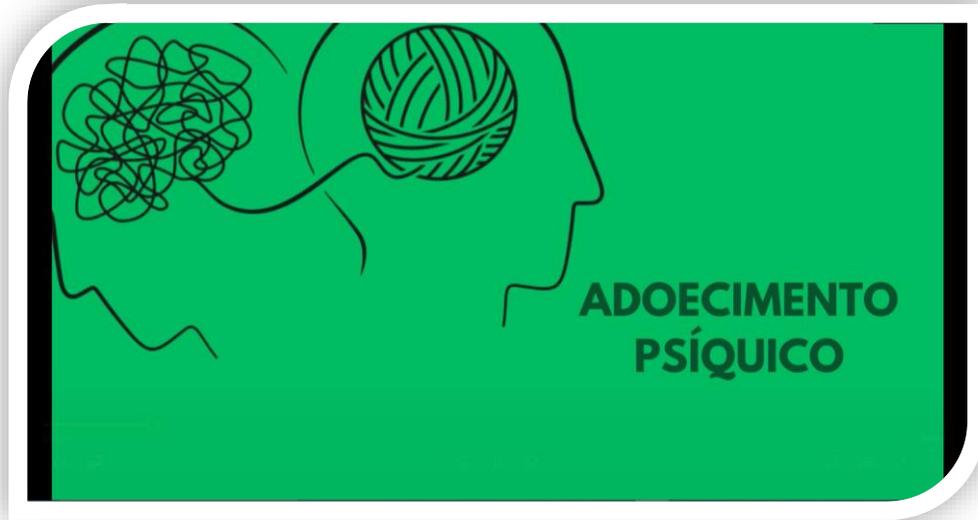
Fonte: Autor

Figura 9- Produto Educacional V



Fonte: Autor

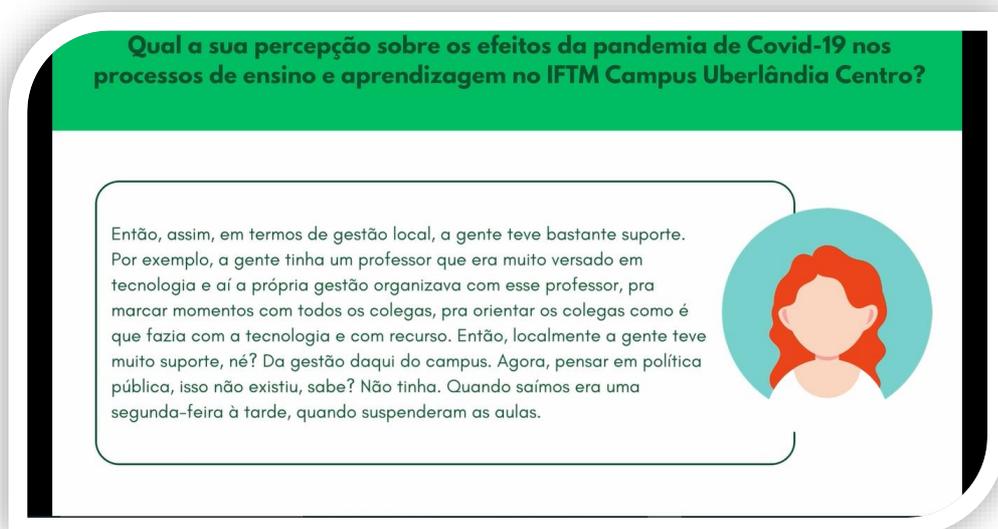
Figura 10- Produto Educacional VI



Fonte: Autor

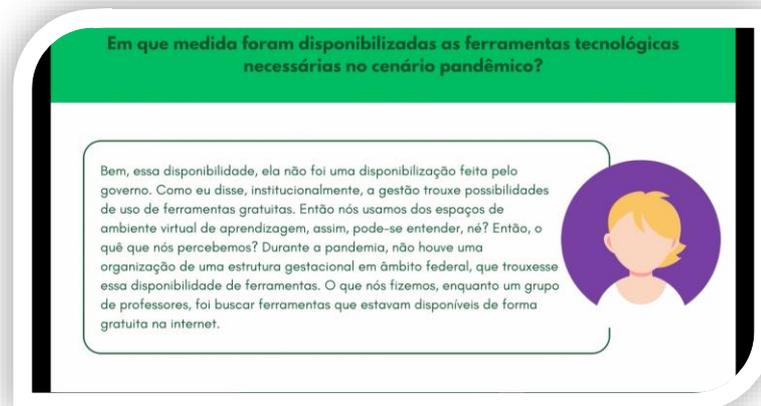
Questões metodológicas postas, inicia-se, então, o trecho com as principais respostas das entrevistas transcritas, ou seja, aquelas que, não raro, resumem muito bem o posicionamento da maioria dos demais docentes a seu respeito. Para tanto, foi utilizado um narrador e voz computacional, novamente resguardando o anonimato dos participantes, afinal, na AD, como o próprio nome já indica, o que está em jogo são os discursos produzidos em um dado tempo e espaço, não a pessoa do interlocutor:

Figura 11- Produto Educacional VII



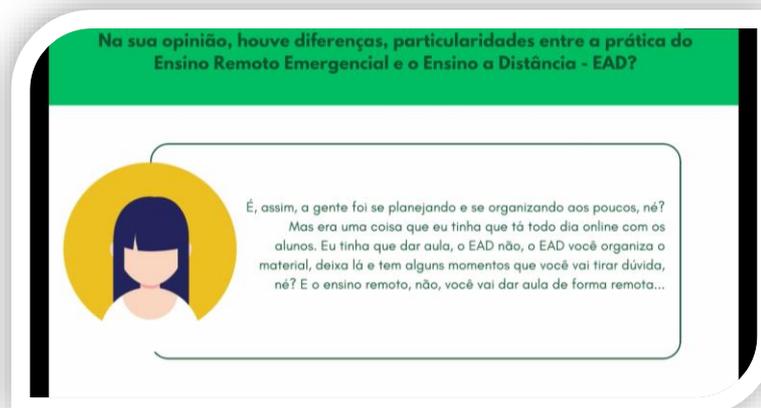
Fonte: Autor

Figura 12- Produto Educacional VIII



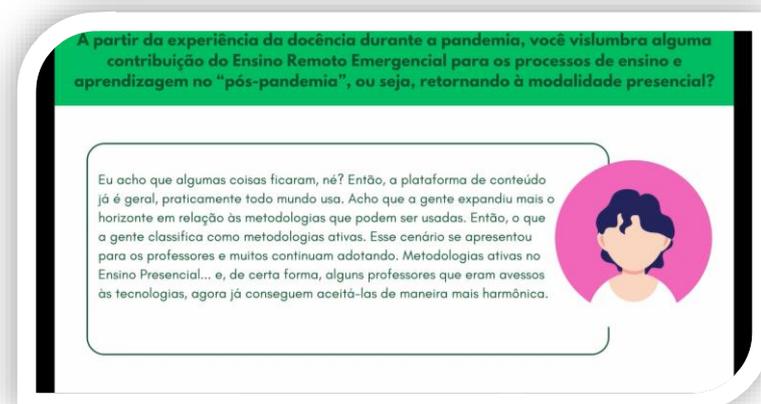
Fonte: Autor

Figura 13- Produto Educacional IX



Fonte: Autor

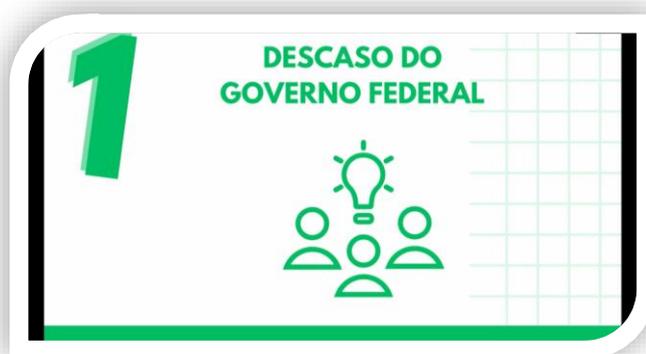
Figura 14- Produto Educacional X



Fonte: Autor

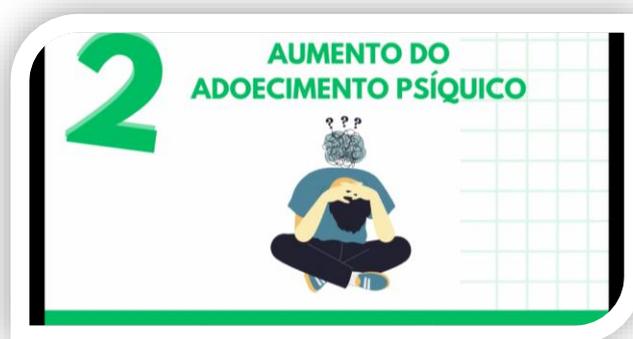
Partindo, enfim, para um breve resumo das considerações finais tecidas pelo narrador, de modo a deixar claro que, grosso modo, os principais achados teóricos discutidos nos capítulos desta escrita ora em tela foram corroborados pelas mais diversas falas dos docentes:

Figura 15- Produto Educacional XI



Fonte: Autor

Figura 16- Produto Educacional XII



Fonte: Autor

Figura 17- Produto Educacional XIII



Fonte: Autor

Diante dessa experiência, é possível concluir que, embora exista uma certa urgência em jogar luz nos desafios relacionados aos produtos educacionais edificados juntamente com as dissertações na EPT, tanto no que se refere aos discentes como aos docentes, esses últimos em sua maioria com formação não voltada para a área profissional (Pasqualli; De Aparecido Vieira; Castaman, 2018), há que frisar que essa concatenação na pesquisa tem contribuído sobremaneira para a formação de pós-graduandos menos afastados da realidade social do mercado de trabalho de sua região.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Isso, é histórico. Então, essa memória, ela não é só institucional, é uma memória pessoal que vai influenciar nessa formação pedagógica que a gente tem. Então, eu entendo que hoje, né? Quem tem ingressado nos Cursos de Licenciatura nesse momento até pós-pandemia, eles vão tocar nesse assunto, né? Eles vão se inteirar do que foi esse momento, é, de Ensino Remoto, as desvantagens, os estresses e tal, porque de fato, o conhecimento tá sendo construído nesse momento da contemporaneidade, né?” (Entrevistado F, 2023).

Diante do exposto ao longo desta pesquisa, em linhas gerais, é lícito afirmar que as entrevistas semiestruturadas conduzidas com os oito sujeitos docentes do IFTM, interpretadas posteriormente (Capítulo 4 - Da análise do discurso ao discurso docente em análise) à luz da Análise do Discurso francesa, corroboraram os principais achados teóricos do capítulo dedicado à pandemia de Covid-19 e seus principais impactos na educação neste país sul-americano (Capítulo 2 - A pandemia de Covid-19 e suas reverberações na educação brasileira).

À guisa de exemplo, basta ver o descaso do Governo Federal negacionista sob a gestão de Bolsonaro e seu impacto nocivo na educação e todas as demais esferas que a atravessam, como é o caso da economia, da política, dentre outras. Forçando, inclusive, aos próprios servidores a se reinventarem coletivamente no seu dia a dia, mediante cursos, palestras, reuniões, treinamentos geridos por eles mesmos nesse período de incertezas e angústias. Isso, diga-se de passagem, enquanto aconteciam não apenas contingenciamento de gastos e reiteradas recusas de compra de vacinas, mas, sublinha-se, ao mesmo tempo em que ministros de seu governo afirmavam aos quatro ventos que as universidades federais somente produziam balburdia e, por mais *nonsense* que possa parecer, guardavam plantações de maconha. Segue manchete do grupo Terra à época:

Nomeado para comandar o Ministério da Educação em abril de 2019 após a gestão relâmpago de Ricardo Vélez Rodríguez, o ministro Abraham Weintraub assumiu o cargo dizendo que iria “acalmar os ânimos” e “pacificar” o MEC. Com menos de um ano na frente da pasta, Weintraub coleciona polêmicas – da acusação de “balburdia” nos câmpus das universidades federais à declaração de que há plantações de maconha nas unidades de ensino, passando por cortes no orçamento e restrição a pesquisas – e um pedido de impeachment (Ker, 2020, n/p).

Não à toa, houve docentes frisando que tudo que foi construído nesse período foi graças à união da categoria e o seu pensamento focado nos alunos, mas também que gostaria que sua crítica aparecesse no estudo durante a sua entrevista: “Deixa eu te falar, se você puder colocar minha consideração sobre o governo Bolsonaro na íntegra, eu faço questão, tá?” (Entrevistado Q, 2023). Em tempo, como sublinhado ao longo do trabalho, a Análise do Discurso, seja na perspectiva de Pêcheux ou Foucault, a despeito de suas particularidades, privilegia a “[...]”

língua com a história e os sujeitos falantes. E é nesse contexto que entra o materialismo histórico e a propositura de formular uma teoria que consiga explicar os processos semânticos não mais à luz da lógica-estrutural” (Marques, 2011, p. 60).

Não diferente foi o destaque dado ao aumento exponencial do adoecimento psíquico nesse período, sobretudo ligado à ansiedade e à depressão, tidas como doenças do século pela própria Organização Mundial da Saúde há algum tempo, de discentes e docentes e suas reverberações infaustas nos processos de ensino-aprendizagem. Afinal, os processos de ensino-aprendizagem não acontecem em um vácuo espaço-temporal, diversamente, eles estão localizados historicamente, dependem da saúde psíquica de seus integrantes, dos fatores econômicos etc. Quiçá, esse tipo de apontamento possa, paulatinamente, fazer com que se reflita sobre a importância de se tomar a educação não como algo fragmentado e isolado, mas sim como um todo holístico. Não se deve esquecer que os estudantes e professores, antes de o serem, são humanos, ou seja, compartilham, em alguma medida, dos mesmos dramas pessoais que a existência coloca à prova todos os dias.

Por sua vez, acerca da eleição de um possível legado em face da pandemia de Covid-19, partindo-se da premissa que essa experiência traumática pode propiciar algum tipo de aprendizado, indubitavelmente foi no sentido de uma educação mais atenta às ferramentas tecnológicas do contemporâneo. Ao que parece, atendimentos e aulas mediante o *Google Meet*, *Microsoft Teams*, por exemplo, não vieram apenas de passagem, continuarão presentes no contexto educacional, na medida em que auxiliam nessa transição analógica para o digital. Todavia, evidentemente, isso deve ser levando em consideração sem passar ao largo da necessidade precípua, ao menos no que tange ao Brasil, de concomitantemente democratizar o acesso à internet em um país que se mantém entre os mais desiguais socioeconomicamente do mundo. Enfim, dados esses que parecem apontar para um único horizonte, a saber, enquanto a educação brasileira não for reconhecida como um investimento e como política de Estado, e não pelo equivocado prisma de gasto e governo, crises, sejam sanitárias, econômicas etc., somente demonstraram as fissuras de uma sociedade condenada a ter um papel de coadjuvante no cenário democrático global.

Ademais, resta evidente a urgência de fomentar mais pesquisas sobre a educação tendo como recorte a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), afinal, muitos dos artigos pesquisados, no momento da formação da fortuna crítica (Seção 2.1. Breve Fortuna Crítica), eram direcionados a outras modalidades de ensino, sobretudo ao médio ou superior, por exemplo. Modalidades de ensino com mais tempo de existência e lutas sociais, logo, que carregam uma certa tradição, ainda em construção no que se refere à EPT. Ora conforme visto

aqui também (Capítulo 3 - Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro) a EPT é uma modalidade que tem suas próprias demandas, desafios, identidade e legislações, fato que, não raro, é desconsiderado no dia a dia dos Institutos Federais.

Em tempo, tão importante quanto lutar pelo espaço próprio da EPT em face de sua singularidade, é o próprio estímulo a mais pesquisas sobre a recente e profunda experiência com a pandemia de Covid-19 e seus efeitos desde então. Ainda que seja razoável concordar que:

[...] nós, talvez, só vamos alcançar a dimensão de tudo isso que a gente viveu, ou tem vivido, quando a gente tiver um distanciamento histórico. Talvez daqui uns dez anos, daqui uns quinze anos, porque essa história que está sendo vivida e construída nesse momento, a gente não consegue, talvez, captar ou alcançar, né? Toda essa dimensão, mas daqui a pouco, daqui uma década, né? Quando a gente tiver esse distanciamento [...] (Entrevistado F, 2023).

Nesse sentido, inclusive, espera-se que esta investigação possa fomentar mais pesquisas, na forma de artigos, trabalhos de conclusão de cursos, dissertações, teses etc., nesse profícuo campo e sobre essa temática que ainda está sendo edificada. Contribuindo, assim, para o avanço paulatino da ciência na área e, por conseguinte, retornando para a sociedade o resultado de seu financiamento na educação, na ciência brasileira.

Por fim, quanto ao Produto Educacional (Capítulo 5 - Um vídeo animado como proposta de Produto Educacional), resta evidente que foram envidados esforços para que esse vídeo animado pudesse ser não apenas uma espécie de resumo desta investigação, mas que pudesse mobilizar seus apontamentos com outras ferramentas, tendo em vista que se trata de uma outra mídia, com suas próprias potencialidades e lacunas:

As mídias são parte central na vida da chamada Geração Internet. [...] Hoje os padrões de mídia estão mudando. Crianças e jovens clicam de uma mídia para outra, em busca do que os interesse e com esse objetivo usam a mídia que estiver mais a mão: materiais impressos, a televisão, a internet ou o celular. Se olharmos para esses usos das mídias, veremos que eles são complexos, intensivos e especialmente digitalizados e baseados na internet. As crianças e os jovens usam as mídias de modo convergente e interativo. Por exemplo: a TV pode estar ligada em um canal de música, enquanto o menino joga um videogame ou faz pesquisa para um trabalho escolar na internet ou está conectado ao Messenger, ao Facebook ou ao My Space, comunicando-se com amigos (Tuftte; Christensen, 2009, p. 99).

Desse modo, produto e dissertação complementam-se e se fortificam na direção de levar as discussões aqui propostas ao maior número de interessados possíveis, com efeito, democratizando-nas.

REFERÊNCIAS

- ALESSANDRA, Karla. Pandemia agravou desigualdades na área da educação, dizem especialistas. **Câmara dos Deputados**. 16 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/840316-pandemia-agravou-desigualdades-na-area-da-educacao-dizem-especialistas/>. Acesso em: 12 de mar. 2023.
- AGÊNCIA SENADO. Milhares de alunos estudam em escolas precárias, apontam debatedores. **Senado Federal**. 17 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/17/milhares-de-alunos-estudam-em-escolas-precarias-apontam-debatedores>. Acesso em: 8 de abr. 2023.
- ARROYO, Miguel González. **Currículo, território em disputa**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.
- AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano edições Técnicas, 2003. Disponível em: <https://www.uel.br/pos/ecb/pages/arquivos/Ausubel_2000_Aquisicao%20e%20retencao%20de%20conhecimentos.pdf> Acesso em: 28 de set. 2022.
- BARROS, C. C. A.; SOUZA, A. da S.; DUTRA, F. D.; GUSMÃO, R. S. C.; CARDOSO, B. L. C. Precarização do Trabalho Docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectiv as/article/view/4975>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- BEZERRA, Narjara Peixoto Xavier; VELOSO, Antonia Pereira; RIBEIRO, Emerson. Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, e323917, 2021. ISSN 2675-519X. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3917/3701>. Acesso em 15 de mar. 2023. doi: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.3917>.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 11/2012, de 4 de setembro de 2012. **Propõe Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação básica/Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- BRASIL. Decreto n. 2.208, de 17 de abril de 1997a. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts.39 a 42 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 abr. 1997. disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- BRASIL. Decreto n. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n. ° 9.394/96). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 fev. 1998.

BRASIL. Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 26 set. 1909. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de **Educação de Jovens e Adultos - PROEJA**, e dá outras providências. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/Decreto/D5840.htm> Acesso em: 01 de set. 2022.

_____. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, e dão outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proejadecreto5154.pdf>>. Acesso em: 01 de set. 2022

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.048, de 22 de janeiro de 1942a. Cria o Serviço Nacional de aprendizagem dos Industriários (SENAI). **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 22 jan. 1942. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4048.htm>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.073, de 30 de janeiro de 1942b. Lei Orgânica do Ensino industrial. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 9 fev. 1942. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942c. Lei Orgânica do Ensino secundário. Exposição de motivos. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 9 abr. 1942. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-133712-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n. 6.141, de 28 de dezembro de 1943. Lei Orgânica do Ensino comercial. Exposição de motivos. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1943. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6141-28-dezembro-1943-416183-133673-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n. 8.529, de 2 de janeiro de 1946a. Lei Orgânica do Ensino primário. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1946. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946b. Lei Orgânica de Ensino normal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del8530.htm>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n. 9.613, de 20 de agosto de 1946c. Lei Orgânica do Ensino agrícola. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del9613.htm>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de julho de 2008. disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Lei n. 3552, de 16 de fevereiro de 1959. Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 fev. 1959. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 dez. 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 ago. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRASIL. Lei n. 7.044, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. **Diário oficial da União**, Brasília, 19 out. 1982. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7044.htm>. Acesso em: 5 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, ciência e Tecnologia. Brasília, 2008. disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007.2010/2008/lei/111892.htm> Acesso em: 18 mar. 2022

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 21 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017a**. Altera as Leis n ° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – LBDN e dá outras providências. Brasília 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm> Acesso em: 21 mar. 2022

BRASIL. **Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/l96.pdf>> acesso em: 18.set.2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017b. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP no 1, de 5 de janeiro de 2021** - define as diretrizes curriculares nacionais gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CAIRES, Vanessa Guerra; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Educação Profissional Brasileira: da colônia ao PNE 2014-2024**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CIAVATTA, Maria. O trabalho como princípio educativo. In: CALDART, Roseli salete (Org.). **Dicionário da Educação Profissional em saúde**. Rio de Janeiro: ESPSVJ; Fiocruz, 2009.

COLTRO, Fábio. Capitalismo, Covid-19 e a crise econômica: ruína ou revolução. In: PORTELINHA, Ângela Maria Silveira.; et al. **As (in)certezas do trabalho docente na pandemia**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

CORDÃO, Francisco Aparecido; MORAES, Francisco de. **Educação Profissional no Brasil: síntese histórica e perspectivas**. São Paulo: Senac, 2017.

CORREIA, D. A; MALDANER, J. J; CAVALCANTE, R. P; SOUSA, W. A de. A Educação Profissional Tecnológica na Base Nacional Comum Curricular: concepções e contradições. **Revista Prática Docente**. [S. I.], v. 5, n. 1, p. 563-581, 2020.

CORRÊA, Marcos. Governadores isolam Bolsonaro e articulam ações para conter pandemia. **Exame**. 7 de março de 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/governadores-isolam-bolsonaro-e-articulam-acoes-para-conter-pandemia/>. Acesso em 10 de mar. 2023.

DA SILVA, Mygre Lopes; DA SILVA, Rodrigo Abbade. Economia brasileira pré, durante e pós-pandemia do covid-19: impactos e reflexões. **Observatório Socioeconômico da Covid-FAPERGS**, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discuss%C3%A3o-07-Economia-Brasileira-Pr%C3%A9-Durante-e-P%C3%B3s-Pandemia.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução. Tradução Luiz Carlos Borges Silvana Vieira – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo. 1997, p. 30

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso** - reflexões introdutórias. edição revista e ampliada. 2008, 100 p.

FIOCRUZ. **A gestão de riscos e governança na pandemia por COVID-19 no Brasil**. CEPEDES | ENSP Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde, 2020, p. 13. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/relatoriocepedes-isolamento-social-outras-medidas.pdf>> Acesso em: 19 de julho de 2021.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo**, v.5, n.8, jan/jun, 2017. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 7ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79 p.

FRANÇA, Robson Luiz de. A naturalização da precarização e flexibilização da legislação trabalhista brasileira: de emergência na pandemia. In: PORTELINHA, Ângela Maria Silveira.; *et al.* As (in)certezas do trabalho docente na pandemia. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

FRANCO, Sebastião Pimentel; LOPES, André Fraga; FRANCO, Luiz Felipe Sias. Gripe espanhola no Espírito Santo (1918-1919): alguns apontamentos. **Dimensões**, v. 36, jan-jun. 2016, p. 404-426.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In: **História de uma neurose infantil**: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2003. p. 45-60.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Projeto societário, ensino médio integrado e educação profissional**. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho. In: CALDART, Roseli Salette (Org.). **Dicionário da Educação Profissional em saúde**. Rio de Janeiro: ESPSVJ; Fiocruz, 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado**: concepções e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GASPARI, Elio. Responsabilidade de Bolsonaro na pandemia foi muito além das palavras. **Folha de São Paulo**. 18 de fevereiro de 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2023/02/responsabilidade-de-bolsonaro-na-pandemia-foi-muito-alem-das-palavras.shtml>. Acesso em: 14 de mar. 2023.

GATTI, BERNARDETE A. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia**. Estudos Avançados [online]. 2020, v. 34, n. 100 [Acessado 16 setembro 2022], pp. 29-41. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s01034014.2020.34100.003>>. Epub 11 nov. 2020. ISSN 1806-9592.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **RESOLUÇÃO SEE No 4310/2020, de 17 de abril de 2020**. Dispõe sobre as normas para a oferta de Regime Especial de Atividades Não Presenciais, e instui o Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia Coronavírus (COVID-19), para cumprimento da carga horária mínima exigida. Disponível em: http://sei.mg.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0.. Acesso em: 30 set. 2023.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. A Análise do Discurso de linha francesa e a pesquisa nas Ciências Humanas. **An. Sciencult**, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.

GUIMARÃES, Duro Terezinha Gleny; MACIEL, Suárez Lúcia Ana; GERSHENSON, Beatriz (org). **Neoliberalismo E Desigualdade Social**: reflexões a partir do Serviço Social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. 319 p.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pecheux (1969). In: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Organizadores: Francaise Gadet; Tony Hak. Tradução de Bethania S. Mariani... [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

IFTM. Instituto Federal do Triângulo Mineiro. **IFTM**: conhecendo o Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, 2016. Disponível em: <<https://iftm.edu.br/acessoainformacao/institucional/documentos/Portfolio.pdf>> Acesso em: 12 de ago. de 2022

IFTM. Instituto Federal do Triângulo Mineiro **Plano de desenvolvimento Institucional - PDI (2019 - 2023)**. Disponível em: <https://iftm.edu.br/pdi/acompanhamento/20192023/download/pdi_20192023_versao_final_para_publicacao_no_site.pdf> Acesso em: 26 ago. de 2022

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092020000100129&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 mar. 2023. Epub 02-Set-2020. <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.16212.067>.

KER, João. Os ataques de Weintraub às universidades da “balburdia”. **Terra**. 19 de fev. de 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>. Acesso em: Acesso em 25 de ago. 2023.

KUENZER, Zeneida Acacia (org.). **Ensino Médio**. Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LEITE, Priscila Souza Chisté. Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na Área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **CIAIQ2018**, v. 1, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCENA, Carlos Alberto; PREVITALI, Fabiane Santana; BRETTAS, Anderson Claytom Ferreira e (Orgs.). **PANDEMIA COVID-19: a distopia do século XXI**. Uberlândia/MG: Navegando Publicações, 2020. 1ª edição eletrônica: www.editoranavegando.com/ editoranavegando@gmail.com

LUHBY, Tami. Um novo bilionário surgiu quase todos os dias durante a pandemia, diz ONG. **CNN Brasil**. 23 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/um-novo-bilionario-surgiu-quase-todos-os-dias-durante-a-pandemia-diz-ong/>. Acesso em: 8 de abr. 2023.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2017.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história**. Jundiaí: Paco, 2016.

MARQUES, Welisson. O discurso da Revista Veja no contexto da crise do Mensalão. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História [en línea]**. 2011, 15(3), 631-648[fecha de Consulta 3 de Octubre de 2022]. ISSN: 1415-9945. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526550002>

MEC. Ministério da Educação - Conselho Nacional de Educação/CNE. **Parecer CNE/CP Nº 5/2020**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 28 de jul. de 2022

MEC. Ministério da Educação - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do triângulo Mineiro - **Resolução “Ad Referendum” nº 033/2020, de 09 de julho de 2020**.

Disponível em:

<<https://iftm.edu.br/visao/loader.php?src=2a2ccdd90b170a33b0024810d4b886b6>> acesso em: 28 de jul. 2022

MEC. Ministério da Educação. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepções e diretrizes**. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, 2010.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 07 de jun. de 2022.

MOREIRA, Marco Antônio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Revista cultural La Laguna Espanha, 2012. Disponível em: <<http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>> Acesso em: 28 de set. de 2022

MOREIRA, Marco Antônio. **Teoria de aprendizagem**. - 2. ed. ampl. – [Reimpr.]. - São Paulo: E.P.U., 2017.

MORITZ, Jaqueline. **A concepção de educação profissional e tecnológica dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs) nos governos Lula e Dilma**. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

MOURA, Dante Henrique. **Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração**. Holos, ano 23, v. 2, p. 4-30, 2007. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>>. Acesso em: 09 jun. 2021. <https://doi.org/10.15628/holos.2007.11>

MOURA, Dante Henrique. **Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/c5JHHJqdxTnwWvnGfdkztG/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 14 de jun. de 2021

NASCIMENTO, Otacílio Marcelino. A educação na pós pandemia: desafios e legados. **Revista Faculdade FAMEN – REFFEN**, v.2, n.1, 2021.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectiva de formação de trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007, p. 137-181. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S141324782007000100011> <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8dNYBcjfPKZL4js8xWbhpjv/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 24 mar. 2022.

OLIVEIRA, Hudson do Vale de; SOUZA, Francimeire Sales de. **Do Conteúdo Programático ao Sistema de Avaliação: Reflexões Educacionais em tempos de Pandemia (COVID-19)**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 15-24, apr. 2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/boca/article/view/OliveiraSouza>> Acesso em: 19 julho 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3753654>.

OLIVEIRA, E. de S.; FREITAS, T. C.; SOUSA, M. R. de; MESQUITA MENDES, N. C. da S. G.; ALMEIDA, T. dos R.; DIAS, L. C.; FERREIRA, A. L. M.; FERREIRA, A. P. M. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19 / Distance education (DE) and the new paths of education after a pandemic occasioned by Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 52860–52867, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n7-799. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/14095>. Acesso em: 27 mar. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da linguagem**. Vitória da Conquista, n. 1, junho 2005.

PASQUALLI, Roberta; DE APARECIDO VIEIRA, Josimar; CASTAMAN, Ana Sara. Produtos educacionais na formação do mestre em educação profissional e tecnológica. **Educitec-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 4, n. 07, 2018.

PATTI, Ana Ribeiro; ABRAHÃO E SOUZA, Lucília Maria; GARCIA, Dantielli Assumpção. Pelos entremeios da Análise do Discurso: nos fios de Michel Pêcheux. **Psicologia Política**. vol. 17, nº 39, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4a edição. Tradução de Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp. 2009.

PEREIRA, Gilberto Braga; SANCHIS, Isabelle Paiva e MOREIRA, Lecy Rodrigues. Sujeito, Sociedade e Discurso. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 2-13, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 nov. 2022.

PEREIRA, A.; NARDUCHI, F.; MIRANDA, M. G. BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 219-236, 3 jun. 2020.

PORTELINHA, Ângela Maria Silveira.; *et al.* **As (in)certezas do trabalho docente na pandemia**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

PRAUN, Luci. A Espiral da Destruição: legado neoliberal, pandemia e precarização do trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, 2020, e00297129. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00297

RAMOS, Marise Nogueira. **Concepção do Ensino Médio Integrado** - versão ampliada de "Concepção de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional: seminário sobre ensino médio, realizado pela Superintendência de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, em Natal e Mossoró. 2007, p. 06. Disponível em: <<https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>> Acesso em: 14 de jun. de 2021

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção Formação Pedagógica; v. 5).

RODRIGUES, José dos Santos. **O Moderno Príncipe Industrial: O Pensamento Pedagógico da Confederação Nacional da Indústria**. Campinas: Autores Associados, 1998. - (Coleção educação contemporânea).

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Interfaces Científicas**. Aracaju, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. ISSN 2316-3828. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085/4128>>. Acesso em: 14 mar. 2023. doi: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57.

SACRISTÀN, José Gimeno. O que significa o currículo? In: SACRISTÀN, José Gimeno (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Da LDB (1996) ao PNE (2014-2024): por uma outra política educacional**. 5 ed. Campinas SP: Autores e associados, 2016, 153-155 p.

SAVIANI, Dermeval. Educação e Trabalho: As origens. In FERRETTI, Celso J *et al.* (Org) **Novas tecnologias, trabalho e educação: Um debate multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 151 - 167. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo20092/1SF/o_trabalho_como_principio_educativo_frente_as_novas_tecnologias.pdf> Acesso em 24 de mar. 2022

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11^a. ed. rev.— Campinas, SP: Autores Associados, 2011

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2020. (Coleção memória da educação)

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Se liga na educação – **Planos de Estudos Tutorados 2022**. Disponível em: <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/pets>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SILVA, Márcia Cristina Amaral da; GASPARIN, João Luiz. **A Segunda Revolução Industrial e suas influências sobre a educação escolar brasileira**. Projeto de pesquisa realizado na Universidade Estadual de Maringá - Pr no período de 2004/2005. Disponível em: <https://timelinefyspace001.nyc3.digitaloceanspaces.com/files/4/4_XOKIYEOCSTZD9YY7QDQBUIIPQICIPYEM.pdf> Acesso em: 10 de março de 2022.

SILVA, Giselda Brito. **História Política e Análise do Discurso: uma escrita da história em construção**. ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

SORIA, Ana Carolina Soliva. Linguagem e inconsciente em Lacan. **Discurso**. [S. I], v. 1, n. 43, 2013.

SOUZA, Deise Ferreira; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti. O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e843998153, 2020. (CC BY 4.0) ISSN 2525-3409. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153/7109>>. Acesso em: 16 mar. 2023. doi: 10.33448/rsd-v9i9.8153.

TAVARES, L. H. M. C. A análise do discurso de tradição francesa: um viés foucaultiano. In: CARVALHO, C. I. C., and BARBOSA, J. R. A., ed. **Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa** [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2021.

TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN, Ole. Mídia-Educação—entre a teoria e a prática. **Núcleo de Publicação do CED/UFSC**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 97-118, 2009.

VIEIRA, Márcia de Freitas; SILVA, Carlos Manuel Seco da. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.l.], v. 28, p. 1013-1031, dez. 2020. ISSN 2317-6121. Disponível em: <<http://ojs.sector3.com.br/index.php/rbie/article/view/v28p1013>>. Acesso em: 15 mar. 2023. doi: <http://dx.doi.org/10.5753/rbie.2020.28.0.1013>.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social Da Mente** - 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1 – FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE

Informações que serão identificadas a partir da análise do Currículo Lattes dos docentes ou por meio do relatório da Coordenação de Gestão de Pessoas (CGP) do Instituto Federal de Educação do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro.

Titulação Acadêmica

Graduação ()

Pós-graduação *latu sensu* / Especialização ()

Mestrado ()

Doutorado ()

Pós-doutorado ()

Tipo de graduação/ano de conclusão

Licenciatura apenas ()

Bacharelado apenas ()

Licenciatura e bacharelado ()

Qual categoria de disciplina ministra na Educação Profissional Técnica de Nível Médio?

Disciplina de formação geral (ensino médio) ()

Disciplina técnica (ensino técnico) ()

Disciplina de formação geral e técnica ()

Cursou alguma formação pedagógica complementar?

(Qualquer curso relacionado a questões didáticas, metodológicas, educacionais ou de ensino aprendizagem para aprimoramento da prática docente). Sim () Não () Se sim, qual:

Cursou alguma formação complementar direcionado à EPT/EMI?

(Qualquer curso cuja especificidade esteja situada no âmbito da EPT/EMI). Sim () Não () Se sim, qual?

2 - TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO DA COVID-19

Neste tópico, investigaremos oito docentes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, dos cursos - Técnico concomitante em Redes de Computadores; Técnico em Desenvolvimento de Sistemas Integrado ao Ensino Médio; Técnico em Programação de Jogos Digitais Integrado ao Ensino Médio e Técnico em Comércio Integrado ao Ensino Médio, os quais responderão as 6 (seis) perguntas referentes à entrevista semiestruturada abaixo:

1. Qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino e aprendizagem no IFTM Campus Uberlândia Centro?

2. Como você avalia a atuação do governo federal diante da pandemia?

3. Em que medida foram disponibilizadas as ferramentas tecnológicas necessárias no cenário pandêmico?

4. Os docentes contaram com ações formativas considerando o modelo de ensino remoto emergencial vigente?

5. Na sua opinião, houve diferenças, particularidades entre a prática do Ensino Remoto emergencial e o Ensino a distância - Ead?

6. A partir da experiência da docência durante a pandemia, você vislumbra alguma contribuição do Ensino Remoto emergencial para os processos de ensino e aprendizagem no “pós-pandemia”, ou seja, retornando à modalidade presencial?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS TRANSCRITAS

Local, dia e horário.

Pesquisadora - É bom dia, "A", não, é? Podemos iniciar a nossa entrevista, então.

Entrevistado A - Bom dia, sim. Vou seguir a ordem das perguntas, você gostaria que eu lesse a pergunta, para ficar mais fácil registrado, não precisa? Tá bom, então, falar um pouco sobre a percepção que eu tenho dos efeitos da pandemia nos processos de ensino aprendizagem aqui do nosso *campus*, tá?. O que eu senti foi o seguinte, a gente passou por uma dificuldade muito grande, porque foi uma coisa de uma hora para outra. Você tinha o quê? Você tinha todo um sistema de ensinar e o estudante aprender baseado no ensino presencial. Tá? Então, de um dia para o outro, literalmente assim, nós tivemos que voltar para as casas. E aí você pensar de que forma você iria conseguir é continuar ensinando. Então, o efeito que eu mais percebo foi essa, assim, necessidade de rapidamente a gente adaptar a essa nova modalidade, tá? É, o que aconteceu? Indo e voltando nessas perguntas, a gente pensou o seguinte, tá? É, a gente já tem as contas institucionais de e-mail nossa, ela já é a amarrada ao *Google Education Google for Education*. E aí, a gente conseguiu ter algumas ferramentas, é, o *Meet*, por exemplo, né? Depois veio o *zoom* que é uma plataforma, é, de streaming de Transmissão de imagem,

Pesquisadora - Isso, *web conferência*.

Entrevistado A - *Web conferência*. Então, a gente, é, num primeiro momento, assim, olha, vamos marcar, manter os mesmos dias, os mesmos horários de aula e os estudantes e os professores se reúnem nessas plataformas de videoconferência, tá? Até aí tudo bem, pelo menos você tinha uma, uma, algum tipo de conexão com o estudante, só que aí, você, a gente começou a perceber o seguinte, olha, nem todo estudante tem conexão com a internet, nem todo estudante tem computador em casa, né? Como é uma instituição pública de ensino, é, a gente recebe estudante de tudo quanto é tipo de faixa de renda. Então, nesse *campus*, eu, eu, eu, eu imagino que nos outros *campus* do instituto houve uma questão de levantar dentro do nosso corpo discente, estudante, aqueles que tinham essa carência, né? Eu me lembro que na época, até, é, houve um recurso extraordinário para que o estudante, por exemplo, pudesse comprar um chip de, de, de,

Pesquisadora - Celular.

Entrevistado A - De celular, é, de operadora para poder conectar, conectar no smartphone para poder assistir as aulas. E, no segundo momento, parece que houve também nesse canto aqui a gente teve, é, empréstimos de notebook, tá? Então, assim, a percepção que, que eu tenho no Instituto, vou falar só o instituto, não vou nem entrar em escola, é, pública, porque aí o negócio desanda, tá? Mas eu, eu, eu, eu senti que houve o quê? Um, um afastamento, é, no acesso, por mais que a gente Instituto tentou, é, alguns estudantes, a gente percebe que eles ficaram mais, mais desligados. Por quê? Tá? Não tem, não tem, é, comprovações disso, porque nessa época da pandemia 21/22, eu não estava lecionando com, é, com muita intensidade no técnico, estava lecionando no superior, então às vezes o que eu vou te falar, pode ser que tenha o viés do superior, tá? Mas, é, o que eu percebia era o seguinte; o estudante, quando a gente entrava em sala de aula, nessa sala virtual, você percebia que às vezes o estudante estava lá com a câmera ligada, ou às vezes ele estava com a câmera desligada, então, você não sabia do grau de atenção do estudante naquela aula, tá? Então, é, a gente perdeu esse vínculo de o que o estudante está tentando ou não. Então, você tinha o quê? Quando você tem uma sala de aula presencial, você

tem, aquela, é, o *feedback* imediato do olhar do estudante com professor, você vê, olha, não está prestando atenção, está prestando atenção, tá com dúvida, não está com dúvida. De imediato, a gente perdeu esse vínculo, tá? Então, se o estudante não se manifestasse, professor, professora, não entendi isso, tá? Você, perdia esse vínculo, ou seja, é, como é que está a aferição, por parte do professor, da professora, da aprendizagem daquele estudante? Aí você vai falar, não, no momento de alguma avaliação, você tem uma outra forma de aferir tá? Só que aí veio o segundo problema, como você não tinha avaliações presenciais, você tinha que emitir algum tipo de instrumento de aferição que os estudantes fizessem em casa, tá? E aí a gente lançou mão do *Google* formulário, outros tipos de avaliação, a, mesmo texto para o estudante, é, elaborar alguma pesquisa, só que ele tinha a casa dele para fazer, a internet para, para ajudar, o colega para fazer, a, a troca de ideias, nada contra isso. Acho que o processo de aprendizagem ele tem essa, essa parte de, de troca de idéias. Só que, em algum momento, você tem que aferir o quanto aquele estudante, de forma individual, aprendeu aquele conteúdo. Isso se perdeu durante a pandemia. Por que que se perdeu? Porque você não tinha um controle do, do que que o estudante realmente fez por conta dele, tá? Então é, a, em resumo, o processo de ensino e aprendizagem, o que eu mais percebo assim de, de perda foi essa, é, você perder essa, essa, essa possibilidade de aferir o grau de aprendizagem do estudante durante esse período. A gente perdeu isso daí, tá? É até, até você conseguir pensar em estratégias de como aferir isso aí de forma individual, porque foi aberto assim, eu vou te dar um exemplo prático, às vezes você, é, aplicava uma, uma atividade para o estudante, como você tinha aquela questão? Olha a internet aqui em casa é ruim, eu não consigo, a, eu só consigo acessar a internet à noite, porque de dia, é, não tenho, meu, meu outro irmão, por exemplo, às vezes na família tinha dois, três estudantes que estavam em situação de ensino remoto. E aí você tinha, é, casos práticos de, não então tá bom, fulano, você tem uma avaliação que era para fazer dentro do horário regular de aula de cem minutos, por exemplo, você dava o dia inteiro, né?. Então, dando o dia inteiro, o estudante podia consultar aquilo ali, várias e várias vezes com alguém, com o outro. É, eu, eu senti isso essa, essa, essa aferição, ela desapareceu, tá? Durante esse ano, é, um ano e meio, dois. A, esse foi um ponto que eu acho negativo aqui dentro dessa, dessa questão de, de impacto de ensino. O ensino aprendizagem, tá? É, ferramentas tecnológicas, nesse ponto, pelo menos por corpo docente, eu acho que a gente foi bem servido. Como te disse, o instituto já tinha, o, o *Google for Education*, tá? E, aí, a própria *Google*, e, as outras instituições, é, empresas, nesse momento de pandemia, começaram a desenvolver, é, as ferramentas, disponibilizar as ferramentas, então, eu, eu, em termos de recursos tecnológicos, eu acho que não, não foi o problema, pelo menos dentro do *campus*, dentro do instituto, tá? Agora, alguns estudantes, mais por questões, é, é financeiras, dificuldades não tinham tanto acesso, principalmente uma banda, internet com a banda boa. Aqui não, aqui a gente tinha, não é? É, em casa, alguns professores, a, comentaram, olha minha internet em casa é ruim e aí eles demoraram um pouco pra, pra, pra se ajustar, tá? Alguns colegas falaram que não tinha, não tinha computador em casa, número suficiente, porque de uma hora para outra não era só ele que estava em casa, ou ela, então era ela, ele, os filhos, e aí alguns, alguns colegas falaram que no comecinho ali foi mais complicado você transformar sua casa num numa sala de aula. Mas o, a questão de recursos tecnológicos, eu acho que dentro da medida do possível, o instituto conseguiu atender, principalmente em termos de softwares, a gente não teve problema, teve alguns colegas que, é, tem, tem mais facilidade, já fazia um maior uso da, é, dessas plataformas e criaram conteúdo, disponibilizaram o conteúdo, a gente fez alguns eventos de capacitação, tá? É, e ajudou bastante, né? Inclusive, isso é uma, é um legado que ficou, é, terminada essa, esse período de, de ensino remoto, o que que ficou de bom, né, do, do, desse período de ensino remoto, é o uso dessas tecnologias, tá? Então, eu acho que isso ficou uma, uma coisa boa, Você, é, ter esse, essa, essa mistura de tecnologias.

Pesquisadora - Híbrido, né?

Entrevistado A - É, assim, o, o, o conceito do, do do, do híbrido, é, eu acho que isso é uma coisa boa que ficou, tá? Mas, assim, o híbrido, no seguinte sentido, a gente tem que ter, é, não sei se a gente ainda tem, a, os cursos técnicos ainda não tem esse, esse, esse hibridismo no sentido de, de, é, fazer o estudante ter a sua, a gente prega isso, mas o estudante ainda não, não, eles não tem essa impressão. Ele tem autonomia no estudo dele, olha, uma parte você corre atrás, aí a tecnologia, é, o ensino híbrido vem ao encontro disso daí, tá? Mas ainda o estudante, alguns dos superior também tem muito disso, eles ainda estão esperando, é, um comando do professor, da professora para poder ir, ir atrás. Tem um, o, a, de uma forma geral, tá? Agora, é, nessa linha aqui, tá? Da diferença entre o ensino remoto emergencial e o EAD tem, teve grandes diferenças. A primeira delas foi planejamento, preparação, quando você constrói um curso pra distância, esse curso ele é construído pra que o estudante consiga navegar ali por por conta própria, tá? Então, nós, de uma hora para outra, os professores, estudantes, fala assim, o, agora vocês estão em casa. Então, assim, você não, não teve tempo hábil para construir seu material pra adaptar seu material. O que a gente fez foi lançar mão dessas plataformas, né? De tá ali sempre presente. E eu achei isso interessante, não é o EAD, mas, assim, essa, essa possibilidade de você ter, é, mesmo longe, conversando, eu acho que dá pra gente, vamos pensar aqui no seguinte, em termos de instituto, é, começar a migrar parte dos nossos cursos pra algo, aí sim, algo híbrido ou semipresencial, porque isso é uma coisa que eu notei, é, depois que a gente retornou no começo da pandemia, muitos estudantes deixaram, a, a outros estudos, porque, porque não tinha uma infraestrutura em casa, né? Às vezes porque perdeu o emprego, então, não tinha uma, uma base, é, familiar boa para manter os estudos, agora, tem que, é, ou eu tenho que virar Uber ou tem que virar entregador de, de, de, de comida por aplicativo, enfim, e aí a escola ficou num segundo plano, isso estou falando do Superior, tá? Do técnico, às vezes, a dificuldade foi por não ter uma infraestrutura em casa pra apoio dos estudantes do Ensino Técnico e Médio. Mas aqueles que permaneceram, é, começaram a pensar o seguinte, né? Isso é uma visão minha, tá? Não sei se, não tem dados para confirmar isso. Que, ora, o ensino EAD é uma boa, parece que, é, é uma boa, só que, assim, eles tiveram uma noção errada do que é o EAD, tá? Porque a gente não tinha o ensino EAD, a gente tinha o ensino, é, é, remoto emergencial. Era uma, algo que era presencial, e foi jogado, olha, nós estamos com uma estrutura de ensino de aprendizagem presencial, só que longe, tá? Não é um ensino remoto. Essa questão da falta de aferição é uma delas. Então, assim, para o estudante foi uma beleza, ele ser aferido dessa forma, ou seja, eu posso simplesmente pegar as respostas quando eu quiser com quem eu quiser jogar ali e beleza. Então, isso foi bom, né? Não sei se será bom em termos de de aprendizagem no futuro, né? É, agora é só a gente começar a receber esses estudantes no Ensino Técnico que a gente está recebendo agora, são os estudantes de pandemia.

Pesquisadora - É, "A", mas, é, a EAD e o Ensino Remoto Emergencial, eles também, né? Lógico, a gente vê que são bem diferentes, né? Porque é, EAD, a gente sabe que, igual você falou, planejado, totalmente planejado, né? Aferição, tudo é planejado, enquanto com o emergencial foi pego todo mundo de surpresa aí, então, tem nem como a gente falar aqui, né, que é igual, porque, parecido, que não são, né?

Entrevistado A - Não, não são.

Pesquisadora - Então, foi realmente foi, foi bem, sim, impactante, né? Esse, esse ensino emergencial aí, pros alunos? É, é, mediante isso, até agora, que você né? Já, já refletiu aí que a gente está aqui conversando, você, você tá me colocando aí, "A". Em termos, pra instituição a pandemia, em termos de, de aparato, a gente vê o que o IF é muito bem preparado, né? De tecnologia e laboratório, então isso aí não foi um impacto para a instituição, certo? Mas, é, em termos de, de, de, de, de apoio aos, aos docentes, o Instituto teve? O que que você diz a esse

respeito do, desse apoio do Instituto pros docente? E, agora vamos falar do apoio do governo, né? Vamos dizer assim, tanto pros docentes como pros alunos e pras famílias, né? Para a sociedade, é, nesse nesse período, nesse período aí da, da pandemia, "A".

Entrevistado A - A, em termos de, de de apoio do governo, o governo vou falar do governo federal à época, tá? É, foi, foi lastimável. Então, infelizmente, assim o governo federal, ele, ele lutou, agiu contra o que deveria se esperar de um governo, é, num período de crise como esse, tá? Não vou falar do ponto de vista, é, político partidário, né? Vou falar do ponto de vista de que que um governo, um representante de estado deveria agir num momento como esse, de transmitir confiança, transmitir apoio de, no momento em que é você tinha algo, por exemplo, a, é, tal, é tal ação contribui pra reduzir a contaminação? Sim, vamos fazer aquilo, né? Se esse era o isolamento, se era , a, a, o afastamento, é, das pessoas que iria contribuir naquele momento, por mais que isso tenha um impacto, é, econômico ou social, mas antes isso do que a perda da vida, né? Das pessoas.

Pesquisadora - É o que eu ia falar, né? Preservar a vida, né? Não adianta você ter ali o que comer, mas, e se você vai comer, não não tem como.

Entrevistado A - Exatamente. Então, assim, é, e o país vivia um período, e vive ainda, o Brasil ainda vai demorar um bom tempo para sair dessa, é, dessa, é, dessa polarização política. E isso foi ruim pra, é, o país como um todo tá? Eu, assim, a minha opinião é que o governo poderia, dependendo do ponto de vista partidário, poderia ter sido mais, é, estadista, mais, é, apoiador, tá? Manter a sua posição ideológica partidária, é uma coisa, mas num momento de crise como a gente enfrentou, a gente observou, em outros países mesmo, os governos de esquerda ou governo de direita, é, na medida do possível, eles mantiveram a, a população, assim, é, direcionada para uma ação em conjunto, tá? O que aconteceu aqui, é, no país, e aí levou pras famílias também, eu tive isso em casa, minha esposa teve isso em casa, de chegar ao ponto de achar que a pandemia não existia, né? Que, o afastamento, é, o isolamento social era desnecessário, que, é, o que estava matando as pessoas não era o, o, o vírus do COVID, era outras, outras doenças, enfim. Mas, do ponto de vista, então, enquanto política de governo, faltou grandemente, o resultado tá aí, ninguém pode negar. A gente teve, é, perdas, assim, vidas muito fora do, do, do normal, né? Se a gente pegar um gráfico que mostra a mortalidade no país, ela tem um pico na, durante o período da pandemia. E você não adianta afirmar que há é porque é, morreu, foi o que sempre iria, é, morrer, né? De, é, doenças circulatórias, de câncer esses que mais, as doenças que mais matam historicamente no Brasil. Você pegar os dados do próprio governo federal, você vai perceber que esses números, realmente eles permaneceram estáveis, ou seja, a quantidade de mortalidade por doenças circulatórias, infarto, AVC, a quantidade de mortes por câncer, a quantidade de mortes por, é, acidentes, enfim, os que mais matam permaneceram matando mais ou menos na mesma, mesmo índice.

Pesquisadora - Índice.

Entrevistado A - O, a mortalidade relativa a, ao COVID, ele teve aquele pico, 2020, 2021, então, é, foi o que realmente o vírus existiu, é, a mortalidade por ele existiu. E aí você, é, tinha que ter nesse momento um governo que mostrasse isso, olha, gente, é para ficar, é, em casa, é para ter o cuidado, porque tá matando. E aí você teve o oposto, né? O retorno, por exemplo, não houve uma, houve uma pressão, mas não, a gente não teve nenhuma exigência legal de retorno às aulas presenciais.

Pesquisadora - É porque como se ele tivesse jogado, o "A", isso pro, pro, pro governo, pro estado, e pro município, né? É, é, fica aí, faça do seu jeito.

Entrevistado A - É, é, até na verdade, assim, ele, é, onde, o que eu li, é, se dependesse do governo federal, falando do governo federal, ele gostaria de ter tomado as rédeas, a minha visão tá? É uma visão particular, e, e, colocado, é, normal. Vamos voltar a trabalhar e tudo. Só que o que que aconteceu, é, até entrou a questão também do, do, do, do STF no meio, né? Dizendo que nesse, nesses casos, cada ente federado tinha a sua autonomia e isso foi criticado, é, por alguma, a, pelo próprio presidente da República na época, em algumas, e que ele não pôde fazer nada. O discurso era, olha, eu não pude fazer nada, porque, é, eu perdi autonomia, mas não foi bem assim, né? É, e ainda bem que não foi bem assim, porque se não o negócio teria sido pior tá? Mas, enfim, temos de de, de, de governo federal, independente da posição política partidária, eu acho que faltou. O governo federal podia ter agido como, é, de uma forma diferente, como muitos governos estaduais, inclusive de direita, é, aqui em Minas, por exemplo, e a prefeitura, daqui de, de, de Uberlândia específico, também agiram e são governos liberais, de direita. Então, eles reconheceram que a doença era grave, que ela existia, tá? Então, isso eu, eu não vi no governo federal, isso foi ruim. Então, do ponto de vista assim, é, dessa parte de, de, de apoio de governo federal, o que eu tenho para comentar era isso, tá? Acho que faltou, sim, podia ter agido de uma forma diferente e isso evitaria grandes transtornos, tá? É,

Pesquisadora - Do instituto?

Entrevistado A - Do instituto, então, dentro do instituto eu vou te falar sobre o *campus*, tá?

Pesquisadora - É, é isso, é sobre aqui mesmo.

Entrevistado A - Outros *campi*, eu, é, não tenho condições de falar, porque eu não, não vislumbrei, mas dentro do nosso instituto, desse *campus*, o que a gente teve, é, possibilidade de apoio, a gente, é, recebeu. Como eu te disse, é, eu não, eu não, eu não, precisei de buscar, é, recurso computacional, computadores, notebookes, mas eu, é, eu fiquei sabendo que os colegas, docentes e servidores, que precisaram, estudantes que precisaram, eles, é, conseguiram, na medida do possível, a, algumas máquinas. Eu sei que houve, é, distribuição de notebookes pra alguns, é, não pra todos, tá? Porque não dá para todo mundo a quantidade, mas aqueles, aquelas situações mais críticas, houve uma triagem e isso, isso foi, foi feito. Por exemplo, a gente tem aqui dentro, do ensino técnico, é, um programa de alimentação escolar, tá? Nessa época, o que que foi feito? Não se podia estar na escola pra pegar esse lanche. Todo, todo dia tem um lanche aqui, tá? E aí, na, os colegas da área de apoio ao estudante, converteu esse lanche em cesta básica, tá?

Pesquisadora - Isso aconteceu, desculpa te interromper, "A", aconteceu também tanto no estado quanto no município, tá?

Entrevistado A - Também, né?

Pesquisadora - Nas escolas, porque eu sou, estava na época como professora do estado e do município.

Entrevistado A - Então, isso foi importante.

Pesquisadora - Então, isso realmente tinha uns dias, é, no município, fazia ali uns dia de entrega, fazia preparava-se, pegava todos, né? Na época também tinha, eu tava com filhos no Messias, no Ensino Médio, é, eu lembro, a gente falava assim, não, mas eu não, eu não preciso, mas o que que a escola colocava? Pais, busquem, porque é direito e, se ficar, vai perder.

Entrevistado A - Vai perder, e você mantém um vínculo, né? E, assim, teve muita gente, acha que não, mas teve, tem muitas famílias que dependiam disso aí.

Pesquisadora - "A", e eu sou do município, no, no infantil, no estado era do Magistério. É, você vê que é a mesma coisa, a necessidade de um e de outro, tá? A realidade.

Entrevistado A - É, é verdade. Vamos ver o que mais que a gente pode comentar aqui.

Pesquisadora - A, então, foi do, do instituto aqui, né? Essa colaboração aí com os docentes, do governo, deixou muito a desejar. E agora, o "A", em relação às famílias, o apoio, é, das famílias para com o, os estudantes. Como que foi isso? A gente sabe da dificuldade, né? Que houve do, dos aparatos aí, deles não terem essa condição econômica e agora fala um pouquinho da questão, essa, é, a questão emocional, a questão psicológica. Como que isso também influenciou? Na, até mesmo na aprendizagem dos processos né? De aprendizagem com, com os alunos, a interação das famílias.

Entrevistado A - É, eu acho que muitas famílias tiveram problemas, é, com, com estar, né? Com a criança em casa todos os dias, às vezes, é, eu, eu, eu vou tomar como exemplo em casa, mas em casa foi muito tranquilo. Nós somos só três eu, minha esposa, e um filho. E nós nos adaptamos muito bem, tá? É, foi, foi, foi bem tranquilo. Mas eu sei de casos de estudantes que fala assim, olha, eu não tenho, lá em casa, é, mesmo se o Instituto não tivesse dado o computador, eu teria estudado com o celular e mesmo assim, só tal hora, porque de tal hora a tal hora, o celular era o único de casa, e, e ai eu, eu era, minha, minha outra irmã tinha que estudar, o meu outro irmão tinha que estudar. Então, assim, é, algumas crianças, nesse período, especificamente, eu vou dizer de casos que eu ouvi, porque eu não tava lecionando, durante a pandemia, no técnico, tava lecionando no superior, tá? Então, o superior, a maioria são, são estudantes, é, que tem maior, maioridade e o grande problema deles foi a questão do emprego, porque muitos perderam emprego e aí tiveram de dar uma parada nos estudos. Com os estudantes, é, o que eu ouvi, do Ensino Técnico, é que às vezes um pai ou a mãe que, que havia perdido o emprego em função da pandemia, tava ligado ao ramo de alimentação. Então, é, se não, se não fosse na área de produção da, da alimentação, que aí ia, ia produzir, entregar, mas se fosse um restaurante, um bar, é, uma empresa de festas, de eventos, esses pararam, né? É, muito perderam emprego mesmo. E aí você percebia neles que essa, é, essa, é, desarranjo na, na estrutura financeira da família

Pesquisadora - Mexe com muitos.

Entrevistado A - Mexe, sabe? Então, aí, os estudantes, é, a preocupação deles era, né? Como é que a gente vai, vai passar dessa daqui pra, é, dessa, dessa fase, e, a gente recebeu esses estudantes muitos com uma carência emocional grande, tá? É, mas eu não sei te dizer assim como precisão, é, os principais casos que houve, tá? Houve casos assim, não do nosso, do *campus* que eu, que eu, que eu saiba, pelo menos até onde eu sei, mas de, de violência, porque, às vezes, os pais, é, em casa, é, não, não, não acostumado com aquelas, aquela, é, movimentação toda, dia inteiro com, com o filho pra lá e pra cá. Às vezes também essa questão da preocupação

da perda da fonte de renda, então é uma avalanche de, de emoções. E aí, é, às vezes, quando eu falo violência, mas não é só violência física, tá?

Pesquisadora - Eu sei.

Entrevistado A - É violência verbal também. Ela também.

Pesquisadora - É, é uma das principais pra mim, pior, psicológica.

Entrevistado A - Então, assim, se a gente começou a, a, a receber isso. Essas, essas aí você via isso até mesmo às vezes durante as aulas, você, pedia, né? Vamos abrir a câmera, vamos vê. Não abria, sabe? Assim, não conversava, não interagia. Então, assim de uma hora pra outra, você perdeu esse vínculo. E, eu acho que isso na cabeça de muitos adolescente não foi uma coisa muito boa, não. Então, é, mas como eu não sou profissional nessa área, não sei dimensionar o impacto disso, mas que ficou claro, ficou. Houve, houve um, uma, uma, não se fala de prejuízo, mas, assim, houve uma, uma mudança e um impacto psicológico. Em alguns deles, tá?

Pesquisadora - Você, "A", chegou a ter que, até em algum momento, né? Tipo assim, deixar teu conteúdo, deixar sua, né? E, e, e ouvir esse aluno, né? Tentar ajudar, de certa forma, ou você não precisou entrar nesse campo, como, como que isso, seu olhar.

Entrevistado A - Então, como nesses dois anos, como eu te disse, eu não, não lecionei no técnico, eu lecionei no superior. Então, é, eu não tive que fazer esse tipo de atendimento, tá? É, não que ele não tenha havido, tá? Porque, assim, nós perdemos vários estudantes durante esse período. Só que, é, não sei se é por questão de, é, ser maior, uma, é, maior de idade, o que que é, eles não, é, não davam a, o retorno sobre, a gente, nosso contato. O fulano, você sumiu, que que foi, desapareceu? Não professor, tá difícil, tá corrido e ponto final, tá? A gente chegou a perder, dependendo da turma, metade da turma. Agora, no técnico, eu, eu, a, lecionava, às vezes, algumas disciplinas, uma ou outra, que é da área, a gente tem uma chamada, é, Unidade Curricular Politécnica, que é uma disciplina que você mistura estudante de todos os cursos de todos os anos. É um, uma iniciativa interessante, e aí a gente vai sempre em dois professores, tá? Então, o que eu tinha de, é, de, de interação com esses estudantes, via, via plataforma, era isso, você ter essa dificuldade de tentar, é, é fazer com que eles interagissem com a gente. Mesmo fora do conteúdo, fulano, vamos conversar um pouquinho, dificilmente a gente tinha um retorno, certo? Eu, eu, eu, assim, na, no, no, na interação que eu tive nesse período, o que eu sentia era o seguinte, eu ia ali abrir uma tela de computador, ficava com eles ali, cinquenta, cem minutos e ponto final. Foram praticamente dois anos desse jeito.

Pesquisadora - Enquanto que o presencial era diferente, né "A"?

Entrevistado A - É diferente, porque você olha, você vê que o rosto está diferente.

Pesquisadora - O contato físico, o lugar,

Entrevistado A - O colega ou a colega do lado, às vezes, eles podem até manter, ter mantido, eu vou tomar como base aí já o meu filho, né? Tá adolescente também, eles mantêm o contato com a rede deles, né? É, plataformas de conversa, é, online entre eles, né? Mas aquela interação no ambiente escola, aquela desapareceu, né? Se for só com o, a, a interação no momento da aula e no momento da aula você não tem, é, condições de ter aquela conversa paralela, porque

para você conversar paralelamente é só digitando, mas sai no chat para todo mundo, então aquele com, a, pelo menos dentro daquele ambiente não existia. Onde diz, poderia, e com certeza existiu, conversas paralelas em outras plataformas, né? Não, abre o WhatsApp aí, nós vamos conversando aqui à parte, mas eu, aí eu não sei te falar como é que isso foi.

Pesquisadora - O, "A", e quanto aos processos de ensino-aprendizagem? Assim, em relação à sua formação, né? Ser conteúdo pra, pra tá, é, você diz né? Da dificuldade da aferição, é, quanto à aprendizagem, né? Em qualquer nível e que seja do aluno, essa aprendizagem antes, durante a pandemia e pós a pandemia? Houve níveis, pode dizer, assim, nível de diferenciação dessa, dessa aprendizagem nesses tempos aí, "A"?

Entrevistado A - Então, é, eu, o que, o que eu estou sentindo agora, né? Uma, uma dificuldade, é, dos estudantes em retomar esses instrumentos de, de, de avaliação de forma presencial.

Pesquisadora - Resistência?

Entrevistado A - É, aí vem, a dá pra ser com consulta, a dá pra ser, é, em dupla, a professor. Não, essa época já, já passou. É claro, dentro do, do, do, do portfólio de avaliação que eu tenho, de cada disciplina, tem um misto, então, tem as atividades que são feitas em equipe, em dupla, com consulta. A, fala assim, o gente, isso aqui é para vocês, é, discutir.

Pesquisadora - Os trabalhos, né? Vamos ver seus trabalhos.

Entrevistado A - É, mas tem um instrumento que é individual e sem consulta, que aquele momento é por mais falho que seja, mas é o momento que você tem condições de aferir, claro, tem toda a limitação. Eu também sou adepto da avaliação processual, né? Ao longo do, é...

Pesquisadora - É isso que eu ia te perguntar, pra você a avaliação é processual? Ela é formativa. Não é aquela forma, não é aquela avaliação pra excluir, não é pra punir?

Entrevistado A - Não, não.

Pesquisadora - Porque eu, eu, eu, pessoalmente, eu sempre falo, olha, é, independente da sua nota, né? Se você for ruim ou não, o que importa é o que você aprendeu ou que você tira pra você, pra sua formação, né? Pra sua vivência, o que é que é importante? É o caminho que você tá trilhando. É importante porque é uma forma de a gente aferir? É, mas o importante é que ele, você consiga ver, não, ele aprendeu.

Entrevistado A - E o encarar o erro como aquele, é, tem, eu acho interessante aquele livro, não sei se você ouviu falar, o livro da Carol Dweck, o que é a mentalidade? É o *mindset*, então, você tem a mentalidade fixa e a mentalidade de crescimento. Então, encarar o erro, é, como uma lacuna de conhecimento que você tem condições de, de, de correr atrás, tá?

Pesquisadora - Certo.

Entrevistado A - Por exemplo, ela, essa, ela é uma, ela é uma pesquisadora, psicóloga, eu acho. Então, ela, ela, ela fez essa pesquisa e ela chegou à conclusão que as pessoas têm esses dois perfis de, de aprendizagem, de mentalidade: mentalidade fixa e mentalidade de crescimento. A mentalidade fixa é aquela pessoa que acredita que já nasce com uma capacidade intelectual e essa capacidade intelectual é imutável. Então, se eu sou inteligente, eu me dou bem

eternamente. E se eu não sou, azar o meu. E quem tem a mentalidade de crescimento é aquele que, é, sabe o seguinte, olha, não, eu não sei esse assunto, mas eu tenho condições de, de...

Pesquisadora - Aprender.

Entrevistado A - De aprender. Então, ela, ela, é, é encara o esforço e o erro como dois caminhos pra pra, pro crescimento e aprendizagem. Tanto é que ela, ela sugere em termos de pais, em termos de professores que você, pra você motivar um estudante, um filho não é falar, nossa como fulano é inteligente, não, é como fulano é esforçado. Então, você, então, dentro do, é, toda, todo início de turma, eu apresento esse, essa sugestão de leitura, eu falo pros estudantes, olha, encarar o erro não como uma, não como uma, uma falha. Assim, não, a é eu sou ruim, não. Olha, aquele ponto ali que você errou, vamos correr atrás. O que que, que, por que que você errou ali, que você precisa estudar mais ali, ou você vem se dedicando, a, essa, é, a esse conteúdo, a essa disciplina como deveria, né? Claro, aí muitos vão dizer, mas pra que que, é, pra que isso vai me servir? Na, na vida, né? Esse determinado conteúdo, falo assim, olha, não é o conteúdo, porque o conteúdo hoje, é, nesse mundo que a gente vive, é, você vai estudar conteúdo o resto da sua vida. É, é o tal do *life learning*, é, *lifelong learning*, cuidado durante a vida inteira. Só que é o processo de obtenção desse conhecimento é o que vale. Então, teve uma, uma dificuldade aqui, teve. Eu vou romper essa dificuldade, tá? Então, nesse sentido que eu, que eu, eu encaro, mas aí, de qualquer forma, tem que haver um momento da avaliação individual, justamente pra ele fazer essa reflexão, ou ela, né? O estudante fazer, pera aí, né? Então, o que eu achava que eu, que eu estava indo bem, não tô indo tão bem assim e não encarar, não dou conta disso. A professora, é muito difícil, não dou conta, fala assim, olha, localiza os pontos de dificuldade, e vamos correr, vamos à atrás, hoje, aí nesse ponto, sim, hoje a internet, aí ela tem, é, uma vasta fonte de, de recursos, né? Pra você, é, correr atrás. E outra coisa interessante que eu falo com eles é o seguinte: que às vezes o melhor professor pra eles é o colega que acabou de entender um conteúdo, porque ele pode explicar melhor do que o professor ou a professora, porque o professor ou a professora, já internalizou aquele conteúdo, explica de um jeito só. E às vezes, o estudante que acabou de aprender, vai explicar de um jeito que o outro vai entender, né? Então, assim, costume trabalhar desse jeito, em termos de, de, é, aprendizagem pra que o estudante tenha essa visão de como é que ele aprende.

Pesquisadora - Certo, é, "A", trinta e quatro minutos ainda. É, assim, pra gente finalizar, então. É o que você, é, diria, né? Então, de, de, de tudo, esses dois anos aí que a gente passou de pandemia, em relação aos processos de ensino-aprendizagem, como eu te perguntei, né? Durante e agora, na, na volta do ensino, né? Do ensino presencial. Os alunos, eles retornaram com, a, tipo assim, é, com essa autonomia deles, é, diminuída, né? Vamos dizer assim, né? Porque tinha que, tava ali, né? Então, tiveram toda aquela, não vamos dizer mordomia e tal, agora, não, agora, eles têm que realmente, né? É, ter essa autonomia novamente, porque na, no emergencial era aquela espera e fazer, espero, vou esperar, depois eu vou fazer. Não era isso, ó aluno, vamos fazer ou fulano, tá aí tal, né? É, o que que você diria disso, esses alunos voltaram, né? De forma, dessa mesma forma ou, ou não? Isso, como que tá isso agora no Ensino Presencial, como que tá hoje essa aprendizagem no Ensino Presencial?

Entrevistado A - É, eu, eu até falo com os colegas, a gente ainda não tem a dimensão do prejuízo...

Pesquisadora - Tá recente, né, "A"?

Entrevistado A - Que é, esses dois anos vai ter na, no ensino do país, tá? A gente começa a perceber agora por, por exemplo, esses estudantes que a gente recebeu esse ano, no integrado, são estudantes que vieram, pelo menos o segundo e o terceiro ano, feitos de forma remota. Então você percebe algumas lacunas de conhecimento ali, sabe?. Só que não vamos colocar, debitar toda a fatura na pandemia. Ela teve, mas, assim, isso é uma questão que é muito mais complexa e que, infelizmente, o país ainda não percebeu a importância que a educação de base tem. É, tratar a educação realmente como uma política de Estado e não de um governo. A educação de base, é, então assim, a pandemia só agravou o tamanho do buraco, mas o buraco já vinha grandinho desde...

Pesquisadora - Verdade.

Entrevistado A - A gente tem, assim, e aí você tem, é, vamos dizer assim, uma, uma, uma, uma amplitude muito grande de perfis dos estudantes, por quê? Como a gente tem um processo seletivo, você meio que dá uma peneirada. Mas como você tem o sistema de cotas, essa peneira, ela é uma peneira menos, é, vamos dizer assim, com, com uma...

Pesquisadora - Furo.

Entrevistado A - Uma granulidade maior, tá? Então, você percebe que tem estudante que tem dificuldade em coisa que ele já deveria ter aprendido lá no sétimo ano, sétimo ano, oitavo ano. Tem estudante que tem dificuldade de leitura.

Pesquisadora - Interpretação é um...

Entrevistado A - Interpretação, então, assim, e você olha isso, o que me preocupa é o seguinte: nós, como eu te disse, nós estamos aqui, em tese, pegando, é, estudantes que passaram por um processo seletivo e o restante? É, enquanto, então, enquanto o país, eu me preocupo com isso, por que? Porque hoje, é, e no futuro, a economia do país é baseada no conhecimento.

Pesquisadora - A era do conhecimento...

Entrevistado A - É, entendeu? E a gente está perdendo o bonde aí é, é indiano tomando emprego de conhecimento, é russo, é chinês, é, europeu, então assim, e os bons, os nossos bons, vão embora. Na fuga, perda de cérebro, é, então assim eu estou extrapolando, tô falando de instituto, sabe? Porque minha proposta é o seguinte: dentro do instituto, eu vou te dizer que é uma visão, eu acho que é uma, é um retrato diferente. Por causa disso, que eu te disse, você tem, assim, um processo seletivo. Então, os estudantes que entram aqui, eles têm uma certa, é, é diferença em relação aos demais e mesmo assim você percebe lacunas de conhecimento, porque, porque o sistema de cotas e eu sou favorável a ele, ele permite isso, a entrada em instituições públicas de ensino de diferentes pessoas diferentes é, é...

Pesquisadora - A diversidade, né "A"? É uma diversidade, não tem como.

Entrevistado A - Exatamente. Então, assim, a minha preocupação é que, se você sai daqui, do, da rede federal, por exemplo, e cai na rede estadual, na rede municipal, que aí você não tem esse, esse, esse, esse filtro, né? Quem vai entrar no ensino médio aqui é só mais uma questão de geolocalização, olha, ali na escola "x", então, os estudantes daquele bairro vão pra lá, então, todos estudantes, e aí o professor ou a professora daquela rede vai ter que lidar com uma amplitude muito maior. Gente, estudante que, é, simplesmente, às vezes, não sabe ler porque

vem, é, esse sistema nosso de, de promoção, independente do, do conhecimento, eu acho que ele, entendeu? É falho. E, o estudante, o professor e a professora, fica na, num negócio insolúvel, porque assim, é, ele tem um estudante que se ele for num determinado ritmo, estudante vai começar a ficar entediado, pó, isso eu já vi. E, se você, o professor ou a professora acelerar, tem aquele estudante que mal sabe, é, fazer contas básicas e não entende, vai ficar perdido, desanimado, vai falar assim, eu vou sair daqui, sabe? A, dentro do Instituto Federal, eu, a gente tem uma visão diferente. Eu falo, às vezes, a gente faz, a gente precisava um pouquinho de chá de realidade, porque dentro do Instituto eu acho que não é a mesma realidade de um professor ou de um professora, de uma Rede Municipal, Estadual...

Pesquisadora - Né não, "A". Né não. Eu sou professora, igual eu te falei, tanto do município, quanto do estado, é totalmente diferente.

Entrevistado A - Então...

Pesquisadora - Embora, eu acho, né? Eu penso que tinha que ter uma, uma ponte entre esses, né? Esses, níveis, porque pra mim, o que você falou aí é essencial. A base é tudo. Eu acredito que desde o infantil...

Entrevistado A - Sim...

Pesquisadora - Na educação infantil é pra mim é primordial, porque o que se, porque o que que acontece quando a gente chega aí no Ensino Médio, que, que a criança já tá, né? Que, que a criança já tá né? Que, que o adolescente chega nesse nível? Ele, muito dos conteúdos que ele, que ele aprendeu ali, ele só vai consolidar aqui, lá no Ensino Médio, só vai, é lá no Ensino Médio que você vai ver algo diferente. E, no Ensino Médio, tem muito de, dele ter esse conhecimento que você falou básico e o que atrapalha a aprendizagem dele, em não ter sucesso, vamos dizer assim a palavra, né? Ou, é justamente por essa falta de conhecimento do básico, que muitas das vezes, isso deixa a desejar no governo, nas políticas públicas, porque, a, é, é o mínimo que se passa aí no, no, na educação pública, infelizmente, é o mínimo. Se você pegar um da escola, e quando fala a escola privada é diferente, nesse, nesse sentido é...

Entrevistado A - É diferente...

Pesquisadora - Porque eles vão mesmo ver coisas que quando chega lá no Enem, pra eles, uma prova do Enem, pra eles não faz diferença, não impacta, enquanto que no ensino público impacta demais...

Entrevistado A - É, você pode observar, a gente, é, há quantos anos, assim, é uma preocupação que, inclusive, eu falo, gente, a gente até na, na instituição pública de ensino, é, fomos contaminados, né? Assim, não vou dizer a palavra contaminar não, porque, às vezes, mas é a questão da preocupação com indicadores. Olha, eu acho que a gente tem que ter sim, tem que ter, só que, o que acontece? É, se você ficar, é...

Pesquisadora - Indicadores de qualidade...

Entrevistado A - Aí você, então, pera aí, então, vamos, vamos ter indicadores aqui, o seguinte, olha, o quanto esse estudante a gente tá, é, enviando ele à frente, melhor do que a gente recebeu. Acho que esse é um indicador que teria que ser medido

Pesquisadora - É, isso daí, "A", me lembra quando eu dei aula no magistério, já, nós já vamos encerrar, é, é, fala *input*, *output*, né? É, por exemplo, ele entra, é, ó, o aluno vai pra escola, ele vai aprender pra ele dar uma resposta, né? Aí você vai devolver ele, vamos dizer assim, pra sociedade, diferente do que ele entrou. Aí eu te falo. Aí quando eu vejo na escola um, agora a gente vai pra uma coisa bem mais melindrosa, que é a educação inclusiva, não, especial aquele aluno que tem um, um PCD, né? Uma pessoa com deficiência, algum transtorno. Aí você falou a palavra de promoção, porque esse é, é, é essa, esse perfil aí de aluno? Ele é promovido mesmo. Aí, enquanto ele tá na escola, beleza, passou, acabou os anos. E como que fica a vida dele depois que ele sai da escola?

Entrevistado A - Quer trabalho...

Pesquisadora - Que ele vai para a sociedade? O que que mudou na vida daquele aluno? Porque, sinceramente, a realidade da educação, o que eu falo hoje tá na escola, a educação especial tá muito longe de ser o que precisa ser. E eu não vou entrar aqui, viu? No Instituto, de perguntar, falar no meu questionário em relação aqui, direcionado a ele. A, Lídia, mas você teria que ter algo nesse sentido, pra eles te falar como que aconteceu, a, para esses alunos, então, "A", durante a pandemia, o ensino, como que aconteceu?

Entrevistado A - Não...

Pesquisadora - Então, assim, não vamos entrar, porque, nossa, isso é pro outro momento, né?

Entrevistado A - Outro momento...

Pesquisadora - Quem sabe, pra uma outra pesquisa...

Entrevistado A - Não é, e assim eu tenho uma visão aí, isso aí, só pra fechar, então. É, a gente, a gente tá preso, e, e olha que até, por incrível que pareça, a própria legislação permite isso. A gente fica preso, às vezes, assim, a esse negócio, é ao, ao, ao, ao período letivo. O que que eu falo isso, se o estudante, ele é PCD, é, o período letivo dele também tinha que ser diferente. O que que ele tem que apresentar, assim, é, tem, tem que ser promovido no trimestre no ano, ou no ano? Sabe, é, é, olha, , o, o, o tempo tem que ser o amigo dele, então se ele tem uma certa dificuldade, por que que o ano letivo dele não é um ano e seis meses letivo? Porque aí você cria o quê? Você cria uma, uma, uma, ou uma pressão em cima dele, fala assim, ó, isso aqui você tem que aprender ou, então, você tira o pé, e vai. Aí o que acontece? A hora que ele cai, como você comentou, cai na sociedade, aí o choque de realidade, pô, é isso aqui? Então, não dou conta, né? Então, assim, é, a gente tinha que fazer assim, olha, você é, é, você, você tem alguma dificuldade? Você está enquadrado em alguma, é, uma deficiência? Então, o seguinte; o tempo tem que ser seu amigo. Então, você não tá restrita ao trimestre ou semestre, ao ano letivo né? Pra você, você ter, olha, você, você promovido no primeiro ano, no segundo ano, seu primeiro ano não é um ano letivo, às vezes pode ser um ano e seis meses. Entende? A gente...

Pesquisadora - Uhum.

Entrevistado A - A gente, é, quebrar essa questão temporal...

Pesquisadora - Sai da seriação, né? Ir pro ciclo...

Entrevistado A - Exatamente. E a legislação já permite isso...

Pesquisadora - É cíclico, né?

Entrevistado A - Cíclico, módulo. A legislação já permite isso. A, a, gente é que tem que começar a pensar nisso, porque dá trabalho...

Pesquisadora - É, procura o caminho mais fácil, né, "A"? "A", agora pra gente encerrar, então, é, é você, você pode fazer aí suas considerações? O que você quiser falar algo mais, se bem que você foi bem, mas, né? Você abordou bem, saiu assim, né, não é que saiu, além, né? Da, das perguntas aí, você foi bem mais, né? Mas é, você quer é colocar alguma coisa ainda? Suas considerações em relação a tudo. O, o de positivo, olha Lídia, de positivo durante, negativo, o que que ficou agora, né? Pro futuro, se vier, a gente passar por outra pandemia, vamos dizer assim, Deus queira que não, mas é, deixou algum legado, não deixou. O que que você diz?

Entrevistado A - É, eu, eu assim. Eu sempre gosto de olhar o copo meio cheio. Eu acho que, assim, procurar o positivo e o negativo. Então, assim, teve, claro, como te disse, impactos...

Pesquisadora - Negativa a gente já tem, né "A"?

Entrevistado A - Já tem, já tem, então assim, como te disse, não vamos debitar só na pandemia o problema educacional brasileiro...

Pesquisadora - Não, porque aprendizagem, inclusive, eu começo a falar lá uma parte lá do ensino aprendido, dentro da minha disciplina, da minha dissertação que a aprendizagem ela é complexa, ela acontece de várias formas. Um, o aluno não, não apresenta, aprende igual ao outro, cada um é no seu tempo, cada um é da sua forma e o professor tem que ter isso também, né?

Entrevistado A - Uhum...

Pesquisadora - Se fulano tenho que ir assim, com esse daqui eu tenho que ser diferente, então, eu tenho que ter "n" planos, né? Planejamento, eu vou dizer assim, que eu falo planejamentos, é de lidar, né?

Entrevistado A - Sim...

Pesquisadora - Às vezes, esse é que aprende de uma forma. A, como eu falei da educação especial, tem aluno né? Autista e tal que ele vai aprender muito mais usando um aparelho tecnológico do que com o professor mesmo ali. Tem isso, né? Porque a gente sabe que o autismo não tem essas sociabilidade, então ele pode aprender muito mais com a máquina, mas é, é o que a gente tem que pensar em tudo....

Entrevistado A - E esse é o principal legado que eu vejo positivo, porque, assim, forçou, é, que o corpo docente, porque o estudante não, é, essa geração já é nativa, né? Então, é, forçou o corpo docente a interagir mais com tecnologia e abriu os horizontes. Pô, mas será que, quer saber, esse negócio é bom mesmo. Então, assim, o, o positivo é isso. E no superior, aí eu vou deixar o técnico de lado, porque eu acho que o técnico e o, como o nosso é integrado ao médio, e ainda tem que ter um pé no presencial. Eu acho que, não abro mão disso, porque a interação social é essencial na formação do adolescente. Mas para o superior eu já vejo uma possibilidade de algo, de um hibridismo, sabe?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado A - E aí é o, o, o, esse, esse remoto, é, mostrou pra estudante e pro corpo docente que é possível. Só que, assim, algo planejado, não jogado ali, sabe? Então, como legado positivo, eu acho que é, assim, que a tecnologia, ela pode ser aliada no processo de ensino e de aprendizagem.

Pesquisadora - E, e, ela, e você acredita que, e tudo isso contribuiu pra que agora, no Ensino Presencial isso já é? Não tem como agora tirar mais, né, "A"?

Entrevistado A - Exatamente. Hoje você pode usar a tecnologia dentro do...

Pesquisadora - Então, é algo que ficou agora no Ensino Presencial?

Entrevistado A - Eu acho que ficou. A, por exemplo, vou te falar algo prático, tá? É, a gente usa um recurso do, do, do *Google for Education* que é o *classroom*, sala de aula...

Pesquisadora - Uhum, uhum, *classroom*...

Entrevistado A - Entendeu? A disponibilização de materiais, algumas atividades, essa interação e isso permanece e eu acho que é positivo.

Pesquisadora - Muito, eu também acredito...

Entrevistado A - Principalmente pra uma geração que já nasceu ali. Então, ela já se identifica mais, fala assim, vou tornar a escola um pouquinho mais interessante.

Pesquisadora - É isso que ia falar. É isso que ia falar. Deixa de ser: eu não vou aprender por obrigação, vou aprender por prazer...

Entrevistado A - Por prazer...

Pesquisadora - E, e tá lidando com a ferramenta que é o que você falou dele, né? De um nativo aí, do aluno que já tá nele...

Entrevistado A - Então, acho que o, o legado principal foi isso, que aquela galera docente que ainda usa giz, né? Começou a, foi obrigado, você sabe que é interessante. Então, eu acho que isso ficou positivo.

Pesquisadora - "A", muito obrigado, nosso tempo aqui já, né? Alcançou, eu sei que você tem outro compromisso aí é, e...

Local, dia e horário.

Pesquisadora - É, bom dia, "B". Meu nome é Lídia, tá? Eu vou iniciar fazendo a primeira pergunta que é norteadora pra entrevista tá? Da pesquisa. A pergunta um, qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos de ensino-aprendizagem no IFTM, *campus* Uberlândia centro?

Entrevistado B - Bom, nos alunos que a gente acompanhou num período de pandemia. É, e que depois retornaram ao ensino presencial. É, a gente percebeu uma dificuldade, às vezes, de interação social, muitos voltaram com, com crises de ansiedade. É, dificuldade mesmo de voltar ao convívio, acho que por conta do período de isolamento. Em termos cognitivos, os alunos que a gente acompanhou durante a pandemia, eu acho que a gente conseguiu cobrir bem, né? A gente dava aula remota e tudo. Não senti tanto, tanto a, a parte cognitiva, mas sim dos alunos que a gente, recebeu que fizeram, é, tiveram esse acompanhamento na pandemia em outras escolas, a gente percebe dificuldades, principalmente relacionadas à matemática e português. Interpretação de texto, entendimento, é, dos enunciados, dos exercícios que a gente passa. E não é geral, né? Mas tem uma parte considerável dos alunos que a gente tem encontrado com esses, com essas dificuldades.

Pesquisadora - Certo, esses alunos que, que vocês receberam, é, eles tiveram um outro processo pra ter, pra estar entrando no IF? Porque é processo seletivo.

Entrevistado B - É, no, no primeiro ano, assim, na, nos ingressantes de 2022, eles fizeram, ainda foi análise de currículo, então foi uma seleção por nota, é, do Ensino Fundamental. Agora, em 2023, já teve um processo seletivo com prova e a seleção foi da, dos melhores classificados nesse, nesse exame, né? Nessa prova...

Pesquisadora - Ah, tá certinho, "B", e agora pergunta número dois, como você avalia a atuação do governo federal diante da pandemia?

Entrevistado B - Eu percebo que teve uma tentativa de, de não, é, de certa forma, de tentar atender todo mundo, né? Então, teve programas pra poder, é, fornecer planos de dados pra que os alunos conseguisse ter acesso à internet e acompanhar, é, teve também, aqui no IFTM, editais pra poder o aluno comprar equipamentos pra que ele conseguisse acompanhar as aulas, né? Então, teve bolsas pra, pra aquisição de equipamentos, pra, pra acompanhamento das aulas. É, então, assim, acho que essas ações, de certa forma, ajudou, mas que foram suficientes, eu, eu considero que não foi suficiente, porque a gente trabalha com alunos com, com, é, nível, níveis né de...

Pesquisadora - Econômicos...

Entrevistado B - É, econômicos diferentes, então tem aluno, assim, eu acho que, que a dificuldade não era só, às vezes, ter a internet ou ter o equipamento, mas do ambiente de casa também influenciava, aí, e, com isso, é, o governo tinha pouco poder, né? Assim, no ambiente que ele tinha em casa, se ele tinha um local adequado para estudar ou não. Isso tudo afetava um local adequado pra poder acompanhar as aulas. É, se tinha um acompanhamento mais próximo dos pais, porque, é, quantos alunos no período de pandemia, eles, a gente dependia muito também do acompanhamento dos pais em casa. Então, aí, são outros fatores que influenciam, mas acho que o governo, ele tentou sim, é, dar um suporte e, aí, essas bolsas, de certa forma, ajudou, né? A quem não tinha condições, não tinha equipamentos a, a, conseguem acompanhar as aulas...

Pesquisadora - É, de certa forma, é, durante, é, um mês, com essas ações do governo, né? Desse suporte, é, teve, a gente, percebeu, teve, né? Na sua opinião, uma, desigualdade, um aumento das igualdade social, por exemplo...

Entrevistado B - Teve, teve...

Pesquisadora - Uns poderiam ir, outros não...

Entrevistado B - A gente percebia claramente que os alunos com...

Pesquisadora - Menos recursos...

Entrevistado B - Com menos condições sociais, né? Menos recursos financeiros, eles tinham mais dificuldade... pra poder acompanhar as aulas, e se...

Pesquisadora - Indiretamente, afetava o ensino-aprendizagem, né, "B"?

Entrevistado B - Sim, sim...

Pesquisadora - Tá, a três, em que medida foram disponibilizadas as ferramentas tecnológicas necessárias ao cenário pandêmico?

Entrevistado B - É, a gente, a gente, trabalha muito com, posso falar? Posso, né?

Pesquisadora - Pode, uai.

Entrevistado B - O nome das ferramentas que a gente usou?

Pesquisadora - Pode...

Entrevistado B - A gente trabalha muito com o *Google Meet*, então, o *Google Meet*, ele tinha, de certa forma, ele tinha os recursos que a gente precisava, a gente precisava de uma ferramenta para a transmissão das aulas. E uma ferramenta de gerenciamento de conteúdo que era o, o *Google Classroom*, então, aí a gente encontrou, é, certa forma, até, alguns professores tiveram dificuldade, né? Na época eu peguei também, eu era também Coordenadora de Curso, ainda sou né? Então, o que eu acompanhei dos meus colegas, os que eram mais familiarizados, não tiveram tanta dificuldade nessa transição, mas quem não era acostumado a usar essas ferramentas digitais, né? Como o *Google Classroom*, pra disponibilizar conteúdo, eles tiveram um pouco de dificuldade. E, e mesmo as ferramentas de Transmissão das aulas. Então, foi, foi, é, a gente teve dificuldades por parte do do corpo docente também e aí, é, no período, nesse período, as ferramentas eram gratuitas, então a gente conseguia gravar aulas. Depois, quando foi acabando a pandemia que mudou, né? Então, aí a gente já não conseguia mais gravar as aulas. Então, em termos de ferramentas, eu, eu acredito que, que não faltou, né? Recurso.

Pesquisadora - Tá bom... A pergunta número quatro; os docentes contaram com ações formativas, considerando o modelo de Ensino Remoto Emergencial vigente?

Entrevistado B - ...É, essa parte acho que não, [risos].

Pesquisadora - [Risos].

Entrevistado B - Acho que não. Então, foi muito assim, é, não, não teve um processo formal, é, de capacitação dos docentes, não teve. Aí eles tiveram mais que aprender sozinhos, com a ajuda de colegas, então, formalmente não teve...

Pesquisadora - ...É, bom, não teve. E pra você, o que que poderia ter acontecido nesse, nesse, eu sei que, é, o ensino, ele foi, pegou todo mundo assim, de surpresa, né? Ah, foi tudo corrido, os docentes teve que se virar, né? O governo colocou, fez o que ele pôde, mas se houvesse essa ação formativa aqui pra você, "B", o que que seria? Que medida que poderia ter feito, adotada então?

Entrevistado B - ...Eu acho que pra, assim, umas duas semanas, às vezes, de preparação poderia ter, ter minimizado um pouquinho do, do desgaste, né? Assim do...

Pesquisadora - Dos docentes...

Entrevistado B - Das dificuldade dos docentes. Então, assim, é, eu tive pouca dificuldade porque eu sou da área de Computação, mas eu acredito que pra eles foi, foi bem mais complicado e até mesmo pros alunos, né? Então, assim, ensinar os alunos a usarem. Não tinha possibilidade de fazer nada presencial, a gente tinha inúmeras dificuldades, alguns nem tinham acesso...

Pesquisadora - Tinha que ser tudo online, né, "B"?

Entrevistado B - É...

Pesquisadora - Tudo teórico...

Entrevistado B - E mesmo os, os programas, os editais, eles foram acontecendo durante a pandemia, porque não sabia, né? Quanto tempo que a gente ia ficar. Então, é, eles foram acontecendo, assim, seis meses depois, né? Da, da pandemia, aí que foram abrindo os editais, então, realmente teve um prejuízo pra alguns alunos, alguns alunos acabaram sentindo mais e quem sentiu mais, foram os que têm menos acesso econômico...

Pesquisadora - Porque os, é, isso aí que você falou, né? Seis meses e tal pra, pra lidar com essas ações. É, as aulas não tavam parada, né, né, "B"

Entrevistado B - Não parava...

Pesquisadora - O tempo todo...

Entrevistado B - Não parava, aqui, aqui não parou...

Pesquisadora - Então, foi difícil, né?

Entrevistado B - Nem acho que foram, pararam três dias só e depois foi tocando. E aí realmente esses alunos ficaram excluídos, né? Do, do processo. A gente tentou fazer o que podia, teve um período até que a gente abria laboratório aqui, porque tinha um aluno que mora na zona rural, então aí ele não tinha, por mais que, ah, dá um equipamento, não ia resolver, a internet dele num ajuda e tudo. Então, eu acho que, que alguns conseguiram passar bem, né? Por esses períodos, mas, é, aqueles com maior dificuldade financeira, que tem uma família com condições financeiras, é, classe social mais baixa né? Acabaram sofrendo mais.

Pesquisadora - Certo. E, em relação a essa questão aqui, em relação, então, à aprendizagem né? O processo de aprendizagem, é, essas ações aqui que eu falei pra você, citei, elas influenciam

aí no, no processo de ensino-aprendizagem também? Porque, aqui, quando a gente tá falando dessas ações formativas, ah, gente tá pensando aqui em lidar com, com um aparato tecnológico, né? Mas e, e, a parte didática também? A parte de, de, do processo de aprendizagem, “B”?

Entrevistado B - Então, é, era outra, outra forma de, às vezes, tentar melhorar né? Claro que assim, estávamos no meio da pandemia. Não sabíamos quanto tempo essa pandemia ia levar e tudo. Mas o que, o que eu percebi de dificuldade nesse período; a metodologia que você usava poderia ser mais efetiva ou menos efetiva, né? Então, eu percebo da prática que, que alguns, algumas metodologias, como as, algumas, em algumas turmas, eu trabalhei com a Orientada a Projetos, funcionava melhor na, na, na situação que a gente tinha, né? De não, não ter aula presencial. E eu percebo também que alguns outros professores tentaram levar, né? A, a metodologia que ele aplicava no Ensino Presencial. Isso não funcionava bem e atrapalhava o processo de ensino-aprendizagem. Então, isso seria outra forma, assim, mostrar a gente tem essas opções e o que a gente tem que funciona melhor, quando a gente está distante do aluno, não estamos presencial, são essas metodologias, vamos tentar adotar essa aqui, né? Até colocar, então acabou ficando assim, mais uma tentativa e erro, né? Então, assim, é, a princípio, ninguém, acredito que, que não estava preparado e nem muito disposto a tentar coisas novas e não sabia nem mesmo o que tentar. Então foi, foi mesmo algo bem atribulado, né? Assim, para os professores e pros alunos, porque aí a gente tenta reproduzir, por exemplo, ah vamos fazer apresentação de seminário em grupo online, não funcionava muito bem. Eu percebi que os alunos reclamavam e o professor, mas o professor tava acostumado a fazer isso na prática dele em sala de aula e, é, é isso que ele tentou levar pro remoto, né? E aí, não funcionava bem? Então, aí tudo a gente foi, né? Nós como Coordenadores tentamos mediar isso, né? Mas, é, é outra coisa que precisava ter sido pensada e aí, no meio da pandemia, não foi pensado, então foi, foi mesmo tentativa e erro, né? Do, da parte dos professores e com isso teve prejuízos, sim, pros alunos...

Pesquisadora - Na aprendizagem...

Entrevistado B - É...

Pesquisadora - Tá. Pergunta cinco, na sua opinião, houve diferenças, particularidades entre a prática do Ensino Remoto Emergencial e o Ensino a Distância, EAD?

Entrevistado B - Houve diferenças? Sim, eu, eu nunca atuei diretamente no, no EAD, né? No, normalmente aqui na Instituição eles usam o *moodle*, tem outras instituições que eu sei que usou o *moodle* também pra essa época da pandemia, mas a gente não tinha acesso ao *moodle*, então a gente não usou. O que eu percebo de diferença, é, eu percebo que o Ensino Remoto a gente conseguia aproximar um pouquinho mais dos alunos, de que forma? Da forma como a gente fez aqui, a gente trabalhava com aulas. Aulas síncronas, né? E eu acho que com aulas síncronas, a gente ainda conseguia ter uma proximidade maior com os alunos do que o Ensino a Distância. Então, o Ensino a Distância tem os momentos de encontro, né? Mas eles são poucos ao longo do período lá, que, que o aluno está fazendo um curso. Aqui, não, a gente, durante o Ensino Remoto, nós tínhamos todo, toda semana a gente tinha um encontro com aluno, era metade do horário que normalmente a gente usava pras aulas presenciais, porque quando a gente tá trabalhando com o Ensino Remoto, transmissão de aula é bem mais cansativo você ficar em frente a uma tela. Mas, de certa forma, a gente tinha ali o contato com o aluno, né? É, constante, toda a semana, toda, assim, no período que estava previsto pra ele ter aula lá no horário, a gente tinha metade desse período, é, de interação, né? Então, eu, eu vejo isso como diferencial positivo em relação à forma como a gente aplicou o Ensino Remoto em relação ao

Ensino, a Educação a distância. É, e aí, então, a gente conseguia ter um acompanhamento mais próximo do aluno também, né? Então, era semanal, ao invés de, de ter poucos períodos de encontro.

Pesquisadora - E, e, o planejamento também faz diferença né, “B”? Na EAD esse planejamento é diferente do Ensino Remoto?

Entrevistado B - Então, eu nunca atuei no, no a distância, né? No EAD, mas assim, é, é, a gente trabalhava com as atividades e, e parte do período das aulas, é, em aula, né? Transmissão de aula, gravava as aulas, então eles, eu acho que isso é semelhante aos alunos, eles, se eles quisessem reassistir a aula, eles poderiam assistir pra poder, é, tirar dúvidas. É, mas, assim, do que eu sei, da da, da educação a distância, e o planejamento, é, são normalmente, são aulas gravadas e as tutorias, né? E as tutorias não são presenciais, então eles vão respondendo. Então, a gente vê algumas semelhanças, porque aí quando a gente estava na, no Ensino Remoto, só, eu cito remoto, só pra poder diferenciar dos cursos que já estão planejados pra ser EAD, é, no Ensino Remoto também eles tiravam dúvida, né? Pelas, pelas redes sociais ou pelas plataformas de conteúdo, que, que era o *Classroom*. Então isso é semelhante, né? Mas em termos da, Ensino Remoto e a distância, percebo isso, né? É, é feito de maneira mais autônoma o estudo, em relação ao Ensino Remoto aí. Acho que o professor atuou, atuou mais na, no Ensino Remoto...

Pesquisadora - A pergunta seis, a partir da experiência da docência durante a pandemia, você vislumbra alguma contribuição do Ensino Remoto Emergencial para os processos de ensino-aprendizagem no pós-pandemia, ou seja, retornando à modalidade presencial?

Entrevistado B - Eu acho que alguma coisa, algumas coisas algumas coisas ficaram, né? Então, a plataforma de conteúdo já é geral, praticamente todo mundo usa. É, acho que a gente expandiu mais o horizonte em relação às metodologias que podem ser usadas, né? Então, é, que a gente classifica como metodologias ativas, é, muitos, abriu, é, esse, esses cenários se apresentou para os professores e muitos continuam adotando, né? Metodologias, metodologias ativas no Ensino Presencial... E, de certa forma, alguns professores que eram avessos às tecnologias, agora [risos] já conseguem aceitá-las de maneira mais harmônica.

Pesquisadora - Teve que, é, vamos dizer, assim, acordar, né?

Entrevistado B - É.

Pesquisadora - Sair do que era cômodo.

Entrevistado B - Agora, já, já aceita usar a tecnologia a favor deles, né? E não ficar contrária a ela...

Pesquisadora - Certo. E os alunos, como você percebeu? Teve assim, alguma resistência? Teve a, o retorno deles agora, até então, eu tava ali, né? No remoto, em casa e tal. Agora tem que vir, tá presencial. Como que isso, qual, como foi sua percepção?

Entrevistado B - Eu acho que eles ainda tão acostumando. Ainda tão acostumando a essa volta, mas no geral eu acho que, que é muito positivo pra eles, né? Então, assim, é, quando a gente retornou mais, de maneira mais efetiva, né? O ano passado que a gente começou no processo de 2021, mas 2022 todos retornaram. A gente percebia que alguns tinham dificuldades de ficar aqui no ambiente da escola e aí as crises de ansiedade, né? Tinha alunos que passavam mal só com a ideia de vir pra a escola. Eu acho que é muito em função do que eles passaram no período

de isolamento, de voltar, né? Alguns tiveram dificuldade de tirar a máscara, que, é meio que queriam continuar com a máscara se escondendo, né?

Pesquisadora - Autonomia deles, você percebeu se mudou? Como que foi? Eles...

Entrevistado B - É, é, eu, eu percebo também a dificuldade deles permanecerem todo o período em sala de aula. Como se eles tivessem muito acostumado a, a ficar lá prestando atenção, por exemplo, dois horários, eles têm dificuldade, eles pedem pra sair. Quando eles voltaram, eles pediam mais pra poder ir no banheiro, né? Sair um pouquinho da sala, do que antes da da pandemia. Percebi isso também, uma inquietação, né? Uma dificuldade de concentrar de, de ficar ali na aula por um tempo maior. Isso eu também percebi. E aí acho que no geral foi isso, assim, que eu percebi de diferença.

Pesquisadora - E quanto ao processo de avaliação, "B"? É, a, você aí, por exemplo, lá na pandemia o, o processo de avaliação foi um, e o processo de avaliação presencial a gente sabe que é outro. Como que isso aconteceu? [Risos] Como que isso foi pra você?

Entrevistado B - ...É, eu acho que teve, teve que fazer, a gente teve que fazer algumas adaptações, né? Na, na forma de avaliar, então. É, igual, quando eu trabalhava com o projeto, eu percebi que funcionava melhor atendendo grupos separados, então, eu, além do do horário de aula, eu marcava horários extras pra poder atender os grupos, porque eu conseguia direcionar melhor, né? Enquanto eu tava lá, é...

Pesquisadora - Coletivo...

Entrevistado B - É meio que assim, um atendimento individual, né? E eu percebia que dessa forma os alunos aprendiam melhor que quando eu tentava passando conhecimento pra todo mundo, e aí quando eu, eu pegava os grupos, ficava mais claro as dúvidas que cada, cada aluno tava tendo, né? Então, é, essa, pra mim é outra dificuldade no Ensino Remoto; você conseguir acompanhar bem toda a turma. Assim, no Ensino Presencial eles vão fazendo, né? Normalmente, assim, eu dou aula de disciplina técnicas, eles vão fazendo e eu consigo ver, o que cada um tá tendo dificuldade...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado B - Onde cada um tá errando e eu consigo fazer uma análise geral da turma. Pra eu consegui fazer esse diagnóstico no Ensino Remoto, eu tinha que fazer os atendimentos individuais, né? Ou em grupos menores, porque se não eu não conseguia chegar nesse diagnóstico. Então, foi uma dificuldade também do Ensino Remoto que eu tive. É...

Pesquisadora - É, "B", agora suas considerações aí, né? Que você, geral, é que você possa tá deixando, tá falando né? De tudo que se passou, até mesmo você enquanto profissional, docente do IF ou então você, né? Enquanto pessoa no seu, na sua, sua, sua socialidade né? Individual, fora, né? Do trabalho. É, de tudo até hoje, o que você possa tá falando, né? Que, que representou esse, esse período pra gente e que ainda tá representando que, de certa forma, não estamos ainda fora desse período pandêmico, né, "B"? Tá menor, mas nós estamos, né?

Entrevistado B - A gente tá...

Pesquisadora - E também, já puxando o gancho, vamos entrar também com a questão governamental, se, se a gente tem esperança, que, que isso possa também né? Pra frente, se acontecer isso novamente, né? A gente queira que não, mas a gente tem agora, teria maior facilidade de lidar com esse Ensino Remoto com as ações

Entrevistado B - ..., É, eu considero que foi um período bem complicado, né? A partir da pandemia, é, ninguém tava preparado na época, eu acho que se acontecer de novo, provavelmente, a gente já tem o. o que foi, o que a gente teve de experiência né? E eu acho que é muito importante seu trabalho, até em função disso, você tá, você vai documentar a percepção, né? De quem lidou diretamente, então, em termos de histórico e de experiências, tudo, eu acho muito importante esse trabalho que você tá desenvolvendo. Já te parableno, parableno por isso, eu acho que aí...

Pesquisadora - Obrigada, "B".

Entrevistado B - É, é uma forma muito interessante, desenvolver né? Um trabalho de pesquisa, é...

Pesquisadora - Pro futuro, né? Melhorar o futuro...

Entrevistado B - É, e aí a gente vai ter os registros ali no seu trabalho...

Pesquisadora - Isso.

Entrevistado B - Então, como que foi isso no, no cenário do, do IFTM? Você, seu trabalho vai servir de referência pra isso...

Pesquisadora - Isso.

Entrevistado B - É, e aí, acho que então, se a gente tiver que enfrentar uma situação, a gente vai partir do que a gente já viveu e que que foi de experiência positiva, o que que foi de negativo, a gente já sabe que que funcionou e que que não funcionou, e que que pode ser melhorado, né? Então, em termos governamental, eu, eu acredito que... precisa, já tem se falado, né? Em inclusão digital há muito tempo, mas ela não não acontece de fato. Então, tem que ter investimento, de forma que, é, que todos os estudantes tenham acesso, a, né? A essas plataformas digitais. Sabe utilizar e saiba utilizar pra aquisição de conhecimento...

Pesquisadora - Caberia aí políticas públicas, "B"?

Entrevistado B - Sim, sim, de, de incentivo, né? E, e de como usar, não usar por usar, como muitos estudantes fazem, né? Mas qual que é a maneira correta de usar? E até mesmo, é, outras políticas em termos de, de não se expor demais, né? Porque agora a gente tá vendo, a gente passou durante a pandemia. Nós vivemos muito nesse mundo digital e esse mundo digital. Ele tá sendo usado pra, pra coisas...

Pesquisadora - Negativa...

Entrevistado B - Negativas também, né? Porque a gente vê as ameaças de, de ataques nas escolas. Então, por isso que a gente precisa fazer um trabalho com os estudantes de maneira a utilizar da maneira correta esses, essas ferramentas, né? É, e aí, em relação aos professores

também, né? Então, a gente passou pela pandemia e o que a gente percebe aqui, né? É que, que os professores têm usado mais, mas e os, as outras, isso não é realidade de todas as escolas, né? Tem...

Pesquisadora - Tem que investir nessas ações formativas...

Entrevistado B - Tem que investir...

Pesquisadora - Na educação, não, no ensino, na educação continuada, né?

Entrevistado B - É...

Pesquisadora - Na formação continuada.

Entrevistado B - É, e as escolas têm que, que equipar as escolas pra que, que eles tenha acesso a essas tecnologias, porque se não, realmente ele vai ficar lá, né? Ainda, a tendência é voltar a ser avesso à tecnologia [risos] de novo, né?

Pesquisadora - É, não...

Entrevistado B - Isso, não é bom. Então, aprender, ensinar tanto os professores, quanto os...

Pesquisadora - Os docentes...

Entrevistado B - Os estudantes a...

Pesquisadora - Os estudantes e os professores, é tudo um conjunto, né, "B"?

Entrevistado B - A utilizar...

Pesquisadora - Não tem como fragmentar isso...

Entrevistado B - Sim

Pesquisadora - Né? E o IFTM, a gente sabe que a realidade, né? Em relação à escola básica...

Entrevistado B - Nós somos privilegiados...

Pesquisadora - É diferente, né?

Entrevistado B - A gente tem muitos privilégios...

Pesquisadora - Tem toda a tecnologia, né?

Entrevistado B - Em relação às outras escolas públicas...

Pesquisadora - Os docentes estão aí sempre buscando estudar, formar o próprio IF, a Instituição, acho que fornece isso também, né? Pros docentes, essa formação né, "B"?

Entrevistado B - Sim, sim...

Pesquisadora - É... pera aí, tava aqui pra te perguntar...

Entrevistado B - Até por isso, sim, por termos uma realidade, é, privilegiada que eu imagino que pras outras escolas foi bem mais difícil, né? Pra gente foi difícil, mas acho que pra eles ainda foi mais difícil ainda...

Pesquisadora - Muito, né? Porque realmente a gente viu desigualdade, né? O aluno que, da criança, do aluno, do adolescente que poderia entrar numa vídeo aula, assistir, entrar no, na, na aula, é, com o professor. Eu vou falar só um pouquinho, né? Que eu achei, eu achei muito interessante, até agradeço o fato de você falar né? Da minha pesquisa ser interessante por tá mostrando como que aconteceu, porque eu enquanto professor também vivi, né? Eu peguei, é, em 2020, março, a gente foi, tipo assim, lembro direitinho numa segunda-feira, aí na terça-feira já tava encerrada as aulas, eu tava no estado, eu tava dando aula pro ensino, pro Magistério. Magistério é o curso que a gente ministra as disciplinas da pedagogia...

Entrevistado B - Uhum...

Pesquisadora - Então, foi difícil, eu tive turma, alunas que, que desistiram, falou, professora, eu não consigo, se não for presencial, eu não consigo. Outras, por conta de tá em casa, aí tinha que cuidar da casa, cuidar do filho. Aí quem ia cuida? Falava, não, você tá em casa, agora você pode cuidar. Perda de trabalho, tinha que trabalhar, então tudo isso influenciou. Então, eu vivi isso na pele. Eu vi o quanto foi difícil. No município, além da burocracia toda de papelada, preenche isso, preenche aquilo, faz isso, relata isso. E no estado, no município não foi diferente. O município também, porque eu, eu fui, tava sendo profissional, tanto no estado quanto no município, no município também foi a mesma coisa, muita cobrança, muito, muita, sei lá, preenche relatórios, porque eles queriam trabalho bonito no papel, né, "B"?

Entrevistado B - É...

Pesquisadora - E a gente naquela crise, professores também adoecendo. Não consegui lidar com toda essa tecnologia...

Entrevistado B - É a parte emocional dos professores também foi afetada, né?

Pesquisadora - Isso. Então, por isso, um dos fatores, né? Pro, pro, pra eu tá fazendo também, vamos ver isso daí, porque tá recente essa volta, né, "B"? Eu tô assim, quase que as primeiras eu acho que né?

Entrevistado B - Aham...

Pesquisadora - Porque vocês, olha fevereiro, não sei o calendário aqui, é fevereiro também não foi?

Entrevistado B - Fevereiro...

Pesquisadora - Então, fevereiro, março, abril [risos], maio. Então, esse retorno pra vocês tá sendo até novidade ainda pra vocês tá colhendo tantas informações, não é isso?

Entrevistado B - ... É, não, a gente ainda tá vivendo os reflexos da pandemia e a gente vai viver durante bons anos. E...

Pesquisadora - E essa recuperação, você acha que seria em quanto tempo?

Entrevistado B - Outra coisa que precisa ser feita, é, até, até citando, né? As ações, precisa ser feito um nivelamento, né? Desses alunos, porque o *déficit* que ficou, igual eu citei pra você em matemática e português, né? Reflete em todas...

Pesquisadora - As disciplinas...

Entrevistado B - As disciplinas, então precisa ser feito nivelamento. A gente tem tentado fazer aqui propostas da, das Unidades Curriculares Politécnicas, de Matemática Básica, né? E, e mais voltados também pra, pra, pra a área de português. Mas precisa ser feito nivelamento, porque se não, é, essa perda que os alunos teve né? Em termos de conhecimentos, ela vai ficando...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado B - E vai afetando todos os níveis de ensino que eles forem fazer na sequência...

Pesquisadora - Porque o conhecimento que está sendo construído todos os dias...

Entrevistado B - Acho que isso tem que ser uma ação do, do governo também, né?

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado B - Tem que ter políticas voltadas pra isso, tem que ter ações dentro das Secretarias de Educação voltadas pra isso...

Pesquisadora - É, e essa, e essas ações, ela tem que ser em todas as esferas, municipal, estadual, federal, né, "B"?

Entrevistado B - Sim..

Pesquisadora - Tem que permear todo, todo o contexto aí da educação, né?

Entrevistado B - É, porque...

Pesquisadora - Tem, tem que ter uma ação conjunta, num, num projeto de educação né?

Entrevistado B - Sim...

Pesquisadora - O nosso país, né? Educação, tem que ter um projeto de educação e tem que ter, é, é, vamos dizer assim, nem o que acontece aqui, acontece lá? Lógico que a tem diversidade, né? O, por exemplo, tem diversidade no campo, diversidade na, na, na região, na na urbana. Mas eu falo assim, em termos de ações, de ações pedagógicas, ações educacionais, didática, né? Do, da, da tecnologia, ela tem que tá em todos os segmentos, né?

Entrevistado B - Sim. E, assim, não dá pra ser feito de maneira, igual você falou, né? Cada, cada local provavelmente teve um impacto diferente, então, eu acho que deveria ser feito algo, um projeto né? Em termos dos níveis aí, do, dos setores que, que oferecem ensino, de maneira a diagnosticar onde que tá, onde estão os problemas? Que que faltou? O que que os alunos não

conseguiram, é, adquirir de conhecimento que vai impactar, é, na vida escolar dele? É, e a partir dessa identificação, fazer a, a proposta de ações, né? Pra poder minimizar esses problemas.

Pesquisadora - É porque o IF, né? A gente sabe que o objetivo aqui é preparação desse aluno, é, do ensino, né? Propedêutico da, de todas as disciplinas, mas também da ação humana do aluno, não é a, a intelectual,

Entrevistado B - Sim...

Pesquisadora - Afetiva, a formação desse aluno pro mundo do trabalho, a gente tem que sair desse mundinho de falar o mercado, o capital. Não, gente, tá formando pro trabalho, mas tá se formando pra vida, né?

Entrevistado B - Pra vida, como pessoa. Sim. É, e aí outra ação que eu, que eu acredito que deveria ter, até mesmo pelo, pela quantidade de problemas que a gente encontra aqui de saúde mental, seria ter um suporte maior em termos de saúde mental, tanto pros alunos, quantos pros professores. E aqui a gente não tem...

Pesquisadora - Até uma orientação, orientação por parte dos psicólogos, né? Da saúde, isso mesmo...

Entrevistado B - Porque isso veio e se intensificou mais na, a gente já tinha, né? Esse problema, até mesmo pelo, pelo ritmo de vida que a gente tem tido, assim, a, a pandemia intensificou mais problemas de saúde mental e isso tem reflexo...

Pesquisadora - Aí eu volto, lembro do que você falou da, do cuidado dessa, dessa, dessa era digital, dessa influência, né? Da mídia aí por conta disso, porque já tava acontecendo, é, já tavam com esse problema, né? Dessa doença e tal, controlar, não sabia como que se vai reagir. Ainda tinha as informações erradas, os *fake news*...

Entrevistado B - Sim, *fake news*...

Pesquisadora - *Fake news* que isso aí também desgasta, o terrorismo aí em cima disso, né, "B"?

Entrevistado B - É, não. Isso, isso aumenta, né? A, o nível de ansiedade da, das pessoas e os problemas de saúde mental, com certeza... Aí eu acho que também deveria ter ações nesse sentido, né? De, de auxiliar tanto professores quanto aluno. A ter um, um, uma qualidade melhor de saúde mental.

Pesquisadora - Certinho. "B", é, muito obrigada, viu? A nossa entrevista encerra e eu vou te dar o retorno...

Local, dia e horário.

Pesquisadora - É, "F", bom dia. Vamos iniciar a nossa entrevista. São 6 perguntas pra nortear e de acordo com que eu vou fazendo aqui, você vai me respondendo. Ah, pergunta um, qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos de ensino e aprendizagem no IFTM, *campus* Uberlândia centro?

Entrevistado F - É, eu vou no meu comentário, vou falar tanto dos efeitos durante a pandemia...

Pesquisadora - Isso, pode ser, pode.

Entrevistado F - Quanto agora nesse período considerado pós. É, os efeitos da pandemia durante um momento de ensino emergencial foram muito estressantes e por conta do contexto de insegurança sanitária. Então, essa insegurança sanitária, o medo de contaminação, trouxe um aceleração, né? De decisões e de tomadas de decisão que, a meu ver, gerou muito estresse na comunidade em geral, tanto discentes quanto os servidores. Esses efeitos da pandemia, agora num contexto pós-pandemia, é, nos trouxe uma série de questões. Acho que a primeira questão é, ah, do relacionamento interpessoal, nós ficamos quase dois anos sem esse contato físico direto. O que gera também né? Uma série de consequências em relação à tolerância, é, o que nós temos vivenciado agora, nesses momentos né? Mais recentes de violência na escola, na escola que gerou, sim também, né? É, e eu entendo que seja um efeito pós-pandemia também, porque as redes sociais se tornaram esses espaços de interação e até mesmo organização, né? Desses discursos de ódio. Um outro aspecto que eu acho que é válido comentar dos efeitos da pandemia foi como que, institucionalmente, a gente teve que se organizar de uma maneira muito mais sistematizada pra suprir lacunas de aprendizado. Então, estudantes que passaram, né? Quase dois anos apenas no ensino remoto, com condições diversas, alguns conseguiram desenvolver, né? Os processos de aprendizagem, conforme a gente propôs no ensino, mas outros não, por questão de infraestrutura, questão de saúde mental. Então, esse momento agora, em 2023, um dos efeitos mais, é, mais claros, né? Mais expostos é esse da organização sistematizada pra gente tentar suprir a ação como as de aprendizado. Então, com os atendimentos dos docentes, mas com um trabalho muito intenso de monitorias, né? Então, houve de fato essa preocupação.

Pesquisadora - Tá. Os, os discentes apresentaram questões mais ligadas também à questão emocional, psicológica? Tudo isso, é, também gerou essa, de certa forma, no processo aprendizagem também né?

Entrevistado F - Lógico, porque se a saúde mental, ela não tá bem estruturada, bem equilibrada, afeta diretamente em como que ele vai conduzir o seu processo de aprendizagem...

Pesquisadora - Desenvolvimento...

Entrevistado F - Então, é, hoje, agora em 2023, acho que não tantos casos, né? Mas, é, principalmente, em novembro de 2021, que foi quando a gente voltou, né? Foi o primeiro momento ali de retorno presencial, que ainda ficou num processo; parte dos alunos presenciais, outra parte online, mas 2022 o ano inteiro, por uma série de casos de alunos com, diagnosticados com síndrome do pânico, outros sem diagnósticos, né? Mas que relatavam crises de ansiedade, é, sintomas de depressão. Então, assim, houve de fato, um aumento expressivo na quantidade de casos em 2022. Em 2023, esses casos ainda estão né? Permanecem, mas parece que, institucionalmente, a gente consegue lidar melhor. Entendo que as famílias também acolheram melhor essa situação.

Pesquisadora - Muito bom. É, “F”, agora a pergunta dois, como você avalia a atuação do governo diante da pandemia? Isso durante tá? O governo passado.

Entrevistado F - Bem, eu acho que, ah, muito, ou muitos, né? Muitos aspectos a serem abordados em relação a, ao compromisso do governo teve, é, eu me insiro nessa linha de pensamento que de fato vai criticar as atitudes do governo em relação à omissão, à negligência, né? A demora do processo de, de campanha de vacina, então, eu me insiro nesse grupo que

critica essas situações de omissão, de negligência, né? Da, o suporte e de maneira muito desrespeitosa, como que o próprio Governo Federal tratou todo esse processo.

Pesquisadora - Dentro da educação, vamos agora só...

Entrevistado F - Principalmente...

Pesquisadora - Só pro ambiente da educação, ele também não teve, assim, um apoio mais...

Entrevistado F - Não teve. E aí quando a gente vai pensar nessa questão de organização, principalmente do MEC, né? É, houve, sim, os decretos, né? Indicando suspensão de aulas, mas não houve um direcionamento pedagógico de como seria esse Ensino Emergencial. Então, o MEC ficou muito atrelado aos decretos que o Ministério da Saúde, a própria OMS né? Ele replica, mas não houve uma organização sistemática, estudiosa, né? Atenta, cautelosa, pra nos propor alternativas pra esse Ensino Emergencial. Então...

Pesquisadora - E, e também quando se fala na questão, você falou pedagógico, didático, mas na questão também das ferramentas, dos aparatos, também não teve esse apoio?

Entrevistado F - Não houve, não veio nenhum recurso extra, por exemplo, pra gente ter uma plataforma específica de uso. Então, nós, enquanto escola, nós ficamos reféns do uso de ferramentas gratuitas...

Pesquisadora - Isso, falando do docente, dos discentes também pior, né?

Entrevistado F - Mesma coisa...

Pesquisadora - Porque a desigualdade aí da economia pra quem não tinha condições, ficou...

Entrevistado F - Então, são dois aspectos interessantes pra se pensar; essa falta de direcionamento em relação ao projeto pedagógico durante o Ensino Emergencial, que não houve essa preparação e, outro aspecto, enquanto recursos de infraestrutura...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado F - Seja essa infraestrutura física, porque, ah, o espaço da escola, ele foi transportado pros nossos espaços domésticos. Então, não só a questão de cadeira, de mesa, mas questão de infraestrutura; do computador, da câmara de webcam, da conexão de Wi-Fi. Então, professores que tiveram que adquirir esses recursos por conta própria, então não houve um, um recurso destinado pra que os professores equipassem suas salas de aula...

Pesquisadora - Tiveram que se virar, né "F"?

Entrevistado F - Isso...

Pesquisadora - Se virar como pode...

Entrevistado F - Mas a situação ainda ficou, foi pior pros alunos, porque muitos estudantes, eles estavam, é, morando em zonas que não tem nem sinal de Wi-Fi. Nós tivemos casos de estudantes, aqui no *campus*, que moram em fazendas e então ficou pior...

Pesquisadora - Certinho... “F”, a pergunta três. É, eu acho que tem a ver com a pergunta dois [risos], um pouco. Em que medida foram disponibilizadas as ferramentas tecnológicas necessárias no cenário pandêmico? Aqui, "F", a gente pode considerar aí, né? Vocês, é, quais, né? Quais aplicativos? Quais ferramentas também?

Entrevistado F - Bem, essa disponibilidade, ela não foi uma disponibilização feita pelo governo. Como eu disse, institucionalmente, a gestão trouxe possibilidades de uso de ferramentas gratuitas. Então nós usamos dos espaços de ambiente virtual de aprendizagem, assim, pode-se entender, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado F - Do *Google Classroom*, que foi a nossa, nosso espaço mais explorado, mas sempre na, no que o recurso permite ser usado enquanto espaço gratuito. *Google Meet*, mesma coisa, até certo ponto, principalmente ali, né? Depois da pandemia, em 2022, suspenderam...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado F - Então, o que que nós percebemos? Durante a pandemia, não houve uma organização, é, de uma estrutura gestacional em âmbito federal, que trouxesse essa disponibilidade de ferramentas. O que nós fizemos, enquanto um grupo de professores, foi buscar ferramentas que tinham, é, estavam disponíveis de forma gratuita na internet. Essas ferramentas, por terem sido muito utilizadas, não só em frequência, mas também em quantidade, né? Em 2022, a consequência direta foi de suprimir, foram, fomos cortados, né? Então, aqueles recursos na parte gratuita, eles foram cortados, seja no *Google Meet*, seja no *Google Classroom*, que é a parte do *drive*, a gente perdeu espaço no *Google Drive* institucional. Então assim, é, desencadeou uma série de consequências, porque tanto estudantes, quanto servidores, houve um momento institucional que nós precisamos, né? Reduzir as nossas caixas, né? Esse, é, de *storage* né?

Pesquisadora - Isso, isso.

Entrevistado F - No *Google Drive*. E tanto estudantes, quanto professores, a gente nem sabia o que deletar. Então, muitos dados foram perdidos pra que a gente então conseguisse continuar usando a ferramenta. Institucionalmente, não houve a viabilidade de se pagar a parte que o *Google* pedia. Então, tá vendo como que foi muito uma questão de manobra capitalista da própria empresa?

Pesquisadora - Tudo é, né?

Entrevistado F - Então, é isso...

Pesquisadora - Tudo gira em torno do capital, né? Em torno dessa...

Entrevistado F - Então, não houve ferramentas institucionais que foram criadas por um momento. Não houve investimento financeiro. Então, nós usamos apenas e ficamos reféns dessas versões gratuitas.

Pesquisadora - Certinho. Pergunta quatro, os docentes contaram com ações formativas, considerando o modelo de Ensino Remoto Emergencial vigente?

Entrevistado F - Institucionalmente a gente tentou se organizar. Houve iniciativas, mas nada muito constante ou sistematizado. O que que eu quero dizer com isso? Houve momentos de capacitação, que há uma diferença entre capacitação e formação...

Pesquisadora - É muito...

Entrevistado F - Então, a partir do momento, e atrelando a resposta anterior, definiu-se que a gente iria usar a versão gratuita do *Google Classroom*. Muitos docentes não, nunca tinha usado o *Google Classroom*. Então, foi uma urgência de ter um momento de capacitação de três, quatro, cinco encontros pra explorar e ensinar, né? Como configurar o *Google Classroom*? Que tipo de atividade? Mas não houve uma formação sobre concepções de avaliação, né? Então, se aprendeu a como usar o *Google Formulário* pra elaborar, né? Testes de múltipla escolha, mas não se discutiu sobre conteúdo, sobre avaliação processual. Então, é, eu entendo que isso aqui foi muito parcial. Então, ações de capacitação houveram, houve, né? Muitas, mas não houve um processo de formação contínua sobre como usar essas ferramentas em concepções que prevêm, né? Um processo de ensino-aprendizagem mais interativo...

Pesquisadora - Metodológico, didático, né? Não só a técnica, né?

Entrevistado F - Isso, isso. Abordagem.

Pesquisadora - É, cinco, na sua opinião, houve diferenças, particularidades entre a prática do Ensino Remoto Emergencial e o Ensino à distância, EAD?

Entrevistado F - Lógico. E eu acho que essa foi a grande polêmica, né? Ah, o Ensino a Distância, ele, é, se coloca não só como uma modalidade de ensino já constituída, né? Regulamentada. Mas também como uma área de conhecimento de pesquisadores e estudiosos, né? Então, assim, é, é consolidado. Nós temos pesquisas muito sérias sobre a questão de Educação à Distância. Então, a polêmica de como o Ensino Remoto surgiu como um momento ali, emergencial, foi justamente por tentarem colocar o Ensino Emergencial nessa categoria de EAD, que não é. Então, o Ensino Emergencial, ele surge, eu entendo, como um momento ali, emergencial, porque a EAD, ela exige uma estrutura, ela exige uma série de pessoas envolvidas, e quando eu digo pessoas, junto de um processo de elaboração de material didático que é específico pra EAD. O Ensino Remoto, ele caracterizou uma transposição do Ensino Presencial pro ambiente virtual, foi transposto.

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado F - Não foi pensado... Perdeu?

Pesquisadora - Não! É, "F", essa questão do, do Ensino Remoto aí pro, pro ensino EAD, que você falou, é muito importante, né? Eles tentaram, pensou-se em alguns, ah, né? Já tem a EAD, então, né? Não vai ser tão difícil. É, isso é utopia, porque, como você disse, EAD, eu valorizo muito e eu acho muito importante, a EAD, ela é totalmente planejada, com plataformas, com *links*, todo, todo um ambiente ali.

Entrevistado F - Uhum. Tem uma estrutura...

Pesquisadora - Assíncrono. Isso. Com pesquisadores sérios, né? Que pesquisam a didática, pesquisa a metodologia pra poder lançar mão, né? E disponibilizar pro curso ter qualidade. E o

emergencial, que que aconteceu? Lógico, claro que não teve um planejamento antecipado, anterior, né? Foi tudo de surpresa...

Entrevistado F - Uhum.

Pesquisadora - Então, isso, tem uma questão aí realmente pra se pensar e não se fazer essa, não se confundir, né?

Entrevistado F - Uhum.

Pesquisadora - Achar que um tava no, né? Não. Então, parece com EAD, não, nada a ver com EAD

Entrevistado F - É, mas eu, eu entendo que não é utopia. Eu acho que foi irresponsabilidade. Eu acho que associar o Ensino Remoto a EAD foi um, tem sido, né? Porque ainda tem pessoas que ainda hoje acreditam que tem uma associação, mas é irresponsável, é leviano. Quem faz esse tipo de associação são pessoas que não conhecem essa área do conhecimento que é a EAD, né? Então, desconhecem a seriedade que é esse tipo de trabalho, a gente sabe que a EAD durante anos tem enfrentado, hoje talvez menos, né? Mas tem enfrentado muitas, é, questões, né? Ah, de, de credibilidade, né? De, da qualidade que a EAD tem em relação ao presencial. E eu entendo, voltando lá na primeira pergunta dos efeitos, a gente, é, percebeu como que o, a presença física, ela começou a ser repensada em muitas questões. Exemplo, quando a gente vai pensar em reuniões hoje, eu entendo que as reuniões administrativas a gente consegue ter uma qualidade maior nas reuniões online.

Pesquisadora - Webconferências...

Entrevistado F - Porque eu consigo reunir...

Pesquisadora - De fora...

Entrevistado F - Não, e eu consigo reunir e ter contato com pessoas de muitos lugares...

Pesquisadora - Lugares...

Entrevistado F - Esses pontos de conexão, interatividade, A gente nunca tinha vivenciado antes da pandemia. Eu tô falando de reuniões administrativas, mas eu gostaria de dar ênfase nas possibilidades não só, é, didáticas, por exemplo, eu já tive oportunidades, aqui, dos estudantes terem tido contato com um autor de um livro literário que a gente tinha lido. Ele lá em São Paulo, a gente aqui, e a gente fez toda a interação. Que se fosse pra eu depender, né? De uma diária, de um recurso pra a trazê-lo, eu não ia conseguir. Então, a pandemia me permitiu repensar esses espaços e também né? Explorar ferramentas que possibilitasse.

Pesquisadora - Desculpa... É, quando eu citei a EAD É porque eu posso falar, a minha graduação Pedagogia foi pela UFOP...

Entrevistado F - Uhum. Ouro Preto.

Pesquisadora - De Ouro Preto e isso é EAD. E o pólo presencial nosso foi em Araguari...

Entrevistado F - Eu conheço o pólo lá.

Pesquisadora - Todas as provas presenciais, trabalhos, seminários, com tudo, com seriedade mesmo, do presencial

Entrevistado F - Uhum.

Pesquisadora - E assim, professores excelentes, tá?

Entrevistado F - Uhum.

Pesquisadora - Então, eu valorizo, eu amo, eu sou totalmente a favor de EAD sim.

Entrevistado F - Uhum. É, só pra dar um outro exemplo, né? Dessas possibilidades, ah, essa questão da presença, né? Principalmente em eventos acadêmicos. É, hoje a gente tá na oitava edição, mas evento que nós temos aqui do *campus*, que até então eram eventos físicos, né? Presenciais...

Pesquisadora - Caros, né?

Entrevistado F - Caros, porque a gente tem, não só uma questão de infraestrutura, mas de deslocamento de pessoas...

Pesquisadora - Isso, né?

Entrevistado F - Organização de *coffee break*. É, desde 2020, né? Então, nós já fizemos três edições na versão online.

Pesquisadora - Oh!

Entrevistado F - E a versão do ano passado, é, trouxe uma, uma, um resultado que a gente, assim, era inesperado, tá? A gente não tinha essa noção. O evento, por ser um evento acadêmico, que até então era um evento local, ele ganhou uma dimensão nacional...

Pesquisadora - Oh!

Entrevistado F - Com participantes das cinco regiões do Brasil, então tínhamos participantes do norte, nordeste, centro-oeste, do sul. Que enquanto evento local a gente não teria essa abrangência. E por ser um evento que já tá na terceira edição, mas que começou online por conta da pandemia, hoje, apesar da gente tá no pós-pandemia, nós não conseguimos voltá-lo pro presencial, porque a gente não quer perder essa interação com, de âmbito, né? Nacional...

Pesquisadora - Isso, muito bom. Então, é um ponto positivo. É, agora a última pergunta, "F", a, a partir da experiência da docência durante a pandemia, você vislumbra alguma contribuição do Ensino Remoto Emergencial [risos] para os processos de ensino-aprendizagem no pós-pandemia, ou seja, retornando a modalidade presencial? Aqui, até quero também te pedir pra colocar essa a, a, o retorno também do discente, tá? Se teve resistência, como que foi esse retorno? Como que, que aconteceu também nessa, pra retornar na modalidade presencial?

Entrevistado F - Isso. Eu entendo que nesse momento agora, pós-pandemia, é, a gente tem que considerar que houve quase que uma, uma série de extremos, né? E decisões muito extremistas. Durante a pandemia, o contexto, ele me obrigava a usar o celular, ele me obrigava a ter um espaço de estudo e de trabalho organizado na minha casa, que talvez eu não tive, né?

Pesquisadora - Isso.

Entrevistado F - Não tivesse esse espaço antes, mas agora eu tive que fazer. E eu percebo que pós-pandemia, o extremismo foi no sentido assim; ah eu quero esquecer do, o estresse da pandemia. Então, os celulares passam a ser proibidos né? Dentro de sala de aula. Evita-se, ter, fazer as reuniões online, e pede, né? Que a reunião seja presencial, pra garantir essa qualidade. Então, quer dizer que o que a gente fez antes não teve qualidade? Então, há uma série de decisões extremistas no sentido de que ainda se continua no: o presencial é melhor, né? É, eu acho que nós estamos caminhando com, com uma série de reflexões sobre isso. Quando o próprio Conselho Nacional de Educação, ele coloca em pauta, né? Agora em fevereiro, o documento tava em consulta pública, a proposta de um Ensino Híbrido, que vai surgir, então, como uma terceira modalidade, né? De, de ensino. A gente percebe que essa discussão ela tem ganhado os espaços. Houve uma série de desistências, principalmente em cursos de graduação, né? Pessoas adultas que desistiram dos cursos, que evadiram, ah, das escolas, porque agora ela não teria disponibilidade de estar presencialmente os cinco dias da semana naquela carga horária. É, isso que nós temos em dados estatísticos, né? Que eu tô te falando de evasão, por esse motivo, a gente vai encontrar um ambiente de trabalho no mercado de trabalho que tem se reconfigurado numa perspectiva de trabalho remoto tremenda, pra um série de escritórios que perderam as suas unidades físicas...

Pesquisadora - *Offline...*

Entrevistado F - Que estão, tá trabalhando *home office*.

Pesquisadora - *Home office...*

Entrevistado F - Então, assim, isso é um efeito da pandemia. Então, ah, eu acho que nós estamos caminhando pra essas discussões. A gente precisa refletir melhor. A gente precisa saber o que cabe melhor. É, quais níveis de ensino que se encaixam de uma forma melhor a vida.

Pesquisadora - Maturidade, né? Pra ter esses jovens...

Entrevistado F - Talvez os cursos de Pós-graduação, eles caibam melhor nessa perspectiva EAD, né? Do que os cursos, talvez de, de Educação Básica. Então, eu acho que são estudos que devem ser feitos, né? Nessa perspectiva. E, ainda nessa, porque aqui a gente está falando de Educação Profissional e Tecnológica, né? Nós trabalhamos com uma série de estudantes de nível de Ensino Médio que ao aprender né? A utilizar essas ferramentas digitais pros processos de aprendizagem, a gente poderia pensar e ter experiências de propostas em que eles desenvolvessem num espaço não presencial também, porque durante a pandemia a gente trabalhou assim. Então, acho que a gente tem que entender, ah, quais são as vantagens. Eu acho que é sair desse extremo, né?

Pesquisadora - Certo...

Entrevistado F - De certo e errado, EAD ou presencial, bom ou ruim? Acho que, de fato, analisar esse contexto, vê quem é o nosso público, que que o nosso público pede, né? Oferecer, é, uma diversidade de oportunidades.

Pesquisadora - Certo...

Entrevistado F - Então, se eu hoje, eu ofereço aqui apenas cursos presenciais, hoje o *campus* Uberlândia Centro são só cursos presenciais. Será que não é hora da gente pensar uma possibilidade desse mesmo curso presencial também ter uma, uma perspectiva de um curso EAD?

Pesquisadora - Pra alcançar muito mais pessoas, muito mais formações...

Entrevistado F - Isso. Que é um público diferente, atender essa diversidade de necessidades.

Pesquisadora - Certo. Então, "F", é, eu vivenciei esse período, né? Eu tava dando aula no curso de magistério, que é para adultos e tive desistência também de alunos, professora, não consigo, não dá. Não consigo assim a distância. Não consigo. Muitas, por quê? Por tá em casa, o trabalho, filho...

Entrevistado F - Sobrecarga...

Pesquisadora - Nossa, não tinha como né? Desenvolver e gerou muita, muita evasão também por isso tá? É, tive que, nós tivemos que reinventar, né? É, a didática, metodologia pra tela, né? Se era trabalhas, trabalhos em grupo, é, apresentar, como que eu vou apresentar o trabalho em grupo agora, se cada um tá na sua casa, entendeu? Então, realmente [risos] foi muito, teve que ser pensado mesmo, né? Foi muito difícil.

Entrevistado F - Uhum...

Pesquisadora - É, "F", agora pra encerrar. Você quer deixar algumas considerações em relação a tudo? Pode, pode ser geral, né?

Entrevistado F - Uhum...

Pesquisadora - O que foi pra você enquanto pessoa lá na sua, no seu, na sua, na sua família, né? Na sua profissão socialmente pro futuro, né? Vamos supor, futuramente, se passarmos por outra turbulência como essa, né? Deus queira que não, mas seria, um caso a se pensar que, pegar o que já passou, vai, isso que aconteceu facilitar? E futuramente, se houvesse novamente tivesse que passar por isso, tanto por ações do governo, ou você acha que não faria diferença?

Entrevistado F - Não, com certeza faria diferença. Uma questão bem metafórica, né? Bem comparativa. Esse jogo da pandemia a gente já tá com XP um [risos], a gente passou o nível um...

Pesquisadora - [risos]

Entrevistado F - Então [risos], se surgir um nível dois, a gente vai usar, com certeza, essas experiências vividas.

Pesquisadora - Porque o ator que mais se virou nos trinta, foi o professor.

Entrevistado F - É, então, assim..

Pesquisadora - E os alunos...

Entrevistado F - Eu acho que essas experiências, elas não podem ser desconsideradas, não podem ser esquecidas.

Pesquisadora - Nunca...

Entrevistado F - Eu fico muito feliz de ter contribuído, né? Com projetos de pesquisa que eu orientei, que eu desenvolvi pra essa produção de conhecimento na área da educação que analisou esses modelos, tem analisado, né? Essas experiências durante o Ensino Remoto. Pra gente não esquecer do que foi vivido...

Pesquisadora - Histórico, né, "F"?

Entrevistado F - Isso, é histórico. Então, essa memória, ela não é só institucional, é uma memória pessoal que vai influenciar nessa formação pedagógica que a gente tem. Então, eu entendo que hoje, né? Quem tem ingressando nos Cursos de Licenciatura nesse momento até pós-pandemia, eles vão tocar nesse assunto, né? Eles vão se inteirar do que foi esse momento, é, de Ensino Remoto, as desvantagens, os estresses e tal, porque de fato, o conhecimento tá sendo construído nesse momento da contemporaneidade, né?

Pesquisadora - E a gente, é, interessante você falou aí, eu tô aqui, né? Gerações, né? Nós temos as gerações da pandemia, né, "F"?

Entrevistado F - Tem.

Pesquisadora - Não tem como fugir, porque quantas mães, né?

Entrevistado F - Uhum...

Pesquisadora - Quantas crianças que nasceram, que vieram, né? Desse contexto, dessa pandemia, né? Então isso aí é fato, aconteceu a história...

Entrevistado F - E assim, é, eu entendo Lídia, que nós, nós duas que estamos falando sobre esse assunto, você que tá produzindo, né? Um texto científico sobre isso, uma dissertação, nós, talvez, só vamos alcançar a dimensão de tudo isso que a gente viveu, ou tem vivido, quando a gente tiver um distanciamento histórico. Talvez daqui uns dez anos, daqui uns quinze anos, porque essa história que está sendo vivida e construída nesse momento, a gente não consegue, talvez, captar ou alcançar né? Toda essa dimensão, mas daqui a pouco, daqui uma década, né? Quando a gente tiver esse distanciamento a gente...

Pesquisadora - Deixa eu ver se eu, é, se eu vou fazer a metáfora, não sei se posso dizer, né?

Entrevistado F - Uhum.

Pesquisadora - Você é professora de língua portuguesa, é, é como se a gente tivesse plantando hoje, a tâmara, é tâmara que fala?

Entrevistado F - Uhum.

Pesquisadora - Que leva anos pra se colher o fruto, depois eu planto...

Entrevistado F - Quase século...

Pesquisadora - Não é isso? Séculos né?

Entrevistado F - Outras gerações que vão ver o que que foi feito agora, então, talvez a gente não vai alcançar essa dimensão, né? Histórica, e a gente vai precisar desse distanciamento.

Pesquisadora - Porque, infelizmente, aqui, quando a gente pensa, não vamos ser totalmente assim, é, negativos, mas se fala de questões ligadas à educação, é demorado, né, "F"?

Entrevistado F - É...

Pesquisadora - É muito demorado as conquistas, né?

Entrevistado F - A educação, eu até tava dando aula na pós-ontem, aí alguém fez um comentário e eu falei, mas que dia que a educação deu certo historicamente? Que dia? Porque a educação, ela não tem acompanhado essa evolução, por conta de uma série de fatores, é muito complexo. Esse ambiente, né? Ecológico que educação se coloca, enquanto um contexto social, político, econômico. Ele é complexo, porque ele é ramificado ali, né? Não é apenas um fator que influencia...

Pesquisadora - Todos...

Entrevistado F - Mas quando a gente pensa, em que época que a educação deu certo? Na época da pandemia deu certo? No momento presencial tá dando certo? Porque é uma série de fatores que eu acho que a primeira coisa que a gente tem que pensar é uma perspectiva de educação democrática, uma educação que seja pra prática da liberdade, muito freiriana essa concepção, eu concordo, mas é possível! Se a gente não rever essas concepções, quando eu te sugiro, né? Que esse momento de, de repensar, de construção do conhecimento pós-pandemia de oferecer uma diversidade de possibilidades pro aluno; presencial, remoto, EAD, que seja o Ensino Híbrido, né? Que o Senado daqui a pouco vai aprovar, porque não assumir essas possibilidades e estudar, melhorar né? Cada uma delas?

Pesquisadora - Investimento...

Entrevistado F - Porque nós vamos ter perfis diferentes de estudantes. Aquelas, o estudante que não conseguiu levar os estudos durante o Ensino Remoto, por conta de uma falta de rede de apoio, a criança que não tinha escola pra ir. Uma série de questões, talvez, no EAD ela consiga se organizar...

Pesquisadora - Se realizar...

Entrevistado F - Porque a criança vai tá no horário dela na escola, ela vai ter o trabalho dela, que ela vai ter um horário específico pra ela poder sentar e se dedicar ao EAD...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado F - Ela não vai gastar com transporte, né?

Pesquisadora - ... É uma realidade muito, né? É, é fatores a se pensar. É porque assim, a gente, nós, né? Temos, a sociedade, o ser humano, é, de ver a necessidade de mudar algo, "F", quando acontece o extremo né? Algo de extremo; não, então precisa mudar. Não parece que é assim?

Entrevistado F - É, mas ainda acho que tem muito, Lídia, da, de uma perspectiva do tipo no campo da educação, olha que somos todos acadêmicos, né? Você ainda vai encontrar pesquisadores que são muito, é, intolerantes ao olhar com, de outros lugares. Observar um objeto de pesquisa com outras perspectivas, porque ele fica muito especialista naquele ponto dele, né? De teórico, metodológico,

Pesquisadora - Entender o lado humano, sensível...

Entrevistado F - O que eu quero dizer com isso é que você vai encontrar hoje pessoas que vão dizer, é, que o Ensino Remoto, ele foi horrível, que ele não trouxe, é, consequências, né? Que desencadeasse qualquer aspecto positivo. Assim você vai ver pessoas que vão, de fato, taxar esse momento e que querem apenas refutá-lo, né? Ao invés de pegá-lo, tomar no colo enquanto objeto de estudo explorar, né? Então, eu acho que é isso. A gente vai encontrar uma, uma série de divergências nesse âmbito, né? Da, da academia, porque a gente vai ter pessoas que vão trazer esses aspectos, né?

Pesquisadora - Eu acredito, eu, eu sou de uma concepção assim, já que você falou, tocou nesse ponto, "F", que nós, dentro da educação, quando a gente pensa também na educação, aqueles da educação tradicional... Quando se fala que a educação, é, tradicional, 100%, é, não, estamos em outro tipo de tendência, não é assim. Eu acredito igual você disse. Tudo a gente tem que tirar o tempo, tem que tirar proveito, em certas circunstâncias, tudo tem seus valores...

Entrevistado F - Aprendizados...

Pesquisadora - Tudo tem, tem, tem sim, o remoto, mas se não fosse o remoto, como que, que, que iria em frente também?

Entrevistado F - Uhum...

Pesquisadora - Tá? Temos que estar abertos a tudo, então. Muito obrigada, "F", boa tarde, viu?

Entrevistado F - Boa sorte aí no seu trabalho...

Pesquisadora - Depois eu te dou retorno da, da pesquisa.

Local, dia e horário.

Pesquisadora - É, "G", boa, boa tarde, é, a gente inicia agora, tá? A entrevista, fica à vontade.

Entrevistado G - É, em relação à percepção da, dos efeitos da COVID sobre o ensino-aprendizagem dos alunos aqui do *campus* Uberlândia centro, eu percebi, ah, que tem teve, né? A gente tem essa turma, são os alunos que tão cursando agora o segundo ano do Ensino Médio, uma defasagem muito grande em relação à aprendizagem, em relação a, principalmente, a

questão da leitura e de interpretar imagens. Que dentro da biologia, a gente precisa de utilizar muita imagem, gráfico, tabela, interpretação desses tipos de coisa e os alunos de forma geral, tiveram essa, essa certa dificuldade. E a questão também da rotina de estudo, que eu acho que a gente, é, foi perceptível nisso em relação aos alunos e essa questão da rotina de se, é, se adaptar a um processo de ensino-aprendizagem presencial, onde a gente tem que cumprir prazos e tudo isso. É porque eu peguei parte da, da, da COVID...

Pesquisadora - Da COVID...

Entrevistado G - Porque eu tinha, tava voltando do doutorado. Então, peguei parte, peguei parte presencial? É, mas eu consegui notar, principalmente com os trabalhos, que tava tudo sendo feito pelo *Google Quest*, e como tava professora antes, me substituindo, eu observei que eu cheguei, eu cheguei em novembro, se eu não me engano, de 2020 ou 21, se eu não me engano e tinha muito trabalho do início do ano que os alunos estavam devendo, entendeu? Teve muito isso. É, também pode ser questão de organização, não sei, mas acho que como foi muito atribulado ali, acabou, é, essa questão da, dos prazos, cumprimento de prazos, acabou sendo muito deixado de lado assim, sabe? É, dificuldades, eu acho que isso é notável na, na, principalmente essa turma que eu falei do segundo ano, tem muita dificuldade de leitura de coisas simples, de entender coisas simples pra que a gente consiga aperfeiçoar ou aprofundar determinados conteúdos mais complexos.

Pesquisadora - E essas dificuldades, "G", você tá dizendo que ela, ela veio antes, ela, ela, ela...

Entrevistado G - Eu acho que ela se aprofundou...

Pesquisadora - Perpassa aí, o antes, o durante. Isso, então a profundidade com o período pandêmico...

Entrevistado G - Não. Ela se aprofundou. Ela se aprofundou com a pandemia. É, porque, que que, a minha percepção, é, que que é a minha percepção, ah, a gente tem aqui no, na Instituição foi assim, os alunos que entraram que essa, que essa turma do segundo ano que eu falei, eles entraram por currículo, foi avaliado currículo, maior nota, os alunos entraram. Só que a nota...

Pesquisadora - Não foi processo, né? Seletivo..

Entrevistado G - A, a nota não corresponde ao aprendizado de fato...

Pesquisadora - Não...

Entrevistado G - Principalmente na pandemia...

Pesquisadora - Não, não...

Entrevistado G - Porque o que que acontece? Os alunos simplesmente tavam lá na internet, quatro professor passava um trabalho, copiava tudo da internet sem prestar atenção no que tava fazendo [risos], manda para o professor e a nota tava alta...

Pesquisadora - Só queria cumprir, né?

Entrevistado G - A nota tava alta. Então, nesse quesito, é, acabou que eu acho que ficou muito defasado assim. A gente, eu, e a gente percebe essa diferença dos alunos que entraram agora por processo seletivo, tanto, tá outro nível, totalmente diferente. Então, é uma coisa que eu acho que aprofundou, a pandemia acabou aprofundando e essa, essa geração, quando eu falo aqui a Instituição, acho que isso deve tá acontecendo Brasil como um todo. É, vai ser meio [risos] complicado, vai ser meio complicado. Mas essa percepção, é, seria essa, a, uma deficiência, a, eu falo, a gente, tô falando aqui da, do Instituto que a gente ainda tem condição, mas pelo que eu percebi ao longo das leituras de reportagem, tudo que tava acontecendo, tinha muitas escolas que não tinha nem estrutura pra poder, né? Abarcar essa, todo esse processo e eu acho que isso também acabou prejudicando a gente que recebeu esses alunos, porque como o aluno, o aluno veio da, da, do ensino muitas vezes público, né? Ensino estadual que não tinha essas condições, acabou que não teve aula direito. E acabou chegando aqui pra a gente com enormes dificuldades aí.

Pesquisadora - E, é, essa, essa dificuldade aí que tudo, dos alunos, oh "G" também, é, e se estende às famílias. A, a relação da família com os alunos de tá ajudando, de ter condições, de ter os aparatos, as ferramentas...

Entrevistado G - Estar presente, né? Sim, sim...

Pesquisadora - Como que, como que isso, é, se mostrou pra você, a questão do, do, da tecnologia?

Entrevistado G - A gente teve alunos aqui no *campus* que tinha, que a gente tem uma variedade de alunos aqui, né? Tem os que têm condição e aqueles que não têm condição. Alguns eram, é, de zona rural que não tinha acesso algum à internet, tecnologia, internet, essas coisas, então tinham que fazer algumas coisas aqui no *campus*, eles vinham pro *campus*. Só que foram poucos, não foram, a, uma quantidade razoável, não. Foram poucos que tiveram essas, essas características que acabou que esses alunos também, em termos de entrega do trabalho, entrega de, é, atividades e essas coisas, acabaram saindo um pouco, é, prejudicados em relação aos outros né?

Pesquisadora - Prejudicados...

Entrevistado G - Mas o, o grande problema que eu acho que vai ser uma das outras perguntas lá pra frente, quando a gente fala principalmente na, nas Ciências da Natureza, de forma geral, é que, a, o ensino aprendizado nas Ciências da natureza, só, a, por leitura, ele é mais complicado...

Pesquisadora - É, é teoria, tem que ser prático, tem que ser concreto, né?

Entrevistado G - Chama menos atenção, só pela teoria. Isso, é, tem que ser concreto, principalmente na biologia, né? É, e quando a gente pega essa, essa aprendizagem só por meio de computador tem um outro viés aí também que é o seguinte, isso aconteceu e eu tenho relatos de outros professores, inclusive da minha orientadora de doutorado, quando eu tava dando aula para os alunos da graduação, que eu acho que isso deve ter acontecido em tudo quanto é lugar, qualquer, é, é nível de ensino, é que você tá ali presencial, falando com os alunos, você não tem aquele *feedback* e o grande problema da, é, acho que isso vai responder outra questão aqui embaixo...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - Não tem aquele *feedback* dos alunos, muitas vezes a aula, por exemplo, nas aulas aqui nossas do primeiro ano é um horário de cinquenta minutos, então às vezes eu não consigo ter aquela troca, mesmo que a gente faça a pergunta pro aluno *online*, ele acaba não respondendo. São pouquíssimos que respondem, sem contar que você não tem a certeza que o aluno tá ali, é, concomitantemente com você na tela, prestando atenção no que você tá falando...

Pesquisadora - É, a tela tá fechada, né?

Entrevistado G - Pois é...

Pesquisadora - Ele pode tá lá correndo, o cronômetro lá, mas você...

Entrevistado G - É, é, eu acho que isso foi um, um grande prejuízo, apesar de que as nossas aulas eram gravadas e depois disponibilizadas pros alunos. Mas mesmo, mesmo assim, sendo gravada e disponibilizada, tem a questão que às vezes a pergunta teria que ser, que surgiu ali na hora que a dúvida, poderia ser a dúvida de todos os alunos e poderia ser respondida na hora...

Pesquisadora - Uhum, uhum...

Entrevistado G - E não foi, né? Porque não foi perguntado, o aluno realmente não tava presente ali naquele determinado momento. Então, tem todas essas, essas questões aí. É, em relação a, acho que a, você quer perguntar mais uma coisa em relação à questão um? Acho que a questão um tá mais relacionada...

Pesquisadora - É, se, se os familiares, é, vocês, você percebeu por parte de familiares, familiares apoio a esses alunos ou assim, simplesmente...

Entrevistado G - Eu acho, não é? Acho que não teve, a gente não teve muito esse *feedback*, foi mais até complicado a questão das reuniões, né? Entre os docentes, etc., eu não tive muito esse contato com pais *online*, não. Na verdade, não tive esse contato, esse *feedback* se teve apoio, se não teve apoio, nem da, das próprias coordenações, porque foi mais aluno, professor, ali dentro do, do meio virtual mesmo, sem muito, a gente tinha essas percepções de alguns alunos, porque em algumas reuniões falavam de não ter acesso à tecnologia, a, e quando isso acontecia, geralmente era o aluno que tinha que vim fazer as atividades aqui na escola...

Pesquisadora - Na escola...

Entrevistado G - Que era disponibilizado alguns computadores pra isso. É, em relação à atuação do governo, que é a pergunta dois, eu, a minha percepção é que não teve um, uma organização e muito menos uma...

Pesquisadora - Um apoio...

Entrevistado G - Organização de estrutura, um apoio né? Um incentivo pra, pras coisas acontecerem. Inclusive teve, a gente percebeu aí durante o, esse período pandêmico que, é, essa organização, ela foi tão mal feita que algumas escolas não sabiam o que fazia, outras tavam paradas, outras tavam em andamento [risos]. E isso a gente sabe que vai prejudicar lá na frente várias, várias questões, né? Ah, de alunos bem formados, alunos mal formados, etc. É, e a gente

tava na mudança de transição de governo também que afetou acho que muito né? Essa questão da, da faz uma coisa, deixa de fazer no governo seguinte e por aí vai. Mas eu acho que não teve atuação do governo de forma geral assim, não teve, e tem outra coisa, né? Além da mudança do governo, teve a questão da, da, no caso aí, principalmente das escolas estaduais, a questão da mudança do Ensino Médio. Quando a gente tá com outro trabalho...

Pesquisadora - O novo Ensino Médio...

Entrevistado G - É. Que também foi uma confusão e isso acabou, é, promovendo mais, como que eu posso falar? É...

Pesquisadora - Mais caos ainda? Mais dificuldade...

Entrevistado G - É, mais dificuldade nessa questão da, da transição. A gente sabe que as Escolas Estaduais, de forma geral, não têm estrutura pra poder, é, é, como é que fala? Tecnológica, né? De forma geral, o computador, essas coisas, pra poder se situar nessa questão da, da pandemia e eu não sei a, a, a questão da, dos alunos das Escolas Estaduais, mas eu fui aluno de Escola Estadual, acredito que também as condições também não devem ser cem por cento, né? De acesso a essas tecnologias...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - Então, de forma geral, a atuação do governo, ao meu ver, não foi legal assim não, principalmente pela questão de nortear as escolas, principalmente falando do Ministério da Educação, nortear as escolas, que de fato elas teriam que fazer pra poder, porque, assim, se não fosse pelo menos o básico do básico, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - É, fosse adaptado ali, as condições que a gente tinha naquele determinado momento...

Pesquisadora - É porque o governo, ele, ele, tipo assim, ele colocou, né? Pra fazer isso, né? Tem que ser dessa forma, estado e tal município, mas os professores, você concorda ou não? Que muito, eles tiveram, os professores tiveram que se virar, né? Dentro da conta, só cobrança das escolas e tal, né? E, e também, "G", em relação à formação do docente, é, é, é, a formação, a sua formação, né? E tal, ou dificuldade? Você percebeu a dificuldade dos colegas em relação também a lidar com essa tecnologia? Dá essas aulas? Como que foi isso?

Entrevistado G - É, muita dificuldade. Primeiro porque a formação da minha geração [risos] pra trás...

Pesquisadora - [Risos]...

Entrevistado G - A gente não teve essa formação [risos] de tecnológica, tecnológica que tá acontecendo isso agora, quem tá formado agora, né? É, eu tinha pouco acesso a essas, utilizar essas ferramentas digitais, inclusive como eu voltei a ministrar, porque eu tava, é, liberado pro doutorado, eu voltei em novembro, os professores em novembro, aqui do *campus*, já tavam todos inteirados com, com as ferramentas digitais que eu tive que começar a aprender do zero para finalizar o ano, né?

Pesquisadora - Hum, verdade...

Entrevistado G - Então, pra mim foi assim, um desespero. Mas, é, a gente aprende, aprendi com facilidade. Assim, consegui me virar, inclusive, que é uma outra pergunta aí, eu acho que eu acabei, continuo utilizando de algumas dessas tecnologias nas aulas presenciais que acho que agora é a tendência vai ser essa. Não tem como mais...

Pesquisadora - É um ponto positivo, então, desse, desse, dessa, desse contexto pandêmico...

Entrevistado G - Não tem como mais desvincular, sim.

Pesquisadora - Até eu ia te perguntar, um dos pontos positivos, então, é que agora, é, com isso, permanece no, no ensino presencial, né? Não, agora...

Entrevistado G - É o híbrido, né? Agora a gente fala o híbrido...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado G - A gente também tava ao mesmo tempo presencial...

Pesquisadora - Mesclado...

Entrevistado G - Mas utilizando o, as...

Pesquisadora - As tecnologias de ensino...

Entrevistado G - É, acho que esse é um, com certeza, dos pontos positivos...

Pesquisadora - E, vamos dizer assim, acordou né? Aquele professor que já, se não queria, ou que por um fator ou outro não, não usa, teve que, teve que acordar e usar.

Entrevistado G - Não, e facilita a vida demais, quando a gente fala em disponibilidade, disponibilizar material para os alunos, por exemplo, aqui, no caso, a, do *campus*, a gente não tem a questão dos livros mais, né? Então, na maioria das vezes, todo o material é disponibilizado pros alunos via tecnologia. A gente utiliza, tem utilizado mais o *Google Classroom*, que foi o que foi definido aqui pelo, pelos docentes, servidores aqui do *campus*...

Pesquisadora - Os e-mails institucionais?

Entrevistado G - Os e-mails institucionais, é, só que a gente tinha...

Pesquisadora - WhatsApp?

Entrevistado G - O virtual, virtual IF né? Que a gente conseguia...

Pesquisadora - Tem, a plataforma, né?

Entrevistado G - É, a plataforma, a gente conseguia disponibilizar o material ali, só que não é a mesma agilidade, rapidez e acesso do aluno. Quando a gente fala...

Pesquisadora - E tem que tá também sintoni... é, tem, que tá, é, tem que tá on... é, como que fala, gente? Não é offline, né? Tem que tá logado, é isso?

Entrevistado G - *Online*, logado...

Pesquisadora - Isso, tem que ter na internet. Quer dizer, se não tiver, não tem como...

Entrevistado G - Não tem jeito. E a questão do, do como é que fala, do...

Pesquisadora - Do ambiente?

Entrevistado G - É, do ambiente, ali. Ele é mais fácil do, do *Google Classroom* se acessado pelo celular, o aluno consegue facilmente, porque tem um aplicativo pra isso, do que o próprio sistema do virtual, que é uma outra coisa que é um problema aqui no *campus*. A gente trabalha com tecnologia, falo o *campus* e o IFTM de forma geral, mas tem algumas coisas que trava, eu acho assim, é o meu percepção. Que trava a gente de usar o próprio sistema do *campus* e ter que utilizar outros sistemas pra trabalhar com, entendeu?

Pesquisadora - Entendi...

Entrevistado G - É, trabalhar com educação EAD e por aí vai. É, ferramentas necessárias ao ensino, a, ah, você quer as ferramentas que eu usei?

Pesquisadora - É...

Entrevistado G - Ou que foram usadas ao longo do ensino aprendizagem? Que é a pergunta três.

Pesquisadora - É, esse, é essa, é essa eu acho que é essa que você mais ou menos, falou aí, né?

Entrevistado G - A gente utilizou...

Pesquisadora - Vocês utilizaram várias no caso. Ah, e também teve a interação no *Google Meet*?

Entrevistado G - Foi então, basicamente, foi o *Google Classroom*, né? Que o aluno, todas as trocas de informação, pergunta, dúvida, etc., e os materiais que a gente tinha que disponibilizar pros alunos eram todas feitas via *Google Classroom*. É, e a gente usava a aula síncrona, né? O aluno, teoricamente, o aluno ali, junto com o professor no momento da aula, era tudo pelo *Google Meet*. Então, era, o material era projetado, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - Espelhava, né? A tela espelhada pros alunos e...

Pesquisadora - Tinha impresso também, "G"? Vocês usavam material impresso no IF teve...

Entrevistado G - Não...

Pesquisadora - Por exemplo, eu tô te perguntando porque o estado teve o PET, né? O, o Plano de Ensino Tutorado, os tutoriais.

Entrevistado G - Não. Era todo online. Todo o material online e a aula gravada. Aí...

Pesquisadora - E aquele aluno que não tinha acesso a esse sistema online, por um motivo ou outro? Como que era feito isso? Como que poderia acontecer?

Entrevistado G - Então, a gente teve o caso ainda, a gente teve o caso da, porque foram poucos os casos aqui na escola, a gente teve esses casos dos alunos de zona rural, aí, nesse caso, o material era impresso e mandado pro aluno. Mas a maioria das vezes, todo o material tava disponível lá no *Classroom*, aí a ideia é que o aluno acessasse via internet. Tinha casos de alunos nesses, nesses casos específicos, aí o material era buscado, a atividade, por exemplo, impressa.

Pesquisadora - E a aprendizagem, o processo de aprendizagem como que se, como que era com esse aluno, por exemplo? Ele tinha o material lá, vamos dizer assim, a teoria, e na prática? É, dúvidas, eu não sabia, essa, esse, como que era, era aquela aula? Ao invés de ser presencial, agora ia ser no mesmo horário, vamos supor, se aí ele acompanhava, você tirava as dúvidas?

Entrevistado G - Então...

Pesquisadora - Como se fosse uma tutoria...

Entrevistado G - Ah, tá. Tinha, tinha casos, é, aconteceu acho que dois, dois ou três casos assim, que a gente tinha que fazer além das aulas, é porque, na verdade, aqui no *campus* foi dividido assim, um horário, na semana que tinha dois horários, é, meia, uma aula só era para aula de fato, síncrona.

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - A outra era pra tirar dúvida...

Pesquisadora - Ah, entendi.

Entrevistado G - Entendeu?

Pesquisadora - Entendi, entendi...

Entrevistado G - Então, por exemplo, se a gente tinha um horário, era meio horário, dava a aula de fato e o outro horário era pra tirar dúvida desses alunos nesse caso, entendeu?

Pesquisadora - Entendi. Ô, "G", e as ações formativas pra, pros docentes? O Instituto, ele teve esse apoio? Não sei se eu te perguntei, vocês tiveram ações formativas? Ou vocês tiveram, igual você falou, né? Olha, eu tive que aprender, eu tive que procurar.

Entrevistado G - O, na verdade, o *campus* em si, se eu não me, se eu não me engano, não ofereceu nada a respeito, mas o Instituto forneceu, teve alguns cursos dos próprios servidores que se disponibilizaram a, a, inclusive eu acho que aqui no *campus* teve...

Pesquisadora - Teve sim, teve uma fala de um...

Entrevistado G - É o "V" acho que falou, teve, deu um curso. É, mas eu fiz um curso, tá? Eu sei que o *campus* disponibilizou algumas, alguns cursos pra colocar os, os professores aí mais dentro dessas tecnologias. E um dos cursos que eu fiz foi esse que eu comentei com você, lá de Paracatu, numa professora lá da, da área de informática, que é trabalhar com todas esses tipos de ferramentas, sabe? Desde o *Google* até o *WordPad*, é, *podcast* por aí vai...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - Curso de quase cem horas, se eu não me engano. Acho que deu cem horas. Curso muito bom por sinal...

Pesquisadora - Mídias, né?

Entrevistado G - Mídias, mídias digitais...

Pesquisadora - Tecnologia. Eu fiz essa especialização na UFU, Mídias na educação.

Entrevistado G - E assim, ajudou bastante, porque a gente partiu do nada, né? Foi um negócio que veio de supetão. Muitos não tavam preparados, mesmo a gente tando dentro de uma Instituição de um *campus* que trabalha com tecnologia, são só os que tavam preparados de fato, o pessoal que trabalha mais especificamente nessa área, mas a grande maioria do que eu sei, assim, a dos, dos professores que eu mais converso, não tavam. Eu sou um dos exemplos que não tavam muito preparados pra isso, mas que esses cursos ajudaram de fato, a, a...

Pesquisadora - Minimizar, né?

Entrevistado G - É minimizar e a gente conseguir perceber outras alternativas também...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado G - Pra poder não ficar só naquela mesmice assim, né? Por exemplo, os, as formas de se trabalhar exercícios utilizando algumas ferramentas digitais, como a, o *Kahoot*, o *WorldPad* e por aí vai...

Pesquisadora - Tem, surgiu até trabalhos, né? Inclusive, até dissertações, como usar o *Kahoot*, usar outros tipos de aplicativos, né?

Entrevistado G - Sim...

Pesquisadora - É, em um ambiente de aprendizagem virtual, de aprendizagem, né, "G"? Porque, é, esse, esse período é igual você falou, foi pego de supetão e quem, ó, é, é, o que eu ia te perguntar é assim; se a gente sabe que o, a aprendizagem, o processo de ensino-aprendizagem é complexo, nem todo mundo aprende da mesma forma, cada um, indivíduo, né? A gente tem uma diversidade, a escola é o local, ambiente que mais a gente vê essa diversidade, né? No ser humano. Então, cada, cada, cada um tem sua forma de aprender, né? Se esse processo de ensino-aprendizado ele já vinha, né? A gente sabe que é complexo, imagina agora, né? No período desse que pega além da pessoa, além de já ser complexo, ainda tem agora mais essa agravante, né? Mais uma ferramenta aí também com dificuldade, porque, porque tem toda a questão também de ter condições de comprar, de, de ter o acesso, de ter o conhecimento, que é o principal, eu acho, porque às vezes a família poderia dar uma, um apoio ao, ao filho, mas não

tem o conhecimento. E, assim, na sua visão, tudo isso aí fez, faz parte até do ensino-aprendizagem na dificuldade do aluno? Já abrindo..

Entrevistado G - Outra coisa que eu acho que a gente pode complementar isso, porque a gente fala muito só das dificuldades que, o, algumas vezes né? Da dificuldade que o professor teve em relação a se adaptar às metodologias, mas a gente tem um, uma outra questão que a gente poderia comentar é a dificuldade do aluno se adaptar a esse tipo de aula, que quando a gente fala de aluno de Ensino, é, Básico, é, Educação Básica, Ensino Médio, é, eles não tão preparados para ter aulas online, ao meu ver. Na verdade, nem, acredito que nem os alunos do Ensino Superior tão.

Pesquisadora - O que que você acha que seria o motivo? Assim, o por quê disso?.

Entrevistado G - É, acho que tá relacionado bastante com a falta de maturidade, primeira coisa. De acesso à tecnologia de fato, utilizar aquilo ali como, é, algo proveitoso.

Pesquisadora - Mesmo sendo nativo, mesmo eles sendo uma geração, tipo assim, nativos, né? Isso, não...

Entrevistado G - Mas não sabe filtrar o que é importante...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado G - É, uma outra coisa que eu acho que também pode ter dificuldade, dificuldade nisso durante a, a, a, esse tempo da pandemia só em aula *online*, é que tem os atrativos, né? Tem os outros atrativos que tira a, o foco e a direção do aluno ali naquele momento de aula.

Pesquisadora - Concentração...

Entrevistado G - Não, é? Tá ali na, na aula online, no, no *Google Meet*, mas o *WhatsApp* tá aberto, *Facebook*, *Instagram* [risos] e por aí vai...

Pesquisadora - Propaganda, aí desvirtua, né?

Entrevistado G - Aí desvia. Acho que isso também prejudicou um pouco, sabe? Essa questão da, desse aprendizagem aí. Agora, uma outra coisa que você perguntou aqui, ações formativas considerada assim...

Pesquisadora - É, esse por último aí, né? Se, se o Instituto teve com vocês algum tipo de ação.

Entrevistado G - Ah, diferenças entre o Ensino Remoto e Ensino o Presencial? Ah, isso aqui é, é, varia muito, mas assim, de aluno pra aluno, mas é perceptível que o Ensino Presencial, ah...

Pesquisadora - O EAD é diferente do, do remoto...

Entrevistado G - Não, é. É bem diferente. A gente tem essa questão que eu falei da maturidade, acho que ao meu ver, os alunos do Ensino Médio não tão prontos pra, pra seguir só via *online*, né? Ensino *online*. Acho que a gente precisa de ter esse contato físico pela própria questão da, social, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - Entre os alunos, mas também precisa ter regras que, geralmente, essas regras são delimitadas ali nesse contato social entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor e isso é que é importante pro crescimento e desenvolvimento desse aluno, né? Como cidadão de fato. É, isso, na, no remoto a gente não consegue fazer muito bem, porque a gente não tem, teoricamente, esse controle e não sabe o que tá acontecendo ali na casa do aluno, vamos dizer assim, naquele momento da aula, ali de fato.

Pesquisadora - Interessante, "G", a gente pode fazer aí uma, um levantamento, é, um gancho aí da ,do EAD prum remoto, porque pensa assim, poxa, remoto também é *online*, o EAD também é *online*, só que o que que é o remoto? O que que aconteceu no remoto aí pra você? E o que que é o, a EAD? O ensino EAD, qual que, você vê a diferença aí deles?

Entrevistado G - Ah, no EAD, a minha percepção do EAD, porque eu também não tenho muito uma base muito aprofundada, estudei sobre isso, mas o EAD, ao meu ver, é algo mais estruturado, que tem plataforma digital, né? Tem tudo organizadinho, que você tem os xerox pra poder trocar, é...

Pesquisadora - Em resumo, é planejado. E o outro...

Entrevistado G - É, e o Ensino Remoto foi adaptado ali do, da forma que seria possível, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - O Ensino Remoto teve contribuição? Acredito que, é, que a gente falou aí, só pra finalizar já o, a pergunta seis, acho que sim, teve contribuição, principalmente nesse, essa maior facilidade do aluno conseguir associar o presencial e algumas coisas acontecendo via online, que acho que essa geração já tá muito conectada em relação a isso. Hoje em dia, inclusive se, dependendo do tipo de atividade que se coloca pro aluno fazer, ele vai tá sempre, é, pesquisando e utilizando a, uma tecnologia pra fazer isso, não tem como fugir mais disso. E pro professor também, né? No sentido de aprender mais sobre o uso dessas ferramentas e como é que a gente pode se adaptar, né? Adaptar essa tecnologia à questão das aulas aí, né? Do, do tipo de aula, do tipo de conteúdo que você vai trabalhar, é, às vezes, no meu caso, como, é, a Biologia a gente precisa de trabalhar muito com imagem, porque não tem como fugir disso. Pra mim, a tecnologia ajuda muito, né? Porque eu consigo apresentar vídeos, eu preciso apresentar, é, imagens, né? Reais, né? Com o aluno ali, sem necessariamente ter que fazer, fazer o desenho, que no meu caso só péssimo pra poder desenhar alguma coisa e a economiza tempo, né? Quando a gente fala em termos de aulas aí. É, outras contribuições, além desse, desse, dessa questão, eu acho que facilita, a tecnologia facilita na questão da organização, é, do material disponibilizado pro aluno. Acho que isso pra mim é, foi algo, principalmente depois que eu dominei o *Classroom*, pra mim foi um, algo que foi assim, maravilhoso...

Pesquisadora - Também gosto...

Entrevistado G - Porque eu consigo, é, cronometrar, é, cronometrar não, é, organizar, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado G - De forma programada aquilo que eu vou enviar pro aluno, que dia que vai cair pro aluno, tudo isso eu consigo fazer via, é...

Pesquisadora - As atividades, né? As atividades, o que que tá atrasado, o que que não tá...

Entrevistado G - É, acho que isso facilita demais a vida, você consegue, no caso, como a gente tem várias turmas, né? Por exemplo, Terceiro A, Terceiro B, etc., não precisa de ficar mandando um por um, eu faço tudo num pacote só. Acho que isso ajuda demais pra gente que tem uma quantidade de aula, muito grande.

Pesquisadora - Isso. Isso. A otimização do tempo, né? Dos conteúdos. Ô, "G", como que você, agora vamos falar do, do, dos alunos? Já estavam na pandemia, né? Não é as turmas novas, não. Como que você percebeu, né? O retorno desses alunos que, do, do período pandêmico pro período presencial, pro período atual que é o presencial? Em relação a, até a postura mesmo, a autonomia deles e também de aprendizagem?

Entrevistado G - A gente, é, teve uma percepção no sentido de os alunos tarem meio, como que eu posso falar...

Pesquisadora - É, seria, se, se, é resistência? Alguma resistência ao presencial?

Entrevistado G - Não, não é. É uma questão de resistência, mas ao mesmo tempo perdidos assim. No sentido de...

Pesquisadora - Autonomia...

Entrevistado G - Autonomia, de fazer as coisas sem precisar de ficar pedindo, sabe?

Pesquisadora - Delegando...

Entrevistado G - É, delegando essas coisas. É, a gente teve vários alunos aí que eles demoraram pra poder se readaptar e se socializar de fato com os outros, os outros alunos, principalmente aqueles que já entraram a, as aulas em pandemia. Esses eu acho que foram os piores. Mas a gente teve, pelo contrário, outros que foram, se tiveram um desenvolvimento melhor no, no...

Pesquisadora - Remoto...

Entrevistado G - *Online*. Aí a hora que veio pro presencial, principalmente os que tem problema de, é especial, né?

Pesquisadora - É, esses daí, então...

Entrevistado G - Esses são os mais ,os mais problemáticos, vamos dizer assim. A gente teve esses, esses casos. É, mas pelo contrário, teve outros que tavam um, tinham certa dificuldade, muita dificuldade no *online*, mas veio pro presencial e você percebeu que foi assim, uma mudança radical de, de aprendizagens. Foi muito melhor no presencial.

Pesquisadora - É, bom. Sim na, na prática, né? Pra nortear a nossa entrevista, é, a gente abordou essas questões principais, mas assim você tem algumas considerações a fazer? É, em relação a, a tudo, né? O que ficou, impactou pra você? O que, o que mais te chamou atenção, né? A gente

não vai falar do negativo, porque o negativo já existe, vamos pro positivo, então, né, “G”? O que que você poderia dizer, fazer suas, suas considerações?

Entrevistado G - Não, acho que pra finalizar...

Pesquisadora - Do, do, do que aconteceu, do que a gente tem daqui pra frente, tipo, se acontecer algo do...

Entrevistado G - De novo...

Pesquisadora - De novo, né? Já estamos mais assim antenado, já vai, as dificuldade vão ser menores ou isso aí não tem como a gente...

Entrevistado G - Acho que vai variar, variar muito de governo pra governo, né? Porque aí interfere na questão da estruturação do MEC e isso vai acabar interferindo de que forma que as ações vão ser, é, direcionadas pra, pros estabelecimentos de ensino aí. Mas assim, eu acho que por a gente já ter passado por isso, é, a gente já tem mais ou menos, pelo menos cada um dos profissionais da educação, tem mais ou menos uma noção de como seguir, né? A, o que pode, pode ser feito ali, mas em termos de questão positiva, ou melhor dizendo, de melhoria dessas questões, eu acho que é a adaptação da, das estruturas, das escolas, não só a questão física, mas o próprio desenvolvimento dos professores, é, em utilizar essas tecnologias de forma mais adequada possível pra caso isso aconteça lá na frente, a gente consiga ter menos impacto do que a gente teve agora, acho que seria mais ou menos isso. É, porque essa geração agora que é a geração, no nosso caso aqui, que eu acho que deve ser referente às outras escolas, que é a geração do Segundo Ano que pegou, né? De fato, a, a pandemia a gente vai ter um, uma quantidade de profissionais no mercado aí com uma deficiência muito grande. Isso vai ser, vai começar a ser visto agora, quando eles começarem a entrar na, no mercado de trabalho e nas universidades.

Pesquisadora - Porque assim, então, é, é, esse estudo que eu tô fazendo, né? Eu acho que tá sendo, não vou falar pioneiro, mas assim, é um, tá entre os primeiros, né? Porque a gente tá recente, né, “G”? Acabamos de vir da pandemia, agora? Então, começando aí e também, você vê aí que nós estamos ainda, inclusive com, com locais dependendo tendo o uso da máscara, ainda tem que ter, né? Essa, esse perfil ainda, né? desse cuidado. Ainda tá tendo vacinas ainda, né? Ta vacinando, então esse, é, a gente acredita que isso ainda vai ainda esticar, né, "G"? Tipo, olha, a gente, vamos dizer que perdemos, né? Porque perdemos, infelizmente, dois anos, recuperar isso ainda vai demorar. A gente, se a gente usar isso pro, pro ensino da alfabetização, “G”, imagina como que chegou, se pra, pra nós, né? Pra vocês aqui do *campus* teve, né? Vocês perceberam essa defasagem, imagina pra quem ficou dois anos...

Entrevistado G - Lá pra baixo...

Pesquisadora - Que tinha que tá alfabetizando e chegou agora. Você...

Entrevistado G - Não, é. É uma reação em cadeia, né? Como você tem o grande, vamos começar lá do Básico, da educação, do Ensino Fundamental, né? Você tem esse, esse problema que já, que teve em todos os níveis, você tem esse problema lá é uma reação em cadeia. Isso vai se acumulando, chega pro Ensino Médio já com defasagem, chega lá no Ensino Superior também com defasagem. E forma profissional também com defasagem, então, é uma reação em cadeia, não tem como fugir muito, ah, disso, né? É, mas a, a, a meu ver, de forma geral, e que é

perceptível, teve vários impactos e a gente acha que vai, a gente tá vendo na, na prática essa dificuldade, deficiência da maioria dos alunos aí, mas eu acho que isso vai se, a gente tem tentado de uma forma geral, é, e tem percebido também uma melhora, mas essa melhora também a passos curtíssimos, sabe? Porque tem, a gente tem alunos aqui, pela, é claro que, né? Aconteceu já, já vinha acontecendo antes da pandemia. Mas a, a pandemia exacerbou que não tem a, o mínimo do mínimo, tipo não sabe fazer, sei lá, uma soma ou interpretar um, um texto, um enunciado de uma questão. A maioria das minhas questões, só pra você ter uma ideia, ah, quando eu cobro teste, alguma coisa do tipo avaliativo, as questões, você não precisa de saber de fato o conteúdo, você precisa interpretar a questão pra resolver a questão. E a maioria das questões do Enem tem sido assim, você consegue a resposta no próprio enunciado. Os alunos não têm essa...

Pesquisadora - Mas eu também como docente, “G”, eu percebo, eu percebo não, né? Isso aí, é, é nítido, é fato, o aluno, às vezes, a questão não tem nem que fazer contas, nada..

Entrevistado G - Não..

Pesquisadora - É só interpretar e a gente sabe que, a gente, pode perguntar pra várias, fazer uma pesquisa sobre isso, o que, olha, o que que mais impacta lá e tal, né? Na, na dificuldade do aprendizado do aluno, que você percebe na hora de resolver fazer uma resolução de problema e tal, é a interpretação, é ler e entender. Às vezes ele não consegue fazer porque não entendeu o que que é pra fazer, então isso vem do que? Eu acredito que isso vem de uma formação de leitores...

Entrevistado G - Sim...

Pesquisadora - De ler, porque se, você concorda que quem lê, que tem desde que começa na escola, vai tendo aquele ato da leitura, de por leitura, de ler na hora da escrita, vai facilitar, não é isso?

Entrevistado G - Sim...

Pesquisadora - Então tudo é a base, né?

Entrevistado G - Aí a gente pode partir pra outro caminho, que eu acho que não é o caso aqui, a interferência da tecnologia em relação a esse própria interpretação, aprendizado dos alunos, né? Porque hoje em dia a tecnologia, as informações chegam tão rápida que os alunos não prestam atenção no que tá sendo [risos], no que tá sendo [risos] apresentado pra eles, né? Acho que isso também é uma, algo que eu acho que deva interferir nessa questão da, do ensino-aprendizagem, que às vezes a gente coloca um, um texto, enunciado pro aluno ali ler só mais ou menos por cima e tenta responder à questão, ou já vai direto na resposta.

Pesquisadora - Ele não é, é, é, a, a tecnologia não faz com que ele tenha essa concentração, é isso?

Entrevistado G - Seria mais ou menos isso. É a minha percepção, acredito que isso possa interferir, sim. Mas na verdade, tem até estudos, eu já li vários artigos a respeito disso também, que tem, tem essa questão da, as gerações atuais, elas têm muita informação, que a gente comentou agora há pouco...

Pesquisadora - Entendi...

Entrevistado G - Mas não interpreta e não utiliza...

Pesquisadora - Ah, entendi, agora entendi...

Entrevistado G - Essa, essa informação de forma correta, né?

Pesquisadora - Aham...

Entrevistado G - É a famosa tela infinita. Vai passando, passando, passando, tem várias coisas...

Pesquisadora - Não para pra refletir, né? Não para pra pensar, pra refletir, pra tirar...

Entrevistado G - Pra interpretar...

Pesquisadora - Pra interpretar, né, "G"? Isso, igual você, é um efeito em cadeia, né, "G"? Vai...

Entrevistado G - É isso...

Pesquisadora - Certo, você tem algumas considerações pra fazer? Eu já te perguntei, você já falou. É isso mesmo, né, "G"? Então tá, vamos encerrar aqui, "G", muito obrigada, viu?

Entrevistado G - Obrigado, você...

Local, dia e horário.

Pesquisadora - "J", bom dia. Nós vamos iniciar, então, a nossa entrevista, tá? Eu vou lendo as perguntas que vai nortear, tá? Não especificamente precisa só com base na pergunta, você pode ficar à vontade pra responder, né? Porque é um, é uma pesquisa, estrutura, é semi-estruturada, tá? A número um; qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos de ensino e aprendizagem no IFTM, *campus* Uberlândia centro?

Entrevistado J - Olha, eu acho que, é, foi, foi difícil o retorno, né? Os alunos tiveram um pouco de dificuldade em retornar a, aos compromissos presenciais e de, e de lidar com os processos de avaliação presencial também, porque eu acho que eles se acostumaram muito com o processo da internet, né? De ficar em casa e fazer lá do jeito deles. Mas eu acho que agora tá começando a, a voltar ao normal. Eles tão se adaptando mais agora.

Pesquisadora - E essa, essa dificuldade né? Vamos dizer desse retorno deles aí, foi, é, os processos de emocional, porque acostumou ficar assim, é, essa, ah, tô em casa, né? Bom ficar. Como que foi isso?

Entrevistado J - Tem as duas coisas, né? Eu acho que teve algumas pessoas que ficaram muito abaladas emocionalmente, vieram com esse emocional desgastado e outras porque acostumaram mesmo a ficar em casa e aí tiveram dificuldade em retornar ao presencial.

Pesquisadora - ... E isso diretamente, né? Como, como eu perguntei aí, é, implicou direto no processo desse, dessa aprendizagem, tanto do ensino, né? Por parte do ensino como da aprendizagem, né? Não é isso?

Entrevistado J - Sim...

Pesquisadora - Afetou?

Entrevistado J - Sim...

Pesquisadora - De certa forma, né?

Entrevistado J - Sim...

Pesquisadora - O desenvolvimento...

Entrevistado J - Bastante...

Pesquisadora - É, a dois, como você avalia a atuação do governo federal diante da pandemia?

Entrevistado J - Do governo na, que estava na pandemia?

Pesquisadora - É. Esse aqui é durante a pandemia, no governo que atuava na época.

Entrevistado J - Eu achei muito, é, distante do que deveria ter sido [risos], né? Eu acho que o governo, muitas vezes, mais desinformou do que informou, muitas vezes, mais causou polêmica do que tentou solucionar de uma forma, é, humana, sensível.

Pesquisadora - Ele, ele, ele propôs ou ele disponibilizou tipo ações, projeto, alguma coisa nesse sentido pra educação, pra, pra suprir essa, no contexto pandêmico?

Entrevistado J - Então, aqui a gente tinha um suporte, mas eu acho que já era um suporte que a gente tinha na escola, né?

Pesquisadora - Instituto...

Entrevistado J - Então, é, gente conseguiu, se organizar bem. Agora, eu sei que muitas escolas tiveram dificuldade, embora tenham se organizado, mas tiveram dificuldade, né? Muitas escolas os alunos não tinham acesso à internet, os alunos não tinham computador em casa, então teve mais dificuldade. Aqui a gente tentou se organizar de todas as formas possíveis. É, o governo, eu acho que ele fez o que, o que, aí, como que eu respondo? Tipo assim, eu acho que foi feita algumas ações, mas mais por pressão do que por própria vontade do, do governo, né? E eu acho que ficou todo mundo muito confuso com o que era, o que não era, a maioria da população, né? Com o que era, o que não era pra ser feito e isso desestabilizou muito, é, as pessoas, porque aí começa a entrar em conflitos desnecessários, né? Era um momento que a gente precisava ter uma linha de comando mais forte, mais sensível, mais humanizada pra que a gente pudesse trabalhar da melhor forma possível.

Pesquisadora - Pergunta três, em que medida foram disponibilizadas as ferramentas tecnológicas necessárias num cenário pandêmico? Aqui, "J", você pode até citar, tipo, o próprio

Instituto, né? É, ações também que, que propôs, né? Pros docente ou, e também de forma geral, pros próprios alunos, né? Como que isso aconteceu também?

Entrevistado J - Então, aqui a gente começou a trabalhar na época com o *Google*, é, *Meet*, né? Que era a plataforma de transmissão das aulas *online* e com o *Google Classroom*, que era a nossa sala de aula virtual. É, para os alunos que não tinham acesso, procurou-se algum tipo, é, de, de auxílio, auxílio internet, auxílio, é, até alimentação. Eu lembro que na época reverteu a, a, a merenda escolar né? Em em cestas de alimentação pra as famílias mais carentes. Teve também, se não me engano, o, a doação temporária de alguns computadores para os alunos que não tinham acesso. Então, a gente tentou da melhor forma possível, é, suprir essas necessidades dos alunos mais carentes...

Pesquisadora - Numa ação do próprio Instituto?

Entrevistado J - Do próprio Instituto. É, essa, essa, é, a bolsa internet, eu não sei te falar como que ela aconteceu, né? Mas provavelmente teve verba sim, do MEC, mas eu não sei te, te explicar.

Pesquisadora - Tá bom. Pergunta quatro, os docentes contaram com ações formativas, considerando o modelo de Ensino Remoto Emergencial vigente?

Entrevistado J - Sim, foi, foi muito rápido, né? A gente, a gente precisou começar muito rápido, mas a gente tinha algumas reuniões, tinha alguns momentos que a gente conversava, que a gente tentava achar a melhor forma de, de trabalhar. Algumas pessoas com mais dificuldade, outras com menos, né? Mas a gente tentou aí construir sim, um modelo mais eficiente.

Pesquisadora - O próprio Instituto deu esse apoio?

Entrevistado J - Deu...

Pesquisadora - Esse apoio por parte do IF...

Entrevistado J - Sim. Não era uma coisa, é, fácil, porque era novidade pra todo mundo, né? Então, a gente teve que tentar construir juntos alguma coisa que funcionasse.

Pesquisadora - E os discentes, os alunos, eles também por parte do próprio Instituto? Será ou, ou do governo? Teve alguma forma como não, vocês, é, procuraram, é, desenvolver aqui né? Tiveram esse acompanhamento, e assim, e esse alunos, eles tiveram, eu falo assim, além do, do, do, do ação, né? Do, do próprio aparato, da, da ferramenta, do, é, física, vamos dizer assim, essas ações tipo treinamento, porque se era novidade pros docentes, pros alunos também, embora esses alunos, a gente sabe, é, é nativos, né? Mas quando fala o uso já dessa tecnologia no contexto educacional é diferente, né "B"?

Entrevistado J - "J" [risos]...

Pesquisadora - Oh, "J", desculpa.

Entrevistado J - Sim, sim, mas eles tiveram todo o apoio que eles, é, precisavam. Muitos, é, não, não conseguiam, né? Lidar com aquela situação, mas a escola estava sempre aberta. Tantas coordenações, quanto os professores pra atendimento, pra conversa. Eu lembro que na época

teve um, um, uma parceria com o projeto Proteger-se da UFU, né? Que, que, da psicologia pra tentar lidar com essas questões dos alunos, mais emocionais...

Pesquisadora - Muito bom, muito bom...

Entrevistado J - É, então, eu acho que eles tiveram sim, talvez a gente não tenha conseguido atender todas as demandas, mas pelo menos teve, é, suporte pra muita coisa.

Pesquisadora - Teve força de vontade, ajudar, né? Bom senso...

Entrevistado J - Teve, teve. Às vezes eu recebia mensagem uma hora da manhã de aluno [risos] no WhatsApp e [risos] não foi um período fácil, não, mas a gente [risos]...

Pesquisadora - E também tinha a parte da, do, do protocolo, a burocracia por parte dos docentes, né, "J"? Ter que preencher, não teve tudo isso? Relatórios...

Entrevistado J - Teve...

Pesquisadora - Né? Porque pegou a aula presencial e jogou ela pra agora vai ser aula online.

Entrevistado J - Na minha área foi bem complicado, porque eu sou da Educação Física, né?

Pesquisadora - Educação Física...

Entrevistado J – Então, assim, eu sempre gostei muito de trabalhar com todas as, as questões da Educação Física, as discussões teóricas sobre corpo, sobre sociedade, mas os alunos, quando vai só para discussão teórica, é, eles...

Pesquisadora - É contra isso, né?

Entrevistado J - Não gostam muito, não.

Pesquisadora - Questão, pergunta cinco, "J", é, na sua opinião, houve diferenças, particularidades entre a prática do Ensino Remoto Emergencial e o Ensino a Distância, EAD?

Entrevistado J - Sim. Sim, porque o ensino remoto a gente tem que tá online, né? É, e ele tem que tá ali todo dia dando suporte pro aluno e eu acho que o ensino EAD, ele tem uma diferença, porque você deixa a aula na plataforma, né? Você tem um monitor que vai ajudar esses alunos, é...

Pesquisadora - É como se o EAD fosse, é, fosse não, ele é planejado. E o ensino emergencial

Entrevistado J - Não...

Pesquisadora - Nada planejado, é isso?

Entrevistado J - Não. É assim, a gente foi se planejando e se organizando aos poucos, né? Mas era uma coisa que eu tinha que tá todo dia online com os alunos. Eu tinha que dar aula, o EAD não, o EAD você organiza o material, deixa lá e tem alguns momentos que você vai tirar dúvida, né? E o ensino remoto, não, você vai dar aula de forma remota...

Pesquisadora - É síncrono, né?

Entrevistado J - É...

Pesquisadora - E o outro não...

Pesquisadora - É, a partir da experiência da, a seis agora, a partir da experiência da docência durante a pandemia, você vislumbra alguma contribuição do Ensino Remoto Emergencial para os processos de ensino-aprendizagem no pós-pandemia, ou seja, retornando à modalidade presencial?

Entrevistado J - Olha, eu acho que sim. Eu acho que as plataformas, é, que a gente acostumou utilizar, elas foram muito boas, assim, né? O, as reuniões via *Google Meet*, o *Classroom*, que é onde a gente anexa os trabalhos, até então eu não utilizava. E aí é muito mais fácil de você se organizar, dos alunos se organizarem também. Eu acho que a questão do, do trabalhar com um pouco mais de autonomia também, acho que, é, pode contribuir pro aluno, né? Então eu vejo sim algumas coisas boas.

Pesquisadora - E em relação à forma, a, o processo ali da, da aprendizagem, como que foi essa aprendizagem pro aluno? E também a, a sua avaliação, a avaliação do docente pra esse aluno, como que aconteceu essa, como você visualizou essa aprendizagem né? Como que aconteceu isso pra ele? Dificuldade ou não? Lógico que teve, é, e também a, a avaliação, "J".

Entrevistado J - Olha, eu acho que para os alunos que realmente assistiam às aulas e faziam os trabalhos da forma correta, eles conseguiram aprender, para os outros, que não assistiam aula e depois faziam as coisas, é, de qualquer jeito, é, eu acho que eles não conseguiram aprender, não. E os processos de avaliação, eles foram muito mais leves, né? Então, assim, você colocava a prova online, às vezes, você avaliava um menino, uma fala online, então era muito mais tranquilo pra eles. É, muitos falam que olhavam as respostas na internet quando iam fazer as questões. Então, acho que nesse sentido, pra esses alunos não foi a aprendizagem não foi boa, não. Mas pra quem conseguiu se dedicar, eu acho que conseguiu aprender, sim.

Pesquisadora - Certo...

Entrevistado J - Porque a gente ouve de tudo, né? Você ouve os alunos que, que levava mais a sério, você ouve aqueles que ligavam lá o computador e dormiam, né? Desligava a câmera e dormia, não tava, e a gente não pode obrigar os alunos a ligar a câmera, porque tem muitos alunos que tem problema com, com a imagem com. Então, esse tipo de controle não, não funcionava, então eles falam: aí eu ligava a câmera e dormia, não prestava atenção em nada. Então, tem, cada caso é um caso, tem os que conseguiram aproveitar e tem uns que não.

Pesquisadora - E pra você, "J"? De tudo isso, essa pandemia, o que que foi mais assim, você acha mais difícil, mais dificultoso, foi mais, tipo, até polêmico mesmo ou conflituoso em lidar, né? Com tudo isso. Por exemplo, você tinha que, então, como docente, tá presente, tá, né? Conseguir conciliar tudo isso, né? Porque aí a presencial, o presencial seu, o presencial se tornou a sua casa? Ou não, você não teve isso? Como que isso aconteceu?

Entrevistado J - Tive. Pra mim o mais difícil foi conciliar as aulas com os dois filhos pequenos em casa, né? A minha filha, ela também estavam em aula online, mas eu precisava auxiliar ela, precisava dar aula e cuidar do filho pequeno, que tinha um aninho. Não, ele tinha, quando eu

comecei, ele tinha sete meses. É, então isso pra mim foi bem, foi bem difícil, assim. E a falta de horário também, porque você trabalhava muito mais, porque às vezes os alunos, igual eu te falei, eles mandavam mensagem de madrugada, feriado, fim de semana, então acabou que emendou tudo, sabe? Você não tinha...

Pesquisadora - E as famílias, "J"? As famílias lá deu, deu suporte? As famílias interagem só, as famílias eram omissas? Elas eram participativa umas ou outras?

Entrevistado J - Algumas sim, outras não, né?

Pesquisadora - Como que acontecia?

Entrevistado J - Sempre tem as famílias que participam, que se preocupam, e outras, não. Outras deixam mais...

Pesquisadora - Mais leve...

Entrevistado J - É...

Pesquisadora - Bom, se, é, essa situação que nós passamos aí com a pandemia, né? Foi esse Ensino Emergencial Remoto aí, é, toda, todo, ninguém esperava, mas deixou um legado, deixou algo assim que futuramente, né? Se vier acontecer, né? A gente queira que não. Você acha que nele, pra esse, pra esse tempo, tempo teve um ponto positivo? É, você acha que isso, né? Nossa, se acontecer, Lídia, vai poder ser diferente nesse aspecto ou não? O que que você acha?

Entrevistado J - Aí, eu acho que ponto positivo é o que eu te falei, a questão da gente, é, aprender, trabalhar mais com as plataformas, né? E tentar levar mais autonomia, mas eu acho que não vai mudar muita coisa, não, se tiver outra, outra pandemia. Acho que vai ser mais ou menos no mesmo estilo...

Pesquisadora - Você acha que por essa experiência de já ter passado assim e não, não, não era o caso de levar ou, ou, ou você acha que, é, foi, foi pouco? O, o que desenvolveu? Foi colocado.

Entrevistado J - Não, eu acho que nós desenvolvemos muita coisa bacana dentro das possibilidades que a gente tinha. Não foi o ideal, porque o ideal acho que é o presencial, mas dentro das possibilidades eu acho que foi muita coisa bacana que a gente conseguiu fazer. Agora, se tiver outra, eu imagino que vai ser no mesmo estilo, né? Vai ser na mesma forma, porque não tem muito o que se pensar fora disso.

Pesquisadora - De ações formativas, ações políticas pra, pro atual contexto, né? Você contou do governo, teve, né? Faltou apoio nem nesse sentido?

Entrevistado J - Ah, não, nesse sentido, eu acredito que sim, né? Que vai ter um pouco mais de apoio, mas a gente não consegue prever quem vai tá no governo, né? Se vai [risos]...

Pesquisadora - Porque muda, né, "J"?

Entrevistado J - É muda constantemente.

Pesquisadora - Entendi, é, “J” e, assim, deixe aí suas considerações, algo mais, uma reflexão que você, sua né? Pra, por tudo que a gente passou, né? Pra, pra a própria educação. De você, de você querer mesmo colocar pra gente.

Entrevistado J - Ah, eu acho que é a educação, ela tem que ser um processo conjunto entre a escola e a família. Então, enquanto, enquanto não tiver essa parceria com todas as famílias, eu acho que o processo de educação ele fica, é, muito defasado. Então, assim, eu acho que na pandemia, é, as famílias que atuaram junto com seus filhos, os filhos conseguiram muito mais, é, sucesso no processo de ensino-aprendizado, do que as famílias que não atuaram. Eu acho que isso é também no presencial e em todos, todas as coisas que a gente vai fazer. Quando a gente tem o apoio da família, é muito melhor, então, que haja aí uma atuação conjunta, né? Da família com a escola.

Pesquisadora - Obrigada, “B.”

Pesquisadora - “O”.

Entrevistado J - “J” [risos]

Pesquisadora - “J”

Local, dia e horário.

Pesquisadora - “K”, boa tarde, vamos iniciar a nossa entrevista, tá bom? É, são seis perguntas pra nortear, e, eu vou, né? Citando cada uma e a gente vai dialogando, né? Conforme a sua, a nossa interação.

Entrevistado K - Certo...

Pesquisadora - A pergunta um, qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos de ensino-aprendizagem no IFTM, *campus* Uberlândia centro?

Entrevistado K - Olha, a gente, eu percebi uma, uma diferença, né? No nosso retorno em relação a forma como lidamos com os alunos, né? Assim, eu, é, a gente assim, parecia tudo muito novidade, né? A gente voltando, assim, como se tivesse começando tudo de novo, né? Mesmo que foi um pouco gradual, então assim, muitos alunos a gente não conhecia pessoalmente, né? Só conhecia virtualmente o nome, né? Que muitas vezes nem apareciam. Então, eu acho que a gente está ainda entrando nos eixos novamente, né? Em relação à organização dos espaços, em relação à pontualidade de entrega de atividades, em relação à participação desses alunos. É, aí esses efeitos no sentido assim, tanto positivos quanto negativos?

Pesquisadora - Isso, pode ser, pode ser.

Entrevistado K - Aham. O que que eu percebi de questões positivas, é, uma maior facilidade dos alunos ou, na maioria deles, em lidar com os aspectos assim, de tecnologia mesmo, né?

Pesquisadora - São nativos, né?

Entrevistado K - Nativos digitais, realmente. Então, vamos supor, antes, é, se falasse em utilizar o *Classroom*, muitos nem sabiam o que se tratava. E hoje é uma ferramenta que a gente incorporou e que eu acho que, pelo menos na minha disciplina de Geografia, ele acrescenta bastante, porque aí eu tenho um, um, é, um lugar de referência, porque tem, nós temos o virtual, que a gente disponibilizava, né? Os materiais...

Pesquisadora - O ambiente aprendizagem, né? A plataforma...

Entrevistado K - É. Não o virtual, na verdade, a gente tem lá uma pasta de documentos que os alunos podem...

Pesquisadora - É o IF virtual...

Entrevistado K - Podem colocar, colocamos as notas, fazemos as chamadas, então eu já disponibilizava lá as minhas aulas em formato PDF, né? Mas com essas outras ferramentas, que a gente incorporou agora, eu utilizo já, então, mesmo tendo voltado um Ensino Presencial total, eu continuo utilizando algumas ferramentas do Ensino Remoto. Como desse tempo do *Classroom*, que eu disponibilizo lá, por exemplo, atividades, sugestão de vídeos, aí já fica o link lá pro aluno acessar, um controle de agenda, por exemplo, a data de entrega da atividade, o valor daquela atividade. Então, são ferramentas que eu acho que nos, nos ajudou muito...

Pesquisadora - Agregou?

Entrevistado K - É, porque dinamiza a aula, eu consigo colocar mais opções e, e direcionar também em outras, em outras, é, frentes não somente livro didático, às vezes, algum texto complementar que eu saio na sala ou os slides. Eu consigo colocar outras informações além dessas. Então, acrescentamos essa autoridade, isso eu vi como uma coisa muito legal para os próprios alunos também se organizarem, sabe?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Então, oh professora, tá no *Classroom*? Tá no *Classroom*. Aí eles recebem...

Pesquisadora - Muito bom. Tem agenda, tem tudo, né?

Entrevistado K - É. Aí no *Classroom* eu programo a data de entrega da atividade, se é online, né? Agora, se a atividade no caderno, aí não, aí eles precisam realmente já ter esse controle individual. Isso eu vi como, como bom assim, essa comunicação mais fácil, mais fluida com esses alunos, né? É, mesmo que a gente tenha ali também, às vezes, alguns alunos que não vão ter isso, é, na mão com tanta facilidade, né? A gente sabe que isso acontece, mas aí a gente consegue, é, ir atendendo essas particularidades no próprio *campus*, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - O aluno pode ir na biblioteca, utilizar o computador da biblioteca ou computador do laboratório de informática. Então, assim, a gente tenta não, não deixar ninguém fora do processo, mesmo que não tenha computador ou internet em casa, a gente sempre tá... Agora, de negativo que eu, eu, eu, desses efeitos, ah, dificuldade que eu percebo de apreensão da atenção desses alunos. Eu tenho percebido eles mais dispersos, mais assim, é, é...

Pesquisadora - Sem autonomia? Ou não?

Entrevistado K - É, autonomia? Não sei, ainda tá, essa perspectiva da autonomia, talvez o contrário...

Pesquisadora - Tipo assim, se eu tenho que, fala faz, porque durante a pandemia não teve isso, assim; agora tem aula, vamos ligar, porque tem aula aqui, eu tenho que assistir, né?

Entrevistado K - É...

Pesquisadora - Vamos... entendeu?

Entrevistado K - De às vezes ficar um pouco mais acomodados, você diz assim?

Pesquisadora - Isso, é, isso...

Entrevistado K - A gente tem que: óh gente, vamos, faça, né?

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado K - Sim, isso em certa medida, eu, eu acredito que esteja acontecendo também. Até porque, como eu falei pra você, a gente usou muito essas ferramentas do *Google*. Então, tudo o que tinha tava lá, então eles, agora, não necessariamente tudo tá lá. A gente precisa, ele, ele é complementar, né? Então, se é uma prova, não vai tar lá a prova falando que tem que fazer...

Pesquisadora - Não...

Entrevistado K - Tem que lembrar, tem que registrar. E essa dispersão dos alunos, é, manter a atenção dos alunos, eu tenho, e até a gente também, pra falar a verdade, tipo assim, o celular na mão, internet o tempo inteiro. Então, acaba que a gente tá sempre, toda hora, parece que é uma extensão do nosso corpo, o celular. E os alunos também nesse sentido, então toda hora eles estão online, toda hora eles estão brigando, você precisa chamar a atenção. Então, essa dificuldade eu, é, de ter que pegar no pé em relação a essa, durante as aulas, durante o momento que tá explicando, aluno com o celular. Tudo isso aí, é, meio que eles, eu entendo que não somente eles, a gente tá, tá muito apegado a essa, a essa ferramenta, esse instrumento, né? Que é o celular. Então, isso aí eu acho que é uma questão que tá um pouco exagerada. De conteúdo, eu senti um pouco, assim, de defasagem, é, em relação aos alunos. Uma certa disparidade, sei lá, Primeiro Ano, estou trabalhando fusos-horários, pra alguns alunos, eles já tão cansados de ver fuso-horários, pra outro, eu tô rápido demais. Mas por quê? Pra uns aquilo ali já estava, já tinha uma certa base, eles já conseguiram abordar e se tocar em frente, às vezes, faz conta até de cabeça, nem utiliza o espaço do cálculo, já põe lá a resposta, que ele consegue mentalmente colocar. Outros, eu tive essa reclamação, às vezes, que eu tava, é, ensinando ou passando esse conteúdo um pouco rápido. Aí eu falei, olha, é o tempo que a gente costuma utilizar, uma aula pra isso, atividade, outra aula pra isso, atividade, mas eles estão com uma certa dificuldade, é, não a turma como um todo, mas uma parte da turma com essa dificuldade de acompanhar.

Pesquisadora - "K", deixa eu te perguntar, você falou no início dos alunos, é, dos alunos, é, que você percebeu que eles, eles chegaram, eles chegaram, não, que você percebeu que eles

tinham, é, dificuldade. Eu, eu quero te perguntar o seguinte; você estava com os alunos antes, antes da pandemia, aí entrou a pandemia, né?

Entrevistado K - Sim.

Pesquisadora - Ah, lembrei. Desculpa. A pergunta, é, você falou que não, é, foi pra você, foi assim, porque você não via, né? A novidade, os alunos era só *online*, né?

Entrevistado K - Uhum...

Pesquisadora - Num tipo, aí eu quero perguntar assim, esses alunos que você tá dizendo eles já estavam, durante, estavam antes, antes da pandemia. Aí chegou a pandemia, né? Aí teve que ficar em casa, tá?

Entrevistado K - Sim.

Pesquisadora - Ou você, ou você tá falando de turmas que, que chegou, não tava com você, chegou depois?

Entrevistado K - É, tem, é, tem, tem, vários casos. É porque são três anos, né? E a gente ficou dois anos praticamente remoto...

Pesquisadora - Porque entrou alunos depois...

Entrevistado K - Exato.

Pesquisadora - Ah...

Entrevistado K - Durante o Ensino Remoto, é, entraram turmas...

Pesquisadora - Ah...

Entrevistado K - Então tinha os alunos do Primeiro Ano. Teve aluno que eu, né? Vamos por março, que eu acho que foi a pandemia, né?

Pesquisadora - Foi, foi início de março...

Entrevistado K - É, aí teve aluno que a gente viu um mês e depois já pandemia. No meu caso, foi mais específico, porque eu tava grávida. Aliás, eu tava, eu estava de licença maternidade. Então, eu fiquei de Licença Maternidade e março, que começou a pandemia, março de 2020, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Que fechou tudo?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Eu tava com a minha filha com quatro meses nessa época e aí, quer dizer, eu voltei a trabalhar na pandemia. Então, quando eu voltei, eu não conhecia os alunos que entraram depois.

Pesquisadora - Não, porque o mês foi só fevereiro, né?

Entrevistado K - Foi só, é...

Pesquisadora - Tava entrando.

Entrevistado K - É, eu nem, ainda tava o meu substituto, certo? Aí eu entrei, conheci os alunos, fiquei com esses alunos dois anos. Então, na verdade, só quando eu voltei, só tinha uma turma que eu já tinha dado aula, que é a turma que estava no Terceiro Ano.

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - É, então. E assim mesmo eu dei aula até, é, até outubro, quando eu afastei da Licença Maternidade, que eu dei aula assim, de fevereiro a outubro de 2019. Aí eu afastei pra Licença Maternidade, eu conhecia só esses alunos que já estavam no Terceiro. Mas, e aí quando voltou, acho até engraçado assim, essa, é, alguns eu conheci, eu, eu lembro, eu tenho uma lembrança boa deles até hoje, sei o nome até hoje, porque era os alunos que ligavam a câmera, que eram poucos e que falava. Então, esses alunos marcaram mais. Mas assim, é, então, sobre os efeitos da pandemia, eu acho que, é, teve essas questões positivas que eu falei, de negativa essa dificuldade de manter a atenção dos alunos, aí eles estarem mais ainda, é, voltados, muito querendo mexer no celular toda hora. E a disparidade de, de, com, de fácil é, é...

Pesquisadora - De entendimento, do conhecimento...

Entrevistado K - De, de conteúdo, de acompanhar o conteúdo, isso...

Pesquisadora - De aprendizagem, de aprendizagem...

Entrevistado K - De conhecimentos prévios. É, de aprendizagem...

Pesquisadora - A aprendizagem desses tava bem mais defasada em relação aos outros que já tava...

Entrevistado K - É, não necessariamente em relação aos outros, mas entre eles também na mesma turma, entendeu?

Pesquisadora - Hum, entre eles mesmo, entre os pares...

Entrevistado K - É entre os pares. Isso sempre acontece, claro, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Não é tudo igual, mas eu sentia que agora a gente tá com uma disparidade maior ainda. Agora assim, né? O ano passado e esse ano. Mas eu percebo também que com o tempo a gente consegue alinhar. A turma vai, vai, vai evoluindo...

Pesquisadora - Vai, né?

Entrevistado K - Assim, vai nivelando.

Pesquisadora - Certinho, é, "K", a pergunta dois, como você avalia a atuação do Governo Federal diante da pandemia? Ah, o Governo Federal da época, tá, "K"? Na época da pandemia.

Entrevistado K - Aí, nossa, pergunta difícil, né? É do ponto de vista...

Pesquisadora - Mas aqui a gente não vai, aqui, é, pode ficar tranquila, que não tem ideologia partidária, não, tá? Isso aqui é bem tranquilo...

Entrevistado K - Não, sim, tranquilo. É, olha, eu, eu assim, eu avalio que, é, não, não houve o entendimento com a seriedade que a situação precisava ter, né? Assim, então, acho que ficou, a responsabilidade ficou muito nas instituições individualmente, né? Assim, e faltou um pouco de um, de um norteamento mais, é, é como que eu vou dizer...

Pesquisadora - Mais, mais preciso mesmo, mais...

Entrevistado K - Isso...

Pesquisadora - É, de acordo com o contexto...

Entrevistado K - É porque assim acaba que todo mundo não sabia o que fazer, né?

Pesquisadora - Entendi, direcionar...

Entrevistado K - Assim, direcionamento que, que, que nos passasse mais confiança, né? No sentido de ter uma referência, então, como eu sinto que o governo não encarou essa situação da pandemia como algo sério, de fato, né? Foi muito negligenciado a questão da educação e aí isso reflete, lógico, pra nós também, né? E que aí acaba que os, os institutos, né? E a gestão, principalmente, ela se viu numa situação em que, às vezes, faltou esse apoio, né?

Pesquisadora - É, porque assim...

Entrevistado K - De onde? Ô, o que fazer? Qual que é a minha referência, né? Então, esse, claro que as dificuldades ela tá em todas as instâncias, mas quando você não sente um respaldo de quem está acima de você, você fica ainda mais, é, é, perdido nas situações. Apesar de que eu acho que aqui, o nosso *campus* é um, é uma exceção.

Pesquisadora - Privilégio, isso...

Entrevistado K - Né? Nós temos aqui...

Pesquisadora - IFTM...

Entrevistado K - Uma ilha diante do caos, assim...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Diante de toda a situação, acho que a gente se deu bem, assim, comparativamente. Mas eu acho que foi negligente.

Pesquisadora - É porque, assim, é, tanto em ações, vamos dizer formativas, de apoio pros docentes, em termos de conteúdo, de didática, né?

Entrevistado K - É...

Pesquisadora - Quanto do, do próprio aparelhagem, também...

Entrevistado K - Sim, com certeza...

Pesquisadora - Dos alunos, pra famílias carentes que não tinha condições...

Entrevistado K - Pras famílias, exatamente...

Pesquisadora - E isso fez com que essas, até a desigualdade, é, é, a, mostrasse maior, não é isso?

Entrevistado K - Aham. Principalmente, isso das famílias é seríssimo...

Pesquisadora - Né? Porque, tipo, é pra fazer, não era assim?

Entrevistado K - Uhum...

Pesquisadora - É pra fazer, pra fazer, se vira.

Entrevistado K - Nossa, tem um monte de aluno que usava o celular dos pais. Então, às vezes não conseguiam acompanhar...

Pesquisadora - Em conjunto com o outro...

Entrevistado K - É, a, às vezes, a aula era ao vivo e o seu pai não tava em casa, eles não conseguiam acompanhar. Aí à noite, aluno mandando mensagem, né?

Pesquisadora - Imagina, a mente, né?

Entrevistado K - É, nossa, coitado, esses meninos, é, eles passaram uma situação muito difícil...

Pesquisadora - Muito difícil...

Entrevistado K - Então, eu avalio que não, que, que foi negativa nesse sentido...

Pesquisadora - A, a pergunta três, eu acho que eu entrei [risos] nela um pouquinho...

Entrevistado K - Aham...

Pesquisadora - Só complemento, ó, em que medida foram disponibilizadas as ferramentas tecnológicas necessárias no cenário pandêmico? Aqui, você pode falar tanto aqui no IF que a gente sabe, né? Que, que eles são bem, é, bem farto. E, e em relação geral, viu? É, em relação, né?

Entrevistado K - É, ó, eu...

Pesquisadora - É, e pros alunos em casa, famílias...

Entrevistado K - Uhum, sim. Aqui eu vejo as ferramentas tecnológicas, elas foram, na verdade, providenciadas pelos próprios docentes, porque se o trabalho ficou remoto, cada um trabalha no seu computador, na sua casa e com a sua internet, né? Assim, e isto na questão dos docentes...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Quando a gente fala dos alunos, eu vi um trabalho, das coordenações aqui do *campus*, se movimentando para atender esses alunos que realmente não tinham como adquirir, ou a internet pra, alguns alunos até, em alguns momentos, pediram pra vir até o *campus*, né? Pra, pra fazer algumas atividades e tal. Então, eu vi muito empenho individual das coordenações de curso, sabe? Pra não deixar ninguém de fora. Indo atrás, ligando pra famílias e tudo mais. Agora, para, é, vindo, eu não, eu não vi essa, essas, é, que foram disponibilizadas ferramentas tecnológicas, não. Pelo menos não pra, pra mim. Isso no sentido de aparelhos, internet...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Agora, os softwares que a gente usou...

Pesquisadora - As plataformas...

Entrevistado K - As plataformas...

Pesquisadora - As Webconferências. Quais?

Entrevistado K - Sim, aí é aí. Bom, eu particularmente usei só o *Classroom* e o *Meet*, usei esses dois, o *Google Meet*. E aí foi, foi cedida, né? Uma...

Pesquisadora - Fora o *WhatsApp*, né? Esse daí já era fato...

Entrevistado K - É o *WhatsApp*, é, mais informal, *WhatsApp*, né? E-mail e tudo...

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Mas, é, a gente teve um espaço maior, né? Pra, pra gerenciar as nossas contas aqui do *campus*, então isso também facilitou pra subir as aulas, deixar as aulas gravadas. Então, *Meet* também, ele, ele tava bem acessível, é, é...

Pesquisadora - Disponível...

Entrevistado K - Disponível. As ferramentas pra gravar a aula, pra depois colocar disponível pros alunos, era muito importante isso. Então, todas as minhas aulas foram gravadas...

Pesquisadora - Porque depois disso foi cortado, né? A gente não conseguia mais, não consegue mais gravar, né?

Entrevistado K - É, se não pagar, é, agora, mais recente, esse ano, o final do ano passado, não podia. A gente não consegue mais gravar, mas durante a pandemia a gente gravava e disponibilizava todas as aulas. As minhas, pelo menos, todos ficaram disponibilizado. Então, isso foi, foi possível, tá? Acho que é o quê...

Pesquisadora - Certo. Ah, a quarta, os docentes contaram com ações formativas, considerando o modelo de Ensino Remoto Emergencial vigente?

Entrevistado K - Olha, nós tivemos, que eu me lembre, assim, ou um professor, porque o professor aqui do *campus*, ele, ele dá aula disso, né? Ele tem até um canal no *YouTube* tal, que ensinava a utilizar as ferramentas de *Classroom*, de *Meet*, de como gravar aula, de como editar as aulas. É o professor "V".

Pesquisadora - "V"?

Entrevistado K - "V". E aí, ele fez uma formação, né? A "M" chamou e tal, convidou, a gente teve essa manhã. Tipo uma reunião pedagógica e queria, foi passando os procedimentos pra quem... Eu particularmente, assim, eu, eu tenho facilidade com essas questões. Então, eu, eu ouvi tudo, achei que foi bem didático, ele até gravou, igual eu falei, ele tem até um canal no *YouTube* que ensina a fazer essa, utilizar essas ferramentas. Então, assim, na parte técnica nós tivemos esse auxílio, mas na parte de didática, não muito, assim de como fazer e tal. Eu não vi muita discussão sobre esse assunto, não. E tudo também muito atropelado, né?

Pesquisadora - Entendi.

Entrevistado K - A gente foi, assim, aprendendo fazendo, certo? Eu acho que esse foi o...

Pesquisadora - Lidar com as duas questões é, a, a, além de se ter que lidar com, com seu, por exemplo, pra você, você não tem atividade, mas aquele professor que tinha, o que que ia acontecer? Além dele lidar com essa situação, ele tinha que lidar com a situação de não ter o conhecimento, né?

Entrevistado K - É...

Pesquisadora - Da máquina...

Entrevistado K - Da ferramenta, é, da, a parte técnica, né?

Pesquisadora - Nossa, foi...

Entrevistado K - É isso aí, eu acho que é complicado mesmo. Eu imagino que quem tiver dificuldade nessa parte demorou muito tempo pra se organizar, pra conseguir, mas, é, eu, nesse caso, eu não tive muita dificuldade, achei até bem tranquilo...

Pesquisadora - Mas quanto à metodologia, à didática, aí não...

Entrevistado K - Aí não. Foi, é igual eu falei, a gente foi aprendendo fazendo...

Pesquisadora - A parte pedagógica...

Entrevistado K - É, aprendendo fazendo, trocando ideia com os colegas. Ah, assim, tinha alguns, o que que eu percebi que teve? Assim, eu, particularmente, não participei tanto, mas teve alguns eventos com palestras sobre o assunto, sabe? Que aí era...

Pesquisadora - As *live*?

Entrevistado K - É tipo *live* sobre esse assunto, *webi*, *webinar*, negócio assim...

Pesquisadora - É, é isso *webinar*.

Entrevistado K - Isso, isso aí teve. Eu não, eu não participei de muitos, não. Pra falar a verdade, porque eu tava, né? A gente acaba que ficou bem sobrecarregado.

Pesquisadora - Isso para os docentes, não é, "K"? Agora, quanto aos alunos, eles tiveram algum recurso pra eles também?

Entrevistado K - Não, não.

Pesquisadora - Não? A não ser o próprio professor, né, "K"? Pra poder tá ajudando, né?

Entrevistado K - É. É, a gente ajuda, mas engraçado, né? Como, igual a gente falou? Eles são nativos digitais.

Pesquisadora - É diferente.

Entrevistado K - Não percebi muita dificuldade, não. Tipo, assim, professora como que eu faço pra abrir a aula? Pra aceitar o convite? Não, isso fluiu.

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - Eu nunca recebi esse tipo de demanda, não.

Pesquisadora - É, cinco, na sua opinião, houve diferenças, particularidades entre a prática do Ensino Remoto Emergencial e do Ensino a Distância, EAD?

Entrevistado K - Olha, eu não tenho muita experiência com EAD, mas eu acho que, é, foi mais essa parte do Ensino Remoto, como a própria palavra diz, emergencial, a gente ir aprendendo fazendo, porque o EAD, ele já tem toda uma estrutura, né? Um cronograma, você sabe quando vai ser começo, meio e fim. Você tem, sei lá...

Pesquisadora - Planejamento...Entrevistado K - Flexibilidade, você tem o planejamento, a organização, tudo de todo o curso, né? Agora, no Ensino Remoto, a gente, é, tinha assim, olha, continua remoto, ah e tal, até daqui quantos meses? Continua remoto.

Pesquisadora - [Risos].

Entrevistado K - Então, a gente foi mantendo, né? É, então, eu, a gente praticamente o que eu percebi foi que a gente transformou o *Meet* numa sala de aula, né? Então, a gente ia lá projetava, né? Dava uma aula expositiva e aí os alunos faziam as atividades, isso da minha prática, né? Deixava as atividades no *Classroom*, né? Era um horário de aula, outro horário de atividade, e

agora, e pronto, né? Eu acredito que tem umas ferramentas legais que poderiam ter sido utilizados, mas naquele momento eu não usei, não. Usei praticamente isso. Agora, o EAD eu não sei, assim, como, como eu não tenho muita experiência, eu não sei te dizer na prática, o que que poderia ter sido diferente. Mas, teoricamente, eu penso que é principalmente na questão do planejamento, a diversidade de ferramentas e o negócio que já tá mais estruturado ali, tá?

Pesquisadora - Certo, e, e, assim, e pra você também, é, a sua casa, né? Também, igual a todo mundo, geralmente, né? Tornou-se comum falar isso, né? Tornou-se a extensão da escola...

Entrevistado K - Do trabalho, é, aham.

Pesquisadora - Isso aconteceu mesmo, né, "K"? De certa forma... Entrevistado K - Com certeza.

Pesquisadora - E você ainda com um bebê, né? Entrevistado K - Tava com o bebê de, quando eu voltei, né? A trabalhar da Licença Maternidade, minha bebê com sete meses, né? Mas eu vou te, assim, particularmente, o ponto positivo que eu vivi a infância dela até os dois anos?

Pesquisadora - [Risos] ponto positivo.

Entrevistado K - Eu, assim, é, foi, foi bom, porque eu tenho uma outra filha agora de, que ela tem um ano e um mês. Com cinco meses e meio ela já tava na escola e eu vindo trabalhar, né? Agora, por exemplo, meio-dia e quarenta e cinco, mais ou menos, meio-dia, eu vou amamentar e volto pra trabalhar. Então, o que que acontece? Nesse ponto, foi muito bom, porque a minha primeira filha, eu pude ficar bem presente com ela e meu marido trabalhando em casa. Então, assim, ele ficava com ela enquanto eu dava aula, enquanto eu preparava, no intervalo de uma aula e outra. Eu tive essa, essa possibilidade de conviver mais de perto. Essa parte foi muito bom, mas pro meu trabalho foi muito estressante, porque que hora que eu trabalhava? Hora que ela dormia, é de madrugada, é a noite. Então, pra prepará-la, eu não tinha todas as aulas em, em *PowerPoint*, em slide. Muitas aulas eu usava quadro, né? Eu usava o livro e isso, então, eu tive que refazer grande parte das minhas aulas. Então, fiquei muito sobrecarregada, muito, serviço de casa, serviço de tudo, mas, essa, teve esse ponto positivo, né?

Pesquisadora - Certo. É, última pergunta, "K", a partir da experiência...

Entrevistado K - Eu achei que essa era a última, desculpa...

Pesquisadora - Não. A partir da experiência docente durante a pandemia, você vislumbra alguma contribuição do Ensino Remoto Emergencial para os processos de ensino-aprendizagem no pós-pandemia, ou seja, retornando à modalidade presencial?

Entrevistado K - Benefício? Aí... [risos]...

Pesquisadora - É, alguma contribuição, né? Porque...

Entrevistado K - É, acho que meio que eu falei quando eu disse que ia, é, incorporei algumas coisas do Ensino Remoto pra a nossa prática atual, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado K - E aí, isso acho que foi algo positivo. A gente, é, conhecer novas ferramentas e utilizar novas ferramentas como alternativa...

Pesquisadora - E os, e os discentes? Também, é, você, você, você viu, é, teve algum, é a sua percepção na, na volta...

Entrevistado K - Dos alunos?

Pesquisadora - Dos alunos nessa volta, né? Do retorno aí na modalidade presencial? Alguma dificuldade? Alguma resistência?

Entrevistado K - Olha, o que que eu percebi de dificuldade? Eu não sei nem se é o momento de falar isso, a pontualidade dos alunos que a gente, foi necessário ter muita flexibilidade, né? Naquele primeiro, durante o Ensino Remoto, quando retorna essa flexi... alinhar de novo essa questão da flexibilidade e prazo de entrega de, de características de trabalho, isso aí a gente teve que, ainda tá num processo de reorganização...

Pesquisadora - É porque está recente, né, "K"?

Entrevistado K - É, então, essa flexibilidade tá, é,

Pesquisadora - Tá caminhando, vamos dizer assim...

Entrevistado K - Tá caminhando aí pra entrar nos eixos, mas...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado K - Esse ano, eu acho que já entrou, o ano passado foi mais complicadinho.

Pesquisadora - Foi mais complicado...

Entrevistado K - Esse ano já tá OK, eu acho que já, já ficou bem. É, eu não sei, talvez, eu não sei se é fruto da, da pandemia mesmo. Eu acho que os alunos estão com mais habilidades pra lidar com as tecnologias, né? Apesar de que isso não está sendo utilizado de uma forma muitas vezes saudável, às vezes, tá um excesso, mas a parte de, de, de lidar com isso, de dominar, eu acho que eles melhoraram, assim, sabe?

Pesquisadora - Sim.

Entrevistado K - E agora, não sei, você perguntando, não sei te dizer...

Pesquisadora - É no dia a dia mesmo, tá recente, né? Pra perceber isso, pelo que eles estão reagindo, né? A todo, esse...

Entrevistado K - É...

Pesquisadora - Certinho. "K", é, encerrando, então, você quer deixar algumas, falar alguma, fazer algumas considerações finais em relação a tudo isso daí, né? Que nós vivemos, esse contexto, né? Pra educação, pra sua vida, né?

Entrevistado K - Olha, é. Ah, eu acho que assim, a gente passa a dar mais valor na presença, né? As vezes que a gente ficou com aquela ideia, nossa, agora nunca mais volta, quer dizer, como era antes. Não, a gente, a gente tem essa necessidade do conviver, né? Assim, eu acho que, é, nos, nos mostra assim, coisas simples, como sentar e almoçar junto, né? Não ter que tá de máscara. Eu me lembro que eu grávida de nove meses quase, dando aula de máscara aqui e aquilo, nossa, aí você passa a dar valor nessas pequenas coisas. E isso pra mim marcou muito, essa, é, as vezes, querer encontrar e não poder. Daí ter, ter essa noção do que estar presente, que o conviver e ver as pessoas é algo muito importante, independente de que, lógico, tem ferramenta, tem vídeo-aula, tem um monte de coisa que é muito legal, mas o estar aqui, o olho no olho, conhecer a realidade dos alunos, perceber, né? Ó, esse aluno hoje não tá legal, o que que será que tá acontecendo? Aí você vai saber, tem uma questão na casa dele, tem uma questão, sei lá, ele tá brigado, essa parte da turma de rixa com aquela, então, isso, essa convivência faz parte do processo. Então, eu acho que valorizar isso e perceber isso. Não é só valorizar, mas perceber que, às vezes, antes era tão, né? No dia a dia que a gente não, não percebia como que isso é importante...

Pesquisadora - O olhar do professor, né, "K"?

Entrevistado K - É, o olhar, né? Você ver esse aluno, você entender, ó, ter atenção com esse aluno, né? Eu acho que isso foi, é algo que a gente passa a dar muito mais valor e, às vezes, a câmera desligada, né? Nos, nos distanciava muito dos alunos, então, eu acho que isso foi um favor...

Pesquisadora - "K", é muito obrigada, viu?

Entrevistado K - Eu que agradeço...

Pesquisadora - A Entrevista foi bem proveitosa e tem aí agora um, numa tarde de um bom trabalho, se você tiver ou em casa com sua bebê, né?

Entrevistado K - É, vou nada, eu vou ali...

Local, dia e horário.

Pesquisadora - Entrevista, professora "R".

Entrevistado R - Então, sua primeira pergunta, Lídia, bom dia, né? Era qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos de ensino-aprendizagem do IFTM? Ó, eu acho que, é, foram bem chocantes, pensando agora no pós, né? Sua pergunta, depois como é que ficou, não é essa sua pergunta?

Pesquisadora - Isso, durante e pós. Essa visão sempre junto.

Entrevistado R - Tá. Então, é, foi, foi, foi bem chocante, eu diria, né? Primeiro que o, o, aquele modelo emergencial surgiu no supetão, né? Estava, pegou todo mundo desavisado, gerou um monte de ansiedade, gerou um monte de questões de ordem emocional e a gente sabe que, é, o aprendizado está ligado ao cognitivo, no entanto, não dá pra descolar a pessoa do emocional, né? Então, assim, com os estudantes foi muito tenso aquele momento, né? E isso durou no pós-pandemia, né? A gente teve muitas questões, encaminhamos muitos estudantes pra psicólogo,

com ansiedade, com depressão. Muitos problemas dessa ordem aqui no Integrado, né? O ano passado, no final do ano retrasado a gente voltou pro presencial. E aí, assim, afeta a aprendizagem diretamente no meu entendimento.

Pesquisadora - E só puxando aqui um gancho, a sua disciplina específica, pelo que eu vi aqui, né? Sua é, é...

Entrevistado R - Física...

Pesquisadora - Exatas, né?

Entrevistado R - Isso.

Pesquisadora - É puramente aquela disciplina que realmente necessita...

Entrevistado R - Sim, de concentração, da atenção...

Pesquisadora - Da presença ali do professor?

Entrevistado R - Sim. E, assim, é, pensando na, na, na prática do Ensino Remoto, eu não tive grandes dificuldades, porque eu sempre lidei bem com tecnologia, mas eu por minha conta, né? Então, não tive grandes problema, me adaptei rapidamente. Sei que os estudantes sofreram um pouco, entrar em aula, né? Porque, às vezes, essas aulas eram ao vivo no *Meet*. Então, assim, teve esse transtorno. Eles diziam que eu conseguia articular bem, que eu conseguia explicar direitinho mesmo via tela, né? A gente tinha um horário de atendimento, né? Depois tinha um horário pra aula, um horário pra atendimento do estudante. Então, eu até consegui articular, mas lidar com essas outras questões que surgiram da pandemia foi bem, foi bem tenso, né? Encaminhei um monte de menino, como eu falei antes, um monte de estudante, e eu percebia que, é, aqueles que estavam mais abalados, por questões de isolamento, por questões com família doente, mas foram muitas situações assim, e eles tinham um rendimento menor, um desempenho, menor, sabe? Foi muito, muito chocante. E a gente volta pro presencial, essas questões emocionais e sociais, elas perduram, mas a gente começa a fazer um movimento contrário em termos de aprendizagem, né? No primeiro, no primeiro momento, logo no ano passado, lá no final do ano retrasado, começo do ano passado, eu percebi os estudantes, é, só esperando, né? Porque eles desaprenderam a buscar, desaprenderam a, a ser mais ativos, né?

Pesquisadora - Eles ficaram mais acomodados, né?

Entrevistado R - Mais acomodados...

Pesquisadora - A autonomia deles, de certa forma, minimizou, né?

Entrevistado R - Sim, sim. Eles perderam, acho que essa foi a expressão, eles perderam a autonomia, queriam saber o que fazer, tinham que esperar tudo pronto e aí nesse retorno do presencial, a gente precisava continuar fornecendo o quê, né? Continuar direcionando, continuar, é, como a gente brinca, pegando na mão mesmo, sabe? Mesmo a gente aqui no Uberlândia centro, a gente tinha um, um histórico diferente antes, antes da pandemia, a gente sempre teve alunos mais, mais despachados, mais pró-ativos. Então, a gente foi tendo que ensinar isso de novo pra eles, sabe? E isso se refletiu não só nas questões de aprendizagem, até

nas questões básicas, como cuidar do patrimônio, sabe? A gente teve situações aqui dentro do *campus*, no retorno ano passado...

Pesquisadora - Valores, né?

Entrevistado R - Que a gente não tinha...

Pesquisadora - Ética...

Entrevistado R - Que preocupar, sabe? Rabiscar carteira, colar papel molhado na parede do banheiro, sabe? Coisas que a gente nunca tinha visto aqui antes, sabe? Então, assim, é, a falta de socialização, comprometeu tudo nesse sentido. E aí, como eu falei, isso não define o aprendizado, mas isso influencia, porque se tá rabiscando uma carteira, você não tá ouvindo a aula, não tá participando da aula, nem meramente ouvindo direito você não tá, enquanto você rabisca uma carteira...

Pesquisadora - E nesse meio aí a família como, é, como que foi o papel da família? Tipo, o aluno, igual você falou, ele perdeu um pouco da autonomia, mas, é, a família tinha que tá em cima? É, buscando, é, levando esse aluno? Ou, ou como ele perdeu autonomia, ou a família também, ela ficou dispersa? A família da, como que era essa, essa, como que foi essa questão da família aí?

Entrevistado R - Tá. Essa pergunta é muito boa, porque [risos] eu acho que teve de tudo, sabe? Teve de tudo, tinha famílias que conseguiam, né? Às vezes, a gente chamava, olha, seu filho precisa de atendimento, de acompanhamento psicológico e, algumas famílias, na mesma hora atendia de prontidão. E a gente via que quando a família estava bem de perto, era diferente o resultado, né? Tinha esse suporte familiar, as coisas evoluíam melhor. Mas tinha família que não, eu cheguei até a aluna que me procurou, dizendo, "R", eu tô muito ansiosa, eu tô com muito, isso no meio da pandemia, lá no remoto, isso tudo conversando no telefone com a estudante, tô muito ansiosa, preciso de ajuda, falei pro meu pai que quero ir ao psicólogo, ele disse que não preciso, sabe? Assim, tinha famílias e famílias, né? Mas a gente tá sempre, estava sempre tentando buscar, fizemos, é, grupos de, de, de pais no *WhatsApp*, na época da pandemia, sabe? Tivemos que fazer esse grupo pra manter a informação, pra sugerir...

Pesquisadora - A busca, aquela busca, busca afetiva, né, "R"?

Entrevistado R - Sim, a gente tava buscando todo mundo, o tempo todo, né? Então, assim, a nossa demanda foi muito intensa, mas a gente percebeu que, é, se nós não fizessemos isso, os estragos seriam maiores.

Pesquisadora - Ia perder mais ainda, né? Afastar mais ainda.

Entrevistado R - Sim, sim.

Pesquisadora - E quanto ao próprio Instituto? A política do Instituto? A, a, o interesse, não é bem o interesse, a, a, o auxílio, o suporte, entendeu?

Entrevistado R - Tá, entendi.

Pesquisadora - A, a do Instituto pra, para com o docente?

Entrevistado R - Tá, então, eu, eu entendo assim o, o, quem no Instituto, né? Quando a gente pensa no Instituto, a gente pensa numa Entidade Federal, né?

Pesquisadora - A gestão, tudo que tá aí...

Entrevistado R - Então, assim, em termos de gestão local, a gente teve bastante suporte. Então, assim, a gestão local, é, buscavam, por exemplo, a gente tinha um professor que era muito versado em, em tecnologia e aí a própria, a própria gestão organizava com esse professor, pra marcar momentos com todos os colegas, pra orientar os colegas como é que fazia com a tecnologia e com recurso. Então, localmente a gente teve muito suporte, né? Da gestão daqui do *campus*. Agora, pensar em política pública, isso não existiu, sabe? Não tinha. Quando a gente entrou, ó, e saímos hoje, era uma segunda-feira à tarde, quando suspenderam as aulas, né? Suspenderam as aulas na segunda à tarde, demos aula na segunda-feira, amanhã a gente não volta. E aí na semana seguinte, nós estávamos todos trabalhando de modo remoto, todos. Mas não veio nada de cima, do MEC, do Governo Federal, não veio nada dizendo, vamos fazer assim, vou te, vou te ensinar a fazer isso, nada. Então, assim, quem deu jeito foi a gestão local, né? Com muitos colegas que se dispuseram a auxiliar, mas não teve nada em termos de país, não...

Pesquisadora - Entendi, é, o, o governo, ele simplesmente ditou, é assim que vai acontecer, mas ao mesmo tempo, em contrapartida, ele não deu suporte...

Entrevistado R - Nem, nem...

Pesquisadora - Teria que dar tanto pros docentes, tanto para as instituições, quanto pros alunos e pra suas famílias. E, é, pensando, é, o que você disse em políticas públicas, é, foi algo emergencial, então até mesmo pra eles, a gente percebe, ou você percebeu, assim, é, bom, o que nós podemos fazer, é isso?

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - Eles, eles não pensaram aqui, peraí, temos que amparar, temos que...

Entrevistado R - Sim, não. É, é, foi tudo por nossa conta, nossa, quando eu digo nossa, local, né? O *campus* Uberlândia centro deu muito suporte, orientou, ajudou. Eu me lembro de gente que pegou máquina emprestada, porque tava sem computador, sabe? Então, assim, daqui de dentro, localmente, foi muito boa essa, né? Essa organização, com esses minicursos, com esses webcursos, né? Com os nossos colegas mais versados em tecnologia, né? A gente ajudava uns aos outros no que podia, mas falar assim; aí veio de cima, é emergencial pra atender essa emergência, vamos fazer isso; não teve! A gente sai da sala amanhã, hoje, na segunda-feira que vem tá todo mundo trabalhando remotamente.

Pesquisadora - E o, a Instituição ela é bem, em termos de, de aparelhagem, de aparatos, é, de ferramentas, ela é bem, é, ela é bem...

Entrevistado R - Bem estruturada...

Pesquisadora - Isso, bem estruturada. E quanto a, os alunos e suas famílias, vocês perceberam que eles tinham essas estruturas, eles, eles, eles, eles deram conta de acordo [risos]? Porque a

gente sabe que tem famílias que tinha que pegar um celular e dois irmãos esperavam terminar pro outro usar...

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - Como que foi essa questão aqui no IF com os alunos/

Entrevistado R - Então, aqui, aqui, aí teve bolsa, bolsa pra aquisição de equipamento, teve Assistência Estudantil que foi, foi, é, convertida, né? Pra, pra internet, sabe? Então, assim, é, como eu disse, eu, eu percebo, assim, no Instituto, localmente falando, bastante suporte. Então, a gente percebeu que tinha um aluno que não entrava nunca, vamos procurar, vamos saber, não tinha conexão. Então, então a gente indicava que ele se inscrevia naquela Assistência Estudantil pra conseguir, é, dados de internet, né? Teve situação de conseguir a, a, o recurso da assistência pra comprar equipamento, sabe? Assim, é claro que isso demora um tempo, né? Até você levantar quem são esses alunos, buscar entrar no edital, preencher, auxiliar, demora um tempinho, mas, assim, quem era falta de equipamento pura e simplesmente, a gente foi resolvendo. A gente enquanto Instituto, localmente, foi resolvendo.

Pesquisadora - E em termos de material impresso, "R"? O Instituto disponibilizou? Foi necessário? Como que aconteceu essa questão? Porque a gente sabe que, se falando da Educação Básica...

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - Bom, pra esse outro lado aí temos os PET, né?

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - Que foram os...

Entrevistado R - Estado, prefeitura...

Pesquisadora - Isso, prefeitura, estado, é material impresso, né? O, os tutoriais, né?

Entrevistado R - Aham...

Pesquisadora - Como que foi essa questão aqui com o IF?

Entrevistado R - Então, a gente não tinha PET, né? Cada professor dava sua matéria, organizava o seu conteúdo..

Pesquisadora - Plano de Estudo Tutoriado...

Entrevistado R - É, é. A gente, a gente tinha, a gente era assim, por exemplo, eu tinha duas aulas por semana, numa certa turma, e aí, dessas duas aulas por semana, a gestão orientou a gente que a gente desse uma aula e ficasse uma aula pra atendimento. Então, a gente entrava no *Google Meet*, né? Que era nossa plataforma, fazia aquela aula com compartilhamento de tela, com tudo, explicava o conteúdo e aí fazia aquele momento posterior pra poder atender o estudante, tirar a dúvida, sabe? Essa primeira aula ela era gravada e disponibilizada para os alunos verem mais tarde, se eles quisessem. Então, a gente tinha essa possibilidade e aí a

questão impressa, é, aconteceu, sei que aconteceu em alguns casos, impressão de material, levou pra, pro estudante. Mas, assim, foram mais pontuais, né? Esses que demorarão mais conseguir acesso, demoraram mais conseguir, é, é, equipamento, mas aconteceu também, sei que aconteceu. Foram mais pontuais, mas teve.

Pesquisadora - Tá. Ah, vocês, vocês, então, era o, o acesso via *Google Meet*, *WhatsApp*...

Entrevistado R - *Google Class*...

Pesquisadora - Quais são? É, fala pra mim.

Entrevistado R - A gente usava *Google*, né? De um modo geral. A gente usava o, o, o *Meet* pra fazer as aulas, as aulas síncronas e gravar essas aulas, na época. A gente usava o *Google Classroom* pra compartilhar material e a gente precisava buscar os alunos, que geralmente era via *WhatsApp*, né? Num, o, o uso de e-mail não era muito eficiente.

Pesquisadora - Chegaram a ligar pra alguém?

Entrevistado R - Chegamos, a gente ligava, às vezes ligava para as mães, né?

Pesquisadora - E o telefone...

Entrevistado R - Quando a gente tentava com estudante, não conseguia resultado, a gente falava com as famílias também. Aí tinha que ligar pra as mães, muitas vezes aconteceu. Mas e aí, e-mail o pessoal não tava lendo mais, porque era um turbilhão de e-mail todo dia, né? Então, tinha que apelar para o *WhatsApp* mesmo e pra ligação.

Pesquisadora - Antes, antes de eu partir pro, pro, pro outro, um, outro questão, né? Que, que engloba aqui, é, de de tudo isso aí, "R", o que mais você pode dizer assim que te chocou? De tudo isso, o que mais chocou? O que mais impactou ou que mais angustiou?

Entrevistado R - Então, acho que na minha percepção, o mais difícil era ver, é, os casos de sofrimento emocional mesmo, psico, né? Socioemocional, eu diria, porque eu, ao mesmo tempo que eu não tinha muito o que fazer, eu tentava, conversava, acolhia, mas eu não tinha muito o que fazer. E isso impactava, certamente, no aprendizado, né? Então, assim, pra mim foi o mais chocante, sabe? Ver esse sofrimento todo.

Pesquisadora - É, bom, agora vamos pensar aqui, né? É, é na questão do, dos processos de ensino-aprendizagem agora.

Entrevistado R - Certo.

Pesquisadora - Né? o que você pode dizer, é, mediante todas essas questões, né? Todo esse processo que aconteceu, como, o que que isso, como que foi refletido no ensino-aprendizagem do aluno?

Entrevistado R - Tá, é, não sei te dar muitos detalhes da, do tempo da pandemia, né? Eu, eu, eu me lembro de alguns comentários. Aham, eu me lembro de alguns comentários assim; a professora, eu assisto a aula, eu entendo tudo na hora, mas depois parece que passa, né? Não, não tem aquela fixação, eu diria, sabe? Que, né? A neurociência já mostra pra gente a tela num

faz um registro tão bom como o papel faria, como o quadro faria, né? Então, assim, por mais que na hora eles entendessem, respondessem, me desse um retorno, não ficava tudo que deveria ter ficado, né? A, a fixação do conteúdo, a absorção do conteúdo não era tão eficiente, sabe? E aí não sei até que ponto a tela influenciou nisso, a distância influenciou nisso, o estado socioemocional influenciou nisso, porque eram muitos fatores, né? Muitos fatores. E aí eu percebi, assim, logo no retorno, é, o estudante menos autônomo teve mais dificuldade de, de, de se reapropriar daquele presencial, né? Tanto que a gente percebe muita diferença aí, eu percebo pelo menos, dos estudantes que ingressaram no Instituto ano passado, dos porque, dos que ingressaram nesse ano, né? Os que ingressaram esse ano tiveram um Nono Ano, né? Presencial, de novo, pra começar essa retomada. E os que ingressaram no ano passado, eles não tiveram, tiveram Oitavo e Nono a distância, só com PET ou qualquer que seja a forma que foi feita. Então, eu percebi assim, no ano passado, os que ingressaram presencialmente conosco, eles tinham muito mais demanda de falta de autonomia. Muito mais, esperava muito mais, reclamava muito mais, embora tivessem consciência de que precisavam de estudar. Eles não tinham essa proatividade de fazer, de buscar o conhecimento. Esse ano já mudou um pouquinho, né? Os que chegaram para nós aqui no *campus* esse ano, no Primeiro Ano, eu, eu percebo, assim, eles têm consciência de que falta, mas eles já conseguem dar um passo nessa busca, sabe? Então, a gente já consegue marcar uma monitoria, já consegue buscar o material, já consegue, professora, eu fiz isso, não consegui, a senhora me ajuda? No ano passado não, tudo eu tinha que falar faz isso, faz isso, se eu não falasse faz isso desse jeito, nada era feito. Em alguns casos, até falando, eles não faziam, porque ficavam, né? Esperando a, a perda de autonomia, pra mim foi muito grave.

Pesquisadora - Eles, é, então, assim, é como se eles realmente acomodou com, com o ensino emergencial?

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - E quando retornou ao presencial é, é como se eles tivessem, é, não é preferência? Parece que eles ainda estavam no ensino emergencial...

Entrevistado R - Não, eles estavam acomodados, acho que a palavra é essa. Eles ficaram acomodados naquela posição puramente passiva, né? Então, era só passivo, infelizmente, lá, porque aí você tinha, você quer, você quer um conteúdo, professora foi lá, deu uma aula e gravou, porque a gente fazia sempre isso. Deu uma aula gravou, ele pode voltar e assistir depois. E aí se ele tem dúvida que que ele faz? Dá um *Google*. Tem uma pergunta pra fazer de uma tarefa, não sei fazer, dá um *Google*, sabe? Então, assim, as tarefas eram entregues, as minhas de um modo geral, mas quantos dos alunos faziam de fato antes de dar o *Google*, né? Não sei dizer isso, sabe? Não sei dizer isso. E aí, é, agora, não tem o *Google*, né? Porque a gente tá na sala de aula, o recurso é o professor, a conversa, aquele ambiente, né? De, de, de troca entre pessoas e o *Google* não é mais a nossa ferramenta, né? A gente ainda usa, né?

Pesquisadora - Lógico...

Entrevistado R - Eu vi que tem uma, uma pergunta sobre o que que ficou, né? A gente ainda usa para compartilhar material o *Classroom*, a gente ainda tem *WhatsApp* como recurso de chamada, de buscar rapidamente, quando identifica uma falta, um problema, né? Mas não é a essência, é, mais o *Google*, agora a essência é nossa interação direta, sabe? Aí eles estão lá esperando que eu faça isso, que eu mostro onde está no *Google* pra eles. Então, é, voltar a esse processo tá demorando [risos].

Pesquisadora - Isso, e, é, você falou do, do, dessa busca aí deles ainda, né? Remotamente aí no *Google*, é, ah, aí também tem uma pergunta sobre essa questão, né? Quando fala do Ensino Emergencial, né? Remoto Emergencial com o EAD, que é o Ensino a Distância, né?

Entrevistado R - Sim. Ah, não, a gente tem plena noção de que são coisas distintas, né? É, o, o EAD é programado pra ser a distância, as tarefas são feitas depois, as aulas são assistidas é, é, a qualquer tempo, não era o nosso caso. O nosso caso, a nossa aula seguia o horário da aula, sabe? A gente, a gente chama de Ensino Remoto pra não cair nessa de comparar com EAD, né? A gente tinha, a gente tinha que fazer no horário da aula, o atendimento no horário da outra aula, tinha horário da monitoria que a gente, a gente manteve o nosso calendário, sabe? A gente manteve o nosso calendário, então, assim, não é EAD, o EAD você tem um prazo pra cumprir um módulo, né? Aí vem um outro módulo sequencial e o nosso não tinha isso, eram todas matérias ao mesmo tempo, agora, sabe?

Pesquisadora - Aham...

Entrevistado R - Então, assim, seguimos com todas matérias, seguindo nosso calendário, mudamos essa forma de; dou aula tanto tempo, atendo tanto tempo, mas não era EAD.

Pesquisadora - Certo, e a aprendizagem em si, né? Pro aluno, pro aluno, a aprendizagem, mesmo com todo esse impasse aí durante aí, ah, em termos de, vamos colocar assim pra gente mensurar mesmo, em termos de, vamos supor que 100% teria que, a gente sabe que não acontece, mas 100% teria que ser aprendizagem, né? Em relação aos conteúdos, né? Com o aluno o que você tem dizer nesse termo de porcentagem em relação mesmo no Ensino Emergencial? O que que eles tiveram de aproveitamento? O que que eles, né? De, de aprendizagem? E, e com agora, "R", deu pra entender mais ou menos? O que que eles...

Entrevistado R - Entendi. A ideia seria comparar, é, que, considerando que, tentando antes da pandemia, e aí na pandemia e agora, como é que foi o aproveitamento do estudante...

Pesquisadora - Isso, que, como você diria essa aprendizagem com eles? Da sua formação em relação que, a sua prática...

Entrevistado R - Ao meu conteúdo...

Pesquisadora - Da sua prática com sua ação docente com eles

Entrevistado R - Tá. Então, é...

Pesquisadora - Pedagógica...

Entrevistado R - É, quando a gente fala em aprendizagem, é um negócio tão subjetivo, né?

Pesquisadora - Complexo, né?

Entrevistado R - Muito complexo, bastante subjetivo, inclusive até. Mas assim, eu acho que posso fazer uma afirmação no seguinte sentido, quando a gente entrou em emergencial, é, eu optei por, é, minorar a profundidade do meu conteúdo, porque eu entendia que a distância, com tela, com menos tempo de interação direta, seria complicado manter tudo que eu fazia em termos de profundidade, né? Até falei, até expliquei isso pros meus alunos o tempo todo. Eles

falam cientes da minha escolha, né? Porque eu falei, olha, eu tenho duas possibilidades; ou vou manter a profundidade e selecionar conteúdos, ou eu vou manter os conteúdos e mudar a profundidade, né? Então, assim, eu optei por manter todos os conteúdos na lista, mas não aprofundar em nenhum conceito. Então, aprender todos os conceitos, mas, de repente, eu não aprofundava, matematicamente, falando, sabe? Ao invés de cobrar é, sei lá, interação entre várias cargas, eu usava duas sabe?

Pesquisadora - Uhum..

Entrevistado R - Então, assim, eu tive que fazer essas escolhas. Eles tavam muito conscientes. E aí quando a gente pensa no resultado, o resultado vem em forma de avaliação, de nota no final que, infelizmente, o medidor que a gente tem é esse. E aí eu, eu não, não diria que teve uma perda significativa, sabe? Quando você olha lá no, no diário é comparável o que tinha lá antes, o que tinha na, no, no remoto e o que tem agora. O que que acontece é que antes da pandemia, eu tinha um, uma cobrança maior em profundidade, na pandemia ela ficou um pouco mais rasa, agora eu estou voltando a aprofundá-la, sabe? Então, assim, eu não tive grandes problemas. Ai, um monte de gente reprovada, eu não tive isso, sabe? A gente tinha, eu, enquanto nas minhas turmas, eu tive casos pontuais. Aquele aluno com uma depressão mais intensa ou aquele outro aluno que tava com acesso mais complicado, ou que desistiu por questões de doença na família, sabe? Mas eu percebi, assim, lá nos meus diários, eu mantive um padrão, mas eu tenho plena consciência de que foi a minha cobrança que mudou, sabe? Então, eu fui, eu fui, é, alterando esse nível de cobrança de profundidade conforme a situação que a gente vivia, eu entendi, olha, em plena Ensino Emergencial, em plena pandemia, um monte de gente morrendo todo dia, não dá pra eu querer cobrar tudo em profundidade, como se fosse fazer prova do ITA, né? Então, tem que ficar um pouco mais raso, focar só no Enem, por exemplo. Por que as cobranças em termos de Física, não sei se você entende quando eu faço essa comparação, pra Física isso é muito significativo, né? A profundidade que um ITA espera e a que o Enem espera são muito distintas. Então, pensei em fazer o básico, vou pensar no Enem e a gente consegue resolver isso e funcionou. Pelo menos a minha disciplina funcionou, não tive nenhum grande problema lá diferente do que teria em outras épocas.

Pesquisadora - Então, "R", é como se a gente fosse, é, pensar assim, mas a gente volta, né? A, aos teóricos, né? Aos pesquisadores, quando falava pra gente que agora, é, deixa eu ver aqui, o aluno, não lembro, Vygotsky, que, que a gente não tem, por exemplo, não tem como separar a pessoa

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - No seu estado emocional psicológico...

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - É, motor...

Entrevistado R - Social, tudo...

Pesquisadora - Motor, social, não tem como separar, não tem como olhar pra uma pessoa e falar, não, agora você é isso. Agora você é totalmente...

Entrevistado R - Agora, você, agora você é só aprendente, agora você só uma pessoa, só...

Pesquisadora - É isso? É mais ou menos isso, "R"?

Entrevistado R - É exatamente isso, na minha percepção...

Pesquisadora - Tudo influencia, tudo. Os fatores, tudo influencia...

Entrevistado R - Tudo pesa pra como que funciona a aprendizagem. Então, na minha cabeça, se eu quero uma aprendizagem que aconteça, tem que ser uma coisa possível pra aquela pessoa naquele momento que ela vive, pode não ser o melhor no meu mundo, mas a melhor naquela situação que ela encontra, entende? Então, eu entendo, assim, eu precisei fazer esses ajustes e eu posso dizer que eu fui bem-sucedida, sabe? Meus alunos falam assim, "R", eu fiz aquela questão sua lá no Enem, eu fiz aquela questão sua lá no vestibular, eu sei fazer, sabe? Nessa profundidade que eu estou te contando, né? Não fiz igual eu faria antes da pandemia, mas funcionou, né? Eu ter essa percepção de enxergar o meu aluno e consegui entender o momento que ele passa e adaptar o conteúdo pra ele, eu acho que fez diferença. Consegui manter...

Pesquisadora - A questão de você ter sido humano nesse período é o que foi, mesmo você sendo, porque sabe que o docente ele foi pressionado

Entrevistado R - Sim, sim...

Pesquisadora - Muito pressionado, porque ele tinha que apresentar, ele tinha que dar devolutiva, ele tinha que, né? Porque era cobrado...

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - O aluno era assim, mas dentro...

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - Dentro do espaço dele, dentro das condições dele, enquanto que o professor, né? O docente era diferente, tinha que apresentar...

Entrevistado R - Sim, tem uma estrutura toda pra cobrar a gente...

Pesquisadora - Isso, né? Sim, então, assim, é, você agora fica à vontade, "R", você pode fazer aí suas considerações, algo que, que você, possa ter vindo aí que você queira falar, comentar é, você pode ficar à vontade nesse momento pra, pra colocar, tá?

Entrevistado R - Tá...

Pesquisadora - Mesmo porque a gente ainda tem aqui, ó,

Entrevistado R - Uns minutinhos?

Pesquisadora - Esse aqui é o tempo, tá vendo?

Entrevistado R - Tá, aham...

Pesquisadora - Porque é de trinta a quarenta, né?

Entrevistado R - Certo...

Pesquisadora - Então a gente não alcançou nem os trinta ainda.

Entrevistado R - Tá, falo rápido [risos].

Pesquisadora - Não, mas eu também falo rápido.

Entrevistado R - [Risos] Tá, mas então, é, algumas considerações. É, qual, que que eu acho, né? Da pandemia do, do, do emergencial que ficou de positivo. Aprendi a usar um monte de ferramenta, né? Aprendi usar um monte de ferramenta que eu não usava, porque eu não tinha demanda, né? Então, hoje a gente compartilha material, a gente usa um monte de recursos pra montar apresentação, para, para colocar animação, sabe? Então, os, os simuladores que eu já usava, eu já usava, mas eu usei muito mais, né? Porque não tem nada concreto, então vamos lá pro simuladores, né? Então, assim, a, aprendi usar muita coisa nesse sentido. Jogo, né? Jogo digital no caso, né? Então, aprendi usar um monte de recurso que eles ficaram pra minha prática, isso é inevitável, né? Uma outra coisa que eu, que eu acho que também pra mim foi bem significativa, é, voltar mais esse olhar pra pessoa. Eu me considero, eu sempre me considerei uma boa leitora de pessoas, sabe? Sempre me considerei boa nesse sentido, mas eu acho que eu ganhei um pouco de *feeling* na pandemia com isso, porque eu tinha que ser mais minuciosa, perceber naquela entrelinha lá no *WhatsApp* que aquele menino não tava bem, e chamar e ligar, sabe? Então, assim, agora eu entendo que eu tô melhor nessa percepção e foi difícil lá, foi bem penoso, mas isso ficou de positivo, sabe? Então, eu consigo é, entender isso bem. Uma outra coisa que eu mudei de prática depois da pandemia, foi a quantidade de coisas que eu mandava de tarefa pra casa. Eu sempre fui aquela que mandava listas enormes de tarefas pra casa antes da pandemia e agora eu passo menos tarefas, como? Eu tenho mais trabalho de selecionar as coisas que eu quero que eles façam, né? Então, se eu tenho um conteúdo de física agora e eu vou passar, é, tarefas pra fazer na semana que vem, que eu sempre dou aula, as salas são geminadas, então dou aula hoje, então voltam na semana que vem, sabe? Então, eu, eu tô tendo mais cuidado, não colocar questões repetitivas, mas eu coloco questões que abordam todos os pensamentos que eu preciso que eles desenvolvam, sabe? Então, eu tenho mais trabalho de seleção, mas eles não têm de repetição, né? Deixo as repetições, indico, olha, lá na nossa apostila tem exercício assim, quem quiser fazer mais, pra fixar mais, mas eles ainda não tão fazendo. É, então, eles não tão fazendo ainda, eu já percebi um movimento que um outro faz alguma coisa que eu indico como extra. Mas a maioria ainda não faz, né? Não é obrigatório, ele não tá fazendo. Então, assim, agora eu vou tentar pegar esse trabalho, né? Olha, tá lá o complemento, usa o complemento pra você fazer a mais, porque o que eu preciso que você faça no mínimo são esses aqui, sei lá, cinco exercícios. Eu passava vinte, antes. Os outros quinze estão lá, ele pode ter acesso se ele quiser, né? Um mínimo, te garanto, mas você pode ir além. Isso mudou, eu acho que isso mudou na minha prática pessoal, como professora, porque eu sempre passei um monte de exercícios, né? E o que foi de ruim foi a perda de conteúdo, né? Porque quando a gente faz uma seleção de conteúdo, de profundidade, algumas coisas faltam, inevitavelmente, né? Então, a gente percebe, assim, os alunos que chegam pra nós, eles estão chegando com falhas muito graves em matemática, por exemplo. E eu, na Física, eu preciso muito da Matemática, né? Então, assim, eu percebo que as faltas, as falhas de conteúdo mesmo que não foi aprendido são intensas. Então, eu estou precisando fazer esse trabalho pra tampar esse buraco que ficou ali, sabe? Mas não posso dizer que foi só coisa ruim. Logicamente não, teve ganhos, né? Na minha prática, acho que é isso.

Pesquisadora - Bom, finalizando aqui, você acha que se futuramente a gente passar por outra catástrofe, vamos dizer assim, por algo mais ou menos parecido com essa pandemia, é, o, o que aconteceu, é, em termos desse Ensino Emergencial, né? Que a educação teve que dar um, né?

Entrevistado R - Uhum...

Pesquisadora - Vamos dizer assim, é, tudo isso serviu de lição?

Entrevistado R - Serviu...

Pesquisadora - Se acontecer agora, já estamos mais preparados?

Entrevistado R - Sim...

Pesquisadora - Quero dizer, se acontecer novamente, “R”, estamos mais preparados?

Entrevistado R - Estamos, eu não sei, eu, com certeza, estou, né? Eu não posso falar pelo todo, mas meus próximos eu concordo que sim, né?

Pesquisadora - E politicamente? Governos...

Entrevistado R - Pois é, politicamente, eu acho que é o mais grave, né? A gente agora tá numa outra, num outro momento, mas se a gente tivesse naquele, não teria aprendido nada, eu entendo. A gente espera que o que faltou no anterior, os próximos consigam perceber que foi uma falha importante, sabe? Então, assim, pessoalmente eu aprendi muito, então, espero nunca ter que mais que usar Ensino Emergencial pra nada, mas se for necessário um dia, eu vou saber o que fazer com um pouco mais de tranquilidade, né? Então, isso é importante. Mas...

Pesquisadora - Politicamente, a governança mudaria dependendo do perfil da época.

Entrevistado R - Exatamente, é isso que é o problema de não ter uma, uma gestão de Estado, né? A gente tem gestões de governo, os governos fazem da cabeça deles e passa quatro anos, acabou, e aquilo vai embora. Se a gente tivesse uma política de Estado pra educação, olha, todo mundo tá assim, tá com essa, esse compromisso e o próximo que vier vai seguir nesse compromisso. Talvez seria menos sofrido, né? Agora, essa questão de um começa e o outro para, pra começar outra coisa do zero, fica cada um reinventando a roda, então, não faz sentido. Quando fazem alguma coisa, já é bom, né? Na época da pandemia nada foi feito, em termos de governo, pra nós aqui. Da minha percepção, nada foi feito. A gente teve que se virar, a gente deu conta, felizmente, mas e quem não deu conta? E as redes que não conseguiram, né? Então, fica aí a dica, vamos fazer um plano de Estado pra educação e parar com esses planos de governo, porque tem que ser um negócio duradouro e contínuo.

Pesquisadora - “R”, enquanto, pra, pra finalizar nossa, nossa meia hora, é, enquanto pra você, você não teve dificuldade com essas ferramentas, né? Das tecnologia, o IF aqui, pelo que eu tô vendo também, nesse sentido, é bem preparado. Os alunos, o perfil, perfil dos alunos também do IF, parece que, né?

Entrevistado R - Tem, né? uma pegada assim, né?

Pesquisadora - É, tem uma, é, legal aí é, mas, é, isso influência, isso influência pra aqueles que não tiveram um, um aprendizagem, é, um alcance maior na aprendizagem? Ou isso não, não, não, Lídia, isso não faz sentido. A aprendizagem, ela independente se tivesse isso ou não, mas o, o, o tem sim uma interação de tudo?

Entrevistado R - Eu entendo que tudo influencia, né? Naquele contexto de, de, de, de remoto, é, como eu te falei, eu tive facilidade, porque eu já tava, de certo modo, imersa em tecnologia. Aprendi muito mais coisa, mas e eu não tinha problema de buscar, ir atrás. Mas mesmo aqui, a gente via isso, colegas professores que tinham dificuldade. A gente fazia os grupinhos, ajudava uns aos outros. Quantas vezes eu entrei em um, um *Meet* pra ensinar colega usar. Aqui, ó, faz assim, faz assado. Então, assim, a gente teve esse, essa rede de apoio aqui, sabe? E mesmo assim foi um problema. Estudantes que não consigam se manter na chamada, a gente tinha que parar a aula pra ajudar o estudante, né? Então, a nossa rede de apoio funcionou, nesse sentido. E aí eu volto à questão; e as redes que não tiveram isso? E as redes que não tinham esses professores que auxiliavam os outros, que ensinavam a usar a ferramenta, né? Então...

Pesquisadora - “R”, agora finalizando mesmo, de verdade...

Entrevistado R - [Risos], pode ficar à vontade.

Pesquisadora - A sua casa, você considera que sua, o seu espaço particular, né? A sua vida particular e social. Vamos, especificamente, pegar sua casa. Ela, você pode falar quer se tornou a extensão?

Entrevistado R - Totalmente. a minha, dos meus alunos, eles viam a minha casa, eu vi a casa dele, eu tinha aluno que assistia aula com do lado. Eles ouviam, um dia me perguntaram na aula se eu morava num, num bairro muito violento, porque todo dia ouvia uma sirene na minha aula. Eu falei, gente, eu moro perto do Bombeiro [risos]. E aí depois eu mudei, no meio da pandemia, eu mudei. Professora, você mudou? Eu falei, eu mudei, como você sabe? Eu tô ouvindo passarinho, não tô ouvindo mais a sirene. Então, assim, tudo eles sabiam, tudo, sabe? E eu também sabia deles, e eles, aqueles que abriam a câmera, abria o microfone, é, a gente sabia, né? Você ouvia alguma criança chorando, cachorro latindo, ouvia barulho de mastigação, tudo, né?

Pesquisadora - Tá...

Entrevistado R - Virou uma extensão, mas de certo modo, foi uma invasão, né? Eu não tive problema, a minha privacidade nesse sentido não era uma grande questão, mas eu sei de gente que tava muito incomodado. Tinha estudante que não queria abri câmera, não queria abri microfone, microfone, preferia só digitar. Professores que ficavam, é, incomodados com a exposição na câmera. Então, assim, pra mim não foi tão invasão, foi mais extensão mesmo. Mas eu sei que tem gente que encara diferente.

Pesquisadora - Tá. Agora a pergunta e resposta, é, uma, uma palavra que defina o contexto pandêmico, é, negativo. Uma palavra negativa...

Entrevistado R - Uma palavra negativa?

Pesquisadora - Negativa.

Entrevistado R - Sofrimento.

Pesquisadora - Ah, positiva.

Entrevistado R - Aprendizagem. Esse também foi ruim [risos]...

Pesquisadora - E, é, em relação, uma palavra que diz respeito à interação com seus alunos.

Entrevistado R - É, busca.

Pesquisadora - É, uma palavra na formação, na sua formação enquanto docente, no contexto pandêmico.

Entrevistado R - Uma palavra só? Que difícil, tem tantas coisas. É busca, porque eu busquei muitos cursos, muitas informações, acho que busca também.

Pesquisadora - Tá. É, e agora no presencial, uma palavra que define o seu, o ensino-aprendizagem e a interação com os alunos agora no presencial.

Entrevistado R - Uma palavra boa que define?

Pesquisadora - Isso.

Entrevistado R - É acolhimento.

Pesquisadora - E, eu acho que presencial de negativo tem alguma coisa a dizer? Ou...

Entrevistado R - Não, não tem negativo.

Pesquisadora - O retorno ao Ensino Presencial, seus alunos.

Entrevistado R - Não, não têm negativo, não. Foi, foi muito bom. Foi difícil no começo, quando era, era facultativo, né? Alguns voltaram, alguns não, então lá foi muito difícil, muito complicado. Complexo seria a palavra pra aquele momento, mas depois que todo mundo voltou presencial, esse problema se diluiu, né? Porque aí a gente tinha acesso a todos os estudantes em sala, então melhorou significativamente.

Pesquisadora - “R”, e pra você, é, o que é ser professor pra você hoje? Com tudo isso que aconteceu.

Entrevistado R - Então, é, ser professor sempre foi [risos] minha vida, né? Eu escolhi ser professora por, por amor mesmo a, a, ao impactar vidas, sabe? Então, hoje eu entendo que ser professor [risos] é muito mais do que, é, impactar vidas, em termos de conteúdo, né? A gente precisa, a gente acaba impactando de outras, outros modos, né? Seja no psicossocial, nos, no socioemocional, né? Até como a gente se veste, impacta. Tudo, tudo impacta, né? Isso fica muito claro, né? Fica muito claro quando você volta a ter esse encontro e você percebe que o menino tá fazendo alguma coisa que você fazia na tela, sabe? Um gesto, um movimento, um anel, sei lá, qualquer coisa.

Pesquisadora - Então, tudo o que aconteceu mudou?

Entrevistado R - Mudou...

Pesquisadora - A educação não é a mesma, as pessoas não são as mesmas.

Entrevistado R - Não...

Pesquisadora - Ou você acha que, não, Lídia, nada a ver?

Entrevistado R - Não, mudou tudo, mudou radicalmente, mudou radicalmente. Foi uma, uma época muito difícil. Mas ela levou muito crescimento, no meu ponto de vista.

Pesquisadora - Certo. “R”, muito obrigada, tá?

Entrevistado R - Eu que agradeço...

Pesquisadora - Bom dia. E, assim, logo eu tendo um...

Local, dia e horário.

Pesquisadora - “Q”, bom dia. Estamos aqui pra entrevista, eu vou fazer seis perguntas que vão nortear a, o nosso diálogo, tá? É, número um, qual é a sua percepção sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos de ensino e aprendizagem? No IFM, *campus* Uberlândia centro?

Entrevistado Q - Então, é, eu acho que a grande questão, a grande, o grande efeito sobre a pandemia foi a dificuldade que a gente tem de colocar o estudante dentro de uma dinâmica, é, presencial, entendeu? Porque quando a gente pensa no Ensino Remoto, o Ensino Remoto, ele se torna mais livre, né? Porque tá na sua casa, ele tá dentro da sua dinâmica doméstica e esse estudante, ele volta pra escola. E ele volta pra escola meio sem entender, sabe? Sem ainda materializar, é, que que é de fato o Ensino Presencial, como que ele se organiza. Então, eu acho que a gente viveu um momento de transição, assim, difícil, sabe? Onde o estudante, ele ficou meio perdido e eu também entendo que os próprios docentes também ficaram, né? Então, acho que foi um período, assim, a volta ao Ensino Presencial, ele teve esse período de transição, de incerteza, sabe? Então, por exemplo, é, eu preciso do livro? Eu preciso do caderno? Então, por exemplo, a gente dava aula presencial, parece que a aula ficava estranha. Eu lembro que as primeiras aulas presenciais que eu dei, me bateu até uma certa insegurança, sabe? E o que eu pedi, e o que eu percebi, principalmente que tudo aquilo que eu tinha trabalhado no Ensino Remoto, os estudantes não sabiam de nada [risos].

Pesquisadora - É como se eles ficassem à vontade, né? Sem aquele compromisso de tá na sala de aula, o professor ali, né? Mostrando, explicando. E em casa é como se fosse, assim, deixados, não deram tanta importância, né?

Entrevistado Q - É, por exemplo, eu tava numa, numa turma de Terceiro Ano, então, assim, o conteúdo de História ele é processual, então, o que que ocorre? Várias questões que eu fui trabalhar, que eu fui retomar para iniciar o conteúdo novo, que era conteúdo do Segundo Ano, eles não sabiam nada. Era como se eles não tivessem assistido nada de aula remota, entendeu?

Pesquisadora - E você teve essas turmas que estavam no presencial, é, depois foi pro remoto e retornou pro presencial?

Entrevistado Q - Presencial, aham...

Pesquisadora - E você teve turma, “Q”, que estava, não estava com você e que durante a pandemia, fez lá no seu processo ou inclusão?

Entrevistado Q - Sim...

Pesquisadora - E você, é, deu aula presencial, é, remoto pra eles, ministrou aulas pra esses alunos que inseriram aí, né? Aqui no IF, mas durante a pandemia?

Entrevistado Q - Sim...

Pesquisadora - Tipo assim, você não conhecia presencialmente, né? Só...

Entrevistado Q - Não. Eu tive, a gente teve as turmas do Primeiro Ano, assim, que eu fui conhecê-los virtualmente e eu fiquei com muito medo. Eu falei não, e agora conhecer esses meninos virtual, que coisa esquisita, né? E, e acredito que a experiência foi até boa com essa moçada do Primeiro Ano. Não sei se é porque eles estavam chegando e tinha aquela coisa assim, porque eles são muito seduzidos pelo Instituto...

Pesquisadora - São, são mesmo...

Entrevistado Q - Tá no Instituto Federal, eles acham que tá...

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado Q - Então, assim, as aulas é...

Pesquisadora - Eles valorizam, né?

Entrevistado Q - E aula era de uma, de cinquenta minutos, era rápida. E aí, o que acontecia? Eles reclamavam que a aula tava acabando, entendeu?

Pesquisadora - Que bom...

Entrevistado Q - E eu dei as minhas aulas todas, assim, não, não deixei aula gravada pra assistir depois, assim, a minha aula online..

Pesquisadora - Foi tudo on-line e na hora, né?

Entrevistado Q - É, na hora...

Pesquisadora - Toda síncrona mesmo...

Entrevistado Q - Ela acontecia na hora. É, é síncrona, exatamente. E aí, que que ocorria? É, mas assim, aí foi até legal, sabe? Aí que a gente percebe, né? Que, às vezes, assim, tanto que a tecnologia ela tem essa, esse poder mesmo, né?

Pesquisadora - É, de, sedução...

Entrevistado Q - É, de sedução e, assim, nos coloca surpresa, né? Porque a gente achava que dava, que ia ser um fracasso total e esses meninos entraram e chegaram.

Pesquisadora - Que bom, é porque, às vezes, o que ajudou não sei, né? Foi o fato deles serem já nativos digitais, vamos dizer assim, né?

Entrevistado Q - É, pode ser...

Pesquisadora - Mas em relação à metodologia, ao conteúdo, não, né? Quanto à didática, ao conteúdo e a metodologia, esses alunos, eles, eles tiveram dificuldade? Por exemplo, é, tecnologicamente, não, mas no conteúdo, na didática, no ensino-aprendizagem?

Entrevistado Q - Se eles tiveram dificuldade pra acompanhar o conteúdo?

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado Q - Então, eu não percebi isso muito, nas turmas do Primeiro. Eu senti mais...

Pesquisadora - No Segundo...

Entrevistado Q - Na turma do Terceiro Ano...

Pesquisadora - Ah, entendi...

Entrevistado Q - Que é aqueles que começou presencial, teve a ruptura da pandemia e depois voltaram, entendeu?

Pesquisadora - Esses daí tiveram regressão...

Entrevistado Q - Os outros que já começaram, assim, imediato, eu percebi que foi mais tranquilo.

Pesquisadora - Os do Terceiro, é como se eles tivessem regredido? Será?

Entrevistado Q - Eu não vou falar numa regressão, não, mas, assim, eu acho que trouxe uma certa...

Pesquisadora - Falta de autonomia? Seria essa a palavra?

Entrevistado Q - Eu acho que trouxe muitas dificuldades pra eles, sabe? Eu acho que os estudantes do Terceiro Ano, eles, eles, acabaram que eles sofreram muito, porque eles ficaram dois anos fora do Instituto. Eles projetavam muita coisa aqui dentro, e de repente tudo acabou, sabe? Tudo foi, foi uma ruptura muito grande pra eles.

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado Q - O que que eles desfrutaram do Instituto? Uma tela da gente em casa, eles em casa, então, assim, tinha as viagens técnicas, os projetos, as bolsas, né? Todos os eventos culturais que a gente faz muito aqui no Uberlândia centro, tudo isso...

Pesquisadora - Ficou perdido...

Entrevistado Q - Eles não, eles não vivenciaram.

Pesquisadora - Então, isso mostra o quanto o ensino-aprendizagem, né? Quanto o presencial é importante, né, "Q"?

Entrevistado Q - O presencial, ele lida com outras, outras habilidades, né? Ele lida Com outros valores? O presencial se cria um vínculo afetivo que é importante, né ? No sentido de...

Pesquisadora - Formação humana, né?

Entrevistado Q - De que o professor tem que ser amigo do estudante, não é nada disso, mas o vínculo afetivo, a, recepção do conhecimento é outra, porque como conheci, com a aula presencial, o debate acontece ali, né? A problematização tá ali e faz...

Pesquisadora - Resolvido ali...

Entrevistado Q - É, faz você pensar. Então, assim, ele instiga mais dentro da sala de aula. O processo tecnológico você pode fazer tudo isso, mas a reação é diferente, sabe? É muito diferente, a reação do estudante.

Pesquisadora - Bom, dois, é, como você avalia a atuação do Governo Federal diante da pandemia? Estamos falando aqui do governo na época, tá?

Entrevistado Q - Do governo Bolsonaro. O governo Bolsonaro foi experiência, foi a pior experiência política que eu já vivi, enquanto professora de História. O governo Bolsonaro é um governo desumano, é um governo fascista, é um governo, é, que em momento nenhum, em momento nenhum, ele colocou como prioridade a vida humana. Então, a gente viu, é, um governo que esculachava da morte, que zombava da dor, que imitava uma pessoa, é, com dificuldades respiratórias, né ? A gente via ele imitando os doentes de COVID. Então, assim, foi, foi uma das experiências mais horríveis. O Brasil viveu um cenário de morte, de desprezo, a gente teve uma crise humanitária, foi um dos países que mais sofreu com a, com essa, com essa crise, né? E o governo, e agora tá vindo tudo à tona, né? A gente tá vendo a questão da, das compras das vacinas, a gente tá vendo adulteração dos cartões de vacina. Então, o governo Bolsonaro, ele, ele foi, ele foi péssimo na condição da, da, da pandemia, né?

Pesquisadora - E em relação, e isso também vai pra educação? Essa, essa...

Entrevistado Q - Claro, que esbarra na educação, né? Porque a escola, ela não é um instrumento neutro, a educação não é neutra nem imparcial. E todo esse posicionamento, esse descaso, essa opressão que foi o exercício político do governo Bolsonaro, ele reverbera na educação, né? Então, por exemplo, é, que tipo de investimento que o Governo Federal deu, por exemplo, pras escolas? A gente tem a exemplo, as escolas mineiras aqui, né? Como que esses meninos do estado, por exemplo, eles vivenciaram a questão da pandemia? Eles não tiveram aula. A gente teve, por exemplo, aquelas crianças, aquelas jovens e crianças socialmente excluídas, numa

situação de vulnerabilidade social muito grande, eles não tinham computadores, eles não tinham nem comida em casa. Como que eles vão ter computador, né?

Pesquisadora - Que isso mostra como que essa desigualdade aumentou mais ainda.

Entrevistado Q - Então, assim, a desigualdade vigente e um governo que não tava preocupado em resolver. Em plena, em plena pandemia, a gente via o governo Bolsonaro avesso a tudo. Era ele na sua moto, com seu capacete, com a sua, com os seus militantes. A gente viu os passeios, aglomeração, né? Era simplesmente vergonhoso. Vergonhoso pros brasileiros, vergonha pro mundo inteiro, né? O mundo inteiro assistiu a, o governo bestializado do governo Bolsonaro, que foi o governo Bolsonaro.

Pesquisadora - A gente pensa, então, se ele, nesse cenário, o quanto as pessoas seguiram esta visão torta, vamos dizer assim, né? Torta do presidente, por exemplo, ah, não precisa vacinar, se não vou virar jacaré, né? Assim, uma, uma também piada dele. Várias pessoas não vacinaram por conta disso também?

Entrevistado Q - A gente tem que avaliar o seguinte, por exemplo, qual o segmento político, que, quais são os valores políticos que alimenta a ideologia do Bolsonaro? É a extrema direita, é o fascismo, né? O fascismo, ele tem uma história num, num, ele tem uma história. Fascismo não começou ontem, né? Não começou hoje, ele tem uma história que é uma história de longa duração, e aí que você percebe? Quais são os valores que alimentam essa ideologia? É o desprezo da ciência, né? É o desprezo, por exemplo, é a humilhação daqueles que têm uma conduta intelectual mais humana, mais política, mais subjetiva. Então, se você avaliar, por que que as pessoas começam, por exemplo, a, a xingar, né? Instituições científicas importantes, como a Fiocruz, por exemplo, né?

Pesquisadora - Que é muito séria...

Entrevistado Q - O Butantã e outras mais, porque isso virou, no Brasil, motivo de chacota. Estudiosos que eram reconhecidos no mundo inteiro, que tinha uma vida acadêmica, científica de respeito, eles de uma hora para outra, eles são debochados, eles são repudiados, são tirados dos seus postos de trabalho, né? Então, assim, o, o regime autoritário, fascista. Bolsonarista, ele alimenta disso, da alienação do povo, da pobreza intelectual do povo, da burrice do povo, né? Então assim, é, isso é uma verdade que não causa surpresa pra a gente, né? Mesmo desse preço que ele teve, é, a gente tem que pensar, assim, o governo Bolsonaro, o governo não é só a questão da pandemia, é um conjunto de situações, né?

Pesquisadora - Sim, sim. Porque se, é, se esse povo, né? Como se diz, são mal instruídos, não tem essa formação intelectual, não tem, é, essa formação para reconhecer, né? Pra criticar aquilo que está errado, por que que eu vou instruir o povo? Pra que eles vão precisar de educação?

Entrevistado Q - E ou que é mais, é, sofrido de tudo isso é a gente vê uma grande massa de pessoas que perderam seus entes queridos, que ficaram desempregados, que tiveram fome durante a pandemia e depois dela e continua apoiando o governo autoritário, governo, né? É

Pesquisadora - Você, é, uma pergunta que não quer calar, “Q”, lembrando de tudo que eu já ouvi, teve uma pessoa que falou pra mim assim, em relação aos, não vamos falar isso aqui, tá? Só vou citar, não vem ao caso, em relação às prisões do que aconteceu na invasão no dia oito de janeiro, que esse pessoal que tá lá até hoje, é, é, né? Sem seu, sem sua liberdade, eles, é, é

como se fosse uma manobra, né? É, é massa de manobra, foi uma massa de manobra, é isso? A pessoa disse pra mim, olha, esse pessoal foi, foram usados como, como uma, o povo.

Entrevistado Q - Massa de manobra do governo, né?

Pesquisadora - Isso...

Entrevistado Q - Porque se você avalia, é, as redes sociais, faz essa, faz essa função, os próprios jornais televisivos que, que, que...

Pesquisadora - As mídias...

Entrevistado Q - Compartilham das ideias que Bolsonaro fizesse um, e fazem isso. Então, assim, estica uma luta política que é uma luta vazia, que é uma luta desonesta, que é uma luta odiosa, né? Então, por exemplo, aquele amor grande, todo regime autoritário se pauta nisso, que é um regime exacerbado, exagerado do nacionalismo. Então, por exemplo, é a bandeira, é a roupa, é o hino, né? E misturado a isso tudo ainda veio a questão, questão da fé, da religião. Então, como que eles se projetam? Como que essas pessoas se vêem como sujeitos da história? Como aquele que tem moral, como aquele que é exageradamente bom cidadão, aquela pessoa que ama o país acima de tudo, né?

Pesquisadora - A questão da família, acha que a família tal qual tem que ser...

Entrevistado Q - E eles estão, eles estão imbuídos por uma cegueira política tão grande que eles não percebem, por exemplo, que eles estão reforçando a opressão da extrema direita. Eles não percebem isso, né?

Pesquisadora - Teste, a três, em que medida foram disponibilizadas as ferramentas tecnológicas necessárias no cenário pandêmico?

Entrevistado Q - Então eu vou falar da experiência do Instituto Federal, que é uma experiência diferente, né? Eu acho que a, o Ensino Remoto deu parcialmente certo, é, dentro do Instituto Federal, em especial o *campus* Uberlândia centro, porque a gente já tinha uma infraestrutura, né? A gente já tinha um certo, é, a questão da tecnologia meio que já fazia parte do nossa, da nossa prática docente, né?

Pesquisadora - Cotidiana...

Entrevistado Q - Embora a gente não dominasse muito, dominasse pouco, mas o cotidiano aqui da, da tecnologia, isso...

Pesquisadora - Supria...

Entrevistado Q - Já, é, já ajudava. Então, eu acho que a gente teve, é, eu acho que essa questão foi, foi fundamental pra que desse certo. Outra questão também que eu achei que foi muito pertinente foi a abertura de editais, onde os estudantes de baixa renda podiam participar pra comprar algum, é, pra comprar algum, algum aparato tecnológico, algum aparelho, entendeu? Então, por exemplo, eu tive alunos que participou do edital e eles conseguiram comprar um notebook. A gente também teve aqui, por parte da direção geral do *campus*, um trabalho coletivo de tentar buscar aparelhos, é, computadores, notebooks que estavam em desuso na casa

das famílias, diferentes famílias, amigos. E aí a gente o que? A gente conseguiu, é, um montante de aparelhos pra doar pra esses estudantes.

Pesquisadora - Oh, “Q”, e essa, e essa editais, essa abertura veio do próprio Instituto ou foi do Governo Federal?

Entrevistado Q - Olha, eu não, eu, eu, eu imagino que o Governo Federal deve ter descentralizado a verba, o fomento e aí a gente, é, a Reitora, né? A reitoria, é, administrou o dinheiro pra atender essa demanda social.

Pesquisadora - Então, pelo menos isso, né?

Entrevistado Q - É, aham...

Pesquisadora - Bom, a pergunta quatro agora...

Entrevistado Q - E outra coisa também, só pra que quando você fala em que medida foram disponibilizadas as ferramentas?

Pesquisadora - Que tipo de ferramenta? Isso.

Entrevistado Q - É, a gente teve muitos colegas de trabalho que dominava muito bem, que era do, do campo da tecnologia. Então, eles ministraram vários cursos pra gente, entendeu?

Pesquisadora - Que bom...

Entrevistado Q - Então, como que usa o *Classroom*? Que que é o *Google Meet*? Como que, quais ferramentas que o *Google Meet* tem que te permite fazer uma aula mais dinâmica?

Pesquisadora - Dinâmica. Ótimo.

Entrevistado Q - Então, assim, a gente teve vários cursos dos próprios colegas que nos, nos ajudaram...

Pesquisadora - Isso, então isso também foi muito importante e os alunos também tiveram essa ajuda, “A”? Como que aconteceu?

Entrevistado Q - Olha, os estudantes, eles lidam melhor da, com a tecnologia do que a gente, né?

Pesquisadora - Então, não foi problema...

Entrevistado Q - Então, muitas vezes, era eles que nos ensinavam. Gente, eu não consigo apresentar aqui, professora, vai em tal lugar, clica assim. Os estudantes, eu acho eles muito soltos e muitos, assim, com muita habilidade técnica...

Pesquisadora - Legal...

Entrevistado Q - Pro manejo da tecnologia, sabe?

Pesquisadora - Né? Então, a falta mesmo pra alguns era, era ter próprio aparelho

Entrevistado Q - O próprio aparelho...

Pesquisadora - Não era a tecnologia, né? Aqueles menos abastados que moram na zona rural, eles tiveram um pouco de dificuldade mesmo, né, "Q"?

Entrevistado Q - Agora, as dificuldades são muitas, né? Porque, por exemplo, não adiantava o aluno ter o aparelho, ter o *notebook*, ter todas as garantias pra ele fazer a aula e um ambiente familiar extremamente pesado, difícil. Então, a gente sabe que a pandemia aumentou, por exemplo, o número de abuso sexual contra as meninas. A gente sabe que a violência doméstica aumentou. Então, a gente teve muitos estudantes, é, deprimidos, perdidos mesmo, sabe? Alunos que eram, assim, que eram destaque dentro da Instituição, dentro do *campus*, e que de repente sumia, ele, sabe? Então, assim, a gente teve muito, muito isso.

Pesquisadora - Vulne... Vulnerabilidade.

Entrevistado Q - Eles ficaram muito vulneráveis, né? Vulneráveis à, à falta de sociabilidade, né? A, as perdas, porque não foi uma perda individual, familiar, é uma perda coletiva, né?

Pesquisadora - Foi por amigos ou parentes mais próximos.

Entrevistado Q - É. A história da pandemia, não é uma história individual, é um drama histórico coletivo. É um drama coletivo.

Pesquisadora - Histórico político, econômico, social.

Entrevistado Q - É...

Pesquisadora - Pergunta quatro, "Q", os docentes contaram com ações formativas, considerando o modelo de Ensino Emergencial vigente? Eu acho...

Entrevistado Q - Acho que eu já respondi...

Pesquisadora - Que um pouco você já respondeu, né? Foi as ações com os, é, cursos..

Entrevistado Q - Com os professores, cursos...

Pesquisadora - Mas isso foi proposto só pelo, foi pelo Instituto?

Entrevistado Q - Pelo Instituto e pelo, pelo *campus*, ou o professor cadastrava um projeto de extensão, sabe?

Pesquisadora - Entendi.

Entrevistado Q - E fazia. Então, começam a surgir muitos cursos de extensão, por exemplo, por parte do, dos colegas.

Pesquisadora - Mas isso em relação ao uso da tecnologia, né?

Entrevistado Q - O uso da tecnologia

Pesquisadora - A metodologia, a didática ali, era o professor?

Entrevistado Q - É, o uso da tecnologia.

Pesquisadora - Cinco, na sua opinião, houve diferenças, particularidades entre a prática do Ensino Remoto Emergencial e o Ensino a Distância, EAD?

Entrevistado Q - Olha, essa pergunta eu vou ter uma dificuldade pra responder, porque eu não trabalhei Ensino a Distância, eu trabalhei Ensino a Distância uma vez, com Pós-graduação e foi muito rápido e era somente orientação de trabalho. Então, assim, eu, eu não consigo te falar, porque eu sei que o Ensino a Distância tem uma plataforma que é uma plataforma, geralmente *moodle* que a mais usual, né? E no Ensino Remoto a gente não teve isso. A gente teve outra dinâmica, né?

Pesquisadora - É com, o ensino, o Ensino a Distância, ele é planejado, vamos dizer assim, ele tá lá pronto, você acessa tudo, né? Por pessoas...

Entrevistado Q - Eu acho que o Ensino Remoto, ele tem, ele é mais dinâmico do que a, o Ensino...

Pesquisadora - A distância...

Entrevistado Q - A distância. Entendeu? Pelas plataformas que a gente usa, né? Então, por exemplo, tinha gente que usava o *Meet*, tinha outro que usava o *Zoom*, tinha outro que usava outra coisa

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado Q - De acordo com a sua familiaridade, de acordo com a particularidade da sua área. Então, assim, a gente não pegava algo pronto, era algo que tinha que ser construído por você, pensado por você, né?

Pesquisadora - Então, houve diferenças, né? Essa diferença...

Entrevistado Q - É, eu penso que tem essa diferença, né?

Pesquisadora - Uhum. A seis, a partir da experiência da docência durante a pandemia, você vislumbra alguma contribuição do Ensino Remoto Emergencial para os processos de ensino e aprendizagem no pós-pandemia, ou seja, retornando na modalidade presencial? Aqui você pode falar tanto sua, dos discentes, tá, "Q"?

Entrevistado Q - Qual contribuição? [risos].

Pesquisadora - É, por exemplo, ah, o Ensino Remoto, é, Emergencial, teve, né? Essa dificuldade, desafio, mas...

Entrevistado Q - Sabe uma coisa que o Ensino Remoto trouxe pra mim que eu adorei, que eu gostei muito foi um novo processo de avaliação. Então, por exemplo, no Ensino Remoto, eu

criei um estilo de avaliação que era uma avaliação, assim, em grupo e oral. Eu agendava os grupos e eles vinham e eu preparava uma avaliação grande, mas era uma avaliação só com imagens, com passagens de música, era uma avaliação, assim, bem subjetiva, sabe? Então, por exemplo, eu trabalhei o tema da expansão marítima européia. Essa, essa avaliação existiu de fato? Eu fiz ela, então, assim, que que eu fazia? Eu pegava o mapa atual e o mapa da época da expansão. Eu pegava, por exemplo, como que era a visão dos marinheiros, né? Daqueles, dos marinheiros, não, dos, dos, das pessoas que faziam expansão marítima européia. Como que era a visão dele sobre o Oceano Atlântico? Aquela visão religiosa medieval, entendeu? Então, eu fiz uma avaliação, só tinha imagens de passagem de documentos, não era uma questão previamente, sabe? Essa questão aberta, não era assim.

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado Q - E aí eu jogava a imagem e, a partir dessa imagem eu problematiza uma questão acerca dela, e os estudantes teriam que se posicionar sobre. Então, ficou uma avaliação meio aberta e ao mesmo tempo lúdica, sabe? Assim.

Pesquisadora - Interessante.

Entrevistado Q - E os estudantes gostaram muito, eles adoravam. Então, assim, toda vez que tava terminando, ah, vai ser avaliação oral? Vai ser avaliação em grupo? E era muito bom, que eu agendava os grupos, então era vinte minutos pra cada grupo. Durante esses vinte minutos, eu pegava questões aleatórias dessa avaliação e levantava essas questões, problematizadora acerca de imagem, acerca de documentos oficiais, sabe? Assim, diferentes fontes...

Pesquisadora - Então pra você não, não houve, esse é, tipo assim, olha, eu, eu tive, é no caso, né? Se você não teve essa dificuldade em relação a mensuração, né? A avaliação por conta da forma como você achou?

Entrevistado Q - Eu tive, por exemplo, uma forma de avaliação que eu dei na minha primeira prova de História pro Terceiro Ano, que foi uma prova no *Google Forms*, foi um horror. Primeiro que os estudantes, assim, todo mundo tirou dez, todo mundo tirou vinte, porque, assim, eles [risos], eles trocaram todas as informações, entendeu? Aqueles estudantes que assim, que nunca, nunca gostou de história, nunca, nunca enfrentou a história tava, assim, arrasando nas rotas.

Pesquisadora - E essa avaliação no *Google Forms* é aquela avaliação da prova em sala, né? Presencial?

Entrevistado Q - É, é...

Pesquisadora - Só que aí diferente, né? Porque lá eles copiavam e colavam.

Entrevistado Q - Não, e, assim, você disponibilizava, pessoal, de tal hora até a hora vai tá a prova disponível pra vocês, entendeu? Aí virou, assim, uma farrá. Aí na primeira prova, falei assim, vou mudar, porque, assim, pra ficar uma coisa mais construída, mais, né?

Pesquisadora - Que bom...

Entrevistado Q - Mas eu vi que não deu certo, aí eu dei só uma vez essa, aí eu achei essa, essa questão. Ah, e sabe outra coisa que eu fiz que deu muito certo na, na, no Ensino Remoto? Eu criava aula dialogadas, or exemplo, o tema dessa aula, quando eu inventei, foi o governo de Juscelino Kubitschek.

Pesquisadora - Nossa, eu já vi...

Entrevistado Q - Então, o que que acontecia? Cada estudante tinha que procurar uma fonte diferente sobre o governo Juscelino. E aí, aqueles que não queriam falar no microfone, eles tinham que escrever na, no *chat*. Quando eles escreviam no *chat*, aí eu pegava fulano, sua fonte tá igual o que ele escreveu no *chat*? Que medida que, que sua fonte diferencia dele? Vamos ver, sabe?

Pesquisadora - Ah...

Entrevistado Q - Assim, e eles adoraram. E aí eles falavam, professora, foi ótimo, adoramos, não sei o que, sabe?

Pesquisadora - Legal.

Entrevistado Q - Então, assim, eu criei esses dois mecanismos que foram, eu entendi como mecanismo mais fluídos mesmo, mas abertos e que combinou com essa concepção remota.

Pesquisadora - E o que pode ter casado também com a aula dialogada que você fez, da avaliação que também deu certo, né? Das imagens que foi a, a, esse tipo expositiva e dialogada, né?

Entrevistado Q - Aham...

Pesquisadora - Porque vocês expôs e dialogou...

Entrevistado Q - É...

Pesquisadora - Não ficou só uma aula expositiva, né? Mecânica. Teve diálogo, houve diálogo, né? Houve ali a troca de informações.

Entrevistado Q - Deixa eu te falar, se você puder colocar minha consideração sobre o governo Bolsonaro na íntegra, eu faço questão, tá?

Pesquisadora - Ela vai pro registro.

Entrevistado Q - Por favor...

Pesquisadora - Ela vai sim, porque ela é, nossa entrevista, ela é documental, vai ser documentada. Isso aqui ficou pra história, porque essa dissertação minha, ela vai ser tal qual as entrevistas, essa, essa gravação, ela vai ser transcrita, assim, como você está falando aqui pra mim.

Entrevistado Q - Aí, depois a gente vai vim pra avaliar ela? Não?

Pesquisadora - Eu vou, eu vou disponibilizar sim, o resultado. Eu vou enviar, vocês vão ter acesso à minha dissertação.

Entrevistado Q - Ah, tá...

Pesquisadora - Porque, o que que acontece, "Q"? A minha metodologia, né? Que o Welisson propôs, meu orientador, é, como que eu vou fazer essa descrição? E como que eu vou proceder? Eu vou através da AD, que é Análise do Discurso francesa, eu vou ter ali os conceitos pra eu aplicar e fazer as considerações de tudo que vocês estão dizendo aqui, tá?

Entrevistado Q - Uhum...

Pesquisadora - Então, pra isso eu vou fundamentar em autores, Foucault, Michel Pêcheux, é, o Orlando, né? A Orlandi, o, o, é um professor aqui também, aqui da UFU, agora me fugiu o nome dele, que também é um estudioso da AD, o próprio Welisson, tá? Que é estudioso também da AD. Então, vai ser tudo, assim, bem, é, é muito sério isso, né? Porque eu tô lidando com o discurso docente, de uma forma subjetiva, não é? E ideológico também...

Entrevistado Q - Uhum...

Pesquisadora - O que falava lá, o, Althusser, né? A ideologia, o materialismo, né? Lá do...

Entrevistado Q - Karl Marx...

Pesquisadora - Isso, do Karl Marx, né? Porque tem um pouco dessa materialidade também, né?

Entrevistado Q - Não, beleza.

Pesquisadora - Então, assim, é tudo muito sério e vai, porque, é o que você falou, a pandemia, ela ficou na história, ela faz parte agora. Talvez, "Q", a gente vai ver, né? Os estudantes, a, a sociedade vai ter acesso, vai fazer uma análise desse momento lá pra frente.

Entrevistado Q - Sim...

Pesquisadora - Não, agora, porque a história é assim...

Entrevistado Q - Sim...

Pesquisadora - Os fatos, né? Então, a gente vê isso ao longo da história. os acontecimentos, então, de uma forma, né? Que a gente consiga, é, fazer uma análise, mas ela não é um processo de agora, esse é um processo ao longo do tempo, né?

Entrevistado Q - Aham...

Pesquisadora - Que a gente vai, ah, a época tal, pera aí e na época atual? É igual você faz com esses alunos, lá antigamente, na Idade Média acontecia isso e isso, mas por quê? Qual a visão que eles tinham? Agora, eles não têm essa visão, então, é assim que vai acontecer, tá bom? É, "Q", pra encerrar, então, é, você deixa pra gente as suas considerações em relação a tudo que você viveu na pandemia, é, enquanto profissional, docente, enquanto também é uma pessoa individual lá na sua família da sua casa, né? O que é que tudo isso representou pra você. E no

futuro próximo, Deus queira que não, mas vai que aconteça novamente, né? Num cenário como esse, o que aconteceu no, no contexto pandêmico, será que vamos ter uma, uma visão diferente? Vamos ter um desenvolvimento, né? De tudo um pouco diferente, visto que já passamos por esse processo, agora a gente tem um pouco de conhecimento sobre isso.

Entrevistado Q - Olha, eu acho que a gente tem que ter um pouco mais de sorte, vou falar sorte mesmo, é, no campo político, né? Se a experiência pandêmica um dia visitar novamente as nossas vidas, tomara que a gente não esteja vivendo um governo de direita, de direita, fascista, né? Porque eu acho que boa parte, já existe estudos que falam que a metade das mortes que ocorreram no Brasil poderiam ter sido evitadas, né? Agora a pandemia, ela foi um estado dramático, né? Dramático, porque você conviver com a ideia da morte todo dia, na sua casa, na sua cozinha, no seu quarto, todo dia, né? A morte, a gente tava isolado, mas a morte tava dentro da nossa casa, todos os dias? Então, assim, foi, foi um momento de sofrimento muito grande, né? É como eu te disse, a gente tava vivendo um drama particular, individual e que, ao mesmo tempo, era coletivo. O drama da pandemia, a crise sanitária, ela foi mundial coletiva, né? E eu acho que isso a dor aumenta muito mais, né? Porque parece que você tem a sensação de que amanhã vai bater na sua porta.

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado Q - Amanhã vai chegar, né?

Pesquisadora - Isso mesmo. Será que eu já peguei? Nossa, eu, eu pus a mão ali. Nossa, eu tenho que...

Entrevistado Q - Exatamente. E outra questão também, eu acho que pro trabalho docente foi, para todos os tipos de trabalho que se tornaram *online*, foi muito difícil. Foi difícil, porque, por exemplo, a gente, principalmente, para as mães, né? As mulheres, as mulheres pagaram muito alto nesse processo pandêmico, porque, assim, muitas, muitas pegaram as suas, suas suas ajudantes, as meninas que as mulheres que trabalhavam na sua casa, foram dispensadas. Então, as mulheres, elas ficaram com serviço doméstico, ficou com a prática docente, né? Com o seu trabalho docente e ainda ficaram com os seus filhos para orientar na aula *online*.

Pesquisadora - Três coisas ao mesmo tempo...

Entrevistado Q - Então, a gente teve, a gente teve uma demanda de trabalho exaustiva, cansativa, é, foi muito doído. Foi muito doído, né?

Pesquisadora - E houve evasão também do corpo do, dos discentes? Você acha que houve um pouco de evasão?

Entrevistado Q - Ah, houve. A gente teve, por exemplo, pessoas que desistiram do *online* e depois voltavam pra fazer a, a totalmente presencial.

Pesquisadora - Entendi...

Entrevistado Q - Teve muitos estudantes assim, né?

Pesquisadora - Uhum...

Entrevistado Q - Mas é isso, tomara que essa experiência não volte, se voltar que a gente esteja com um governo mais humano, mais político, mais honesto, né? E que atenda melhor as, a questão, né? Da, das populações em vulnerabilidade. Eu acho que a gente não pode deixar de mencionar, por exemplo, o desprezo, descaso do governo Bolsonaro teve, por exemplo, com as comunidades originárias, com os povos indígenas, né? Foi uma matança, a olho vivo e olha só, em pleno processo pandêmico, o governo flexibiliza, por exemplos, pra exploração da Amazônia. O que permitiu, conseqüentemente, a dizimação de boa parte desses índios, né? Desses, desses povos indígenas. Então, é muito, muito doído, muito sofrido tudo isso para o Brasil, né?

Pesquisadora - Sem falar na questão ambiental também, né, "Q"?

Entrevistado Q - Uhum...

Pesquisadora - Porque houve um, uma grande também defasagem, vamos dizer assim, da, em relação à riqueza, né? E agressão ao meio ambiente também, né?

Entrevistado Q - É e aí, por exemplo, é, é, flexibilizou as leis de exploração e aí deu voz pra quem? Deu voz e vida para o garimpo, né? Então, assim...

Pesquisadora - É tudo, é tudo um, uma reação em cadeia, não é, "Q"?

Entrevistado Q - É, aham...

Pesquisadora - Reação em cadeia...

Entrevistado Q - Mas é isso, então. Eu vou dar aula agora.

Pesquisadora - "Q", muito obrigada, viu

Entrevistado Q - Obrigada, você

Pesquisadora - Eu vou te

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa: **TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO DA COVID-19: desafios na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro**, sob a responsabilidade da pesquisadora Lúcia Gomes de Macedo messias, discente regular do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Avançado Uberlândia centro e do orientador Prof. Dr. Welisson Marques.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o discurso docente sobre as reverberações da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino-aprendizagem no que se refere aos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro. Isso, por meio do estudo do referencial teórico, bem como da análise dos discursos de oito docentes do Ensino Médio Integrado do IFTM Campus Uberlândia Centro. Tendo, por sua vez, os seguintes objetivos específicos que lhe estruturam: a) pesquisar as consequências da pandemia de Covid-19 na educação brasileira; b) cotejar o conceito de Ensino a Distância com o de Ensino Remoto Emergencial; c) discutir a Educação Profissional Técnica de Nível Médio; d) analisar o discurso docente sobre as reverberações da pandemia de Covid-19 nos processos de ensino-aprendizagem; e e) produzir um vídeo educacional animado a partir dos discursos docentes advindos nas entrevistas.

A relevância deste processo investigativo está ligada à atualidade das reverberações da pandemia de COVID-19 na educação brasileira, e, portanto, busca-se, aqui, contribuir com as discussões a respeito.

Entendemos que a pesquisa não oferece riscos à sua integridade física e psicológica, entretanto, atentamos e reconhecemos riscos mínimos suscetíveis de desconforto quanto a possíveis revelações inerentes a prática docente no referido curso. Para que isso não ocorra substituiremos seu nome por códigos, assim somente os pesquisadores conhecerão sua identidade.

Foram tomadas outras precauções para protegê-lo(a) de eventuais riscos e desconfortos. Nesse sentido, nos comprometemos a: a) manter sua identidade em completo sigilo; b) restringir o uso do material coletado ao contexto da produção de trabalhos científicos, nos quais não aparecerão dados pessoais ou quaisquer outros elementos que possam permitir sua identificação; c) só utilizar para a composição de referidos trabalhos conteúdos que, além de

terem sido obtidos mediante seu consentimento, tenham sido posteriormente checados e autorizados pelo(a) senhor(a).

Sua participação no estudo será voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não receberá nenhum pagamento e também não terá nenhum custo. Em qualquer fase da pesquisa poderá retirar seu consentimento, sem que isso represente prejuízos de qualquer natureza. Sinta-se à vontade para solicitar, a qualquer momento, os esclarecimentos e documentos da pesquisa e/ou dos pesquisadores que julgar necessários. E, caso decida-se por não participar ou suspender seu consentimento, esteja ciente de que não lhe será solicitada nenhuma explicação, assim como nenhuma penalidade ou censura serão aplicadas. O (a) senhor(a) não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, bem como tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

Ao final da investigação, o(a) senhor(a) será contatado(a) pela pesquisadora responsável para ter acesso, caso deseje, aos resultados da pesquisa.

Caso consinta em participar, no momento de assinar o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste documento (TCLE), também devidamente assinada pelo pesquisador. No cabeçalho poderão ser facilmente encontrados: identificação, e-mail e telefone do pesquisador; identificação, e-mail e telefone do professor orientador, bem como endereço, e-mail e telefone do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), que avalia se as pesquisas estão sendo planejadas e executadas de forma ética e em respeito aos direitos dos participantes.

Contato dos pesquisadores:

Pesquisadora: Lídia Gomes de Macedo Messias

E-mail: lidia.messias@estudante.iftm.edu.br

Telefone: (34) 99199-7913

Endereço: Rua Roberto Margonari, 753 Bairro Luizote de Freitas

Formação/Ocupação: Profissional de Apoio Escolar

Pesquisador: Welisson Marques

E-mail: welissonmarques@iftm.edu.br

Telefone: (34) 98815-8874

Endereço: Av. Dr. Florestan Fernandes, 131 - Univerdecidade, Uberaba-MG, 38064-

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP:38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Eu, _____, compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido (a). A explicação que recebemos esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a participação a qualquer momento, sem precisar justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo: “PANDEMIA DE COVID-19 E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: uma análise na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia Centro”

Uberaba,//.....

Assinatura do Participante

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente